

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

Neide Borges Pedrosa

Comunidade de formação e prática pedagógica indígena:

inclusão digital e identidade cultural

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

Neide Borges Pedrosa

Comunidade de formação e prática pedagógica indígena:

Inclusão digital e identidade cultural

DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: CURRÍCULO

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida.

SÃO PAULO

2011

370 Pedrosa, Neide Borges
P526c Comunidade de formação e prática pedagógica
indígena: inclusão digital e identidade cultural / Neide
Borges Pedrosa.— 2011.
218 f.: il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Elizabeth Bianconcini
de Almeida
Tese (Doutorado em Educação: Currículo)- Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP.

1. Educação. 2. Inclusão digital. 3. Humanização. 4.
Emancipação. I. Pedrosa, Neide Borges. II. Título.

Banca Examinadora

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução parcial ou total desta tese por processos fotocopiadores ou eletrônicos e seu uso, desde que citada a fonte.

Assinatura:

Local e data:

DEDICATÓRIA

*Dedico essa obra à minha filha Mariana,
dádiva de Deus que dá sentido aos meus dias...*

*Dedico também a Virgínia Tereza Freitas Neta (in memoriam),
mulher guerreira e ao mesmo tempo meiga, que conheci através
de Jeanne e que me abrigou em sua casa, não medindo esforços
para me ajudar na época do concurso na UNIR/2004.*

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento especial à Prof^a Dra Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, inicialmente por ter me aceitado como orientanda. Agradeço pelo respeito, ao mesmo tempo em que compartilhou sua perspicácia e rapidez de raciocínio comigo e, principalmente, pela competência na orientação carinhosa deste trabalho, cujas falhas só puderam ser sanadas no decorrer do percurso, em decorrência de suas intervenções. As que ficaram são de minha inteira responsabilidade. Finalmente, pelo exemplo de competência, amizade e humildade.

Ao Prof Dr José Armando Valente, pelas cuidadosas leituras do material e pelos valiosos apontamentos; pelo caráter e sua conduta profissional e humana; pela amizade construída ao longo do processo.

Ao Dr José Manuel Moran, pelas carinhosas palavras de encorajamento nos momentos críticos, por acreditar no valor do meu trabalho e pela amizade construída durante esses anos.

A Prof^a Dra Maria Elizabette Brito Prado, pela motivação nos momentos difíceis, por sua participação brilhante na qualificação, enfim, pela construção de uma amizade sólida e afetiva.

A Prof^a Dra Maria Lúcia Gomide, pela amizade, pela leitura cuidadosa e competente do texto em um prazo exíguo.

A Prof^a Dra Josélia Gomes Neves, pessoa maravilhosa que acreditou em meu potencial e me levou até as aldeias indígenas, onde pude iniciar este trabalho. No fundo, isto tudo é por sua causa. A você, agradeço imensamente, com muito respeito e admiração, pela diferença causada na comunidade indígena e na vida de tantas pessoas.

Ao Prof Justo Nelson Araújo Escudero, Chefe guerreiro do DCHS, pelo carinho, confiança, incentivo, aprendizado e oportunidade na minha acolhida em Rondônia.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação: Currículo, pelas discussões e reflexões que me permitiram afinar a abordagem dos meus conhecimentos.

Ao Ministério das Telecomunicações – MC, na pessoa do Sr. Carlos Paiva, pelas doações dos Kits de Telecentros, instalados nas aldeias indígenas e na

Universidade Federal de Rondônia/UNIR/Campus de Ji-Paraná e pelas oportunidades de trabalho e de contatos sem os quais essa pesquisa não se realizaria.

À Secretaria de Educação a Distância – SEED do Ministério da Educação e Cultura – MEC, em especial na pessoa do Sr. Mauro Moura, pelas oportunidades oferecidas à pesquisa.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação Educação: Currículo, pela amizade, carinho e incentivos nas horas certas.

Aos meus ex-bolsistas da UNIR, grandes colaboradores na realização dessa pesquisa, Josilene, Raquel, Rozane, Endrio, Vanúbia e Jéssica. Desejo que todos vocês continuem aprimorando cada vez mais seus conhecimentos.

À Secretaria de Estado da Educação de Rondônia – SEDUC, pelo apoio por meio da Representação de Ensino – REN de Ji-Paraná, com a disposição de dados e informações. Aos amigos da Coordenação de Educação Indígena da Representação de Ensino de Ji-Paraná, pelo carinho.

À Fundação Nacional do Índio – FUNAI, pela parceria e atenção em todos os momentos.

À Eletronorte, CERON, SEMED, SENAI, pelas parcerias na execução da pesquisa; sem vocês seria difícil realizá-la.

Na pessoa do Professor Indígena Sebastião Gavião, irmão guerreiro agradeço aos povos das comunidades Arara e Gavião, em especial a todos os docentes, pela acolhida, confiança dispensada a mim e pela amizade construída ao longo dessa pesquisa.

À Prof^a Renata Luz de Oliveira e ao Prof José Rosivaldo da Silva (Gato de Botas) parceiros que me apoiaram desde o início do trabalho, agradeço pelo companheirismo carinhoso, pelo compartilhar das dificuldades solucionadas com a ajuda e tamanha competência de vocês. Finalmente, pelo exemplo de cumplicidade, amizade e carinho.

O carinho e amizade, recebido de todos os colegas da UNIR, aqui representados aqui pela Prof^a Edinéia Isidoro e pelo Prof Genivaldo Frois Scaramuzza.

À agência de fomento CNPq, pelo financiamento, sem o qual essa pesquisa não se realizaria.

Ao anjo da guarda Jeanne Lúcia Gadelha Freitas, pessoa abençoada que conheci dentro do avião, que me abrigou e apoiou com toda sua sabedoria na realização, em 2004, do concurso da Fundação Universidade Federal de Rondônia–UNIR.

Aos meus pais Pedrina Borges Pedrosa e Jaime Henrique Pedrosa Macedo, que são meu alicerce, meus confidentes e conselheiros; obrigada pela educação que me deram e por contribuírem na formação do ser humano que sou hoje.

E, claro minhas queridas sobrinhas Kelly Cristine e Fernanda, Tia Rosa, Daniela, Myrella, Mikaela, Jamil Neto... pelo incentivo constante em minha vida.

Ao meu avô Heráclio (in memoriam) pela referência e apoio até sua partida.

Ao casal maravilhoso Manoel Vitor e Luciana pelo apoio e formatação final desta obra.

A todos que não mencionei, mas com certeza contribuíram em algum momento especial.

*O verbo da utopia é esperar.
Não se trata de esperar por algo melhor, mas de,
utilizando os recursos de que dispomos e que
vamos construindo, planejar e mobilizar desde já o esforço na
realização do ideal. (Terezinha Rios)*

RESUMO

PEDROSA, Neide Borges. **Comunidade de formação e prática pedagógica indígena: Inclusão digital e identidade cultural**. 2011. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

A presente pesquisa vincula-se à linha de pesquisa Novas Tecnologias em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-SP. Realizou-se uma investigação no contexto das aldeias indígenas das etnias Arara e Gavião, que vivem na Terra Igarapé Lourdes do Município de Ji-Paraná, em Rondônia. Inspirada nos ideais de uma escola diferenciada, a pesquisa referenciou-se pela valorização das culturas dos povos indígenas, afirmação e manutenção de sua diversidade étnica. Daí focar a inclusão digital numa perspectiva emancipatória, por meio da qual se respeita a diversidade em contraposição à adaptação a um modelo dado e imposto às comunidades indígenas. Foi definido como objetivo geral investigar a implantação e implementação de ambientes digitais nas referidas aldeias, como parte de um processo de inclusão digital das comunidades indígenas que ali vivem, como parte de um processo de inclusão digital das comunidades indígenas que ali vivem, numa perspectiva de emancipação. Este, por sua vez, teve por finalidade conhecer como se deu a chegada das TIC na escola e na comunidade indígena. Isso exigiu interpretar e compreender os significados visíveis e os latentes que o indígena atribui às TIC, bem como, o sentimento que experimenta frente ao desafio de se incluir nessa cultura digital e, ao mesmo tempo, zelar pela preservação de sua cultura. Dentre outras justificativas destacou-se a questão do direito de acesso às inovações tecnológicas e ao conhecimento como dimensão fundamental da vida contemporânea em sociedades democráticas. A metodologia fundou-se numa abordagem qualitativa, em que a ação e a participação constituíram-se aspectos fundamentais que permitiram, num movimento de ação- reflexão- ação, reconhecer a presença de possibilidades libertadoras na apropriação das TIC e sua crescente incorporação ao cotidiano dos indígenas, o que pode vir a constituir a mediação emancipadora buscada pela pesquisa.

Palavras- chave: inclusão digital, humanização, emancipação.

ABSTRACT

PEDROSA, Neide Borges. **Community Training and indigenous pedagogical practice: digital inclusion and cultural identity.** 2011. (Doctorate in Education: Curriculum) - Catholic University of São Paulo, 2011.

This research is linked to the research line of New Technologies in Education Graduate Program in Education at PUC-SP. We conducted an investigation in the context of the Indian villages of the ethnic and Macaw Hawk, who live in the Land of Lourdes affluent city of Ji-Paraná, Rondônia. Inspired by the ideals of a different school, research is referenced by the appreciation of the cultures of indigenous peoples, affirmation and maintenance of its ethnic diversity. Hence the focus on digital inclusion in an emancipatory perspective, through which respects diversity as opposed to adaptation to a given model and imposed on indigenous communities. Was defined as general objective to investigate the establishment and implementation of digital environments in these villages as part of a process of digital inclusion of indigenous communities who live there, so as to provide concrete and objective conditions necessary to achieve the central axis of the study .This, in turn, aimed to know how was the arrival of ICT in school and the community. This required to interpret and understand the meanings visible and hidden attributes that the Indian ICT, as well as experiencing the feeling forward to the challenge of this include digital culture and at the same time, ensure the preservation of their culture. Among other reasons highlighted the question of the right of access to technological innovations and knowledge as a fundamental dimension of life in contemporary democratic societies. The methodology was based on a qualitative approach, in which the action and participation are fundamental aspects that are allowed in a movement of action-reflection-action, recognizing the presence of the liberating possibilities of ICT ownership and its increasing incorporation into the daily life of indigenous , which may prove to be sought by the mediation emancipatory research.

Keywords: digital inclusion, humanization, emancipation.

RESUMO

Na língua do Povo Karo rap - Nós Arara, tronco Tupi, família Rama-Rama

Wen wen karo 'wet nāt to'wa péñ 'et computador matia i'kây Professora Neide ña' toat Pós-Graduação tîga kanãp UNIVERSIDADE PUC – SP pe'. Kanãy ña' 'et l'târap at aldeia to' yega i'yega, Gavião tap yega to'wa kanã 'wet kanã taia to'wa ', mêt Ji-Paraná Rondônia pe'. Kanãy ña' 'et kanãy tîga okay to'wa. Péñ páy 'et i'ke xo' i'yat kanã tatia mekôm kanãy ña' 'et tap toat cultura ma valorizar nãn 'nāt wa okay to'wa i'kây, Gavião tap kây to'wa kōam mãm gât tap 'et 'apem toat identidade cultural kây to'wa ña' 'et i'kây. Kanãy ña' 'et kōam omãm mēganã tati to'wa moganapât i'ke opáy nãn to'wa. Kanãy péñ 'et 'nāt respeitar to'wa karo kây wa'wet ña' 'et, karo xagâp to' kât l'ikûy mây mãm péñ karo xagâp to' pãga wet xo' ña' 'et kōam. Kanãy wet mìn oxahmây nã kôm ahyâ karo wet karo yoba ã wa to'wa, kanãy 'wet kōam karoro maxahmây nã mekôm topâ kanã kûra ã wa to'wa ña' 'et kōam. Mìn karo 'wet karo xagâp kâga ka'to karo wat tap páy wero toy nāt ña' 'et kōam karo xet to' batiga to'wa kōam to'wa mìn karo wet kōam karoat tap to ma xahmây nã to'wa ña' 'et 'e'.

Na língua do Povo Ikõlõ - Gavião, tronco Tupi, família Mondé

À pèe kala kíhv ve mága pèe kòro kala kíh ve sáneh pamakóbáv' a ná São Paulo ká mán ve ágáh káá. Ve kala Kíhe máh avemága zaréuj jáv ve ká, kasáhéhj ki ikólóéhj Kiá máhj sánéli atá igarapé Lourdes kála ká Ji-Paraná ká Rondônia ká máhj kajá. Pamakóbáv' a mée mi méne kA pée kala kíhe máh zaréhj ta méne kay vekoj éá, átéa mée mia máhj tá méne kajá. È pí ve máh aperetá, Dujduj kay Vèrév tádjahr pájá è pí a'ígi atá méne matáláe kalàe pi miá AA. È bó (ána méne). Dujduj mágae aldeia káa méne máh ave kala kíh ave mádar tígíe kalaá. Avê kà tè vê sánéh è ka zaréhj sánéh atá máhj kábi méne ná, ve pire ná vedjáhr, pamakóbá pazánéh ságùr náá. È bó ève máh ána te Dujduj volo escola ká zaréhj kay níá méne. Kaj adja'ie kalaá. È ve máh, ána mán ná té saká níá zaréhj sánéh dujduj kaj méne pihe kalàe tígíá. Ve ákini tásánéh ve kama aperekalàe tara ah'i máéhj tá méne kay, èpi ève tóratè atá, méne ádjadjáhtáá. È pi ève pí r tè até te ve pire tásánéh djálaéhj pare kay kínhá, vê paràhre te ahdja'i tásánéh tá'ta méne kay méne kínhá méne máhá. Vê pájée ágóe máh atété zaréhj. Sá Dara èna mán na te pazá djálaéhj par kala kínhá, pabólóéh kópar ta mán na, èna méne mi pabáre pájée támavá, padá méne tígí kínhá áá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa de localização da terra indígena Igarapé Lourdes	70
Figura 2	Casas de tábuas em aldeia indígena	74
Figura 3	Sala Indígena antes da implantação do telecentro	77
Figura 4	Sala sendo preparada para implantação do telecentro	77
Figura 5	Mobiliário do Telecentro instalado, faltando apenas instalação dos computadores e da antena GESAC	77
Figura 6	Investimento em infraestrutura física.....	78
Figura 7	Escola Estadual Indígena da Aldeia Gavião	78
Figura 8	Ponte rústica na Terra I. Lourdes RO.....	84
Figura 9	Dificuldades no caminho para aldeia Arara.....	84
Figura 10	Travessia a pé para aldeia Arara	84
Figura 11	Ponte caída no acesso para aldeia Arara	84
Figura 12	Ponte sobre o Rio Machado antes da duplicação /Ji-Paraná-Rondônia.....	85
Figura 13	Obras de duplicação da ponte sobre o Rio Machado/Ji-Paraná/Rondônia.....	85
Figura 14	Caminhão usado pelos pesquisadores indígenas.....	86
Figura 15	Professor indígena dá suporte para sua aluna.....	95
Figura 16	Professores indígenas fazendo uso do Telecentro.....	95
Figura 17	Professores indígenas fazendo uso do computador e de câmera digital.....	97
Figura 18	Primeira reunião com indígenas realizada em 12/2008 na Emater.....	99
Figura 19	Professor do SENAI treina monitores.....	112
Figura 20	Jovens indígenas em treinamento para Montagem e Manutenção de Computadores.....	112

Figura 21	Certificação da capacitação em Montagem e Manutenção de Computadores.....	112
Figura 22	Desenho no kolour paint feito por professor indígena.....	115
Figura 23	Desenho no kolour paint feito por professor indígena.....	115
Figura 24	Professor Indígena faz pintura corporal concebida no kolour paint	115

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Povos Indígenas da Terra Igarapé Lourdes	67
Quadro 2	Visão geral dos procedimentos de pesquisa	94
Quadro 3	Sujeitos da Pesquisa.....	105
Quadro 4	Temas emergentes das observações	116
Quadro 5	Temas emergentes das entrevistas não estruturadas	120
Quadro 6	Temas emergentes das entrevistas estruturadas.....	123
Quadro 7	Temas emergentes das atividades da historia dos nomes.....	130
Quadro 8	Temas emergentes da Produção de Texto Coletivo	136
Quadro 9	Visão de conjunto dos temas emergentes	145

LISTA DE SIGLAS

AIS	Agentes Indígenas de Saúde
CENTRER	Centro de Treinamento da Emater
CIMI	Conselho Indigenista Missionário
CF	Constituição Federal
CNE	Conselho Nacional de Educação.
DCHS	Departamento de Ciências Humanas e Sociais.
EAD	Educação a Distância
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
GESAC	Governo Eletrônico- Serviço de Atendimento ao Cidadão
GTA	Grupo de Trabalho Amazônico.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.
MC	Ministério das Comunicações
MEC	Ministério da Educação.
NTE	Núcleo de Tecnologia Educacional (REN)
NEI	Núcleo de Educação Escolar Indígena de Ji-Paraná.
NEIRO	Núcleo de Educação Escolar Indígena de Rondônia.
PEC-PUC/SP	Programa de Educação e Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PROINFO/ME	Programa de Informática Aplicada à Educação/Ministério da Educação
REN	Representação de Ensino
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.

RES/CEB	Resolução da Câmara de Educação Básica
SEDAM	Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental.
SEDUC-RO	Secretaria de Estado da Educação de Rondônia
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SEMED	Secretaria Municipal de Educação.
SPI	Serviço de Proteção aos Índios
SER	Superintendência Regional de Ensino (Uberaba)
T. I.	Terra Indígena.
TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UNI	União das Nações Indígenas.
UNIR	Fundação Universidade Federal de Rondônia.
USP	Universidade de São Paulo
UNIPAC	Universidade Presidente Antônio Carlos
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNIFRAN	Universidade de Franca
UNEMAT	Universidade Estadual do Mato Grosso
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	20
1 DIÁLOGO INTERCULTURAL E O USO DAS TIC: Referenciais teóricos....	32
1.1 Globalização, identidade cultural e educação.....	32
1.2 Educação e emancipação.....	40
1.3 Educação, tecnologias e inclusão	44
2 DA CIDADANIA INDÍGENA NO BRASIL AO CONTEXTO DA PESQUISA....	58
2.1 Cultura e cidadania indígena no Brasil	58
2.2 Origem das aldeias da Terra Indígena Igarapé Lourdes	66
2.2.1 A etnia dos índios “Arara”	70
2.2.2 A etnia dos índios “Gavião”	73
2.3 Do contexto mais amplo ao contexto da pesquisa	75
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	83
3.1 O contexto da pesquisa	83
3.2 Problematização	84
3.3 Objetivos da Pesquisa	88
3.3.1 Objetivo geral	88
3.3.2 Objetivos específicos	88
3.4 Tipo de pesquisa	89
3.5 Procedimentos de coleta e análise de dados	91
3.6 A implantação do Telecentro na escola	96
3.7 Os Sujeitos da Pesquisa	103
4. ANÁLISE DO PROCESSO MEDIADOR DA EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO DIGITAL DOS INDÍGENAS DA TERRA IGARAPÉ LOURDES MUNICÍPIO DE JI- PARANÁ/RO	107
4.1 Contexto da Formação	108
4.1.1 Primeira etapa de formação continuada	108
4.1.2 Segunda etapa de formação continuada	113

4.2 Análise dos dados da observação	116
4.3 Análise dos dados da entrevista não-estruturada.....	119
4.4 Análise dos dados da entrevista estruturada	122
4.5 Produções Indígenas.....	129
4.5.1 Atividade de pesquisa/tramissão de e-mail:história do nome	130
4.5.2 Texto Coletivo.....	136
4.6 Triangulação dos temas emergentes do material analisado e discussão dos resultados.....	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	160
APÊNDICES	164
Apêndice A – Diário de Bordo	165
Apêndice B – Relatório elaborado com a participação da colaboradora e de estagiários da pesquisa	176
Apêndice C – Questionário de avaliação (Instrumento de avaliação encaminhado, por e-mail, pela pesquisadora para os indígenas)	191
Apêndice D – Projeto Pós-Pesquisa	192
Apêndice E – Ofício que justifica ser desnecessária autorização da FUNAI para a pesquisa	196
ANEXOS	198
Anexo A – E-mails criados pelos indígenas	199
Anexo B – História de vida (Conteúdo de pesquisas na internet encaminhadas para a pesquisadora, por e-mail, pelos indígenas)	200
Anexo C – Avaliação: uso da informática (Conteúdo de avaliações das atividades encaminhadas para a pesquisadora, por e-mail, pelos indígenas)	203
Anexo D – Blogs individuais criados pelos docentes indígenas	212
Anexo E – Produção artística dos indígenas em kolour paint	221
Anexo F – Produção de Texto Coletivo	223

Anexo G – Declaração dos indígenas de adesão ao projeto	231
Anexo H – Autorização de direitos e divulgação.....	232

INTRODUÇÃO

Sou mineira de Conceição das Alagoas, município da região do Triângulo Mineiro. Comecei minha trajetória como educadora, atuando como alfabetizadora nas séries iniciais e orientadora educacional no Município de Delta/MG, em 1997. Além disso, fui coordenadora do Curso de Graduação/Normal Superior, da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), Unidade de Rio Paranaíba, na cidade de Rio Paranaíba-MG, que ficava a trezentos e cinquenta quilômetros de Uberaba, onde residia.

Em 1992, fiz curso médio de magistério e, em 1996, concluí o curso de Pedagogia; no ano seguinte iniciei o curso de Especialização na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em de Ciências, oferecido pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Tal curso visava o preparo de recursos humanos para implantação do Programa de Informática Aplicada a Educação (PROINFO), na Superintendência Regional de Ensino (SRE), sediada em Uberaba/MG, responsável pela gestão de 25 (vinte e cinco) municípios da região do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

Foram selecionadas cinco pessoas, sendo quatro da Rede Estadual de MG e eu da Prefeitura Municipal de Delta, município localizado a trinta e seis quilômetros de Uberaba. O curso foi ministrado em módulos intensivos; retornando, fui dispensada das minhas atividades no Município e cedida para atuar no Projeto em Uberaba.

Após o curso, essa equipe, implantou o laboratório do PROINFO na sede da SRE, instalando e implementando as atividades do Núcleo de Tecnologia Educacional de Minas Gerais (NTE MG/16), quando tive a oportunidade de começar a trabalhar na área de tecnologia educacional.

Em 2003, terminei o Mestrado em Educação na Universidade de Franca (UNIFRAN) em “Ciências e Práticas Educativas” no qual discuti a temática “A Informática como Ferramenta de Ensino na Área da Educação”.

Cansada com a carga horária de trabalho muito extensa e o excesso de viagens, em meados do ano de dois mil e quatro, procurando na internet por

concursos públicos, deparei-me com um edital da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus do Município de Ji-Paraná/RO. Decidi me inscrever para o mesmo.

Uma vez aprovada e de mudança para a Região Norte, recomecei minha vida, apresentando-me ao Chefe do Departamento de Ciências Humanas e Sociais-DCHS da UNIR, em Ji-Paraná; fui muito bem recebida ao assumir o cargo de Magistério Superior, como Professor Assistente I.

Por dois anos consecutivos, ministrei aulas, nos Cursos de Matemática e Pedagogia, das disciplinas: Fundamentos e Prática de Matemática I, Fundamentos e Prática de Matemática II, Educação à Distância, Informática Aplicada à Educação e Didática.

Trabalhando na docência, senti necessidade de proporcionar ambientes digitais aos alunos dessa comunidade acadêmica; a primeira proposta foi reestruturar a TV- Escola e a sala de informática, para que fosse possível contar com melhores fontes de consulta e materiais pedagógicos mais atualizados, uma vez que só havia a biblioteca do campus, um tanto precária. Para isso promovi um evento para arrecadação dos recursos indispensáveis ao alcance desses objetivos.

Alcançados os objetivos, aproveitei a empolgação dos alunos e, com o trabalho deles e dos demais membros da comunidade acadêmica, foram realizados o I, II e III Congresso Nacional em Educação e Tecnologias Digitais, promovidos pela UNIR. Constituíram-se eventos jamais vistos no município; para Rondônia se deslocaram os mais renomados professores e pesquisadores em Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e Educação a Distância (EAD) do País, dando-se a oportunidade, também, de discentes e docentes de várias regiões do estado vivenciarem suas primeiras apresentações em comunicação oral e em pôsteres num Congresso desse porte.

Em meio às minhas atividades acadêmicas fui convidada por uma colega de Departamento, a Professora Josélia Gomes Neves, a conhecer as sociedades indígenas Arara-Karo e Gavião-Ikolen, das etnias Arara e Gavião. Josélia teceu comentários sobre a primeira capacitação de docentes indígenas e o uso de computadores, por meio de um curso que acabara de acontecer no Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) de Ji-Paraná/RO, o que atizou minha curiosidade.

Esse convite me proporcionou a oportunidade de estabelecer o primeiro contato com essas etnias. Como ela já trabalhava com essas comunidades tinha

data marcada com o carro da Secretaria de Educação (SEDUC) do Estado de Rondônia para se deslocar até as aldeias; aproveitei a carona e fui com ela.

Foi uma viagem de encantamento e, ao mesmo tempo, de tristezas; foi a primeira vez que tive contato com indígenas. Assustei-me com o que via: apesar de estar em plena selva Amazônica quase não havia reservas de matas, apenas algumas vegetações nativas, havia muitas fazendas com criação de gado e algumas árvores frutíferas.

Chegando às comunidades indígenas fui apresentada aos docentes indígenas Zacarias Kapiar Gavião e Josias Sebiróp Gavião; estabeleci um diálogo sobre a capacitação que acabara de acontecer. Percebi que deram credibilidade ao meu trabalho como formadora; tinham curiosidade e necessidade de formação no uso das TIC nas Escolas Indígenas, pois acreditavam que o computador poderia dar uma contribuição efetiva para o trabalho docente, ali, naquelas comunidades.

Essa primeira experiência de inclusão digital com docentes indígenas na Representação de Ensino (REN), localizada em Ji-Paraná/Rondônia aconteceu no ano de 2006. O curso foi oferecido pelo NTE da REN, em parceria com o PROINFO / MEC, com carga horária de 36 (trinta e seis) horas.

Teve por objetivo motivar e instrumentalizar docentes indígenas para o uso do computador como ferramenta auxiliar da prática pedagógica escolar; docentes e lideranças indígenas, naquela ocasião, já estavam se mobilizando e preparando suas escolas para implantar as TIC. Em suas aldeias já haviam sido instalados um gerador e computadores para os serviços administrativos.

De certa forma, os indígenas estavam sensibilizados para incorporar a informática às suas práticas escolares, tanto pedagógicas quanto administrativas. Estavam motivados para usar os artefatos tecnológicos de modo a agregar valor às atividades de formação das novas gerações de sua etnia pelas quais são responsáveis.

A experiência de uso da informática na prática pedagógica escolar atingiu docentes indígenas de diferentes aldeias da região. A aldeia mais próxima de Ji-Paraná fica a 60 (sessenta) Km do meio urbano do Município; outras, que têm o território bem extenso, vão até o limite do Estado do Mato Grosso e muitas chegam a se espalhar por vários estados da região.

O transporte terrestre é dificultado por estradas ruins e, no tempo das águas, tornam-se atoleiros. Os que moram a aproximadamente 200 (duzentos) km da cidade usam barcos, passando, às vezes, todo um dia dentro deles, quando não há enchentes. Do contrário, ficam impossibilitados de chegar ao município, pois, não conseguem atravessar os rios.

Pude constatar que, apesar de motivados, existia uma série de dificuldades, como a hospedagem na cidade, dialetos desconhecidos pelos professores multiplicadores, alimentação inadequada, transporte precário, todas relativas ao contexto, para os docentes indígenas participarem do curso acontecido.

Segundo apurei com o pessoal do NTE, outro aspecto dificultador evidenciado na capacitação dos indígenas que havia acontecido, foi a realização das ações no NTE durante três meses, nos últimos três dias úteis de cada mês. Nesses dias, os docentes indígenas vinham à cidade para receberem seus salários do Estado; costumavam, porém, passar tempos sem o fazerem, pois, eles não consideravam o salário a questão mais importante da vida. Em consequência, faltavam ao curso quando a data do pagamento coincidia com a colheita da castanha do Pará; a maioria deles faltava, porque a tradição da colheita falava mais alto.

A capacitação, com 36 (trinta e seis) horas foi, então, apenas uma prévia em termos dos primeiros contatos com o computador. Apesar de terem boa vontade e disposição para aprender, os fatores citados prejudicaram o desenrolar do curso; por faltarem às aulas e quando voltavam para as já poucas aulas mensais, haviam se esquecido do que fora “aprendido”.

Interessei-me em discutir, detalhadamente, o processo acontecido já pensando no que pretendia desenvolver em termos de pesquisa naquelas comunidades indígenas. Já na condição de Professora Assistente da UNIR, Campus de Ji-Paraná, com Mestrado em Ciências e Práticas Educativas, cuja pesquisa versou sobre o uso da informática em educação, é que passei a acompanhar os processos e analisar os resultados da experiência aqui estudada.

Como não poderia deixar de ser, diversos fatores estiveram presentes nessa experiência, ora dificultando ora facilitando o proposto.

Em especial, destaco um aspecto cultural, o da comunicação entre professoras multiplicadoras do órgão regional de ensino e docentes indígenas. Os

diferentes dialetos de uma língua de forte tradição e na qual os indígenas são alfabetizados na própria escola, exigiu que os ministrantes recorressem, em muitas situações, a intérpretes, de modo a evitar desistências, evasões.

Por outro lado, lendo os registros da avaliação do curso, observei que o conteúdo básico programado, que lhes permitiu interagir com a máquina e com os outros (e-mail, msn, por exemplo), era, ao mesmo tempo, uma experiência prazerosa, de descobertas, mas, também, uma experiência que deu margem a questionamentos. Isso porque o conteúdo foi previamente definido pelo NTE, sem a participação dos docentes, que não tiveram respeitado seu direito de expor expectativas sobre o que queriam aprender.

Nessa avaliação, a maioria dos docentes indígenas manifestou-se satisfeita, interessada e até solicitou outras oportunidades para aprenderem a usar a Internet, demonstrando compreender o alcance da conquista. No entanto, alguns consideraram a proposta como algo imposto a eles; queriam discutir e decidir pelo conteúdo do curso e, não, submeterem-se a um estudo “decidido pelo branco”.

As professoras multiplicadoras “bem intencionadas” se depararam com esse posicionamento, apesar de interagirem com a expectativa positiva dos indígenas em relação aos benefícios que os computadores poderiam trazer para as escolas de suas aldeias.

Percebi que não se chegou, propriamente, a um impasse, mas, o sentimento aí manifestado serviu como um alerta para a equipe responsável pela experiência: a questão não diz respeito apenas à preocupação de “conectar” a escola indígena ao mundo globalizado pela tecnologia, nem apenas de respeitar o direito do cidadão indígena, de ter acesso aos avanços científicos e tecnológicos. Vai mais além: reclama o olhar responsável, crítico, cidadão de uma busca de inclusão digital que respeite a diversidade, as múltiplas culturas e que crie um novo espaço para que os indígenas possam atingir a emancipação digital e exercer sua autonomia.

Para Almeida, F. (2009, p.55-56) a usual expressão *inclusão digital* não é congruente com o conceito de *emancipação* na ideologia freiriana; o autor posiciona-se a respeito buscando o significado etimológico de inclusão *in- claudere* que quer dizer “fechar dentro” ... afirmando que “um método libertador não pode querer fechar dentro, mas sim abrir para todos, o que é muito diferente”(ALMEIDA, F.,2009, p. 56).

Nesse sentido, este trabalho faz a opção pela emancipação enquanto conceito que, inspirado no pensamento freiriano, norteou uma experiência de formação de sujeitos críticos, participantes da construção do próprio conhecimento, no contexto de uma prática que buscou superar uma trajetória de dominação. Com isso quero dizer que não me relacionei com os indígenas como “depositários” de um conhecimento levado pronto para eles, mas, como sujeitos de um processo de construção de consciência de si e da sociedade envolvente; ali, os próprios “*aprendentes*” se refizeram dialeticamente a partir de suas experiências anteriores em diálogo com a experiência de agora, isto é, mediando-se conhecimento e opções pela reflexão sobre si mesmo e sobre a chegada das TIC na vida dessas etnias.

Da experiência para a pesquisa

A análise da experiência de capacitação de docentes indígenas, acontecida em Ji-Paraná, me motivou partir para um projeto mais complexo, norteado pela seguinte questão: *como desenvolver a inclusão digital dos povos indígenas da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná/Rondônia, fundando-se numa premissa de humanização pela tecnologia, que viabiliza a emancipação deles em relação à sua condição atual?*

Esta pesquisa tem por objetivo *compreender o processo de implantação e implementação de ambientes digitais nas aldeias da Terra Igarapé Lourdes (Ji-Paraná/Rondônia), como parte de um processo de inclusão digital das comunidades indígenas que ali vivem, com vistas à sua emancipação.*

A convivência com o docente indígena pôs em evidência o fato de que ele não quer continuar à margem das tecnologias – computadores e outras mídias – e anseia por produzir material didático específico em sua língua, voltado para a preservação de sua cultura e lutando pelo direito à identidade de seu povo.

Neste contexto, o que percebi é que, enquanto povo indígena que luta para ser reconhecido como povo com cultura e jeito de ver o mundo diferenciado, o indígena tem clareza de que precisa ter acesso às tecnologias e informações do mundo globalizado, até para se fortalecer e lutar por seus interesses e sobrevivência. Ou seja, a preservação de sua cultura e de sua autonomia pressupõe o acesso ao conhecimento de forma também autônoma, contrapondo-se a uma

“conquista” manipulada, quando tal processo não se dá através de um diálogo intercultural.

Quais pressupostos (e em que área do conhecimento buscá-los) seriam adequados para embasar uma política inclusiva, ao mesmo tempo, marcada por um compromisso humanista e emancipatório?

Enriqueci a revisão de literatura do projeto de pesquisa desenvolvido, com estudos que tratassem da questão da identidade cultural como pressuposto para a elaboração de currículos, de modo a estabelecer coerência com premissas da educação contemporânea, preocupada que está com a superação de mecanismos de controle e dominação, os quais dão suporte à sociedade de mercado em que, hoje, se vive.

Como essa mesma sociedade, por força do avanço científico e tecnológico, tornou-se uma sociedade da informação e do conhecimento, entrecruzam-se valores e crenças por vezes conflitantes, caracterizando-se, este cenário, por um dado nível de complexidade que reflete, e torna também complexa, a prática pedagógica escolar nas comunidades indígenas.

Por isso mesmo, elaborei o projeto de pesquisa “Comunidade Indígena: inclusão digital e identidade cultural” com uma proposta que vai além de simples constatações, que não se reduz a uma abordagem metodológica descritiva, focada apenas na caracterização de como a tecnologia da informação chegou nestas aldeias indígenas.

Acreditando que a evolução tecnológica e humana só tem sentido se for alicerçada num processo de emancipação humana, adotei, de início, uma postura crítica, ao reconhecer que a tecnologia tanto serve para a emancipação como para a dominação.

Neste sentido, na situação concreta das escolas indígenas da Terra Igarapé Lourdes de Ji-Paraná/Rondônia, parti do pressuposto que o computador pode se tornar um elo imprescindível de ligação entre aquela comunidade e o mundo, sem aliená-los de sua realidade, desde que numa perspectiva crítica, reflexiva e transformadora.

A partir das atividades e dos estudos realizados, percebo que as TIC constituem importante recurso para construção de conhecimento; poderão favorecer,

no longo prazo, uma inclusão coerente e bem sucedida que torne possível o registro e o resgate da cultura daquelas aldeias.

Além disso, o uso das TIC poderá contribuir para promover a cidadania dos indígenas, colocando-os em contato com outras aldeias, num processo importante de partilha de informações através da Internet, que possibilite arregimentar forças na luta por suas causas, numa ação emancipatória, cidadã e inclusiva.

Em síntese, este foi o problema que, de início, norteou minha pesquisa:

Como desenvolver a inclusão digital dos povos indígenas da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná/Rondônia, fundando-se numa premissa de humanização pela tecnologia, que viabiliza a emancipação deles em relação à sua condição atual?

Para respondê-lo, norteiei a pesquisa pelo objetivo geral de *“compreender o processo de implantação e implementação de ambientes digitais nas aldeias da Terra Igarapé Lourdes (Ji-Paraná/Rondônia), como parte de um processo de inclusão digital das comunidades indígenas que ali vivem, numa perspectiva de emancipação”*.

Daí ter adotado como discussão conceitual a questão da humanização pela tecnologia, com desdobramentos em termos de emancipação digital e de identidade cultural.

Optei por uma abordagem qualitativa, desenvolvendo uma pesquisa que se caracterizou por ser um processo reflexivo, sistemático, participativo e crítico, pretendendo contribuir para a construção de conhecimento no que diz respeito à inclusão digital de docentes e comunidades das aldeias indígenas da Terra Igarapé Lourdes.

Por que um processo reflexivo, sistemático e crítico?

Digo que propus e desenvolvi um processo reflexivo, sistemático e crítico porque não me restringi a ministrar um “curso” com fim em si mesmo, um “treinamento” para apenas ensinar a usar o computador. Isso foi necessário, pois, a investigação desenvolvida exigiu que procedimentos de pesquisa fossem conciliados com a necessidade de iniciação em informática dos sujeitos pesquisados: uma coisa dependia da outra para que se pudesse responder ao problema posto.

Assim, procurei fazer dessa pesquisa nas aldeias indígenas um exercício de “prática pensada”, isto é, considerando esta fase do estudo como etapa de um processo mais amplo, porém, reconhecendo que somente será possível falar da

dimensão emancipatória do uso da tecnologia – “mais amplo” em relação à implantação de ambientes digitais nas aldeias – quando, mais adiante, os indígenas vivenciarem a experiência de dominar a máquina e usarem o computador como instrumento para fazer leitura de mundo e resolver problemas de sua vida e comunidade.

Essa pretendida experiência de domínio da máquina e incorporação das TIC ao cotidiano das aldeias remete as considerações ora formuladas para o pensamento de Pinto (2005, p. 168), quando o autor afirma que aquilo que esmaga o homem não é a máquina, no caso, a tecnologia, mas o que permite e estabelece a dominação é a estrutura da sociedade...

A prova está em que um mesmo grau de progresso tecnológico em certo sistema de relações de trabalho conduz ao empobrecimento, à destruição do homem e de tudo quanto nele realmente tem valor, mas em outras condições de organização manifesta o efeito exatamente oposto, sendo julgado libertador. [...] A técnica, representando a solução da contradição objetiva de uma dificuldade com que o homem se depara, na consecução de uma finalidade, significa em princípio enriquecimento e melhora da espécie ao dotá-la de maior poder produtivo. O caráter ético a ela figuradamente atribuído reflete o uso social que fazem desse poder os grupos dirigentes detentores do comando do processo coletivo, aos quais incumbe a responsabilidade de fazer chegar a todos os membros da sociedade os benefícios propiciados pelas conquistas tecnológicas (PINTO, 2005, p.168-169).

Numa sociedade, como a brasileira, que se norteia pela busca de consolidação de ideias e ideais democráticos, no caso, preocupada com uma educação escolar específica, diferenciada e contemporânea, este fazer chegar às comunidades indígenas os benefícios das conquistas tecnológicas da humanidade torna-se um imperativo. Em função disso, constata-se a pertinência do projeto proposto, uma vez que, por meio dele, propiciou-se às aldeias da Terra Igarapé Lourdes a implantação da infraestrutura indispensável à introdução dos povos que ali vivem uma situação mais ampla de inclusão digital, como aspecto inevitável de um processo de emancipação marcado pela contemporaneidade. Isso favorece o acesso do povo indígena às tecnologias e informações do mundo globalizado, instrumentalizando-os para o uso de ferramentas tecnológicas, hoje, disponíveis, com sentido para sua vida e para a preservação de sua cultura.

Nesse sentido, o pensamento de Freire (1979, p.22) referencia minhas análises quando o autor, ao conceituar *humanismo* como “compromisso radical com o homem concreto”, estabelece relação desse conceito com a questão das inovações tecnológicas, dizendo que

se o meu compromisso é com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa (FREIRE, 1979, p.22)

O autor explicita, assim, que existe um falso dilema entre humanismo e tecnologia, isto é, não há como negar que a humanização nos tempos atuais passa pela superação de uma oposição equivocada à apropriação da tecnologia (FREIRE, 1979, p.62) E ao falar do uso das tecnologias na educação de crianças e adolescentes assim se expressa...

nunca fui ingênuo apreciador da tecnologia: não a divinizo, de um lado, nem a diabolizo, de outro. Por isso mesmo sempre estive em paz para lidar com ela. Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e adolescentes das classes sociais chamadas desfavorecidas (FREIRE, 1979, p.87).

Na pesquisa realizada, as atividades desenvolvidas ultrapassaram o ambiente formal de aprendizagem, ou seja, a escola. Pensada, inicialmente, em termos de formação do docente, a situação se modificou: o interesse da comunidade indígena, de modo geral, condicionou minha reopção de não me restringir aos docentes indígenas, mas, de envolver jovens e cidadãos das aldeias que manifestaram o desejo de participar, mantendo-se a escola como espaço de encontro e de acesso às tecnologias, indo além da ideia inicial de apenas trabalhar a formação de docentes para seu uso.

A pretensão inicial era a de trabalhar somente com os docentes da escola indígena; mas, a participação do coletivo das aldeias envolvidas gerou uma contraproposta de se inserir jovens da comunidade interessados na aprendizagem da informática. O diálogo que se estabeleceu naquele momento me levou a acolher a contraproposta dos indígenas e, assim, foi feita uma redefinição dos sujeitos

sociais da pesquisa, com a vantagem de se solucionar uma questão de ordem prática que já se apresentava: quem daria suporte para a atuação docente no uso dos novos recursos na escola indígena?

Um dos critérios básicos adotados pela pesquisa foi o “princípio da participação”: ele está na base do processo nesta abordagem qualitativa de se fazer pesquisa. Além disso, entrecruzando-se com uma questão contextual mais ampla, esse critério vem ao encontro do princípio constitucional da gestão democrática da educação escolar, na medida em que, a inclusão digital indígena entra em interlocução com as decisões e opções específicas, valores, costumes, expectativas e interesses daquele espaço social e de educação.

Negociações quanto às necessidades de implantação e implementação da infraestrutura (espaço físico e máquinas); entendimentos indispensáveis à resolução de imprevistos; decisões relativas à formação do grupo que haveria de participar das atividades propriamente ditas de formação...são exemplos da concretude do princípio da participação durante a realização da pesquisa, mais especificamente, da organização das atividades de formação, visando participar da inclusão digital dos povos indígenas com vistas a favorecer sua emancipação.

Sob a inspiração da concepção assumida no estudo, essa participação efetiva dos sujeitos da pesquisa remete para a dimensão “emancipatória” das tecnologias da informação e da comunicação na construção do conhecimento, assumida como pressuposto da pesquisa-ação.

Num sentido amplo, pode-se falar de três aspectos com os quais me preocupei no decorrer da pesquisa:

- Interação efetiva e abrangente entre pesquisadores e pesquisados, desde a fase exploratória, o que gerou a concepção do projeto.
- Planejamento e organização das atividades e aplicação dos instrumentos de pesquisa com a participação de toda a comunidade.
- Adoção de comportamentos marcados pelo respeito à cultura indígena, seus valores, anseios e expectativas em relação às TIC, fundando-se na situação concreta da chegada das TIC na aldeia indígena.

Desse modo a investigação desencadeada foi uma experiência relevante em relação às prescrições constitucionais vigentes, que buscam assegurar às

sociedades indígenas uma educação escolar específica e diferenciada, intercultural e bilíngüe.

Acontece que, com a Constituição Federal de 1988, a ênfase numa educação escolar específica e diferenciada resultou em medidas adotadas a partir do Decreto Federal 26/91, que consistiram na retirada da incumbência do órgão indigenista, a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em conduzir processos de educação escolar nas sociedades indígenas, atribuindo ao MEC a coordenação das ações e sua execução, aos Estados e Municípios.

Por sua vez, a Portaria Interministerial 559/91 apontou a mudança de paradigma na concepção da educação escolar destinada às comunidades indígenas, eliminando institucionalmente o caráter integracionista, vigente até então, ao assumir o "princípio do reconhecimento da diversidade sócio-cultural e lingüística do país e o direito de manter e resguardar essa diversidade".

Tais pressupostos institucionais estão na base do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da UNIR-Campus de Ji-Paraná (2008), considerado pela comunidade acadêmica da Instituição como proposta significativa para a educação escolar indígena no país, que incorpora e traz para a prática esse conjunto de princípios. E é no contexto desses pressupostos e dessa iniciativa da UNIR que o presente estudo se deu, ou seja, não resultou de uma opção aleatória, mas, respondeu a uma necessidade do momento histórico vivido pelos diferentes grupos e segmentos da sociedade local, podendo inspirar outros grupos e espaços da sociedade brasileira, sob o ponto de vista da inclusão digital de povos indígenas.

O trabalho está estruturado em cinco capítulos: um primeiro, em que discuto os elementos referenciais teóricos. No segundo capítulo, estabeleço interlocução entre o contexto nacional, a realidade indígena e a chegada das TIC no país e nestas comunidades; em seguida, no terceiro capítulo, descrevo e fundamento a metodologia da pesquisa. No quarto capítulo, discuto e analiso os resultados do estudo, interpretando os dados evidenciados no material coletado durante a pesquisa e, no último capítulo, são feitas as considerações finais do estudo realizado.

CAPÍTULO 1

DIÁLOGO INTERCULTURAL E O USO DAS TIC: referenciais teóricos

Para ter condição de interpretar e compreender os significados visíveis e os latentes que o indígena atribuiu às TIC, bem como, o sentimento que ele experimenta frente ao desafio da cultura digital, este capítulo traz uma revisão de literatura, visando construir os elementos referenciais teóricos para a pesquisa realizada, apresentados em três tópicos:

Globalização, identidade cultural e educação.

Educação e emancipação.

Educação, tecnologias e inclusão.

Com uma visão em síntese desses três aspectos dou a conhecer meu olhar como pesquisadora, isto é, com quais pressupostos dialoguei e fiz as intervenções na realidade das aldeias indígenas que participaram do estudo.

1.1 Globalização, identidade cultural e educação.

O termo “globalização”, entre tantos outros conceitos pelos quais tem sido abordado, no dizer de Burbules e Torres (2004, p.11) diz respeito ao

surgimento de novas formas culturais, de meios e tecnologias de comunicação globais, todos os quais moldam as relações de afiliação, identidade e interação dentro e através dos cenários culturais locais.

Pode-se admitir que, na sociedade contemporânea, contradições e conflitos entre o “local” e o “global” tornam-se mais evidentes, na medida em que as práticas sociais tendem, cada vez mais, a se submeterem a “mudanças” que não refletem, necessariamente, escolhas dos sujeitos sociais nelas envolvidos. Isso porque a ideologia da “inevitabilidade” cuida de impedir que a autonomia dos Estados resista a uma nova ordem mundial, afetando a cultura e a educação de cada um.

Esclareço, então, aqui, o motivo da seleção do conceito antes enunciado: na pesquisa que empreendi, discuto o uso das TIC em duas aldeias indígenas da Amazônia, procurando compreender como vem se dando, no Brasil, a interlocução entre a pretendida inclusão digital dessas comunidades e os valores locais, entre a cultura globalizada e as necessidades, interesses, expectativas dessas comunidades.

Busquei interpretar e compreender os significados que o indígena a elas atribui, bem como, o sentimento que experimenta, ao usá-las, frente ao desafio de serem contemporâneos ao mesmo tempo em que preservam sua cultura.

Nesse sentido é que abordei a questão da globalização no estudo realizado: até que ponto esse processo ameaça a capacidade de resistir dos indígenas? É possível conectar a comunidade indígena com seu tempo e com um espaço mundializado, sem distanciá-la de sua cultura e práticas sociais?

Trabalho com a idéia de que a “aldeia global” dos dias de hoje supõe compartilhar experiências muito além das circunstâncias locais, que tornam o longe algo muito próximo, o conhecimento mediato em saberes imediatos, inter-relações entre os muito diferentes e desiguais, sendo tudo isso mediado pelas tecnologias da informação e da comunicação.

Como compartilhar experiências, no entanto, difere do significado atribuído ao conceito de globalização, durante os estudos desenvolvidos procurei me aprofundar nas concepções que aí se entrecruzam de modo a ter clareza de como, num mundo marcado pelo rápido avanço científico e tecnológico, o indígena participa e inicia, hoje, um processo de inclusão digital em sua Terra. As dimensões, contradições e conflitos presentes nas práticas sociais das aldeias indígenas com o uso das TIC e possíveis transformações evidenciadas, indicam, no presente estudo, suas escolhas e formas de apropriação da contemporaneidade.

O que percebi, na experiência que deu origem à pesquisa, é que autonomia e resistência estão presentes no cenário dessa realidade mais particular que se tornou objeto de estudo da referida pesquisa.

Para Sacristán (2007) a globalização acentua desigualdades que estão na base das relações entre povos e culturas, que são levados a reafirmar seus traços culturais, ao se defenderem dos enfrentamentos postos por uma interdependência marginalizadora, excludente.

Tal fenômeno gera um enfrentamento natural de busca de reafirmação de traços culturais, na medida em que se estabelece um movimento de superação das condições objetivas de exclusão, sem a perda da identidade daqueles que a buscam.

O desafio desta interlocução reside no fato de que, apesar das tradições consolidadas pela cultura, os indígenas vêm se adequando às circunstâncias ecológicas, sociais e econômicas impostas ao seu meio, ao longo dos tempos; porém, na sociedade mais ampla em que se inserem, são criadas demandas e, a eles, se oferecem recursos que podem se converter em benefícios para a própria sobrevivência, o que aponta para as possibilidades libertadoras da inserção das TIC na comunidade indígena.

Acontece que, como afirma Da Matta (1986 *apud* LARAIA, 2003) o sentido da palavra cultura refere-se a um modo próprio de se fazer as coisas. Ora, na cultura indígena, este jeito de ser e de fazer as coisas é um traço cultural marcado fortemente por valores e crenças que se constituem como fatores de afirmação e de resistência, tornando controversa a relação destes povos com os avanços da ciência e da tecnologia, com as quais têm se deparado: não querem se afastar destas contingências em nome da cultura, defesa de valores, crenças e modos de ser, mas, ao mesmo tempo, cuidam de se defenderem do risco de perda da sua identidade.

A situação descrita pode ser explicada pelo pensamento de Geertz (1989), quando o autor diz que a cultura deixa de ser uma entidade abstrata para ser algo concreto, dinâmico, mutante, processual, vivo; portanto, pode-se dizer que complexo, controverso, desafiador. Para ele, compreender seu dinamismo e processo envolve buscar significados, através de um esforço de interpretação da realidade viva.

Para Geertz (1989) tais significados são tecidos pelo próprio homem; afirma ainda que história, relações e significados compõem os nexos principais da noção de cultura. Daí não ser possível compreender o contexto dessa pesquisa sem se preocupar em situar na história os condicionantes das relações que, hoje, acontecem no espaço que habitam os sujeitos sociais do estudo.

Trata-se de uma forma de considerar a cultura que, numa perspectiva freiriana¹, põe em diálogo o fazer humano, a realidade concreta e a história. Segundo Freire (2006, p. 77-78) o homem não está apenas no mundo, mas o homem está com o mundo; não apenas a ele adere, mas, nele existe. Com isto quer dizer que o homem faz cultura, enquanto cria e recria seu contexto, respondendo aos desafios postos pela realidade em que vive. Assim, ele se integra ao meio e é essa integração que faz criar as raízes de sua identidade.

Entretanto, considero importante destacar que o sentido freiriano de integração não se refere a uma adesão acrítica a situações dadas; supõe, na expressão do autor, “romper com a aderência ao mundo, emergindo dele” (FREIRE, 2006, p. 78) num quadro de consciência da realidade e ação sobre a realidade, pressupostos de um fazer libertador, logo, emancipatório.

Sob este ponto de vista, a integração norteadas pelas necessidades da sobrevivência reclama uma prática consciente, com base na consciência de si e do mundo, o que possibilita atuar sobre a realidade objetiva. Trazendo para a situação em estudo, tenho que o pensamento de Paulo Freire responde a uma necessidade intrínseca da discussão posta pela dimensão cultural do encontro das TIC com as comunidades indígenas: a necessidade e o direito de se ter acesso aos avanços da tecnologia em diálogo com o direito à própria identidade.

Por isso mesmo, embora se fale de “escolhas” reconheço que a transformação em curso devido à inserção das TIC na cultura indígena resulta de uma conjugação de fatores que afetam o modo de vida da aldeia, suas necessidades e práticas, as quais demandam um esforço para se superar condições objetivas de exclusão.

Este esforço para o uso das TIC na cultura indígena e a inclusão digital não se dá sem enfrentamentos e sem exacerbação de traços culturais; a cultura e a vontade desses povos, submetidas à imposição de um fenômeno globalizador que suprime a diversidade, compõem um cenário que não pode ser desconsiderado.

A educação é diretamente afetada pelas mudanças decorrentes do processo de globalização, principalmente porque os critérios de inclusão passaram a ser

¹ Perspectiva que diz respeito a uma relação dialogal, problematizadora e emancipadora.

determinados pela lógica de mercado, prevalecendo os critérios de produtividade e de competitividade (SACRISTÁN, 2007).

Tanto a educação que ultrapassa o ambiente formal de aprendizagem quanto a educação escolar, por conseqüência, tornam-se o espaço concreto da dimensão ideológica de uma trajetória que vai do fenômeno mais amplo da globalização ao fenômeno mais particular da vida das pessoas, num movimento dialético, de ir e vir que abre espaço para a reconstrução incessante da realidade.

Isso acarreta novas exigências, tais como, reconstruir permanentemente a visão de realidade, desenvolver uma análise crítica do conceito de cultura, que tem se ampliado com o objetivo de os sujeitos se sentirem incluídos, compreender como os comportamentos básicos de transmissão de saberes se alteram com os recursos tecnológicos (SACRISTÁN, 2007).

Aprofundando na análise das novas exigências que se colocam para a sociedade contemporânea, sinto necessidade de reconhecer o papel central da ação e da reflexão nos processos de transformação aí presentes.

No caso da educação escolar Sacristán (2000, p. 165-166) considera que mesmo “moldados” pelo currículo produzido pelo contexto mais amplo, o professor, na condição de sujeito ativo também o influencia, pois, é o docente quem traduz, na prática, tal currículo.

Com isso o autor quer dizer que o compromisso do professor para com seus alunos, além da dimensão técnica que possui, tem uma dimensão política: ele escolhe os caminhos mais significativos para os alunos e constrói uma prática pedagógica que deixa de ser neutra, na medida em que, buscando torná-la significativa para os alunos, ele precisa articulá-la com seu meio, suas expectativas, interesses – ou seja, com sua cultura – e, a partir daí emerge um compromisso com o meio social concreto em que vivem.

Seu papel de mediador entre o currículo estabelecido e os alunos confere ao professor essa possibilidade de tomar decisões, que são estruturantes, em relação à prática pedagógica; trata-se de ocupar um espaço de movimentação que lhe permite fazer contra-ideologia, construindo-se a autonomia viável. Por outro lado, tal possibilidade aponta para outra exigência da educação nos dias de hoje, que diz respeito à formação dos professores.

A literatura corrente demonstra que para o professor ocupar com competência o espaço que lhe permite fazer contra ideologia, resistir, reconstruir, sua formação carece de uma base integradora da competência técnica, clareza política e compromisso ético. Isso não impede a ocorrência de situações em que a atuação docente seja marcada pela reprodução da cultura; daí, a constatação de que a prática gerida pelos docentes não seja uma prática linear, mas, marcada por contradições e conflitos.

Tais exigências mais amplas apontam, no bojo do tema em estudo, para a importância da tecnologia na educação, bem como, do papel do professor nessa nova realidade.

Isso porque Moran acentua (2005) os projetos e atividades que estão na base de diferentes formas de aprender são, hoje, mediados por tecnologias; mas, segundo o autor, as tecnologias têm sido apropriadas pelas escolas em etapas que demonstram certa dificuldade em se integrá-las com maior efetividade:

- numa primeira etapa, mais marcada por interesses da gestão escolar, destina-se a otimizar custos, automatizando-se processos;
- numa segunda etapa, são inseridas parcialmente no projeto educacional, praticamente “modernizando-o” sem afetar aulas, disciplinas, horários (páginas na web, divulgação de textos e endereços para pesquisas, aulas no laboratório de informática, etc);
- por fim, num terceiro momento, o autor refere-se ao amadurecimento da implantação e ao avanço da integração das tecnologias, resultando no repensar do projeto pedagógico das escolas; porém, constata que ainda se trabalha com as tecnologias para ilustrar o que já se faz e tornar as aulas mais interessantes, faltando o domínio técnico-pedagógico capaz de modificar e inovar, em termos do ensino e da aprendizagem (MORAN, 2005, p. 154).

O domínio técnico-pedagógico do uso das tecnologias na educação é considerado, pela literatura pertinente, recurso importante para que ocorram mudanças significativas nos processos educativos de modo que o professor se torne orientador de processos de aprendizagem, seja mais criativo e experimentador, sem perder de vista a dimensão humanista e ética de sua prática. Dessa forma, a instituição escolar como um todo e o professor, em particular, precisam desenvolver a visão de que o processo de construção e organização da aprendizagem conta com um meio eficaz e efetivo para o desempenho de seu papel.

Sacristán (2000, p.167) aponta, por outro lado, para a força da instituição escolar que, com seu poder institucional, limita a ação docente uma vez que, mesmo tendo uma formação coerente com as exigências discutidas, o professor fica submetido a normas que permeiam a administração institucional e as políticas do Estado quanto à organização curricular em cada sistema educacional.

A margem de autonomia que o sistema educativo e curricular deixa nas mãos dos professores é o campo no qual eles desenvolverão sua profissionalização. Isso é uma opção e o resultado de situações históricas, referenciais políticos e práticas administrativas e de um nível de capacitação no professorado. A autonomia sempre existe, mas suas fronteiras também. É preciso ver a autonomia profissional de cada professor individualmente considerado, ou da profissão como grupo de profissionais, dentro do quadro de determinantes da prática (SACRISTÁN, 2000, p.168).

Essa circunstância faz emergir, então, uma acepção “científica” de professor que se opõe à do professor “executor”, o que amplia as exigências da educação na sociedade contemporânea, intimamente ligadas ao desenvolvimento de habilidades requeridas por sua participação no processo de construção da prática educativa na escola, ou seja, por sua participação na discussão e decisão acerca do conhecimento que se ensina na instituição onde atua.

Para cumprir a função socializadora da educação escolarizada as instituições precisam mediar o acesso aos conhecimentos que promovem a inserção dos sujeitos no seu meio e no momento histórico em que vivem.

A escola o faz selecionando, organizando e desenvolvendo práticas e processos avaliativos que se constituem mecanismos sociais que provêm de espaços mais amplos e que no seu interior refletem valores e crenças a serem internalizados em função de interesses que extrapolam o espaço escolar (SACRISTÁN, 2000).

Nesse sentido, o currículo diz respeito aos conteúdos, seu formato e práticas que cria em torno de si, sendo entendido como mecanismo através do qual o conhecimento é distribuído socialmente. Este papel se concretiza na medida em que possibilita a participação dos indivíduos nos processos culturais e econômicos da sociedade.

Dessa forma, concilia interesses dos que estão sendo inseridos socialmente com os interesses dos que com isto se beneficiam: os grupos dominantes, que para

se sustentarem, tanto econômica quanto politicamente, precisam de sujeitos engajados no seu tempo e espaço. Com escolhas conscientes ou não a escola participa desse processo, sendo, em certa medida, responsável pela reprodução da sociedade à qual serve.

Para Apple (2006, p. 82-83), a escola por suas metas institucionais desempenha seu papel, assumindo um posicionamento que não é neutro, numa relação com as instituições econômicas e políticas que condiciona uma formação voltada para atender aos interesses e expectativas de uma ordem econômica complexa e estratificada.

No entanto, numa sociedade em que a mudança tem se caracterizado como cada vez mais rápida e complexa, as práticas educativas (formais e não formais) não apenas ganham em complexidade como também, deixam de responder às demandas de seu meio, o que lhe exige um permanente movimento de reinvenção de sua prática.

Nesse contexto, a prática educativa e a escola tornam-se objeto de questionamento por parte daqueles que buscam compreender a escola como instituição facilmente percebida como muito resistente às mudanças.

Apple (2006, p.248-250) discute essa questão reportando-se ao pensamento de Bourdieu: analisa que o sociólogo francês faz uma avaliação não-romântica das relações de classe que permeiam a relação existente entre cultura, poder e economia na educação e na sociedade como um todo.

Pode-se depreender, a partir das análises de Apple e do conjunto de leituras que embasam o presente estudo, que na condição de organização responsável pela reprodução da ordem social e econômica dominante, este fenômeno não tem a neutralidade, a ingenuidade que, aparentemente, pode se supor que tenha.

A concepção de dimensão hegemônica do currículo como um todo de valores, crenças e ações de fora da instituição de ensino, de acordo com Apple (2006) são aceitos via conhecimento do senso comum pelos agentes educacionais, comprometidos com a ordem econômica e social que contextualiza sua prática, permite, aqui, afirmar que tais agentes distanciam-se do papel que, acredita-se, todo processo educativo deveria assumir.

Daí ser necessário neste contexto, como procedo no tópico seguinte, aprofundar a compreensão em torno da relação existente entre educação e emancipação.

1.2 Educação e emancipação

O pensamento pedagógico contemporâneo pode contribuir para a busca de resposta para determinadas indagações, de modo especial, no Brasil, com a concepção emancipadora de educação de Paulo Freire.

Trata-se de uma concepção que, privilegiando uma abordagem ampla do conceito de educação isto é, que vai além de um processo restrito ao domínio escolar, assume um caráter emancipatório, na medida em que propõe a transformação da sociedade, comprometendo-se com a libertação de sujeitos sociais dominados.

Com a pedagogia do oprimido, Freire (1980), defende uma ação que corresponde a um movimento em que uma consciência historicamente condicionada pelas estruturas dominantes rompe com as condições objetivas, provocando conflitos indispensáveis à emergência de uma percepção estrutural da realidade em que o sujeito se encontra. No seu dizer, “é alentador tratar de desmitificar a realidade: é o processo pelo qual aqueles que antes haviam estado submersos na realidade começam a sair, para se reinserirem nela com uma consciência crítica.” (FREIRE, 1980, p. 64-74).

Além da opção por uma educação libertadora enquanto princípio, uma proposta crítica supõe uma ação transformadora. Com isto, quero dizer que, ao me inspirar em Paulo Freire, tenho que propor e desenvolver uma prática pedagógica humanizadora, dialogal, entre sujeitos; que não repita a relação dominante-dominado da sociedade mais ampla no espaço da educação, da formação humana. Uma prática pedagógica que, por se dar como *prática pensada* abra espaço para as crenças, valores, modos de fazer e de viver dos povos indígenas, enriquecida e apoiada pelos recursos e instrumentos tecnológicos que possam beneficiar e fortalecer esta cultura no tempo presente, por eles apropriada de forma consciente.

A prática pensada, para Paulo Freire, consiste num permanente movimento de construção de uma educação emancipadora; seria a abordagem metodológica

fundamental para se estabelecer compromisso com a cidadania, uma vez que num comportamento co-intencional, educadores e educandos voltar-se-iam para a realidade, como sujeitos, buscando conhecê-la de maneira crítica e dialogal.

Com as concepções de Paulo Freire muitas outras concepções entram em interlocução, de modo a se compreender processos e práticas requeridas pela imensa maioria das sociedades indígenas, neste terceiro milênio: processos humanizadores e, ao mesmo tempo, mediatizados por instrumentos criados pelo homem, capazes de potencializar novas formas de ser, pensar e agir; nisso reside a essência de uma mediação emancipadora pretendida pela pesquisa.

Gonçalves (2007, p.83-84), por exemplo, refere-se à “emancipação como processo de garantir o acesso crítico de todos às tecnologias nesta sociedade do conhecimento por parte das camadas até então mantidas fora do processo de escolarização e de informatização.” Para a autora isto significa muito mais que treinar pessoas para o uso das TIC, ao se “investir na formação de competências amplas que permitam tomar decisões com base no conhecimento e operar, com fluência, novos meios e ferramentas em seu trabalho, assim contribuindo para o indivíduo aprender a aprender” (GONÇALVES, 2007, p.83-84).

A autora contribui para este debate ao introduzir a crítica ao discurso da incapacidade cognitiva como culpa pessoal e não social. Gonçalves (2007, p.125) o faz afirmando que “o trabalho de emancipação supõe superar o discurso da incapacidade construído socialmente (pelos dominantes)” o qual se concretiza na autoproteção frente à tecnologia, isto é, quando os sujeitos se sentem incapazes, introjetando e reafirmando sua incapacidade de conhecer, por meio da tecnologia, como limitação pessoal.

Neste contexto, emancipar consiste em superar esta autoproteção, tomando-se consciência desta situação de oprimido e marginalizado, mas, na perspectiva de que é necessário e possível ir além de seu próprio discurso de incapacidade, dado o seu poder de transformação, de “ser mais” (FREIRE, 1983).

Somente uma prática crítica e problematizadora faz com que isto aconteça e o uso da informática abre espaço para a construção desta prática:

de tanto usar (liga desliga acessa descobre o que pode ser feito) o computador passa a ter seu verdadeiro papel: o de máquina...quem

pensa e decide o que fazer com ele é o sujeito cognoscente; ele se emancipa, dirige o processo de usar a máquina para conhecer e não é dirigido por ela (GONÇALVES, 2007, p. 125).

Com esses pressupostos é que discuto o papel da máquina na vida dos indígenas, sujeitos de minha pesquisa, dando ênfase ao questionamento de como pretendiam usá-la na própria vida, a favor de seu povo enquanto grupo social que quer se valer dos avanços sociais e da tecnologia, sem perda da própria identidade e mais, construindo um novo capítulo de sua história – a de uma identidade contemporânea.

Assim, a inserção de tecnologias da informação e da comunicação na comunidade indígena não pode se restringir à disponibilidade de equipamentos e softwares; a situação desejada, no contexto dessa pesquisa, é que se consiga utilizar recursos computacionais, imprimindo-se a tal fato o caráter de prática significativa para estes sujeitos.

No dizer de Freire (1981, p. 61):

nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens isolados. O homem é um ser de raízes espaço-temporais [...] A instrumentação da educação – algo mais que a simples preparação de quadros técnicos para responder às necessidades de desenvolvimento de uma área – depende da harmonia que se consiga entre a vocação ontológica deste “ser situado e temporalizado” e as condições especiais desta temporalidade e desta situacionalidade.

O autor prossegue discutindo a vocação ontológica do homem que é a de ser sujeito e não objeto; neste sentido, desenvolvê-la (e é o que pretendi em relação às comunidades indígenas envolvidas na pesquisa que se realizou) supõe refletir sobre suas condições espaço-temporais.

Ao encaminhar um processo participativo nas comunidades indígenas, com base na posição freiriana, tive que refletir sobre sua situacionalidade, sobre seu enraizamento espaço-temporal de modo a, daí, emergir um dado nível de consciência compromissada com sua realidade. Assim, os pesquisados, em “comum união” com os pesquisadores, de simples espectadores, tornam-se sujeitos das escolhas que vão lhes permitir intervir e mudar sua condição humana concreta, sua

realidade, no caso, a partir do uso da tecnologia como dimensão inclusiva de seu fazer (FREIRE, 1981).

Numa sociedade em transição, o exercício da crítica contribui decisivamente para as decisões que se constituem irracionalismos resultantes das emoções ou do jogo de interesses.

Daí a pertinência do debate, estudos e pesquisas hoje vigentes, em termos de programas de formação de educadores para a integração de tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem. Almeida (2004) considera que não se trata apenas de se preocupar com a mudança de métodos, modalidades e técnicas de ensino; a autora reforça e contribui com a ideia de mediação emancipadora antes referida quando afirma que a mudança educacional ocorre quando se vai ao encontro do processo de transformação humana, o que acarreta aqui reconhecer que são muitos os desafios para a incorporação das tecnologias da informação e da comunicação na atuação docente indígena.

Numa perspectiva reflexiva e contextualizada, Almeida (2004) discute os marcos teóricos da formação de professores para incorporação do computador à prática pedagógica, tratando da questão no subprojeto Informática na Educação do Programa de Educação e Currículo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PEC-PUC/SP), com ênfase em conceitos que embasam a formação contextualizada construcionista, quais sejam, o conceito de construcionismo, formação contextualizada, interdisciplinaridade e de autonomia. Vai além, através da análise de outras experiências, também, significativas, explicitando que o estudo feito busca melhor compreender a complexidade do problema posto, bem como:

Encontrar novas luzes que ajudem a repensar e recontextualizar continuamente a prática pedagógica e a formação de professores para incorporar a tecnologia de informação e comunicação-TIC ao cotidiano da sala de aula e à realidade da escola (ALMEIDA, 2004, p.210).

Aprendi com a autora o quanto é importante para o tema desse estudo, ter consciência da necessidade do professor desenvolver sua autonomia na definição do que fazer e com que fazer, adequando recursos e objetivos na construção de uma aprendizagem significativa dos alunos (ALMEIDA, 2004). A ênfase nessa dimensão da autonomia docente responde ao objetivo de se trabalhar a

incorporação de ferramentas da cultura digital às práticas escolares das aldeias indígenas onde a pesquisa aconteceu, numa postura de respeito à identidade cultural e numa perspectiva crítica e emancipatória.

A adoção dessa perspectiva freiriana, segundo Almeida (2004, p.28-29), exige a necessidade de referenciar as oportunidades de formação “às condições contextuais, às necessidades e expectativas de sujeitos” o que, no caso da pesquisa realizada, condicionou um envolvimento com a prática pedagógica dos docentes indígenas de modo a identificar o que seria significativo e importante para eles, a partir do momento que interagiram com diferentes recursos da cultura digital.

A inserção dos pesquisadores (pesquisadora e alunos monitores) no cotidiano da prática pedagógica indígena, ao permitir a visualização do que é importante para o docente indígena, passa a indicar também a formação necessária, ou seja, o que se torna imprescindível no processo de articulação entre teoria e prática, na dimensão que evidencia a tecnologia como instrumento de mediação que potencializa o acesso ao conhecimento e à informação, tornando-se instrumento de inclusão (ALMEIDA, 2004).

É o que discuto no próximo tópico.

1.3 Educação, tecnologias e inclusão

A abordagem dada ao tema pela autora, articulada com a concepção de currículo de Apple, responde aos questionamentos de ordem social, econômica e cultural, inicialmente feitos no projeto da pesquisa desenvolvida e, assim, reclamou aprofundar o debate em torno da relação existente entre as TIC e os Processos Educativos, numa perspectiva cidadã e inclusiva, o que fiz, conforme apresento a seguir.

Como o que acontece no interior da “escola” reflete tanto seu contexto mais imediato quanto o mais amplo, não se trata apenas de buscar a reinvenção da prática educativa indígena institucionalizada. Como já afirmei, o diálogo desafiador que por esta pesquisa pretendi instaurar envolve estabelecer interlocução entre as TIC e os valores, crenças, ritos, regras de conduta das etnias que vivem nas comunidades em estudo. Tais comunidades é que estão e estarão fazendo escolhas, construindo conhecimentos e se reinventando a partir da nova experiência; com isto

quero dizer que, em última instância, toda a comunidade indígena estará em situação de aprendizagem e, espera-se, de construção de conhecimento.

Para realização dessa tarefa, tomei como ponto de partida a busca de compreensão do significado da informática na educação, com base no posicionamento de Valente (2002) quando o autor repensa o conceito de ciclo na explicação do processo de construção do conhecimento com o uso do computador por meio da espiral da aprendizagem.

Trata-se de uma abordagem relevante porque a mesma supera a idéia de que a programação acontece em ciclos, auxiliando o processo de construção do conhecimento, na medida em que o computador se torna um elo importante das ações descrição - execução - reflexão - depuração.

Acontece que essa idéia de ciclo – movimentos contínuos para novas compreensões – presente, praticamente, nas teorias interacionistas, ao propor que o aprendiz chega a novos conhecimentos como resultado de uma abstração reflexionante, abre espaço para o aprimoramento constante do pensamento. Sob essa perspectiva é que o autor trabalha com a concepção de espiral da aprendizagem, conceito a ser explicitado no corpo do presente estudo (VALENTE, 2002).

Em seguida, ao aprofundar a compreensão da relação existente entre o desenvolvimento do pensamento crítico e o uso das TIC, recorri a Jonassen (2000) quando o autor faz a fundamentação conceitual para utilização do computador como ferramenta cognitiva.

O aspecto didático do autor, sua clareza e objetividade são os principais elementos considerados, frente ao meu objetivo, antes definido.

Mas, em primeiro lugar, sinto necessidade de explicitar o significado da espiral de aprendizagem, concepção que supera a idéia de ciclo na construção do conhecimento com o uso do computador.

Valente (2002) analisa que a construção do conhecimento ocorre num processo relacional do sujeito com outros sujeitos e/ou objetos. Segundo o autor, dessa interação podem decorrer mudanças conceituais que partem de abstrações empíricas e chegam à reconstrução ou reorganização de conhecimentos, enquanto ato mental reflexivo.

Em sua discussão, demonstra que o processo em análise sugere certa ordem e idéia de repetição em contraposição à idéia de constante aprimoramento e crescimento contínuo do conhecimento, mais coerente com uma idéia de espiral, ou seja, idéia que explica melhor como o aprendiz processa a construção do conhecimento na interação com o computador. (VALENTE, 2002)

Isso porque, ainda acompanhando o raciocínio do autor em questão, em cada ação do ciclo descrição - execução - reflexão - depuração, níveis mais sofisticados de conhecimentos são incorporados, em decorrência da reflexão realizada pelo aprendiz, ao interagir com o computador.

Nessa medida, considera que não se pode falar de certa ordem, nem reduzir essas ações à idéia de repetição que o ciclo encerra, porque a reflexão de cada aprendiz, em momentos e/ou situações diferentes, envolve conceitos, percepções, estratégias por ele utilizadas que mudam e são revisitadas a cada momento e situações diferentes.

Daí, sob um dado aspecto, a importância da interação aprendiz-computador, em termos de desenvolvimento do pensamento crítico. Para o autor estudado, as decisões tomadas pelo aprendiz durante esse processo não são lineares. Desencadeiam questionamentos, dúvidas, experimentações, busca de resposta para os problemas que se lhe apresentam, gerando pesquisa e reflexão.

Em função das contingências aí presentes, mais do que apropriar-se de saberes produzidos e acumulados, ao longo da história da humanidade, o aprendiz é desafiado a pensar, criar, encontrar soluções. Estabelece-se, assim, um processo de *pensar e aprender*, mais amplo e complexo, que justifica o significado dado pelo autor à espiral de aprendizagem.

Como o uso do computador no processo da aprendizagem surgiu e foi enfatizado pelo viés cognitivo, essa postura que considera o sujeito-aprendiz na sua complexidade – ser que pensa, age, sente – significa um avanço na relação homem-ferramenta de trabalho.

Diz respeito à inteireza do ser que conhece, mas o faz percebendo as próprias competências e limites, descobrindo na interação com o outro o sentido da cooperação, a dimensão social e afetiva presentes nesse processo.

É necessário discutir também os aspectos sociais aí presentes, pois, para Damásio (2007), o uso de uma tecnologia da informação não se limita ao manuseio

instrumental da tecnologia ou à sua utilização para automatização total ou parcial de processos. Além disso, Damásio (2007) considera que qualquer inovação tecnológica, bem como, o processo de difusão de uma inovação, depende da interação entre sujeitos e organizações numa esfera social, em contraposição à idéia de que, tal fenômeno é resultado, apenas, do surgimento e/ou desenvolvimento de uma dada competência científica em particular.

Enquanto integrantes do sistema social e organizacional há de se reconhecer, segundo o autor, que a aceitação ou a adoção de uma tecnologia envolve um processo complexo no qual estão presentes os atributos dos indivíduos que aí interagem e a forma como a inovação se conforma aos padrões sociais pré-existentes, especialmente os de ordem econômica (DAMÁSIO, 2007).

Mais ainda, a partir do conceito de “massa crítica”, utilizado, em princípio, na física, mas que, no caso das TIC, é associado à relação entre os utilizadores de uma dada tecnologia e o sistema social em que ele se insere (DAMÁSIO, 2007, p. 62) é possível inferir que, quando se discute as tecnologias que lidam diretamente com a “informação” como sua propriedade central – em especial, aquelas que se caracterizam pela “interatividade” – a adoção da tecnologia tende a se difundir mais rapidamente entre os indivíduos e os grupos sociais.

Assim, o processo de difusão da informação e o papel que a informação tem na sociedade que dessa informação carece – e das tecnologias que a suportam – passam a estabelecer uma lógica de convergência e condicionam a importância da estrutura social e dos seus processos de comunicação como parte de um processo mais amplo em que as tecnologias passam a se constituir “formas de vida” e parte de um padrão de relações de pertença numa dada sociedade. Ou seja, a evolução das tecnologias dialoga, intimamente, com a estruturação social tanto na adoção quanto na rejeição e/ou difusão das mesmas (DAMÁSIO, 2007).

Isso se dá num processo historicamente enraizado e provido de um padrão claro que estabelece o lugar das TIC na cultura e no modelo de organização social da sociedade onde se insere; aí ocorre um processo peculiar de comunicação que organiza a **interação** entre os indivíduos, pondo em evidência o caráter inseparável dos componentes técnicos, mas também, dos sociais que essas tecnologias possuem (DAMÁSIO, 2007).

O autor esclarece que, ao proporcionarem **novas formas de interação** podem estabelecer uma participação mais ativa e interpretativa por parte dos sujeitos, **fazendo com que a interatividade se torne uma característica diferenciadora das TIC**, exemplificando que **a interatividade serve tanto a propósitos comerciais de vendas ou ao reforço da notoriedade de um produto ou serviço, como no caso de produtora de materiais didáticos ou de entretenimento.**

Por este aspecto pode-se analisar o aprender em comunhão com o outro na interação que se estabelece quando, nas experiências subjetivas, estão presentes comunicação, troca de dados e de informações, imersas que estão, as partes, num mesmo contexto.

Como explicita Damásio (2007, p. 78-79), “a interatividade entre utilizadores é catalisadora de um processo de surgimento de múltiplos pontos de vista sobre uma ideia ou objeto”.

Uma abordagem crítica da questão é, também, social porque, se por um lado, é fator de integração dos sujeitos que se fazem enquanto tal num dado contexto, por outro lado, permite submeter conhecimentos ao crivo de grupos, em tempo real. Segundo Damásio (2007), nessa perspectiva, a sociedade se beneficia com a produção efetiva de conteúdos, na medida em que a interação é associada a uma passagem da contemplação passiva do objeto para uma ênfase no sujeito, que passa a exercer sobre o mesmo múltiplas interpretações e a criar novos conteúdos de forma colaborativa; as TIC, então, reforçam os receptores como potenciais produtores de conteúdos.

A tecnologia não é, pois, um ente autônomo, mas é na relação do sujeito com a tecnologia e com os ambientes de utilização que se observa traços de mudança social e, não, nas propriedades físicas ou nas características inovadoras das TIC (DAMÁSIO, 2007, p. 93).

Entre os diferentes significados do termo “tecnologia”, discutidos por Pinto (2005) surge o de que se trata de um conjunto das técnicas existentes em uma dada sociedade, em certo momento de sua história. O autor chama atenção para o fato de que este significado contém em si o sentido de que “não existem técnicas isoladas, puras, distintas das restantes, mas, que todas quantas pertencem a um determinado

momento do processo cultural de uma sociedade se interpenetram e se apóiam mutuamente” (PINTO, 2005, p.341).

Nesse sentido, evoca a relação entre o uso da tecnologia e a consciência crítica Pinto (2005, p. 355) ao dizer:

A tecnologia sempre foi útil e fecunda pelo simples fato de ser o resultado constante da ação do homem sobre a natureza, com o intuito de resolver a contradição entre ambos [...] a consciência crítica acolhe e promove a criação tecnológica porque nela vê um bem que o homem faz a si mesmo.

Isso acontece na medida em que na relação entre homem e utensílio surge a possibilidade do homem manusear a realidade com recursos cada vez mais elaborados. Na sua reflexão sobre o relacionamento do homem com a realidade o trabalho é visto como mediador da transição da consciência ingênua para a consciência crítica (PINTO, 2005).

Na sua visão, essa articulação do conceito de tecnologia com a idéia de trabalho elaborado aponta para o fato de que quanto mais elaborada for a capacidade do homem de trabalhar mais humanizado ele se torna; por isso mesmo considera que a tecnologia tem possibilidades libertadoras, isto é, “exerce efeitos libertadores gerais no campo da labuta física e intelectual e na iluminação do pensamento” (PINTO, 2005, p.375).

Trazendo tais considerações para a análise das tecnologias da informação e da comunicação, nos dias de hoje, e especialmente para o tema da pesquisa desenvolvida, é possível reconhecer que as mesmas são consideradas como instrumentos que potencializam a aprendizagem dos alunos, ou seja, seu trabalho intelectual. Com isso posso afirmar que, entre outros aspectos, criam condições para que os alunos desenvolvam a autonomia e a criticidade. Isto porque o computador possui funções, recursos e programas que permitem simular, interagir e raciocinar por hipóteses, o que amplia sua concepção de ferramenta pedagógica. Ou seja, não se reduz a um recurso didático, pois, participa de maneira muito mais ampla do alcance de objetivos educacionais do projeto pedagógico da instituição escolar.

Assim, prestam-se à formação de sujeitos críticos e participativos. Por um lado, contribuem para a formação de sujeitos críticos porque desafiam o raciocínio, instaurando a dúvida como instrumento de construção do conhecimento; fazer escolhas, como parte deste processo, reclama refletir, pensar e avaliar antes de

decidir. Por outro lado, contribuem para a formação de sujeitos participativos, porque o sujeito que aprende com o uso desta ferramenta tende a não ser um receptor passivo de informações, já que tem a possibilidade de participação ativa na construção do próprio conhecimento diante das informações às quais passa a ter acesso, fazendo escolhas na busca e criação de ligações entre informações com base naquilo que possui significado para ele.

Daí F. Almeida (2007, p. 48) afirmar que “a escola é um local privilegiado (mas não o único) para a aprendizagem e o uso crítico da tecnologia.”

Para que o uso crítico das TIC aconteça, o projeto pedagógico deve desempenhar papel fundamental na superação do mero caráter de recurso didático do computador.

Dessa forma, o debate em torno da atuação dos sujeitos da pesquisa na escola indígena (regida pelos princípios da diferença, especificidade, do bilingüismo e da interculturalidade) favoreceu um comportamento em que a tecnologia foi tomada apenas como mais um instrumento de luta para defesa dos interesses dos povos indígenas envolvidos e para resguardo da sua identidade cultural. No capítulo em que as falas dos sujeitos da pesquisa são analisadas isto se evidencia.

Assim, parti do pressuposto de que uma abordagem que integra o reconhecimento da dimensão social das TIC, na condição de tecnologia educativa, com uma visão crítica dessa mesma tecnologia, resulta num nível de consciência que favorece assumir responsabilidade pela construção de maneiras próprias de solucionar problemas. Ao contrário dos posicionamentos ainda resistentes ao uso do computador para aprender, numa abordagem crítica, considero que é possível defender o que denomino “compromisso emancipatório” no uso das TIC com o sujeito aprendiz.

Jonassen (2000) trata com bastante objetividade a questão contida nesse estudo: defende como principal razão para a utilização dos computadores como ferramentas cognitivas o fato de que os mesmos envolvem os alunos, necessariamente, num processo de pensamento crítico. Ele considera os computadores como ferramentas para pensar, de representação do conhecer, que aí estão para os sujeitos aprenderem: dão acesso à informação, abrem espaço para que sejam capazes de discutir e interpretar a informação, organizar e representar o conhecimento pessoal.

Na sua avaliação, enquanto ferramenta cognitiva, o computador está a serviço da construção do conhecimento, provocando a capacidade de conhecer, numa abordagem construtivista, por consequência, significativa para o sujeito cognoscente.

Dessa forma, argumenta que o aluno, como sujeito ativo, interpreta o mundo exterior, reflete sobre suas interpretações e, não apenas, armazena interpretações feitas pelo professor.

Por sua dimensão reflexiva, o aprendiz conduz o próprio processo de cognição, deliberando sobre os rumos que deseja, pode ou deve imprimir a ele, comprometendo-se com a ação de aprender, com todo o processo de construção do próprio saber.

O autor assume uma perspectiva construtivista em relação ao conhecimento e, ao fazê-lo, fundamenta, conceitualmente, as ferramentas cognitivas como sendo “ferramentas informáticas adaptadas ou desenvolvidas para funcionarem como parceiros intelectuais do aluno, de modo a estimular e facilitar o pensamento crítico e a aprendizagem de ordem superior” (JONASSEN, 2000, p. 36).

Ao tratar da questão com esse enfoque, põe em evidência o fato de que os alunos são levados a pensar profundamente sobre o conteúdo em estudo, tornando-os aptos a decidir, mas, sobretudo, a propor soluções inovadoras.

Exercer o pensamento crítico torna-se, pois, o objetivo das ferramentas cognitivas; indo além dos modelos tradicionais, o pensamento crítico é concebido por Jonassen (2000) como pensamento reflexivo que viabiliza idéias originais, não se limitando à lógica factual das concepções tradicionais.

Propõe, então, que se trabalhe com um Modelo de Pensamento Complexo (JONASSEN, 2000), baseado na superação de competências separadas, ou seja, num sistema interativo: um pensamento elementar/de conteúdo que se articula com uma reorganização do conhecimento (pensamento crítico) e que, num movimento de síntese, é capaz de gerar conhecimento novo (pensamento criativo).

Neste sentido, o pensamento do autor vai ao encontro da concepção de “espiral da aprendizagem” de Valente: os dois reconhecem a congruência que acontece entre a informação existente e a reorganização do conhecimento na interação que se dá com o recurso das ferramentas cognitivas.

No ponto de partida do pensamento criativo, situa-se o acesso e a interpretação da informação, além da sua análise e avaliação. Uma vez ocorrida essa interação entre o conhecimento aceito e o conhecimento crítico, o pensamento criativo exige ir além, fundando-se em três componentes principais: sintetizar, imaginar e elaborar.

As ferramentas cognitivas são, conceitualmente, os recursos usados para representar a compreensão que permite fomentar tais competências, indispensáveis ao pensamento crítico e ao pensamento criativo.

No contexto da reflexão que vem sendo desenvolvida, explico aqui uma pergunta fundamental, em termos de construção de uma resposta para o problema posto nesta pesquisa: Que relação existe entre o uso das TIC, a formação do pensamento crítico e a pretendida inclusão do docente indígena, como aspecto das políticas públicas inclusivas da sociedade brasileira?

Tal pergunta é central na pesquisa desenvolvida; vem requerer a busca de resposta para diferentes questões, relativas à compreensão que os sujeitos da pesquisa têm acerca do novo papel do docente e do aluno com a chegada das TIC, bem como, acerca do papel das TIC na educação escolar indígena e na comunidade como um todo.

Ao encaminhar uma resposta para tal questão, parto do pressuposto de que políticas públicas inclusivas precisam ser integradas, para não caírem numa abordagem fragmentada, sem efetividade, ou seja, que não levam a resultados que sejam do interesse dos envolvidos, em particular, e da sociedade em que se inserem, de modo geral. Isto significa que na formação dos docentes e dos jovens indígenas é importante partir da sua experiência e conhecimentos advindos do cotidiano para desenvolver novos conhecimentos que lhes ajude a resolver problemas da vida, desenvolver o pensamento crítico para compreender o mundo e o seu trabalho docente.

Para que a educação indígena seja compatível com as necessidades e expectativas de seu povo, à prática educativa indígena apliquei o que Freire e Prado *apud* Prado (2005) consideram quando tratam do projeto pedagógico na sua relação com as tecnologias educacionais. Como responsável por todo o encaminhamento da ação pedagógica do educador, já que contém em si a síntese da reflexão do educador sobre sua prática de sala de aula e suas concepções educacionais, ali são

estabelecidas as diretrizes específicas para sua atuação na escola. Ao educador cabe reinterpretá-las, ao trazer para a prática a proposta deste projeto. Para ser coerente, é necessário que as intenções educacionais, os objetivos e o conhecimento do educador dialoguem com o entendimento da realidade onde ele atua, bem como, com as condições objetivas dos sujeitos aí envolvidos, seus desejos, necessidades/expectativas e os problemas concretos com os quais se depara no seu cotidiano.

Para as autoras é a “experiência refletida”, ou seja, compreendida, reinterpretada, recontextualizada do educador que transforma sua bagagem pessoal e profissional em referência para as escolhas que precisam ser feitas quando da definição do projeto educativo e pedagógico para a realidade em que atua (FREIRE ; PRADO, 1999 *apud* PRADO 2005, p. 162).

Quando pensei em uma proposta que incorpora as TIC na educação escolar indígena, a complexidade da instituição “escola” se ampliou, pois, ali se instaurou não apenas um diálogo com a sociedade brasileira, seu sistema educacional e as inovações tecnológicas que nele estão acontecendo, como também, com a especificidade da cultura indígena, num momento em que se procura superar um discurso e uma prática historicamente comprometidos com o exercício da dominação.

Isso exigiu abordar a questão de forma mais abrangente, reconhecendo que a problemática da inclusão / exclusão é complexa e não se resolve, de maneira simplista com ações pontuais como, por exemplo, quando se fala da inclusão digital como garantia de inserção e de ascensão no mercado de trabalho.

Para discutir esse aspecto, foi necessário remetê-lo para o campo da cidadania e Canclini (2005, p.103) afirma que

conquista-se cidadania não só obtendo respeito às diferenças, mas contando com os mínimos competitivos em relação a cada um dos recursos capacitadores para participar da sociedade: trabalho, saúde, poder de compra e os outros direitos sócios- econômicos, junto com a “cesta” educativa, informacional, de conhecimentos, ou seja, as capacidades que podem ser usadas para conseguir melhor trabalho e maiores rendas.

No entanto, ressalto que a inclusão como condição *sine qua non* de cidadania não pode ser considerada de maneira reducionista, somente pelo viés da alfabetização/inclusão digital, como o senso comum tem abordado.

Essa discussão é posta, também, por Franco (2009) quando a autora analisa a apropriação das tecnologias da informação e da comunicação como um direito humano a ser garantido; sob seu ponto de vista a questão se amplia. Não se trata apenas de inserção no mundo do trabalho, garantindo-se a sobrevivência, aspecto ao qual se remete sempre que se fala de cidadania. A autora referida insiste que a construção de sujeitos autônomos reclama uma abordagem humanista do problema, em que o exercício da liberdade é direito e princípio fundamental:

A garantia do exercício da liberdade e autonomia passa pela apropriação, reflexão e uso crítico desses recursos. Não se trata aqui de “endeusar” as maravilhas oferecidas pelas tecnologias e nem de desconsiderar o aspecto perverso desta apropriação que atende aos poderes hegemônicos de controle e limitação das liberdades, mas sim, propor a reflexão fundamentada em princípios humanistas de que a “não- apropriação” desses recursos implica na privação do exercício da liberdade. Considera-se que somente pela apropriação das tecnologias o sujeito terá poder de decidir ou não pelo seu uso. Sem apropriar-se essa liberdade já está limitada (FRANCO, 2009, p.49).

Respalda seu posicionamento com a constatação de que esta é uma exigência contemporânea, da qual não se tem como fugir, justificando-o com o cenário atual:

Nas ruas, nos meios de transporte, nos bancos, nos supermercados, nas repartições públicas, nos domicílios, nos mais diversos ambientes de trabalho das regiões metropolitanas de diversos países, encontramos frequentemente frente a frente com bilhetes eletrônicos, códigos de barras, cartões magnéticos, catracas, urnas, caixas eletrônicos, telefone celulares, máquinas, computadores. [...] Nesse contexto, conhecer características da linguagem digital pode ser decisivo para participar ativamente da sociedade globalizada. [...] Se na sociedade pós-invenção da escrita, saber ler e escrever passaram a ser sinônimos de poder, ‘teclar’, ‘clicar’, ‘programar’, ‘navegar’ parecem ser condições indispensáveis na sociedade digital. [...] a inclusão digital configura-se, cada vez mais, como uma exigência ética diante das demandas do cotidiano e do mundo do trabalho (FRANCO, 2009, p.84).

Sua análise aponta, então, para o fato de que a inclusão digital torna-se um direito da pessoa, pois vai ao encontro das exigências sociais atuais, acarretadas

pelos avanços da tecnologia em todas as áreas do fazer humano. Daí sua dimensão ética, o que me permite trabalhar com o pressuposto de que a inclusão digital das etnias que participaram do estudo se funda na premissa de humanização pela tecnologia.

Adotando a perspectiva freiriana na interpretação do papel das TIC como fator de humanização, Franco (2009) considera:

...fundamental que sejam utilizadas como ferramentas a serviço da humanização e não da domesticação do homem. É um elemento da cultura a ser colocado à disposição do homem, ainda que com contradições de ordem econômica, política e social. Torna-se necessário desmistificar a tecnologia para dela se apropriar e usá-la a favor da construção de uma sociedade mais democrática, justa, igualitária e libertadora. (FRANCO, 2009, p.83)

As TIC possibilitam acesso à informação, ao conhecimento e às demandas do momento atual como ferramentas que estão presentes no processo de mediação de um mundo mais humano, democrático, igualitário e justo. O caráter *humano* que daí emerge reside no fato de que as TIC representam e codificam a realidade, bem como, instrumentalizam a comunicação entre os homens. A compreensão da realidade por elas mediada traz embutida em si o desafio de pensar essa realidade e, a partir de um olhar crítico, visualizar o potencial de transformação dessa realidade que tem cada sujeito e o coletivo do qual faz parte.

A premissa de humanização pela tecnologia que adotei, ainda com base no pensamento freiriano, me exigiu contribuir para apropriação do uso das tecnologias pelos indígenas com a preocupação de que isso se desse num dado nível de consciência crítica, de modo a não reforçar a postura assimilacionista que por tanto tempo permeou as relações da sociedade brasileira com suas comunidades. Com isso quero dizer que, numa relação dialogal, os sujeitos da pesquisa – pesquisadora e indígenas – discutiram e avaliaram a si mesmos como sujeitos de um mundo digital.

No desenvolvimento da pesquisa proposta, a ênfase ao pensamento crítico pôs em evidência a dimensão que se defende no presente estudo ao discutir o uso das TIC como fator de inclusão.

Não se trata de absolutizar o acesso à informação como condição de participação; mais importante que isso seria desenvolver competências capazes de fazer de cada cidadão o sujeito ativo da construção do seu destino pessoal.

Por isso, considerei que contribuir para a construção da inclusão digital dessas comunidades indígenas envolveria criar e favorecer situações concretas de participação e de tomada de decisão. Ou seja, substitui a intervenção tradicional em que de fora para dentro é determinado o que fazer, por intervenções dialogais e participativas em que cada um tivesse oportunidade de desenvolver a capacidade de analisar, avaliar, decidir e, sobretudo, de definir soluções para os problemas que estivéssemos enfrentando face ao desafio daquele momento.

Da forma que o uso das TIC foi visto no trabalho que desenvolvi – como um processo emancipatório – as atividades aconteceram pelo viés de uma “prática pensada”, fundada na reflexão, capaz de produzir o desenvolvimento de novos valores, conhecimentos e expectativas. Neste sentido, a reflexão pode ser considerada como uma ferramenta analítica para construção da mudança necessária, buscada e desejada pela comunidade.

Para Almeida (2000)

o professor reflexivo, em um ambiente de aprendizagem informatizado construcionista, é aquele que utiliza o computador como ferramenta de pensar-com e pensar-sobre-o-que-pensar, conforme o ciclo descrição-execução-reflexão-depuração. (ALMEIDA, 2000, p. 115)

De modo geral, através das primeiras idas a campo nas comunidades indígenas percebi um dado nível de consciência de que a internet anula as distâncias, bem como, de que aqueles que dela não participam ficam isolados em um tempo e um espaço, à parte do seu momento histórico.

Como tal processo não foi circunscrito à aprendizagem no interior das escolas, ele ocasionou mudanças significativas na forma de perceber o contexto, a si mesmo e aos outros, por parte dos membros daquelas comunidades indígenas na sua relação com a questão do conhecimento via tecnologia digital.

Dessa forma, a complexidade do “repensar identidades” foi muito maior porque, se esta nova cultura enfrenta resistências e dificuldades no próprio meio em

que foi gestada (o chamado mundo civilizado), muito mais difícil é sua assimilação numa cultura indígena. Isto porque essa cultura se caracteriza por privilegiar, entre outros fatores, uma tradição oral e um legado intimamente articulado com valores e crenças, de fora para dentro tidos, pela sociedade circundante, como primitivos.

A inclusão digital daquelas comunidades, como algo bem mais amplo do que já aconteceu, constitui-se um desafio singular e complexo. A inclusão, de modo geral, tem sido emblemática no mundo contemporâneo.

Em qualquer área em que seja defendido, o fenômeno da inclusão não pode se atrelar a modismo. Trata-se, hoje, de uma utopia, mas, utopia que, acredito, deve se nortear por uma visão crítica de homem e de mundo; por isso mesmo, na prática, precisa se fundar nos direitos fundamentais da pessoa humana. Direito de acesso aos bens produzidos pela humanidade, direito de ser, de vivenciar sua identidade, bem como, de reconstruí-la, sempre em função da própria consciência e da própria opção.

Para que haja efetividade nesses processos de mudança, conforme as reflexões desenvolvidas nesse referencial, os membros do grupo precisam tomar consciência acerca de sua própria condição, questionar suas práticas e identificar o que nelas existe de “desconexão” e transformá-las.

Neste exercício de reflexão conjunta, instaura-se, também, a cultura de um trabalho colaborativo, que ganha importância na medida em que a reconstrução de identidades se dá de forma coletiva, uns motivando os outros a desenvolver processos de auto-investigação, de estimulação, de superação de bloqueios.

Nesse trabalho o grupo vai descrever analisar e interpretar o seu cotidiano, desenvolvendo a capacidade de fazer escolhas, sem medo de errar em benefício de um novo tempo para o próprio grupo.

E é nesse sentido que o uso das TIC, como ferramenta a serviço da construção da autonomia pelo acesso que possibilita ao conhecimento, poderá responder às políticas públicas inclusivas em curso no país, já que não se adota um posicionamento reducionista, ou seja, o de apenas instrumentalizar trabalhadores para o mercado de trabalho.

Com esse pensamento, no próximo capítulo, passo a tratar do cenário brasileiro, fazendo uma caminhada até a condição local, no que diz respeito a políticas públicas inclusivas no âmbito das TIC.

CAPÍTULO 2

DA CIDADANIA INDÍGENA NO BRASIL AO CONTEXTO DA PESQUISA

O estudo exigiu compreender a realidade das comunidades indígenas envolvidas na pesquisa, bem como conhecer e entender as circunstâncias da chegada das tecnologias nestas comunidades. Para tanto, no presente capítulo, composto de três subtópicos, discuto, em primeiro lugar, a questão da cidadania indígena no Brasil. Em seguida, indo da realidade mais ampla à realidade particular do contexto sócio-histórico e cultural da pesquisa, levantei informações básicas sobre os povos indígenas envolvidos na pesquisa para, depois, analisar o problema da acessibilidade destas comunidades às TIC.

2.1 Cultura e cidadania indígena no Brasil

O olhar, a leitura e a interpretação do mundo indígena acontecem no bojo de um diálogo intercultural. No presente estudo, este diálogo se concretizou pela perspectiva do índio brasileiro aldeado em contraposição à do índio urbano, duas realidades indígenas distintas.

Os índios aldeados vivem dos recursos oferecidos pela natureza, enquanto que os índios que moram em centros urbanos vivem geralmente de prestações de serviços e como mão-de-obra do mercado de trabalho. Disso resulta que a perspectiva dos índios aldeados está mais focada para a valorização dos seus conhecimentos tradicionais de produção, consumo e distribuição de bens, enquanto os índios de centros urbanos estarão propensos a apostar na qualificação profissional e na capacidade de inserção no mercado local e global. [...] o que, no entanto, não pode justificar o estabelecimento de fronteiras rígidas entre as duas realidades, o que seria outra forma de exclusão e de discriminação, porque ambas as perspectivas são, na verdade, parte de uma mesma referência sócio-cultural e não existe nada que impossibilite que os diferentes horizontes de vida se reencontrem em algum momento da história. (HENRIQUES *apud* BANIWA, 2006, p.24).

Tudo aquilo que caracteriza o modo de vida das comunidades abrangidas pela pesquisa, as da Terra Indígena Igarapé Lourdes – Município de Ji-Paraná/RO refere-se a etnias que, vivendo em aldeias, valorizam seus conhecimentos e práticas tradicionais. Porém, pela proximidade com as contingências urbanas do município ao qual se vinculam, são permanentemente desafiadas, sobretudo, pelos recursos que elas trazem consigo.

A literatura mais recente sobre a realidade do índio brasileiro registra que, desde o final do século passado, vem ocorrendo no Brasil um fenômeno de reetnização, conhecido como “etnogênese”. Diz respeito a uma retomada das tradições por povos indígenas que, como estratégia de sobrevivência, esconderam e/ou negaram suas identidades tribais, assim fugindo das conseqüências do preconceito e da discriminação.

Buscando compreender este fenômeno, recorri ao trabalho do Professor Gersem dos Santos Luciano-Baniwa, primeiro índio a obter o título de Mestre em Antropologia Social no Brasil, ator do movimento indígena, representante indígena no Conselho Nacional de Educação (CNE).

Para Baniwa (2006, p.29) “vive-se um período de consolidação do movimento indígena, de políticas públicas específicas e de revalorização das culturas”; ele analisa que “os povos indígenas brasileiros são sobreviventes e resistentes do processo de colonização européia, que vivem o desafio de consolidar um espaço na vida multicultural do país”.

O autor esclarece ainda que a expressão “povos indígenas” abriga no Brasil, atualmente, 222 (duzentos e vinte e dois) povos étnica e sócio-culturalmente diferenciados e 180 (cento e oitenta) línguas distintas; cada povo tem seu modo próprio de organizar relações sociais, políticas e econômicas (internas e com outros povos) (BANIWA, 2006, p. 43).

Além disso, segundo o autor citado, a FUNAI confirma que existe também no território brasileiro, em torno de 46 (quarenta e seis) evidências de “índios isolados”, das quais doze estão registradas formalmente. Esta terminologia utilizada pela FUNAI refere-se a povos com os quais a Fundação ainda não estabeleceu nenhum contato.

O movimento indígena brasileiro nas últimas décadas é digno de destaque; Baniwa relata que:

a partir da década de 1990, no embalo da Nova Constituição de 1988, ocorreu o fenômeno da multiplicação de organizações indígenas formais, institucionalizadas e legalizadas por todo o Brasil. Essas organizações começaram a assumir cada vez mais as funções que o Estado deixou de desempenhar diretamente, em especial nas áreas de saúde, educação e auto-sustentação. Com isso, outras discussões passaram a fazer parte da agenda das organizações indígenas, como aquelas direcionadas ao discurso étnico do desenvolvimento “etno-sustentável” e da autogestão territorial. No início da década de 2000, ocorreu a consolidação de espaços de representação do movimento indígena – através das suas organizações – nas esferas públicas, com a internalização e a gestão de recursos governamentais e de várias lideranças de organizações indígenas, que passaram a ocupar funções públicas e políticas na esfera da Administração Pública, trazendo novas conquistas, mas também novos desafios (BANIWA, 2006, p.78-79).

O autor considera “conquistas” as políticas públicas específicas para os povos indígenas, notadamente nas áreas de saúde e educação, referenciadas pela busca de superação das histórias de práticas tutelares e paternalistas de políticas indigenistas oficiais. No campo dos desafios, aponta para “a dificuldade dos povos indígenas em relação à complexa lógica burocrática da Administração Pública e da ideologia que não consegue tratar os povos indígenas como portadores de culturas particulares” (BANIWA, 2006, p. 79).

Não me detive em discutir cada uma das conquistas e/ou desafios que estão se consolidando ultimamente. Porém, ressalto a peculiaridade da cidadania indígena, pois, é sob a referência dessa cidadania diferenciada que falo da possibilidade e do direito do povo indígena de ter acesso aos artefatos e instrumentos, ao conhecimento e valores do mundo global, dentre eles, o acesso às TIC.

Tal forma de cidadania resulta no direito específico de educação escolar diferenciada, com seus próprios processos de ensino e de aprendizagem, produção, reprodução e distribuição de conhecimentos, que se dão no contexto do surgimento de uma nova consciência étnica dos povos indígenas no Brasil, em que o índio se tornou sujeito de direito (BANIWA, 2006).

Esta é uma condição que se reflete, sobretudo, no comportamento das novas gerações; os jovens indígenas cada vez mais indagam e buscam por tudo aquilo que os

identifique e lhes garanta um espaço social e identitário em um mundo cada vez mais global e, ao mesmo tempo, profundamente segmentário no que diz respeito à cultura, à ancestralidade, à origem étnica, a partir das quais os direitos econômicos, sociais, culturais contemporâneos se articulam e se fundamentam (BANIWA, 2006, p.39).

A análise que faço, com base na obra de Baniwa em estudo, corrobora um consenso, hoje vigente: para o indígena se inserir na modernidade não significa que deva abdicar de sua origem, modos de vida e tradições; significa, sim, interagir com outras culturas de forma consciente e, a partir de sua referência identitária, rejeitar a homogeneização condicionada por um mundo globalizado. Para Baniwa, buscar esta identidade, entretanto, não quer dizer construir uma identidade indígena genérica, mas, identidades étnicas específicas, presentes na diversidade cultural dos diferentes grupos étnicos abrigados sob a denominação mais ampla de povos indígenas do Brasil (BANIWA, 2006).

Neste sentido, o posicionamento do autor articula-se explicitamente com a perspectiva da pesquisa desenvolvida, pois

... culturas indígenas em grande medida têm conservado sua singularidade em face do mundo moderno, sem isolamento. Até hoje existem códigos culturais autóctones pouco conhecidos das civilizações européias, como são as medicinas tradicionais. A consciência de uma cultura própria é, em si, um ato libertador, na medida em que vence o sentimento de inferioridade diante da cultura opressora (BANIWA, 2006, p.50).

Reconhecer esta possibilidade de diálogo entre diferentes significa conferir concretude à interculturalidade, pressupondo convivência e coexistência de culturas e identidades. Por isso mesmo, ao evoluir em suas reflexões o autor esclarece que nenhuma prática intercultural pode confundir o conceito de cidadania diferenciada com desigualdade ou inferioridade. Essa forma de tratar a cidadania diz respeito a uma concepção que considera os direitos universais do cidadão brasileiro mais os direitos específicos referentes à cultura dos povos indígenas num mesmo espaço social e territorial, numa perspectiva de inclusão, apropriação e participação.

Aqui se entrecruzam, no estudo realizado, o discurso dos direitos de todo cidadão, institucionalizados na Constituição Federal do país, sua legislação de modo geral e suas políticas públicas e o discurso das Ciências Humanas e Sociais, aí se situando a educação, enquanto prática social que se fundamenta na interlocução que se dá entre os princípios destas diferentes ciências.

Em 1993, o MEC publicou as Diretrizes para a Política Nacional de Educação Escolar Indígena e, em 1998, o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI), com o objetivo de oferecer subsídios para a elaboração de projetos pedagógicos para as escolas indígenas, de forma a melhorar a qualidade do ensino e a formação dos alunos indígenas enquanto cidadãos.

Um conjunto de documentos institucionais resguarda o direito a esta especificidade da escola indígena: a Constituição de 88; a LDB 9394/96; o Parecer 14/99; a Resolução 03/99/CNE e o Plano Nacional de Educação de 2001.

Nos termos da Lei Federal de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), o Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, é responsável por desenvolver programas de ensino e pesquisa para oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural para os povos indígenas (BRASIL, 1996).

Esta prescrição, contida na Lei 9394/96, em seu Título VIII / Das Disposições Gerais, artigo 78, se completa com a explicitação de dois objetivos para a educação intercultural a ser oferecida às comunidades indígenas:

- I. Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;
- II. Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias (BRASIL, 1996)

Além disso, a LDBEN explicita também que a União dará apoio técnico e financeiro aos sistemas de ensino para que cumpram seu papel neste processo, ressaltando que os programas devem ser planejados ouvindo-se as comunidades indígenas e incluídos nos Planos Nacionais de Educação.

Considerando a especificidade das Escolas Indígenas e reconhecendo sua condição de escolas com normas e ordenamento jurídico próprios, a Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CEB/CNE) de Nº 3, de 14/12/1999, estabeleceu no âmbito da Educação Básica brasileira a estrutura e funcionamento de tais instituições, fixando as diretrizes curriculares do ensino intercultural e bilíngüe, com vistas à valorização plena das culturas dos povos indígenas e à afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.

A partir desta resolução passou a ser considerado como elementos básicos para a organização, estrutura e funcionamento da escola indígena:

- I. Sua localização em terras habitadas por comunidades indígenas, ainda que se estendam por territórios de diversos Estados ou Municípios contíguos;
- II. Exclusividade de atendimento a comunidades indígenas;
- III. Ensino ministrado nas línguas maternas das comunidades atendidas, como uma das formas de preservação da realidade sociolingüística de cada povo;
- IV. Organização escolar própria. (BRASIL, 1999)

A isto se soma a norma vigente de que a definição do modelo de organização e gestão de cada escola deverá se constituir com a participação da comunidade, levando-se em consideração suas estruturas sociais, práticas sócio-culturais, suas formas de produção de conhecimento, processos próprios e métodos de ensino e de aprendizagem, suas atividades econômicas, construção de edificações e produção de material didático-pedagógico de acordo com o contexto de cada povo indígena (BRASIL, 1999).

Todos estes propósitos e comportamentos declarados institucionalmente passaram a exigir maior clareza, pesquisa e ações voltadas para a formação de docentes para a Escola Indígena. O norteamento da formação docente precisaria, então, dialogar com uma nova visão do cidadão índio na realidade brasileira, passando a atender a exigências próprias e específicas dos povos indígenas. Tornou-se imperativo, neste contexto, que a formação docente assegure a constituição de valores, conhecimentos e competências gerais e específicas para a efetividade do compromisso da sociedade brasileira, assumido através deste corpo de leis, suas diretrizes e normatizações.

Para Maher (2006) a educação escolar indígena no Brasil, até o final da década de 70, foi marcada por um paradigma assimilacionista, ou seja, que tinha por objetivo incorporar, assimilar os valores e comportamentos, inclusive lingüísticos, da sociedade nacional. Dessa forma, vivia-se um modelo educacional que trabalhava a submersão cultural e lingüística do índio na sociedade dominante.

A autora analisa ainda que, sob a influência do fortalecimento político das associações indígenas, das mudanças de paradigmas que vêm ocorrendo nas diferentes formas de relações interpessoais e sociais mais amplas, tanto no país quanto na sociedade global, os acontecimentos evoluíram de forma a se conseguir, em 1988, uma importante conquista legal: pela primeira vez foi assegurado na Constituição Federal o direito dos indígenas terem suas línguas, seus costumes e seus princípios educacionais respeitados no processo de escolarização formal. (MAHER, 2006)

Tais conquistas vêm construindo um novo paradigma, em termos de educação indígena; trata-se de um modelo que busca promover o respeito às crenças, aos saberes e às práticas culturais destes povos, modelo este voltado para a construção de escolas cultural e politicamente relevantes para as comunidades indígenas, no bojo de um novo paradigma, um paradigma emancipatório (MAHER, 2006), porque respeita a diversidade étnica ao mesmo tempo em que oferece oportunidade de interlocução da tradição com a modernidade.

Por uma escola indígena específica, diferenciada, intercultural, bilíngüe e de qualidade, tornou-se, hoje, o mote daqueles que, renegando o modelo assimilacionista, lutam pela implantação de programas de educação escolar que estejam a serviço das comunidades indígenas, e não contra elas. É claro que qualquer mudança de paradigma leva tempo, não se faz do dia para a noite, pois isto não envolve apenas alinhamentos ideológicos, mudanças de discurso: é preciso, sobretudo, descobrir formas concretas para tornar o desejo efetivamente realidade. [...] O primeiro passo para garantir a existência desse tipo de escola é que o condutor de todo o processo escolar seja, evidentemente, um professor indígena. (MAHER, 2006, p. 23)

Os primeiros Programas de Formação de Professores Indígenas foram implementados no Brasil, por organizações não-governamentais, a partir da década de 70. Hoje vários programas desta natureza são geridos por Secretarias Estaduais

de Educação, desenvolvendo-se no âmbito do ensino médio. Seguindo esta tendência existem, também, programas de nível superior, as licenciaturas, como por exemplo, na Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), na Universidade Federal de Roraima (UFRR) e na Universidade de São Paulo (USP).

Em Rondônia, inspirando-se nas articulações das comunidades indígenas de todo o país que se deram após o “I Encontro Indígena do Brasil” de 1981, surgiu o Núcleo de Educação Indígena de Rondônia (NEIRO), na Secretaria de Estado da Educação de Rondônia (SEDUC-RO) que, entre outras atividades, elaborou e executou um projeto de formação de professores índios – Projeto AÇAÍ – constituindo-se marco na educação nesta área, no Estado. Trata-se de um projeto elaborado com a participação das comunidades indígenas, visando estruturação e amadurecimento das organizações indígenas e de necessidades diagnosticadas. (<http://www.seduc.ro.gov.br>).

Iniciativas desta natureza constituem programas que, segundo Maher (2006) caracterizam a complexidade de políticas públicas dessa natureza:

- a) ... pelo fato de que ao professor índio cabe uma responsabilidade a mais em relação à docência do não-índio que atua no sistema educacional brasileiro. É que, além da educação básica nos termos da legislação em vigor, o professor indígena tem sob sua responsabilidade garantir que seus alunos continuem exercendo sua cidadania no interior da sociedade indígena à qual pertencem;
- b) ...pela circunstância específica do professor indígena que já atua em escola de sua comunidade. Ele domina conhecimentos do seu povo e tem pouca escolarização formal. Isto é diferente quando se trata do professor não-índio que chega ao curso de magistério dominando o conteúdo que vai ensinar, dada sua escolaridade formal. Assim, o professor indígena precisa suprir lacunas de uma escolarização formal não vivenciada no interior de sua própria cultura; além disso, quando frequenta a escola regular do sistema educacional da sociedade circundante esta formação, até então, não contempla a dimensão diferenciada a que teria direito.
- c) ...por programas de formação docente do indígena que acabam constituindo propostas mais extensas: precisam, então, que ele se afaste de suas aldeias por um longo período de tempo ou têm que ser ministrados em sistema misto de aulas à distância e presenciais, com a complexidade e dificuldades que esta situação acarreta.
- d) ...pelo fato de que a integração do que já ocorre na escola indígena com o sistema educacional da sociedade brasileira desafia o docente indígena a desenvolver todo um procedimento de elaboração de projeto pedagógico próprio, o que lhe exige aprendizado e trabalho prévio e específico.

- e) ...pelo fato de que, quanto a materiais e recursos para suporte pedagógico, a maior parte está “por fazer” e reclama grande investimento na formação do professor- elaborador e pesquisa específica que esta atividade demanda (MAHER, 2006, p. 25).

Com este conjunto de situações, elencadas pela autora citada, é que procurei compreender a complexidade da formação de professores indígenas.

A extrema heterogeneidade e diversidade de situações sociolingüísticas, culturais, históricas e de formação/escolarização dos professores indígenas conduzem a soluções bem diversas nas experiências vividas em várias localidades do país, o que põe em evidência a responsabilidade direta destes profissionais de se consolidar uma Educação Escolar Indígena regida pelos “princípios da diferença, especificidade, do bilingüismo e da interculturalidade.” (GRUPIONNI, 2006, p.51)

E é neste sentido que um dos grandes desafios postos pela realidade com a qual me deparei, diz respeito à inclusão digital que, neste contexto, a meu ver, deveria acontecer desde o processo de formação dos indígenas como educadores. Essa complexidade se amplia pelo desafio singular aí presente: o da inclusão sem perda de sua identidade, língua, valores e crenças, ou seja, numa perspectiva crítica e emancipatória.

Cumpra, então, ter acesso a determinadas informações que possibilitam um conhecimento básico acerca dos povos indígenas envolvidos na pesquisa, o que faço no próximo tópico.

2.2 Origem das aldeias da Terra Indígena Igarapé Lourdes

Segundo dados do ano de 2002, da Secretaria de Estado do Desenvolvimento Ambiental (SEDAM) do Estado de Rondônia, o Estado possui 54 sociedades, concentradas em 19 Terras Indígenas, num total de 20,15% de sua área. Trata-se de um Estado que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2007), conta com uma população de 1.453.756 pessoas, distribuídas em 52 municípios.

Desta população, cerca de 11.000 mil pessoas (GTA, 2008), pertencem às sociedades indígenas: Makurap, Kanoé, Suruí, Cinta Larga, Karipuna, Karitiana,

Aikanã, Tupari, e outras, entre estas, os povos Arara-Karo e os Gavião-Ikolen, localizados na Terra Indígena Igarapé Lourdes, no Município de Ji-Paraná.

Este Estado resulta da transformação do Território Federal de Rondônia em Estado de Rondônia, criado em 22 de dezembro de 1981 e instalado em 04 de janeiro de 1982.

A região, onde se localizam as aldeias em que se realizou a pesquisa, fica no Município de Ji-Paraná, Estado de Rondônia e se denomina Terra Indígena Igarapé Lourdes; no Quadro 1 são fornecidas informações introdutórias quanto à população, à língua, à família e ao tronco lingüístico sobre os povos Arara e Gavião em estudo.

Quadro 1: Povos Indígenas da Terra Igarapé Lourdes

Povo	Terra Indígena	População	Língua	Família	Tronco
Arara	Igarapé Lourdes	190	Arara	Ramaráma	Tupi
Gavião	Igarapé Lourdes	587	Gavião	Monde	Tupi

Fonte: Geoatlas Ambiental- SEDAM (2002)

Para compreender a situação atual destes povos precisei recorrer a uma visão do processo de ocupação e colonização da região amazônica e, conseqüentemente, desta área. Para Cim (2003) na base dos primórdios deste processo encontram-se duas situações: a primeira, em fins do século XVII, quando se encontravam algumas missões jesuíticas na região; a segunda, referente à descoberta de ouro no Estado de Cuiabá, o que passou a despertar a atenção dos portugueses, iniciando, então, a penetração de entradas e bandeiras pelo vale do Guaporé.

O autor relata que, em meados do século XVIII, colonizadores que vinham à procura de jazidas auríferas na região aos poucos vão formando pequenos povoamentos, num processo lento e contínuo de povoação. O bandeirante Antônio Raposo Tavares é considerado o pioneiro das expedições do sul do país que alcançaram os rios Guaporé e Madeira, principais vias fluviais que cortam a região.

Ainda segundo Cim (2003) uma questão presente na vida dos povos da Amazônia foi seu isolamento em relação ao resto do país; vivendo do extrativismo vegetal, o desenvolvimento da economia regional foi caracterizado por ciclos, os

quais exerceram poderosa influência no fluxo de migrantes e, a partir daí, na forma e intensidade como se deu a ocupação e a colonização do estado e da região. Na segunda metade do século XX, a migração e a colonização na região foram marcadas, principalmente, pelo segundo ciclo de exploração da borracha, entre os anos de 1940 e 1950, pelo ciclo da mineração da cassiterita nos anos 60 e pelo processo de colonização dos anos 70.

O ciclo da borracha havia condicionado, entre outras situações, a necessidade de escoamento da produção de países vizinhos via território nacional, tornando mais complexo o cenário local naquele momento histórico. Tudo isso gerava preocupações para a República Brasileira, que foram sendo administradas de maneira recorrente, como demonstram as palavras do autor

O esvaziamento econômico e o isolamento da região vinham sendo acompanhados pelo governo e eram motivos de preocupação, além das consequências econômicas com a queda da produção da borracha, devido a redução de absorção pelo mercado internacional, levam o Governo Federal apressar ainda mais essa integração com a região fronteiriça, construindo um sistema de comunicação, linha telegráfica entre os povoados de Cuiabá até o Amazonas (o terceiro ciclo do telegrafo – período de (1920-1940), cortando todo o norte de Mato Grosso, tarefa designada ao Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon, assumindo o comando da missão. (CIM, 2003, Primeira Versão, UNIR, p. 5)

Esse cenário, entretanto, é permeado de contradições. Tanto sua trajetória, marcada pela exploração econômica predatória, quanto políticas e medidas que sinalizavam a integração – como no caso do uso do sistema de comunicação – a reação dos povos indígenas gerou conflitos entre indígenas e não-indígenas, o que muito contribuiu para a dizimação de várias etnias, reduzindo significativamente estas populações.

Por outro lado, Cim (2003) destaca que o uso de mão-de-obra de migrantes do sul do país e a construção da linha telegráfica, no período compreendido entre 1910 e 1940, sob a responsabilidade de Rondon, contribuíram para a formação de pequenos povoados e seu desenvolvimento econômico, em especial a extração e demarcação de pequenos seringais. A influência de Rondon se fez sentir, também, na mudança de visão e de tratamento dispensado aos indígenas que habitavam a região, dada sua postura humanitária, segundo o autor antes citado.

Em seus estudos de interculturalidade, leitura e escrita na terra indígena, Neves (2009), através de indagações, explicita a perplexidade gerada por estes acontecimentos

os Arara-Karo e Gavião-Ikolen são sobreviventes destes tempos, testemunhas das situações difíceis e tristes, pelos quais passaram e que ainda são lembradas nas narrativas rememoradas que fazem. Talvez um esforço para tentar compreender o que aconteceu: quem era aquela gente estranha que se apossou de suas terras? Porque morreram tantas pessoas queridas - crianças ficaram órfãs, mulheres ficaram sem os maridos e os filhos jovens? Que estranhas doenças eram aquelas que nem o poder do pajé dava jeito? Porque os extrativistas adotavam suas crianças? E a proibição de falar na língua materna, ocorria por qual razão? Por que achavam tão ruim seu relacionamento com os espíritos e impunham a eles e elas, um livro chamado bíblia? Estas perguntas e muitas outras, talvez ainda se façam presentes na imaginação indígena... (NEVES, 2009, p. 2)

A autora registra que, atualmente, os povos indígenas de Rondônia e, mais especificamente, as etnias localizadas na Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná, região central do estado (os Arara-Karo e os Gavião-Ikolen) persistem na sua luta em defesa da própria identidade, crenças e valores; no entanto, apesar de constituírem minorias étnicas, provavelmente por suas práticas, “procuram, sobretudo, ensinar ao estado brasileiro, algumas lições referentes ao tratamento com as diferenças” (NEVES, 2009, p.2).

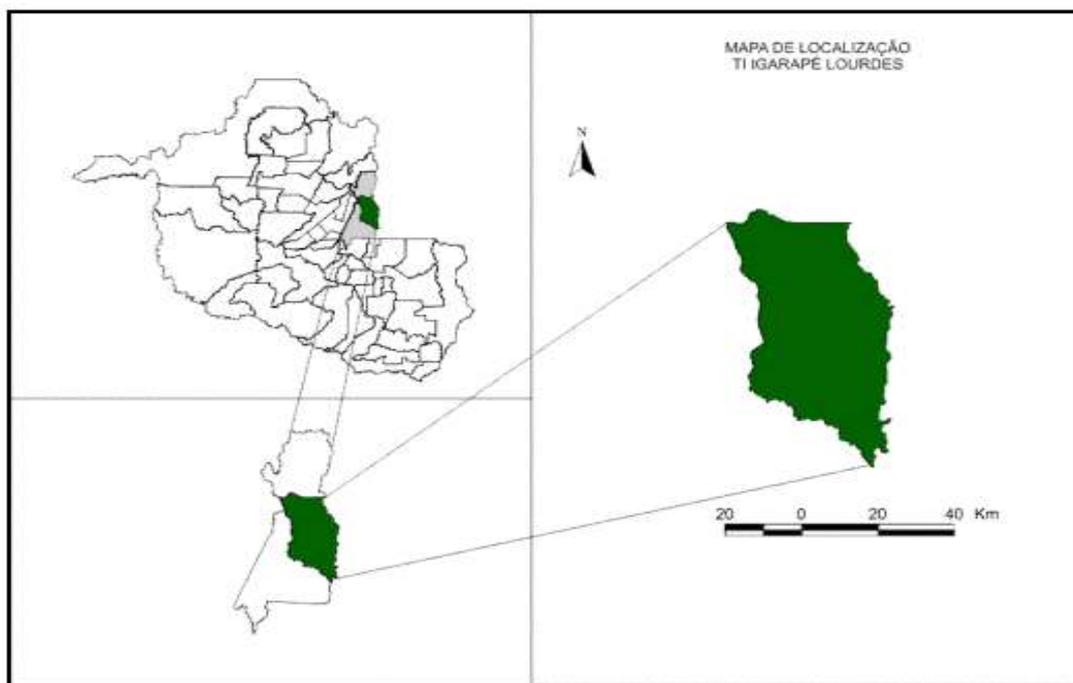
Os povos da Terra Indígena Igarapé Lourdes, que vivem no Município de Ji-Paraná-RO, são divididos em duas etnias: Gavião e Arara.

Os índios Arara vivem em duas aldeias, Itérap e Paygap, ambas localizadas na parte sul da Terra Indígena Igarapé Lourdes. Dois terços habitam a primeira aldeia e o restante habita a segunda; ambas, dentro do território tradicional a eles pertencente.

Na mesma Terra Indígena, junto com o povo Arara, moram os índios Gavião, fora de seu território tradicional, expulsos que foram de seu território tradicional por fazendeiros, durante o processo de ocupação da Amazônia.

O mapa que consta da Figura 1, a seguir, situa o Município de Ji-Paraná no contexto do Estado de Rondônia e, nele, a Terra Indígena Igarapé Lourdes, onde habitam os povos Arara e Gavião. Vê-se que o domínio desses povos abrange uma área em torno de um terço do município.

Figura 1: Mapa de localização da terra indígena Igarapé Lourdes



Fonte: Geoatlas Ambiental – Sedam (2002)

(Imagem disponível em: PAULA, Jânia Maria de. KARO e IKÓLÓÉHJ: escola e seus modos de vida. Dissertação de Mestrado em Geografia: UNIR, 2008)

- Terra Indígena Igarapé Lourdes Povos Arara e Gavião
- Município de Ji-Paraná
- Demais Municípios do Estado de Rondônia

Nos dois subtópicos que se seguem faço uma caracterização e descrição mais aprofundada de cada um destes povos.

2.2.1 A etnia dos índios “Arara”

As aldeias dos índios Arara localizam-se a oeste da região central de Rondônia. A cidade mais próxima das duas aldeias é Ji-Paraná, a cerca de 70 Km de distância por rodovia (durante a estação seca) ou em torno de três horas de barco, descendo o rio Machado e entrando pelo Igarapé da Prainha (durante a estação chuvosa), até a Aldeia I`terap. O acesso à aldeia Paygáp é mais fácil por ficar próxima à vila de Nova Colina. Por rodovia secundária, a aldeia fica a cerca de 50 km de distância de Ji-Paraná.

Os povos Indígenas Arara autodenominam-se Karo rap que, traduzido para o português, significa Arara. O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) considera

que boa parte deste município está dentro do território Arara. A terra Indígena Igarapé Lourdes do povo Arara, tem extensão territorial de 185.534 e foi demarcada em 1976, homologada pelo Decreto nº 88.609/83 e registrada na CRI/DPU, no mesmo ano.

O povo Arara ocupava quase toda a região de Ji-Paraná, morando às margens dos rios Machado, Riachuelo, Motim e Prainha. O povo contava com milhares de pessoas e vivia em grandes grupos.

Os primeiros contatos se deram, por volta de 1900, com seringueiros, garimpeiros e missionários. No período do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), o povo foi agrupado em uma única aldeia, sendo que alguns conviviam com seringueiros. A FUNAI, órgão que substituiu o SPI, implantou ali um posto de assistência, com a permanência de um chefe, que tinha função de administrar e acompanhar os trabalhos agrícolas, implantando outros tipos de cultura. Segundo o povo Arara, eles viviam num regime semi-escravo, onde quem determinava tudo era o Chefe do Posto.

Essa situação de dominação só veio trazer transtornos para os índios, pois, a partir desse contato, o povo foi dizimado por doenças, reduzindo-se a população a 95 pessoas na época da demarcação de suas terras, em 1976, de acordo com o CIMI (2002, p. 17).

Neves (2009, p.2) relata que os Arara (Arara-Karo) constituem uma micro-sociedade composta de 200 pessoas, que falam a língua Arara, do tronco Tupi, Rama-rama. Trata-se, segundo a autora, do resultado de um realdeamento e posterior demarcação da terra indígena, ocorrido com a instalação do SPI em 1966, o que veio superar a desagregação tribal que sucedeu aos muitos conflitos, gerados quando da instalação dos seringais.

Neste processo de realdeamento, mantiveram rituais culturais tradicionais e a organização do seu povo continua se realizando através do Cacique, o líder maior, apesar de existirem novas lideranças, como os professores, os Agentes Indígenas de Saúde (AIS) e os encarregados da associação do povo Arara.

Manifestam com convicção suas práticas religiosas, em forte sintonia com o sobrenatural, acreditando num ser supremo que transmite todo o conhecimento necessário acerca de suas práticas. O pajé é quem faz ligação direta com Deus, a

autoridade máxima; os indígenas consideram que ele tem profundos conhecimentos da origem do seu povo e de quem o criou.

Mantêm, também, rituais festivos que, costumam ser articulados com rituais religiosos para comemoração da colheita e da caça. Além disso, têm, também, seus rituais de cura, afastamento de espíritos maus, convocação de espíritos bons, o que acreditam poder servir para fortalecer e defender o povo dos males.

Sob o ponto de vista da alimentação, cultivam a mandioca, taioba e milho; colhem a castanha da Amazônia, o cacau, abiu, bacuri, patauí, açaí, mel de abelha, pama, pupunha, babaçu, tucumã, além de pescar e caçar. Procedem, também, ao cultivo de outros alimentos, plantando arroz, feijão, café; mas, eles se tornaram dependentes de alimentos e objetos oriundos da sociedade envolvente.

A natureza é fonte, também, da matéria prima que usam para confeccionar adereços e artefatos diversos, por eles produzidos e que comercializam: colares de sementes de rama, cocares, arcos e flechas, bordunas, cestas, peneiras, panelas e cuias de barro, chocalhos, instrumentos musicais, brincos, tipóias, para plantar, redes de algodão e de fibras de tucumã e machados de pedra.

Por volta de 1980, com a FUNAI, é que a educação formal chegou às comunidades destas aldeias; e, na década de 90, a SEDUC criou e instalou duas escolas estaduais: através do Decreto de Criação nº 5705, de 21 de outubro de 1992, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Itérap Yamoraty e do Decreto de Criação nº 8494, de 29 de setembro de 1998, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Pay'gap.

Somente uma visão progressista de educação pode propiciar a oportunidade de a cultura dos indígenas ser organizada de acordo com os significados de seus grupos sociais, suas tradições, características específicas, preservando-os da perda de sua identidade.

A educação dentro da aldeia vem sendo discutida, pois, nos primeiros contatos com educadores não-indígenas, foram impostos métodos do sistema educacional do Estado, fazendo com que muitos dos costumes e tradições deixassem de ser respeitados, contribuindo para a desestruturação do povo:

A comunidade incorporou no sistema educacional a nova categoria de professores indígenas, que estão assumindo a educação escolar

indígena. Esses professores estão em processo de formação. Se por um lado há iniciativas e incentivos à valorização de seus processos próprios de ensino e aprendizagem, por outro sofrem certas imposições do sistema educacional do Estado, que estipula normas que violentam a pedagogia tradicional do povo (CIMI, 2002, p.19).

Conforme registros do CIMI, as aldeias indígenas, de modo geral, e os índios Arara, em particular, buscam a revalorização de sua cultura. No contexto atual, existe um movimento de resistência; o indígena não está acatando mais situações de dominação cultural, via instituição escola, manifesta e exige respeito à necessidade de modelos de capacitação e formação em que os indígenas tomam suas próprias decisões e definem a prática pedagógica dentro das aldeias.

2.2.2 A etnia dos índios “Gavião”

Nesse território, juntamente com o povo Arara, vive também o povo Gavião, que se autodenomina Ikõlõ, expulso de seu território tradicional por fazendeiros. Localizava-se mais para o Estado do Mato Grosso, às margens do Rio Branco, ao norte da terra indígena ocupada pelos Zoró. Por volta dos anos de 1940, foram coagidos a deixarem suas terras por fazendeiros e, também, em decorrência de conflitos com outras etnias, passando a viver na Serra da Providência (CIMI, 2002).

De registros históricos do CIMI (2002) tem-se a informação que o povo Gavião era aliado tradicional dos Zoró, sobre cujo território teriam aos poucos avançado, ocupando grande parte dele. A FUNAI os encontrou nessa condição e, em razão disso, demarcou uma área como sendo comum aos dois povos. Entre Gavião e Arara alternavam-se períodos de bom entendimento, com alianças consolidadas através de casamentos, porém, seguidos de períodos de desavenças.

Em 1984 foi assinada a liminar de reintegração de posse da área que reconhecia o direito dos Povos Gavião e Arara. Por decisão do INCRA ocorreu a desintrusão² da Terra Indígena Igarapé Lourdes, onde o povo Gavião havia sido colocado pela FUNAI (CIMI, 2002).

A história do povo Gavião, em certo sentido, é semelhante aos Arara-Karo, pois, para sobreviver, estes indígenas também tiveram que trabalhar nos seringais

² Desintrusão diz respeito ao processo em que os não-índios, por força jurídica, desocupam território, ocorrendo a reintegração da terra pelos indígenas.

em regime de semi-escravidão e também sofreram com as doenças e os embates, fatores diretamente relacionados à pouquíssima quantidade de idosos atualmente em sua comunidade (CIMI, 2002).

Na comunidade indígena as malocas por eles habitadas antigamente são, hoje, utilizadas para armazenamento de ferramentas, alimentos, artesanatos e outros pertences e, para moradia, existem casas de alvenaria ou de madeira como a que se mostra na figura 2, abaixo.

Figura 2: Casas de tábua em aldeia indígena



Toda aldeia possui rede elétrica, mas nem todas as casas da aldeia têm água, apesar de ali existir poço artesiano. Ainda existe a cultura das índias se deslocarem para um rio mais próximo para buscar água para o seu consumo. De acordo com o entendimento dos homens, isso faz parte dos serviços domésticos. Elas lavam roupas na beira do rio e tomam banho também no próprio rio da aldeia.

Em suas casas, os índios, que têm emprego na área da educação ou da saúde, possuem televisores e geladeiras novos, camas, vídeo games, DVD, tanquinho de lavar roupas. Os índios que não têm emprego possuem em suas casas algumas cadeiras velhas e redes; eles não têm móveis, somente casas para se protegerem das chuvas, vivendo do artesanato, caça e pesca.

Estes últimos têm como tradição praticar o que na cultura brasileira se chama “escambo”, ou seja, a troca, a comercialização de seus artesanatos por

mercadorias como roupas e sapatos usados, bijuterias, ali mesmo, na aldeia; só algumas vezes aconteciam vendas em dinheiro.

Possuem uma economia tradicional de subsistência que vem da caça, pesca, pequenos roçados e artesanato. Através de convênios com o Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia / Projetos de Apoio a Iniciativa Comunitária, mantêm um consórcio agro-florestal para plantio, compra de carros e criação de gado.

Têm, também, a alternativa de outros meios de subsistência e outras fontes de rendimento com a venda de artesanato de castanha da Amazônia, a venda de arroz, a criação de gado e de pequenos animais, como galinhas e porcos. Contam, além disso, com salários e aposentadorias.

Apesar da interação com outras culturas, principalmente com os usos e costumes da sociedade envolvente, os Gavião mantêm suas práticas tradicionais, como as festas, os rituais de pajelança em busca de curas espirituais e físicas, a pintura corporal, o artesanato, a construção da maloca em forma oval.

Confeccionam muitos tipos de objetos de artesanato; os homens fazem arcos, flechas, cocar, bracelete, instrumentos musicais, vestimentas de festas. As mulheres fazem colares, anéis, pulseiras, esteiras, paneiros, bandoleiros, tipóias, peneiras.

Quanto à educação formal, repetiu-se com o povo Gavião o que acontecera com os Arara; a educação formal veio inicialmente através da FUNAI, depois pela SEDUC, oficializando a criação nas escolas a partir dos anos de 1990: Escola Zawidiay Tikombipô, Passap Koquip e Xinepoabá pelo Decreto nº 5705, de 21 de outubro de 1992. Posteriormente a criação da Escola Aldeia do Pereira, da Escola Mahaguvely e da Escola Pagá Pena através do Decreto nº 8494, de 29 de setembro de 1998.

2.3 Do contexto mais amplo ao contexto da pesquisa

A implantação das TIC na realidade brasileira põe em evidência a necessidade de se superar a exclusão do grande contingente de cidadãos que a elas não têm acesso.

Isso acontece porque a cada criação de novos sistemas de comunicação surge uma nova forma da desigualdade, provocando a formação de grupos que, excluídos, se distanciam dos benefícios que a internet propicia na sociedade contemporânea. Como observa Manuel Castells, “a diferenciação entre os que têm e os que não têm Internet acrescenta uma divisão essencial às fontes já existentes de desigualdade e exclusão social” (CASTELLS, 2003, p. 203).

Na literatura consultada é dado grande destaque à necessidade de se cuidar para que esse quadro não se agrave, ressaltando-se que o problema não pode ser tratado apenas com ações pontuais, sendo preciso agir de forma integrada e pelo viés da cidadania (Carta de Porto Alegre, V Oficina de Inclusão Digital, junho de 2006).

No entanto, a consciência desse problema não anula dois grandes desafios aí presentes: a extensão territorial do país (8,5 milhões de km²) e a sua demografia.

Sinto aqui necessidade de aprofundar o diálogo entre a realidade mais ampla e o contexto da pesquisa: o desafio da exclusão digital condicionou a criação de políticas públicas em escala nacional, o que resultou na implantação de determinados programas de fomento à inclusão no nível local, em diversos pontos do país. Isto se deu através da implementação dessas políticas pelos municípios, como foi o caso dos Telecentros, uma alternativa viável para proporcionar acesso à internet para aqueles que, devido a limitações financeiras, só têm este recurso público para se inserirem digitalmente.

Antecedendo o lançamento do Programa Nacional de Apoio à Inclusão Digital nas Comunidades, do Ministério das Comunicações, pelo Governo Federal, foi criado em 1996, em Santa Catarina, o primeiro Telecentro do país. Destinava-se à população menos favorecida, com a intenção de promover seu acesso e contato com algum tipo de tecnologia, “consistindo na tentativa de diminuir a distância existente entre aqueles que detêm a informação por possuírem acesso mais direto à tecnologia e aqueles que se mantêm à sua margem” (CÂMARA, 2005, p.17).

Uma das alternativas que mais vem obtendo êxito na redução da inacessibilidade às TIC é a dos Telecentros. Quando Afonso (2006) fez um diagnóstico das políticas públicas relativas à inclusão digital no Brasil, dentre outras, o autor concluiu por duas prioridades que, aqui, destaco porque considero diretamente relacionadas com o que aconteceu a partir desse projeto: por um lado, a

garantia do acesso coletivo na ponta, isto é, nos municípios (através de iniciativas locais de Telecentros comunitários apoiados por uma política nacional) em todas as áreas de menores recursos. Por outro lado, o pesquisador apontou, também, ser necessário montar uma estratégia nacional de capacitação para que, em todos os níveis de pessoas e de instituições, fosse possível o acesso aos meios e instrumentos, utilizando-os com eficácia.

Passo, em seguida, a descrever o contexto particular da pesquisa realizada.

Para desenvolver esta pesquisa de doutorado nas aldeias indígenas da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná-Rondônia, inicialmente, lutei para conseguir do MC a implantação de dois Telecentros na região, um em cada aldeia, como suporte para o Projeto, o que foi documentado pela sequência de fotos das figuras 3, 4 e 5 a seguir:

Figura 3: Sala Indígena antes da implantação do telecentro



Figura 4: Sala sendo preparada para implantação do telecentro



Figura 5: Mobiliário Telecentro instalado, faltando apenas a instalação dos computadores e da antena GESAC.



Os Telecentros foram instalados em escolas com a infraestrutura física necessária; atualmente existem 8 (oito) escolas nestas aldeias, podendo-se constatar o investimento feito na infraestrutura física destas unidades escolares por meio do que mostram as Figuras 6 e 7, que se seguem.

Figura 6: Investimento em infraestrutura física



Figura 7: Escola Estadual Índígena da Aldeia Gavião.



Tais escolas contam com um quadro de 19 (dezenove) docentes indígenas alguns já habilitados em magistério e outros em formação: são 7 (sete) da etnia Arara e 12 (doze) da etnia Gavião. Trabalham na perspectiva de efetivar cada vez mais um currículo intercultural: sempre que pesquisam e ministram um conteúdo considerado universal, como na área de matemática, por exemplo, no ensino da adição, utilizam a língua materna como meio de instrução oral, isto é, as explicações são dadas na língua que o grupo mais se comunica, tanto oralmente quanto por escrito.

Existem escolas indígenas nas duas aldeias, mantidas pela SEDUC-RO, que tem um sistema de contrato com os professores indígenas, além de professores não-índios da rede pública estadual e municipal, enviados às aldeias para ensinar português, matemática e ciências em nível supletivo.

Devido à proximidade e relacionamento entre os povos da etnia Gavião e Arara, os costumes estão organizados em uma associação chamada Panderej, o que permite dizer, entre outros aspectos, que ali existe uma política voltada para a formação do professor indígena.

Pode-se afirmar que se trata de um comportamento fundado em convicções, que vêm amadurecendo no interior destas sociedades indígenas, e que estão

exercendo influência nas instituições sociais com as quais estas etnias se relacionam, conforme se depreende do relato de fatos recentes:

Atualmente, tanto os Arara-Karo como os Gavião-Ikolen lutam pela manutenção da terra, no sentido de assegurar projetos que contribuam com sua sustentabilidade. Os docentes destas etnias atuaram de forma decisiva junto à Fundação Universidade Federal de Rondônia, no sentido de assegurar a implantação de curso de educação superior em uma perspectiva diferenciada para os povos indígenas. Após elaboração do projeto do curso e sua aprovação, através do REUNI – Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais do governo federal, já ocorreu o primeiro vestibular indígena neste ano (NEVES, 2009, p.77)

Esta situação já se evidenciava, desde há algum tempo, conforme atesta documento do CIMI, datado de 2002:

hoje em suas escolas trabalham professores próprios que tiveram sua formação para o magistério indígena através do Projeto Açaí. Alfabetizam as crianças em sua língua materna. Apesar das dificuldades, os professores indígenas estão assumindo o papel de protagonistas neste processo (CIMI, 2002, p. 28).

Foi a partir da década de 80, sob a inspiração da União das Nações Indígenas (UNI) e do primeiro grande encontro de povos indígenas “Índios: Direitos Históricos”, realizado em abril de 1981, que os povos indígenas decidiram definir e autogerir seus processos de educação formal no Brasil.

Neste contexto, teve início o processo de discussão sobre o direito a uma escola diferenciada, capaz de conciliar a preservação de seus valores, conhecimentos tradicionais, sua língua e cultura com o direito de acesso a conhecimentos universais. (Projeto Pedagógico/Licenciatura em Educação Básica Intercultural, Depto de Ciências Humanas e Sociais, Campus de Ji-Paraná, UNIR):

O acúmulo de discussões ao longo dos anos resultou na criação do Núcleo de Educação Indígena de Rondônia – NEIRO, sediado na SEDUC, como um Fórum constituído por diferentes instituições.

O NEIRO esboçou um Plano de Ação Preliminar e a partir daí foram realizados vários eventos, até a elaboração e execução do Projeto de Formação de Professores Índios – Projeto AÇAÍ, que foi o marco da educação escolar indígena no Estado de Rondônia.

A execução do Projeto AÇAÍ, a cargo da SEDUC, colaborou para atender a demanda de formação de professores indígenas, possibilitando gradativamente a ocupação de espaços nas escolas das terras indígenas. Os cargos de docência passaram a ser exercidos, na maioria, por profissionais das próprias comunidades.

A Proposta Pedagógica do Projeto AÇAÍ centrou-se na valorização cultural e lingüística dos povos de Rondônia e na formação de profissionais que pudessem avaliar sua história, analisarem o presente e projetar o futuro de suas comunidades construindo junto com ela uma escola que refletisse seus anseios. (Projeto Pedagógico/Licenciatura em Educação Básica Intercultural, Depto de Ciências Humanas e Sociais, Campus de Ji-Paraná, UNIR, 2008, p. 17)

É desejo do povo indígena que a escola não seja um corpo estranho na comunidade, mas um espaço a mais onde se revitaliza a cultura, as práticas tradicionais e ao mesmo tempo espaço onde se adquire conhecimentos da sociedade envolvente, de acordo com a necessidade de cada comunidade (CIMI, 2002, p. 28.)

Tive que buscar estes conhecimentos, oriundos da sociedade envolvente das etnias participantes do projeto, para obter respaldo acerca da participação do professor indígena em atividades como o curso de Capacitação no NTE, oferecido aos professores indígenas pela SEDUC, no ano de 2006. Aquele curso constituiu atividades de muito impacto e criou expectativas; os professores ficaram ansiosos para inserir as novas tecnologias da informação e comunicação em sua aldeia, pois tal capacitação despertou a possibilidade do uso do computador ser útil para resolver problemas burocráticos do dia-a-dia, como por exemplo, fazer documentos para enviar à FUNAI. Entretanto, este curso significou apenas uma iniciação ao uso da informática.

Ao constatar a prevalência de interesse dos docentes indígenas em utilizar as TIC apenas instrumentalmente, durante minha pesquisa, promovi discussões que visavam sensibilizá-los e oferecer os subsídios que se evidenciavam como necessários naquele momento, em termos do uso pedagógico das TIC, porém, pelo viés do uso da tecnologia no contexto de uma prática educativa emancipadora.

Falo de prática emancipadora porque pretendo que superem a dimensão apenas instrumental do uso das TIC, para fazer parte de uma ação consciente e

transformadora da realidade, já que fundada na construção crítica de um novo saber- fazer por parte do docente indígena.

Como conseguir isto? Tenho clareza que, no decorrer apenas da experiência acontecida não existiria possibilidade deste caráter emancipador se consubstanciar. Considerei ser, até certo ponto natural, a atitude inicial dos indígenas de privilegiar a dimensão instrumental das TIC; isso porque, primeiramente, é preciso saber operar os equipamentos, fato para muitos deles inteiramente novo.

Trabalho com a hipótese de somente depois de algum tempo, é que irão internalizar um modo de se fazerem enquanto pessoas e cidadãos, contando com o suporte desta ferramenta de trabalho. Como todo processo educativo, considero que esta dimensão processual carece de tempo para surtir os efeitos desejados.

Conforme aí afirmei, necessita-se de tempo para que ocorra um *processo* de transformação do uso das TIC como ferramenta a serviço de um saber-fazer crítico, portanto, consciente e humanizante. Para Freire (1980, p.29):

(...) O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmistificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a “des-vela” para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante.

Tal transformação tem acontecido no contexto de uma relação com a sociedade envolvente que, hoje, é marcada pela busca de ruptura com uma postura assimilacionista, isto é, ruptura com a idéia convencional de integração, concebida e posta em prática pelo dominante. Significa, então, se empenhar na construção de uma convivência dialógica e, para isso, é preciso transformar as relações que se dão no contexto da educação escolar indígena.

No dizer de Neves (2009, p.163), a Constituição Federal de 1988 estabelece outro modelo de relação entre o Estado brasileiro e as sociedades indígenas, uma ruptura com a idéia de integração – que defendia que os povos indígenas deveriam ser incorporados à sociedade nacional – que significava o abandono de suas culturas: o de viver em um território específico, se expressar em uma determinada língua, ter o direito a uma culinária específica, entre outros.

A autora esclarece, então, que este instrumento legal assegurou o direito ao espaço e/ou contexto intercultural, de poder se expressar em suas línguas maternas e na portuguesa, de forma oral e escrita, bem como, a prerrogativa de viver em

territórios tradicionais, historicamente ocupados por estas populações, com acesso a políticas públicas de segurança, saúde e educação.

A educação escolar indígena, desenvolvida na Terra Indígena Igarapé Lourdes vem se orientando nesta perspectiva da interculturalidade: passa pela construção de processos de aprendizagens etnicamente diferenciados, que se aproximam do jeito de aprender e ensinar que os índios consideram mais adequados; um currículo que considera os saberes locais e universais, a partir da ótica e da seleção de seu povo e, sobretudo, com a condução destes trabalhos por membros das próprias comunidades.

Conforme afirma Neves (2009, p. 179-180):

Muito ainda precisa ser feito e pensado, mas os próprios professores e professoras indígenas, cada vez mais, ocupam os espaços que lhes pertencem: decidir os rumos desta escola tendo em vista as necessidades das populações, na permanente busca do diálogo intercultural em um contexto cujas relações de poder são tão assimétricas.

Uma vez conhecido o contexto sócio-histórico e cultural da pesquisa, passo a descrever como a mesma se deu, no próximo capítulo, onde exponho e discuto sua metodologia.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo explicito a metodologia utilizada para desenvolver a pesquisa. Isso se dá em 7 (sete) subtópicos, a saber: o contexto da pesquisa; a problematização; os objetivos da pesquisa; o tipo da pesquisa; os procedimentos de coleta e análise de dados; a implantação do Telecentro na escola indígena e os sujeitos da pesquisa.

Tal nível de detalhamento destina-se a oferecer uma visão completa, não apenas do problema, objetivos, tipo de pesquisa, procedimentos adotados e sujeitos da pesquisa. Considerarei importantes dois outros aspectos: descrever o contexto em que a mesma se deu com todos os impasses e dificuldades para este “mergulho” num mundo que não é o meu. Além disso, dar a conhecer a base física da experiência, que não existia, exigindo a implantação do Telecentro nas escolas indígenas onde se deu a pesquisa.

3.1 O contexto da pesquisa

Durante o desenvolvimento da pesquisa determinados fatores estiveram presentes, de maneira significativa, na realidade em que ela se deu.

Isso porque inúmeras dificuldades como, por exemplo, aquelas postas pela distância, condições da estrada e do veículo para deslocamento entre as comunidades indígenas e o município-sede do campus da UNIR, onde eu atuo, prejudicaram cronogramas, resolução de situações concretas, colaboração de técnicos, monitoramento de atividades. Documentando tais dificuldades segue uma sequência de fotos (Figuras 8, 9, 10 e 11) que retratam a rusticidade de pontes necessárias para o acesso às aldeias, os estragos provocados pelas chuvas, as árvores caídas ao longo das estradas, atoleiros em épocas chuvosas; tudo isso, às

vezes, exigiu longas caminhadas mata adentro atrás de recursos para a retirada das árvores e a retomada da viagem.

Figura 8: Ponte rústica na Terra I. Lourdes RO



Figura 9: Dificuldades no caminho para aldeia Arara



Figura 10: Travessia a pé para aldeia Arara



Figura 11: Ponte caída no acesso para aldeia Arara



A condição particular para o desenvolvimento dessa pesquisa reflete o que tais desafios representam para o conjunto da sociedade brasileira, em especial para a região norte do país. Do meu diário de bordo (Apêndice A) extraio, aqui, dois trechos que exemplificam o que afirmo neste início do tópico 3.1, relativo aos embates da implantação do projeto:

Primeiro trecho (segunda ida a campo)

Em fevereiro de 2009, retornei, para uma segunda ida a campo. Cheguei no domingo, à noite, e na segunda, pela manhã, dei continuidade às providências para os serviços de montagem que estavam todos por fazer.

- Com o *Manual de Recomendações para montagem de um Telecentro*, do Ministério das Comunicações fiz contato com o Sr. Vicente Batista Filho, Presidente da FUNAI, pois o MC exige que as portas e vitrôs tenham grades de proteção, tomadas para computadores e ar condicionado.

Uma das dificuldades do momento foi trazida pela duplicação da Ponte do Rio Machado (Figura 12 e 13); fechava-se a BR-364, usando-se somente uma pista da estrada, demorando, aproximadamente, quarenta minutos para atravessá-la.

O Sr. Vicente acompanhou a equipe até as aldeias, para definir, com os professores indígenas, o layout das salas, fazer a medição das grades de proteção e verificar quantas tomadas seria preciso. Chovia muito; fomos primeiro à escola Zavidjaj Xikombipóh, Aldeia Ikólóehj da etnia Gavião.

Os professores que estavam ali escolheram a sala que era para instalar o Telecentro de comum acordo e foram tiradas as medidas das grades. Enquanto isso era feito, moradores da comunidade começavam a chegar com muita curiosidade para saber o que estava acontecendo. Ficavam felizes em saber que em breve estariam conectados digitalmente.

Figura 12: Ponte sobre o Rio Machado antes da duplicação – Ji-Paraná/RO



Figura 13: Obras de duplicação da ponte sobre o Rio Machado – Ji-Paraná/RO



Dando continuidade ao planejado, fomos para a aldeia ITérap Iamaratxi, da etnia Arara, e fomos recebidos com a mesma empolgação, pois já estavam esperando desde a reunião que havíamos feito em dezembro. Agimos da mesma forma que na aldeia Gavião: solicitamos a presença dos professores e diante do

projeto de montagem solicitamos a escolha da melhor sala de comum acordo com eles e moradores da comunidade.

Um detalhe me chamou atenção: a sala era bem menor, com três “vitrôs”, uma porta e somente os cinco ventiladores eram como da outra. Ficou decidida a organização do espaço, fizemos as medições e fomos embora.

Andamos cerca de quinze km e... ficamos atolados, novamente! Escurecia e estávamos no meio da mata. O Sr. Vicente teve que voltar à aldeia e buscar socorro. Veio um pequeno caminhão, que, também, atolou. Retornaram à aldeia para buscar trator de esteira para fazer o duplo serviço: desatolar caminhão e caminhonete. Enfim saímos do atoleiro e chegamos de volta à cidade todos sujos de barro, por volta das 23h!

Segundo trecho (quarta ida a campo)

Saí para a aldeia Ykolén com a equipe, por volta de meio dia; a viagem foi uma nova aventura, com várias situações dificultando o acesso até as aldeias. Estradas ruins, pontes caídas (tivemos até que baldear da caminhonete para o caminhão dos indígenas (Figura 14); falamos, pelo rádio, com eles e marcamos a hora para esperarem por nós, na primeira ponte caída). Mas, nada disso tirava o nosso ânimo da viagem, nem a oportunidade de deslumbramento com paisagens maravilhosas ao nosso redor.

Figura14: Caminhão usado pelos pesquisadores e indígenas



As situações aí relatadas exemplificam, por um lado, as dificuldades postas pela realidade; entretanto, por outro lado, apontam para o entusiasmo e o interesse

dos indígenas com a implantação do Telecentro, o que foi fundamental para que eu acreditasse na viabilidade do que havia proposto.

Um fator foi muito significativo neste contexto: o senso de *comunidade* como responsável por tudo que acontece. Os indígenas se fortalecem com tal característica; discutem seus problemas e tomam decisões sempre no grande grupo. Eles se integraram conosco na solução dos problemas, contribuindo para sua superação e sucesso da experiência, ao trazerem para as situações o pensamento e opções das comunidades em que vivem.

3.2 Problematização

O objeto de estudo da pesquisa empreendida, além de trabalhar com a “conexão” das comunidades envolvidas com o mundo globalizado pela tecnologia, preconiza o respeito ao direito do cidadão indígena de acesso aos avanços científicos e tecnológicos da contemporaneidade. Assim pensando, cuidei de conduzi-lo pelo viés de um processo que vê a inclusão digital como aspecto que poderá propiciar a expressão da identidade individual, por meio do uso das tecnologias interativas, aspecto fundamental nas sociedades democráticas.

Tornou-se exigência metodológica, então, fazer acontecer uma “prática pensada” de modo que, fundando-se na reflexão, contribuísse para se consubstanciar o processo emancipatório pretendido por meio das atividades desta pesquisa.

Assim, a reflexão foi tomada como uma ferramenta analítica para construção da mudança necessária, buscada e desejada pela comunidade; os membros do grupo foram desafiados a tomar consciência acerca de sua própria condição, a questionar suas práticas e a identificar o que nelas existe de “desconexão” para, então, buscar transformá-las.

A *humanização pela tecnologia* constituiu-se premissa do estudo desenvolvido; trata-se de uma pressuposição que está na base dos objetivos propostos e que permeou toda a pesquisa. De natureza operacional, os objetivos específicos da pesquisa, uma vez alcançados, criam condições para que a tecnologia esteja a serviço da humanização dos sujeitos da pesquisa. Assim, tomei tal premissa como pensamento norteador, como valor mais amplo que poderá

continuar a inspirar propostas vindouras, portadoras de outros objetivos, em sequência ao processo de inclusão, instaurado neste momento.

Como pressuposição, não se reduz a um objetivo específico porque vai mais além; trata-se de opção por uma ação libertadora e emancipatória que não pode e nem tem como se esgotar no período de tempo que a busca de um objetivo de pesquisa supõe.

Diz respeito a um pensamento que remeteu pesquisadores e pesquisados para uma prática que pressupõe abertura em relação às crenças, valores, modo de ser e de fazer dos indígenas, o que não se “enclausura” num objetivo, mas, permeia e dá sustentação a todos os objetivos da pesquisa, refletindo a filosofia das políticas públicas inclusivas vigentes, de respeito, promoção e valorização humana.

Para tanto, desenvolvi a pesquisa com a consciência de que tal estudo faz parte de um debate muito mais amplo, com base na reflexão que os sujeitos sociais dos grupos em estudo estão alcançando, a partir da própria experiência; isso se deu de forma articulada com ampla revisão de literatura sobre os temas pertinentes à investigação para melhor compreender e participar deste debate.

Em síntese, este foi o problema que, norteou minha pesquisa:

Como desenvolver a inclusão digital dos povos indígenas da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná/Rondônia, fundando-se numa premissa de humanização pela tecnologia que viabiliza a emancipação deles em relação à sua condição atual?

3.3 Objetivos da Pesquisa

3.3.1 Objetivo geral

Compreender o processo de implantação e implementação de ambientes digitais nas aldeias da Terra Igarapé Lourdes (Ji-Paraná/Rondônia), como parte de um processo de inclusão digital das comunidades indígenas que ali vivem, numa perspectiva de emancipação.

3.3.2 Objetivos específicos

- a) Propiciar às comunidades indígenas a incorporação das TIC ao cotidiano das aldeias da Terra Igarapé Lourdes (Ji-Paraná/Rondônia), de modo que os artefatos tecnológicos possam agregar valor às atividades do seu dia-a-dia.
- b) Favorecer o acesso do povo indígena às tecnologias e informações do mundo globalizado, instrumentalizando-os para o uso das TIC.
- c) Desencadear atividades em que as TIC constituam ferramentas cognitivas, através da interpretação da informação, do exercício do pensamento crítico e da construção de conhecimentos.
- d) Interpretar e compreender os significados que o indígena atribui às TIC, bem como, o sentimento que experimenta frente ao desafio da cultura digital.
- e) Verificar se os temas que emergem dos procedimentos/ instrumentos da pesquisa evidenciam a evolução de um processo emancipatório, que caracteriza a *humanização pela tecnologia*.

3.4 Tipo da pesquisa

Num sentido amplo, pode-se falar de três aspectos com os quais me preocupei no decorrer da pesquisa:

Interação efetiva e abrangente entre pesquisadores e pesquisados, desde a fase exploratória, o que gerou a concepção do projeto.

Planejamento e organização das atividades e aplicação dos instrumentos de pesquisa com ampla participação dos sujeitos envolvidos.

Adoção de comportamentos marcados pelo respeito à cultura indígena, seus valores, anseios e expectativas em relação às TIC, fundando-se na situação concreta da chegada das TIC na aldeia indígena.

Desse modo, a investigação desencadeada foi uma experiência relevante em relação às prescrições constitucionais vigentes, que buscam assegurar às sociedades indígenas uma educação escolar específica e diferenciada, intercultural e bilíngüe.

O significado da chegada das TIC nas aldeias indígenas em questão foi buscado, tendo-se como referência o universo de aspirações, valores e atitudes destes povos, o que é próprio da pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2007).

Neste tipo de pesquisa a situação é discutida e conhecida, não se pretendendo uma generalização como acontece quando a natureza da pesquisa é exclusivamente quantitativa. O pesquisador se preocupa, então, de acordo com Lüdke (1986) em saber o que pode ser aproveitado da situação descrita e investigada para outras situações semelhantes, ainda que não se possa considerar como uma verdade válida para toda e qualquer situação.

No contexto dessa abordagem considero que o estudo realizado se aproxima da pesquisa-ação. Thiollent (2005, p. 14) define a pesquisa-ação como sendo uma pesquisa realizada “em estreita associação com a resolução de um problema coletivo e na qual o pesquisador e participantes estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. Com isto se quer dizer que atores e pesquisador se integram

- em uma mesma estratégia de pesquisa para se apropriarem e/ou construírem conhecimento sistemático sobre a situação identificada;
- em uma mesma estratégia de ação para modificar uma dada situação. (THIOLLENT, 2005).

Sob a inspiração dessas premissas Morin (2004) entende que a pesquisa-ação tenha um objetivo emancipatório e transformador do discurso, das condutas e das relações sociais; porém, sem pretender apontar respostas, indica os possíveis caminhos para superar os desafios postos pela situação-problema, no caso, a inclusão digital de comunidades indígenas.

Recorrendo ainda a Thiollent (2005, p.16), reconheço na pesquisa realizada as características deste tipo de pesquisa, ou seja:

- ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada;
- dessa interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob a forma de ação concreta;
- o objeto da investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação; o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada;
- há, durante todo o processo, um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação;
- a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o

conhecimento ou “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.

Além dos objetivos específicos da pesquisa, o princípio participativo da pesquisa-ação e seu direcionamento para a ação também dizem respeito à formação para o exercício da cidadania. Lianza e Addor *apud* Addor (2005) qualificam esse aspecto do tipo de pesquisa desenvolvido como um

método científico contemporâneo para intermediar o diálogo do conhecimento técnico com os conhecimentos dos lugares, internos [...] ao território onde se encontra a comunidade, abrindo espaço para o surgimento de inovações sociais que propiciem a incorporação tecnológica incremental ou consensuada (Lianza e Addor , p.256 *apud* Addor, 2006, p. 16).

Fez parte, então, da pesquisa desenvolvida um processo reflexivo, sistemático, participativo e crítico, visando contribuir para a construção de conhecimento e de elementos práticos em termos de inclusão digital, ao intervir na realidade das escolas das aldeias indígenas da Terra Igarapé Lourdes.

3.5 Procedimentos de coleta e análise de dados

Adotei como um dos critérios básicos da pesquisa o “princípio da participação”: ele está na base do processo, nesta abordagem qualitativa de se fazer pesquisa. Além disso, entrecruzando-se com uma questão contextual mais ampla, esse critério vem ao encontro do princípio constitucional da gestão democrática da educação escolar, na medida em que, a inclusão digital indígena entra em interlocução com as decisões e opções específicas, valores, costumes, expectativas e interesses daquele espaço social e de educação.

Sob a inspiração da concepção assumida no estudo, essa participação efetiva dos sujeitos da pesquisa remete para a dimensão “emancipatória” das tecnologias da informação e da comunicação na construção do conhecimento, assumida como pressuposto da pesquisa-ação.

Num sentido amplo, como já apontei anteriormente, pode-se falar de três aspectos com os quais me preocupei contemplar no decorrer da pesquisa:

- a) Interação efetiva e abrangente entre pesquisadores e pesquisados, desde a fase exploratória, o que gerou a concepção do projeto.
- b) Planejamento e organização das atividades e aplicação dos instrumentos de pesquisa com a participação de toda a comunidade. Em meio ao diálogo com a realidade e com os sujeitos aprendizes é que uma dimensão da pesquisa – a formação da comunidade, de modo geral, e dos docentes, em particular – se concretizou. Negociações quanto às necessidades de implantação e implementação da infraestrutura (espaço físico e máquinas); entendimentos indispensáveis à resolução de imprevistos; decisões relativas à formação do grupo que haveria de participar das atividades propriamente ditas de formação (curso)... são exemplos da concretude do princípio da participação durante a realização da pesquisa, mais especificamente, da organização das atividades de formação, visando, a médio prazo, a de inclusão digital dos povos indígenas.
- c) Adoção de comportamentos marcados pelo respeito à cultura indígena, seus valores, anseios e expectativas em relação às TIC, fundando-se na situação concreta da chegada das TIC na aldeia indígena.

Utilizei um conjunto de procedimentos que viabilizou situações de interação com os sujeitos da pesquisa (docentes e não docentes).

No bojo das estratégias de formação, inicialmente, recorri à técnica didática “demonstração-desempenho” para socialização e verificação do conhecimento prévio, quanto à nomenclatura de componentes, ao uso dos equipamentos, ao desempenho de operações de informática básica demonstradas; a partir daí foram trabalhadas duas etapas específicas de aprendizado do uso da tecnologia.

Já, no que diz respeito ao contexto mais amplo da pesquisa, fiz visitas às aldeias quando, então, realizei discussões em grupo para obtenção de dados, nas quais cada participante expressava sua percepção, conhecimento, crenças, valores, sentimentos e atitudes sobre a experiência de implantação e implementação de ambientes digitais nas aldeias da Terra Igarapé Lourdes (Ji-Paraná/Rondônia), como parte de um processo de inclusão digital das comunidades indígenas que ali vivem:

- na coleta de dados da investigação, utilizei o recurso de gravação (imagem e áudio), fotos digitalizadas, além de observações realizadas pelas moderadoras e pelas observadoras nas sessões.

- para maior efetividade da coleta de dados e informações, adotei as seguintes técnicas:
 - a) Técnica da observação: usei a observação, auxiliada por meus monitores de pesquisa, que se integraram ao grupo. Isto nos permitiu efetuar registros pertinentes quando da discussão de fatos e relações que se estabeleceram com o objeto de estudo durante a pesquisa. Para tanto, os monitores da pesquisa foram, previamente, preparados para agirem com segurança em relação a: Por que observar? Para que observar? Como observar? Quem observar? O que observar? Os registros destas observações foram feitos através de fotografias, filmagem, gravação e relatos escritos atingindo o segmento de jovens da comunidade e dos docentes indígenas.
 - b) Técnica da entrevista: usei a *entrevista estruturada*, por e-mail, composta por questões abertas, direcionada aos docentes das comunidades indígenas; e a *não estruturada*, quando do desenvolvimento de atividades práticas, enquanto se socializava e testava conhecimentos, durante a segunda etapa de formação docente, em abril de 2010.

O material analisado foi constituído por gravações, registros de observações, textos construídos no processo de pesquisa, por meio de e-mails, blogs, etc (mais precisamente, no bojo das atividades de aprendizagem do uso das tecnologias, de modo que o objetivo dos sujeitos-aprendizes se prestasse aos objetivos do sujeito-pesquisador / Apêndice C e Anexos C e D).

Com este material em mãos, procurei compreender o processo pelo qual os sujeitos sociais da pesquisa, por suas práticas cotidianas, de modo geral, e pela sua participação na formação, em particular, estavam reagindo à chegada das TIC nas aldeias. Busquei desocultar interesses, expectativas, elementos facilitadores, restrições, preconceitos e dificuldades dos envolvidos em relação ao uso da tecnologia pelos sujeitos pesquisados.

Para analisar o material coletado durante a pesquisa, primeiramente os organizei segundo os procedimentos/ instrumentos utilizados. Depois, busquei temas relacionados e suas evidências em cada um desses procedimentos / instrumentos. Ao analisar esse material, trabalhei com os três temas mais freqüentes, que foram identificados em cada procedimento / instrumento utilizado.

Os conteúdos dessas fontes se intercomplementam e me permitiram identificar quais temas presentes na experiência vivida constituem o fio condutor do que foi possível conhecer, o que apresento e analiso no quarto capítulo.

Todas as atividades desenvolveram-se de maneira contextualizada, isto é, de forma articulada com a experiência e motivação dos indígenas e mediadas pelo diálogo com a pesquisadora e sua equipe.

Por meio do Quadro 2, proporciono uma visão geral desse processo de coleta de dados/informações da pesquisa.

Quadro 2: Visão geral dos procedimentos de pesquisa

Instrumento de Coleta	Objetivos do uso deste instrumento	Período em que foi usado	O que foi coletado
Roteiro de observação	Interpretar e compreender os significados visíveis e os latentes que o indígena atribui às TIC, bem como, o sentimento que experimenta frente ao desafio da cultura digital.	Maio/2009 a Abril/ 2010	Dados e informações do contexto pré-existente e pós Telecentro; sentimento de docentes e da comunidade indígena, de modo geral, acerca das TIC; elementos facilitadores e dificuldades relacionadas com o uso do computador.
Entrevista Estruturada	Interpretar e compreender os significados visíveis e os latentes que o indígena atribui às TIC, bem como, o sentimento que experimenta frente ao desafio da cultura digital.	Out/2009 a Abril/ 2010	Expectativas em relação à chegada das TIC; compreensão acerca da importância e significado das TIC para a comunidade indígena. Domínio de conhecimento introdutório em termos de uso do computador, da internet de modo geral e do e-mail.
Entrevista Não Estruturada	Interpretar e compreender os significados visíveis e os latentes que o indígena atribui às TIC, bem como, o sentimento que experimenta frente ao desafio da cultura digital. Verificar habilidades e competências no uso de diferentes recursos computacionais e da internet, bem como, da aplicação destes conhecimentos em sala de aula.	Abril/2010	Dados e informações do contexto pré-existente e pós Tele-Centro; sentimento de docentes e da comunidade indígena de modo geral acerca das TIC; elementos facilitadores e dificuldades relacionadas com o uso do computador; capacidade manifesta na construção deste tipo de conhecimento a partir da experiência de acesso às TIC; habilidades e competências didático-pedagógicas.

Foram discutidas diversas concepções nesta circunstância: a noção, importância e papel da pesquisa e do conhecimento na vida dos sujeitos e das comunidades; a concepção de tecnologia e de informação; o sentido da educação das gerações futuras e do papel do docente neste processo, a forma contemporânea de tudo isso acontecer, seus porquês e repercussões.

O alcance dos propósitos da pesquisa exigiu que os mesmos fossem verificados a partir de duas ordens de evidências:

a) a primeira, que diz respeito à *instalação de dois Telecentros*, um para cada uma das duas etnias; diz respeito a um fato comprovável por meio das fotos que constam das Figuras 15, 16 e 17, as quais atestam a instalação e funcionamento dos telecentros, fornecendo um registro documental do ocorrido.

Figura 15: Professor Indígena dá suporte para sua aluna



Figura 16: Professores Indígenas fazendo uso do Telecentro



Figura 17: Professor Indígena fazendo o uso do computador e câmera digital

b) a segunda, que observa evidências tais como a capacidade de operar o computador, acessar internet, comunicar-se virtualmente; obter e trabalhar informações, recorrendo-se aos recursos computacionais e à internet; desenvolver habilidades e competências relativas ao uso didático-pedagógico das tecnologias na sala de aula, no caso dos docentes. Foi buscada, por meio do conjunto de instrumentos que descrevi no quadro anterior. De modo especial, as evidências conceituais, atitudinais e procedimentais, implícitas nesta segunda ordem de evidências (relacionadas especificamente com o uso da informática seja no cotidiano das escolas seja no cotidiano das comunidades), estão consubstanciadas na criação e uso de e-mail, na criação, alimentação e acesso de blogs, na criação e uso do Orkut e nas produções diversas com o uso destes recursos da internet.

Todos os dados e informações coletados por meio dos instrumentos descritos foram discutidos à luz dos elementos referenciais teóricos (contidos no primeiro capítulo da presente tese) e complementados pela revisão de literatura específica, relativa à questão da educação indígena no Brasil.

Para tanto, todo o fenômeno foi discutido e analisado com a participação de todos os sujeitos envolvidos (equipe auxiliar da pesquisa, docentes e jovens indígenas), partindo do pressuposto de que o importante é a forma como estas tecnologias são apropriadas pelos docentes, seus alunos e pelas comunidades, discutir fazeres e saberes com os sujeitos da pesquisa, tanto nas visitas feitas às aldeias quanto no espaço das atividades para aprendizagem do uso da informática.

3.6 A implantação do Telecentro na escola

A investigação desenvolvida exigiu que procedimentos de pesquisa fossem conciliados com a necessidade de iniciação em informática dos sujeitos pesquisados como atividade de formação continuada desses docentes. Uma coisa dependia da outra para que se pudesse responder ao problema posto “Como desenvolver a

inclusão digital dos povos indígenas da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná/Rondônia, fundando-se numa premissa de humanização pela tecnologia que viabiliza a emancipação deles em relação à sua condição atual?”

Em meio ao diálogo com a realidade e com os sujeitos aprendizes é que uma dimensão da pesquisa – a formação da comunidade, de modo geral, e dos docentes, em particular – se concretizou. Negociações quanto às necessidades de implantação e implementação da infraestrutura (espaço físico e máquinas); entendimentos indispensáveis à resolução de imprevistos; decisões relativas à formação do grupo que haveria de participar das atividades propriamente ditas de formação ... são exemplos da concretude do princípio da participação durante a realização da pesquisa, mais especificamente, da organização das atividades de formação, visando participar da de inclusão digital dos povos indígenas.

Após a instalação dos equipamentos, docentes indígenas e jovens alunos-monitores participaram de um encontro no recinto do Telecentro. De início, realizei uma dinâmica em que foi dada uma visão geral do projeto, com o auxílio do sistema operacional software livre da Metasys. Na sala, onde ocorreram as atividades da dinâmica, as cadeiras foram disponibilizadas em forma de círculo para que houvesse uma maior interação entre os participantes; todos ficaram de frente uns para os outros para que nenhuma informação pudesse passar despercebida.

Depois de oferecer uma visão geral do Telecentro³, sua estrutura e funcionamento, propus aos indígenas as seguintes atividades para a semana que denominei de *Primeira Etapa de Formação Continuada*, que aconteceria no período de 13 a 17/10/2009 (Apêndice B):

- a) contato com a máquina, identificação dos componentes (CPU, monitor, teclado, etc), seqüência dos atos de ligar e desligar;
- b) criação de e-mail para cada participante, promovendo-se, em primeiro lugar, a troca de e-mails entre eles (Anexo A);
- c) pesquisa na internet, a partir da ideia de se buscar a informação sobre o significado do próprio nome para subsidiar a história de vida (Anexo B);

³ Espaços públicos providos de computadores conectados à internet em banda larga, para desenvolvimento de atividades por meio das TIC com o objetivo de promover a inclusão digital e social das comunidades envolvidas, conforme prevê o Programa Nacional de Apoio à Inclusão Digital nas Comunidades, do Ministério das Comunicações.

- d) elaboração e transmissão de e-mail para a professora-pesquisadora, contando a história de vida, como exercício (Anexo B);
- e) criação do Blog de cada uma das duas etnias para a divulgação cultural das mesmas (Anexo D);
- f) Orkut individual para cada participante;
- g) e-mail para a professora-pesquisadora: resumo, de caráter avaliativo da semana, mais uma sugestão/ indicação do que julgaram necessário para dar seqüência aos trabalhos num próximo encontro (Anexo C).

No meu diário de bordo, um relato detalhado dá a conhecer as idas e vindas da pesquisa, no momento preliminar de implantação dos laboratórios que se tornaram a infraestrutura da experiência vivida; apresento, a seguir, parte de tal relato:

Cheguei a tempo da reunião que foi realizada no auditório da Secretaria Municipal de Educação em Ji-Paraná/RO com os objetivos de realizar um balanço e avaliar a implementação do programa de implantação de tecnologias da informação nos municípios do território central, definir estratégias de ação para 2009 e fazer a entrega dos Laboratórios dos Telecentros.

O público-alvo era constituído pelas Lideranças Indígenas com os Prefeitos de vários Municípios e seus Secretariados, Representações de entidades (inclusive Fundação Universidade Federal de Rondônia-UNIR) e Técnicos de Instituições Estaduais e Federais.

Quando cheguei, a conversa tomou outro rumo em relação aos Telecentros; a Prefeitura estava conduzindo o evento de entrega dos laboratórios, como conquista política (político-partidária). Explicaram, então, que a Prefeitura foi somente intermediária, aceitando o Kit Telecentro no município, comunicando que se tratava de equipamento destinado a um projeto de doutorado de uma Professora do Campus da UNIR.

Terminada a Reunião, fiquei sabendo que estava acontecendo uma capacitação de Professores Indígenas em um órgão perto de Ji-Paraná. Fui tentar providenciar um carro junto à SEDUC-RO para que pudesse ir lá encontrá-los.

Com muita dificuldade de agendamento, o carro foi liberado para o outro dia, pela manhã.

Levantei cedo e aguardei este carro para ir ao encontro dos Professores Indígenas, pois o Curso aconteceria no Centro de Treinamento da EMATER-CENTRER. Este órgão fica entre Ji-Paraná e Ouro Preto do Oeste, mais ou menos a 20 km do município.

Chegando lá fiquei muito feliz porque estavam praticamente quase todos os professores indígenas das duas etnias Arara e Gavião, com os quais iria trabalhar. Conversei com o Professor que estava ministrando o curso e ele me disse que eu poderia realizar uma reunião rápida (Figura 18) com eles no horário do intervalo para almoço.

Figura 18: Primeira reunião com indígenas realizada em 12/2008 na EMATER.



E assim aconteceu. Reunimos num auditório bem amplo e bem instalado no CENTRER e conversamos, esclarecendo que haviam chegado os computadores e que, finalmente, um sonho de quase um ano atrás estava prestes a ser realizado.

- *Surgiram diversas perguntas como:*
- *Esses laboratórios estão vindo de onde?*
- *Quem está implantando nas Aldeias? (A Prefeitura e a FUNAI nos informaram que é mais uma conquista política da Prefeitura).*
- *Onde estão estes equipamentos?*
- *Porque ainda não chegaram às aldeias?*
- *Quando vão ser instalados?*
- *Quando nós vamos poder usar?*

Felizmente um dos Professores Josias Gavião, filho do Cacique Catarino Gavião, me ajudou a confirmar que este era um projeto do doutorado e que já havíamos conversado sobre isso há mais ou menos um ano atrás; eliminaram-se os motivos de dúvidas para eles.

Depois do esclarecido aproveitamos para pegar a carta-declaração de que estavam de acordo com a implantação das salas de tele-centros nas escolas das aldeias indígenas, para participarem do projeto de doutorado “Comunidade Indígena: Inclusão Digital e Identidade Cultural” proposto por mim e orientado pela Professora Maria Elizabeth de Almeida, da PUC-SP, do Programa Educação: Currículo. Todos os dezessete professores assinaram este documento coletivo.

Retornamos a Ji-Paraná e aproveitando o carro da SEDUC-RO fui à busca dos equipamentos. Passei na Prefeitura Municipal e fui informada que havia parte dos equipamentos no almoxarifado. Fomos até lá e encontramos somente o guarda; ele nos informou que ali estavam umas cadeiras e mesas, mas não sabia de onde vieram e nem onde deveriam ser entregues. Pedi para verificar, mas não tinha nenhuma etiqueta de patrimônio de algum órgão. Voltei à Prefeitura e ninguém sabia informar nada.

Procurei o Secretário da Fazenda que é nosso Professor Colaborador na UNIR; ele é quem nos falou que tinha alguns equipamentos na Fundação Nacional do Índio – FUNAI. Chegando lá procurei pelo Sr. Vicente, Presidente da FUNAI e ele confirmou que havia recebido alguns equipamentos e estavam em outro lugar, ou seja, na “Funaizinha” (Detalhe importante: até então o Presidente da FUNAI também não sabia de nada do projeto dos Telecentros e estava achando também que era projeto político da Prefeitura). Constatei a chegada dos mesmos, ficando tranqüila que já contava com os laboratórios para o estudo. Questionei sobre a montagem e fui informada de que, naquele momento, seria impossível fazer a montagem porque estava no final do ano e o pessoal estava entrando de férias. Diante da situação exposta combinamos que a instalação dar-se-ia, então, no início de fevereiro de 2009. Agradei e retornei para Minas Gerais.

Apenas instalar os Telecentros não seria suficiente para que eu alcançasse meus objetivos, voltados, em última instância, para participar de um movimento mais amplo de inclusão digital.

Seria preciso levar adiante, também, um processo, pelo menos, introdutório, de formação docente para o uso da informática como ferramenta pedagógica.

Tinha previsto um caminho que, entretanto, em contato com a realidade, precisei alterar; os primeiros diálogos já na comunidade indígena acarretaram as primeiras readequações, como explico em um dos trechos de meu diário de bordo...

De início, tive a pretensão de trabalhar apenas a relação específica entre a formação do docente indígena e o uso das TIC nas escolas das etnias Arara e Gavião...

No entanto, dois fatores condicionaram certa mudança de rumo em relação aos objetivos inicialmente postos no projeto da pesquisa:

Em primeiro lugar, a cultura indígena da decisão coletiva nestas aldeias influenciou a redefinição dos sujeitos sociais da pesquisa. Acontece que nas aldeias onde vivem as etnias Arara e Gavião, foi discutido e decidido pela comunidade indígena que não apenas os docentes deveriam participar desse processo de chegada das TIC nas escolas de cada uma, mas também, todos os jovens que estavam interessados na questão. De certa forma, já corria entre eles a informação de que as escolas indígenas seriam beneficiadas com salas de informática, em função do Programa de Implantação dos Kits de Telecentros, pelo Ministério das Comunicações.

Em segundo lugar, a chegada dos Kits de Telecentros nas aldeias foi uma novidade tão grande que despertou o interesse dos mais diferentes segmentos: crianças, jovens; idosos; homens e mulheres; lideranças e FUNAI, todos queriam conhecer os equipamentos e a proposta que, com estes recursos, vinha junto.

Nos trechos anteriores cito uma discussão que se deu no bojo de encontro acontecido em dezembro de 2008; naquele momento, após uma primeira apresentação do que estava por acontecer com a implantação das atividades relativas à pesquisa, tive a sensibilidade de ouvir os indígenas, discutir com eles minha proposta de estudo e, por fim, revê-la, conforme registrei em meus relatos do diário de bordo (Apêndice A).

Na ocasião, tive a sensibilidade de ouvir os indígenas e discutir com eles a proposta da pesquisa. Surgiu, então, uma contraproposta que tinham a fazer, em termos do uso dos computadores como mais uma ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem: como já disse, além dos docentes, a comunidade reivindicou que um grupo de jovens, muito motivados e interessados no uso de computadores e da internet, também a representasse nas atividades que estavam por iniciar.

A consciência do diálogo intercultural, hoje tão debatido, mas difícil de ser concretizado, manifestou-se neste momento. Com isto quero dizer que tenho clareza de que o propósito de uma interculturalidade emancipatória deveria começar pela atitude de acolher o desejo que a comunidade manifestava, o que me levou à redefinição dos sujeitos sociais da pesquisa e do curso do processo.

Repensei, a partir daí, o seguinte: de início, o que estava previsto era uma experiência focada na inclusão digital, via espaço restrito da instituição escolar, em decorrência de meus estudos teóricos e práticos anteriores, voltados para o currículo de formação inicial do docente indígena e de um trabalho de formação continuada para o docente indígena.

Em consequência do posicionamento da comunidade indígena, passei a trabalhar com a idéia de participação de jovens indicados pela comunidade, com o objetivo de atender suas expectativas de conhecer e usar a informática, mas também, de prepará-los para dar o suporte necessário ao docente indígena quando do uso pedagógico dos recursos computacionais.

Esta (re) opção, não só respondeu às expectativas e ao desejo da comunidade indígena, como também, veio ao encontro de uma necessidade do projeto. Isto porque uma vez implantado o Telecentro era necessário prover sua manutenção, que vai desde o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas com a montagem dos equipamentos até as que são relacionadas com cuidados e ações preventivas para o seu funcionamento regular.

Tudo isso condicionou a inserção de jovens no projeto; eles se tornaram monitores do Telecentro, inclusive colaborando com os docentes no planejamento, confecção e desenvolvimento de atividades na sala de informática.

A curiosidade, o interesse e a motivação do conjunto de cada comunidade foi fator significativo para as relações que estavam se estabelecendo; informalmente, determinados conhecimentos indispensáveis para os passos seguintes do projeto

foram sendo veiculados. Crianças, jovens, professores e lideranças perguntavam o tempo todo, queriam ver e saber uma série de coisas. Aproveitou-se este “clima” para se reiterar objetivos, cuidados, metodologia do projeto. Também foram sendo feitos acordos e cronogramas para a seqüência das atividades.

As condições objetivas (situação concreta em que eu iria atuar) foram identificadas tendo por base as observações e diálogos com o grupo de participantes do projeto; cheguei, então, a um perfil do grupo, de modo a dar início ao funcionamento do Telecentro.

Tratava-se de um grupo muito heterogêneo em termos de experiência com as TIC. Daí, a necessidade de trabalhar com alguns conceitos introdutórios, com a exemplificação da influência que a informática exerce na vida das sociedades de modo geral, ou seja, da dependência que passou a existir, hoje, nas mais diferentes áreas da vida contemporânea, a esta ferramenta tecnológica.

3.7 Os sujeitos da pesquisa

As atividades desenvolvidas ultrapassaram o ambiente formal de aprendizagem, ou seja, a escola. Pensada inicialmente, em termos de formação docente, a situação se modificou: o interesse da comunidade indígena, de modo geral, condicionou minha reopção de não restringir a pesquisa aos docentes indígenas, mas, de envolver jovens cidadãos das aldeias que manifestaram o desejo de participar, mantendo-se a escola como espaço de encontro e de acesso às tecnologias, indo além da idéia inicial de apenas trabalhar a formação de docentes para seu uso.

Conforme esclareço na introdução deste trabalho, a pesquisa destinava-se a trabalhar somente com os docentes da escola indígena; mas, a participação do coletivo das aldeias envolvidas gerou uma contraproposta de se inserir os jovens interessados na aprendizagem da informática. O diálogo que se estabeleceu naquele momento me levou a acolher a contraproposta dos indígenas e, assim, foi feita uma redefinição dos sujeitos sociais da pesquisa, com a vantagem de se solucionar uma questão de ordem prática que já se apresentava: quem daria suporte para a atuação docente no uso dos novos recursos na escola indígena?

O papel da coordenadora da pesquisa e da moderadora auxiliar (Ver Quadro 3) foi o de introduzir o assunto, colocar algumas questões pertinentes, favorecer e apoiar as aulas/ instruções de profissionais do SENAI, que participaram da primeira etapa das atividades, e, além disso, cuidaram para que os participantes não se afastassem do tema proposto.

As auxiliares de pesquisa, enquanto observadoras, responsabilizaram-se pelo registro do processo de observação em três etapas: abertura, em que o observador se coloca de forma a registrar o mais fielmente possível todas as informações; o desenvolvimento, no qual o grupo começa a se posicionar frente ao tema do encontro e, o fechamento, quando o grupo começa a formular uma síntese do ocorrido.

Contei, além disso, com a participação do acadêmico Endrio Afonso de Araújo – aluno do Curso de Sistema de Informações da ULBRA de Ji-Paraná – que, além de atuar como instrutor dos monitores-indígenas colaborou, também, fazendo registros com os materiais disponíveis: gravadora de vídeo com gravador de voz digital, mais máquina fotográfica digital, responsáveis pela transcrição das gravações de voz e digitação do material manuscrito.

As duas etnias Arara e Gavião têm um corpo docente formado por 19 (dezenove) professores indígenas, sendo um total de 07 (sete) da etnia Arara e 12 (doze) da etnia Gavião. Participaram do curso de formação continuada em inclusão digital 11 (onze) professores destas duas etnias, pois, nem todos tinham condição de fazer o curso, já que o mesmo coincidia com o calendário do curso de formação do Projeto Açaí.

Os participantes, professores das etnias Arara e Gavião das aldeias da Terra Igarapé Lourdes de Ji-Paraná/RO, tiveram sua formação de Magistério Indígena, nível médio, por meio do Projeto Açaí, da SEDUC-RO.

Dos 11 (onze) professores 9 (nove) são homens; à época da pesquisa o grupo tinha entre 27 e 35 anos; todos possuíam formação docente em nível médio por meio do Projeto AÇAÍ e oito deles freqüentavam a Licenciatura em Educação Básica Intercultural, da UNIR. Desses, predominou docentes do sexo masculino (9); professoras foram duas.

O Quadro 3, a seguir, proporciona uma visão de conjunto dos sujeitos da pesquisa.

Quadro 3: Sujeitos da Pesquisa

Sujeitos da Pesquisa	Quant	Etnia	Idade	Sexo	Função na pesquisa
1.Docentes indígenas	11				Profissionais em formação
• Amarildo Gavião		Gavião	30	M	“
• Célio Nakyt Arara		Arara	28	M	“
• Claudiney Xirirahv Gavião		Gavião	35	M	“
• Edemilson Muv Gavião		Gavião	27	M	“
• Iran Kávsona Gavião		Gavião	29	M	“
• Marli Peme Arara		Arara	34	F	“
• Roberto Sorabah		Gavião	33	M	“
• Ronaldo Nakaxin Arara		Arara	27	M	“
• Sandra Xân Arara		Arara	28	F	“
• Sebastião Kara`yã Gavião		Arara	31	M	“
• Zacarias Kapiar Gavião		Gavião	35	M	“
2.Jovens indígenas	10	Gavião/Arara		M/F	Alunos-monitores nesta experiência
3.Equipe de pesquisa					
3.1 Coordenadora: Professora Neide Borges Pedrosa	1				Responsável pela elaboração e coordenação do projeto; moderadora principal dos debates
3.2 Professora Renata dos Santos Luz de Oliveira	1				Moderadora auxiliar
3.3 Colaboradores					
3.3.1 Professor José Rosivaldo da Silva	1				Professor de informática
3.3.2 Acadêmico da ULBRA Êndrio Afonso de Araújo	1				Instrutor-auxiliar de montagem e manutenção de computadores e operador de gravação e filmagem
3.3.3 Acadêmicas- bolsistas da UNIR: Josilene; Raquel; Jéssica; Rozane; Vanúbia.	5				Auxiliares de pesquisa

O conteúdo do capítulo que aqui se encerra oferece informações básicas para a compreensão do que analiso no capítulo seguinte, quando trabalho os dados obtidos durante a pesquisa, por meio da qual foi mediado o processo de inclusão digital das etnias que vivem na Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná.

CAPÍTULO 4

ANALISE DO PROCESSO MEDIADOR DA EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO DIGITAL DOS INDÍGENAS DA TERRA IGARAPÉ LOURDES MUNICÍPIO DE JI-PARANÁ/RO

No primeiro capítulo dei a conhecer os elementos referenciais teóricos que nortearam a discussão deste estudo. Em seguida, apresentei um panorama de implantação das TIC, fazendo um diálogo entre o cenário brasileiro da cidadania indígena em construção, passando pelas necessárias informações básicas sobre os povos indígenas envolvidos na pesquisa e sua realidade particular, para, depois, conhecer e entender as circunstâncias da chegada das tecnologias nestas comunidades. No terceiro capítulo, descrevi a metodologia de investigação, isto é, como se deu a busca de resposta para o problema da pesquisa. Neste momento (quarto capítulo) é feita a análise dos resultados da experiência por meio da qual participo da mediação da inclusão digital dos indígenas da Terra Igarapé Lourdes.

Em busca de resposta para o problema posto...

Como desenvolver a inclusão digital dos povos indígenas da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná/Rondônia, fundando-se numa premissa de humanização pela tecnologia, que viabiliza a emancipação deles em relação à sua condição atual?

...procurei identificar evidências, em todo o processo, dos significados atribuídos aos diferentes momentos acontecidos, nas falas, nos saberes e fazeres presentes nas situações criadas durante a pesquisa, por meio de uma seqüência de exercícios de “prática pensada”, atitude esta inspirada no pensamento freiriano.

Para tanto, recorri aos registros das atividades, bem como, ao conteúdo dos materiais produzidos pelos professores e jovens indígenas com o uso do computador e da internet, tais como e-mails, blogs. Com esse material em mãos procurei compreender como estavam agindo e reagindo à chegada das TIC nas

aldeias. Era necessário conhecer o interesse, expectativas, elementos facilitadores, restrições, preconceitos e dificuldades dos envolvidos em relação a este fato.

Os dados e informações coletados são discutidos, nesta parte do trabalho, à luz dos elementos referenciais teóricos, contidos no primeiro capítulo, e complementados pela revisão de literatura específica, que contextualizou a questão da educação indígena no Brasil (segundo capítulo).

Os objetivos que nortearam a busca de resposta para o problema da pesquisa foram claramente definidos em função de um segmento diferenciado da sociedade brasileira: os povos indígenas, no caso, as comunidades indígenas Arara e Gavião que habitam a Terra Igarapé Lourdes em Ji-Paraná/RO.

Sem perder de vista essa especificidade e diferença, os dados coletados passam a ser analisados, discutidos e interpretados no presente capítulo.

4.1 Contexto da formação

A pesquisa desenvolveu-se a partir de um trabalho de formação docente, ministrado em duas etapas descritas nos subtópicos que se seguem.

4.1.1 Primeira etapa de formação continuada

Logo no primeiro encontro da “Primeira Etapa de Formação Continuada” (para Professores Indígenas) e a “Capacitação em Montagem e Manutenção de Computadores” (para Jovens indígenas), acontecida no período de 13 a 17/10/2009, apresentei a programação pensada, com uma linguagem simples; foi feita uma rápida demonstração, seguida de exploração tipo “mão na massa” pelos indígenas. Com a participação dos membros de minha equipe, desafiei a motivação dos participantes da reunião: como usar aquela ferramenta, como ligar e desligar o computador, como entrar num site de buscas e pesquisas, como trocar e-mail com os amigos, o que são blogs, qual a importância dos blogs para conhecer outras etnias.

Coloquei na lousa alguns sites conhecidos (como, por exemplo: www.funai.com.br; www.g1.com.br), solicitando a participação de alguns deles e auxiliando-os nesta primeira experiência de se conectarem à internet e de se usar os

navegadores. Liberados para o acesso, a maioria das escolhas recaiu em sites para ouvir música, para o Projeto Açaí (Capacitação para os indígenas de nível médio), futebol.

Trocamos idéias acerca do que esperavam da sala de informática. Fizemos alguns questionamentos a eles e perguntamos qual era a importância da inclusão digital para a aldeia indígena e como esse instrumento poderia beneficiá-los. As respostas foram variadas, alguns disseram que seria bom, pois assim poderiam ter mais acesso aos recursos ofertados pelo Ministério das Comunicações, entre outros órgãos que oferecem benefícios aos povos indígenas. Relataram ainda que a informática iria facilitar muito, pois, não precisariam ir pessoalmente a Brasília, ou mesmo a outras cidades, como Ji-Paraná, para captarem recursos para construir seu próprio material didático, produzirem e adequarem seu próprio currículo às suas necessidades na língua nativa.

Todos ficaram, visivelmente, empolgados com essa nova ferramenta para poderem utilizá-la em sala de aula, ter mais acesso ao mundo globalizado e maior contato com outras etnias. Alguns docentes indígenas já possuíam conhecimento básico em computadores, outros nem, ao menos, tinham conhecimento da existência dessa ferramenta tecnológica.

Estava implantada toda a infra-estrutura como se constata na documentação referente à implantação do Telecentro na Aldeia Gavião (Figuras 14, 15 e 16 do subtópico 3.1); os sujeitos envolvidos, sensibilizados e, previamente, preparados para o desenvolvimento do projeto. Este passava a ser o cenário particular da pesquisa, a ser executada nas comunidades indígenas da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná/RO.

Trabalhei sempre com a preocupação de contribuir para que o coletivo de cada comunidade fosse capaz de, mais adiante, se conduzir autonomamente, no uso destes recursos no seu meio.

A equipe de pesquisadores estabeleceu uma relação-de-ajuda com o grupo de educadores indígenas para a criação de um blog, de e-mails e Orkut e o aprendizado da consulta à internet. Uma vez criados os e-mails de cada um e, tendo treinado os procedimentos de acesso à internet para realizar pesquisas, foi proposto a eles o trabalho “história de vida” que, depois de pronto deveria ser encaminhado para a pesquisadora, via e-mail e, além disso, postada no blog.

Com os jovens monitores, o instrutor do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) deu início à capacitação para montagem e manutenção de computadores.

Destaco, a esta altura do relato, que os dois processos (com os docentes e com os jovens monitores) foram conduzidos sempre num movimento de ação-reflexão- ação: fazer, operar a ferramenta, discutir o que foi feito; tornar a fazer com autonomia e, a partir da observação do que foi feito, segundo tenha sido acertado ou não, procedia-se ao desempenho de outro fazer que favorecesse melhor compreensão e apreensão de procedimentos.

As duas atividades paralelas a “Primeira Etapa de Formação Continuada” (para Professores Indígenas) e a de “Capacitação em Montagem e Manutenção de Computadores” (para Jovens indígenas) aconteceram no período de 13 a 17/10/2009, cujo relatório, elaborado pelas estagiárias e por uma colaboradora da pesquisa, elucida muitos aspectos que serão analisados neste capítulo.

Dei início a esta etapa com uma conversa informal sobre a pesquisa na internet que foram levados a fazer, a partir dos encontros quando da implantação da infra-estrutura do projeto, tendo como tema o significado de seus próprios nomes. Pedi para os professores falarem, não apenas dos significados pesquisados, mas também, acerca de como trabalharam esta atividade, na sala de aula, com seus alunos.

Consta algumas dificuldades pelo fato de alguns não gostarem do significado de seus nomes; o nome deles é escolhido de acordo com algum “acontecimento” havido com a criança ao nascer ou ainda quando pequena. Um dos professores indígenas é autor do seguinte relato:

Eu sou Sebastião Kara`yã Gavião, sou filho de Gavião com Arara. Portanto nasci e cresci na aldeia dos Arara por isso recebi o nome de Kara`yã Péw que significa “costela podre”. Meus parentes colocaram esse nome em mim porque quando eu era criança eu tive uma ferida na costela. Porém sou professor, trabalho há mais de dez anos na educação. Ao decorrer do meu trabalho aprendi muito como funciona os trabalhos dos não indígenas, consegui publicar um livro de mito do meu povo, ainda estou quase concluindo um dicionário na língua karo. Com minha entrada na Universidade eu pretendo pesquisar muito mais as histórias do meu povo para ser divulgado e preservado para eu as pessoas que ao conhecem índios possam reconhecer as

nossas culturas nacionalmente ou até internacionalmente. (Prof. indígena Sebastião Kara`yã Gavião – Out/2009)

Quando perguntei o que pensavam da implantação da sala de informática na aldeia e da formação de professores indígenas para o uso das TIC, manifestaram-se satisfeitos porque consideram que isto seria muito importante para ajudá-los a se comunicar com as demais pessoas, para aprenderem mais sobre outras culturas, para ter contato com os demais povos indígenas e assim poderem se unir na luta da valorização da cultura indígena, além do que esses recursos os possibilitariam ter um acesso mais rápido ao maior número de informações, auxiliando na elaboração de seus trabalhos pedagógicos em sala de aula.

Depois desta roda de discussão, como aquecimento, apresentei o conteúdo e as atividades desta etapa do curso:

- Conhecimento da ferramenta (mouse, estabilizador, CPU, teclado, monitor etc).
- Como fazer pesquisa na internet, através dos sites de busca de outros povos indígenas.
- Como fazer pastas para salvar (guardar) documentos.
- Descarregar fotos no computador, baixar músicas, salvar documentos em mídias móveis.
- Desenhar no Paint.
- Pesquisa da história do nome.
- Criação e troca de e-mail dos cursistas.
- Criação do Blog.
- Criação do Orkut.

Enquanto isso, em outra sala, o Professor José Rosivaldo da Silva do SENAI e Endrio Afonso de Araújo, acadêmico da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), ministravam curso técnico de montagem e manutenção de computadores, para alunos monitores indígenas (Figuras 19 e 20), com o objetivo de prepará-los para ajudar os professores na manutenção dos computadores, aprender como estas máquinas funcionam e dar suporte ao planejamento dos docentes indígenas no uso da sala de informática e, talvez, ainda propiciar oportunidade no mercado de trabalho para esses alunos monitores.

Figura 19: Professor do SENAI treina monitores



Figura 20: Jovens indígenas em treinamento para Montagem e Manutenção de Computadores



A duração de cada sessão não ultrapassava quatro horas em cada turno (trabalhou-se em três turnos); ao trabalhar com algo desconhecido para os indígenas, defini o tempo de cada sessão de modo a se conseguir interesse e participação do grupo por todo o período de trabalho e discussão. O ambiente escolhido foi a sala de informática da aldeia Iteráp, composta por 11 computadores do kit Telecentro e 22 cadeiras.

Enquanto numa sala uma das auxiliares de pesquisa dava apoio à professora pesquisadora, trabalhando com os docentes, em outra sala, a outra auxiliar trabalhava com estes jovens, dando apoio ao professor do SENAI, responsável por dois aspectos indispensáveis ao alcance dos objetivos do projeto: a montagem e a manutenção de computadores. A partir deste tema é que conhecimentos específicos foram levados a esse grupo pelos auxiliares de pesquisa e por profissionais do SENAI que participaram das atividades. Tal capacitação foi, festivamente, certificada pelo SENAI (Figura 21).

Figura 21: Certificação da capacitação em Montagem e Manutenção de Computadores



No período noturno, docentes e jovens aprendizes integravam-se num só grupo, fazendo “exercício”, ou seja, vivenciando experiências de uso do computador por meio de atividades já citadas (e-mail, blog, orkut, etc), prestando-se, de maneira imediata, para tirar dúvidas e reforçar o que se aprendia. Como isto já fazia parte do universo de experiências dos mais jovens, acontecia uma troca e um reforço para os docentes, integrando os dois grupos num só trabalho, o que viria a ser muito útil quando, mais tarde, a equipe de pesquisadores já não estiver atuando na aldeia.

Este período noturno constituiu-se momento por excelência para a coleta de dados da pesquisa. A pesquisadora, partindo da análise de situações acontecidas durante o dia, introduzia as questões que procurava elucidar em relação à chegada das TIC à escola/comunidade indígena, num movimento de codificação e decodificação destas situações.

Assim, em diálogo com o grupo de docentes, os debates foram norteados pelos objetivos mais amplos da pesquisa.

4.1.2 Segunda etapa de formação continuada

Por e-mail, procedi a uma avaliação da Primeira Etapa de Formação, no período compreendido entre uma e outra etapa. Os docentes responderam um questionário sobre a importância da criação dos e-mails, orkuts e blogs e também sobre o que esperavam para a próxima etapa do curso formação de professores em março de 2010.

Retomei as atividades, com o objetivo de consolidar e fazer avançar em conhecimentos e desenvolvimento de habilidades e competências no uso da informática, com a *Segunda Etapa de Formação Continuada* no período de 11 a 15/04/2010 (Apêndice B).

A abertura da segunda etapa teve início com a provocação de um primeiro debate neste momento da pesquisa. Tive por objetivo verificar a compreensão teórico-metodológica construída até aquele momento, bem como, retomar as atividades desenvolvidas anterior e introdutoriamente, em função do cotidiano da

escola indígena: o blog, a pesquisa em sites, a interatividade através de e-mails, entre outros aspectos.

Preocupe-me em aprofundar nossos diálogos com base nas seguintes questões: Qual a compreensão dos participantes acerca das TIC? O que os indígenas pensam sobre o que lhes foi oferecido? Com quais pressupostos analisam esta questão? Como vêm a instituição “escola” no seu meio hoje? Qual o papel do professor indígena nesta situação? E acerca do novo papel do professor e do aluno? Qual o papel das TIC na educação escolar indígena? E na vida da aldeia, de modo geral?

Essa segunda etapa de capacitação ocorreu durante o período da manhã, tarde e noite, com uma carga horária de 60 horas.

Neste momento, tive por objetivo motivar, instrumentalizar e fazer avançar o pensamento dos docentes indígenas para o uso do computador como ferramenta auxiliar da prática pedagógica escolar.

Solicitei aos participantes, de início, que opinassem a respeito do que seria visto nesta recapitulação e seqüência da formação, como sujeitos participantes que eram da construção de sua própria formação.

As atividades que definimos juntos para essa segunda etapa, em meio à recapitulação, foram:

- E-mail, Orkut, MSN e Blog das Aldeias.
- Pesquisa no Google; O que é Netiqueta; Conceito de Ética.
- Correio eletrônico: e-mail; como anexar arquivo e enviá-los como anexo.
- Orkut, Blog (pessoal): construção e postagem/ alimentação do mesmo, como utilizá-lo e para que serve.
- Open Office Writer (editor de texto): o que é, para que serve, como explorar as ferramentas que dispõem na confecção de histórias coletivas e em quadrinhos.
- Impressão: como imprimir/modo econômico; o que imprimir, quantas folhas e impressão.
- Kolour Paint: criação e ilustração das histórias coletivas.
- Concurso dos desenhos (escolha para ser estampada na camiseta).

A experiência no editor de textos se deu através de uma atividade na qual os professores teriam que concluir uma frase: “A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, etnias Arara e Gavião, proporcionou...” Foi estipulado que, a cada 3 linhas digitadas, os professores iam fazendo um rodízio de lugares (trocas) e cada um acrescentava a sua opinião. Coordenei uma reflexão coletiva e, ao mesmo tempo, um exercício de produção de texto com o uso da ferramenta computacional. Essa produção é apresentada no subtópico 4.5.2 e interpretada a partir dos temas emergentes explicitados no Quadro 8 desse mesmo tópico.

Concluída essa etapa da construção do texto coletivo, apresentei aos alunos-professores o *Kolour Paint* (programa para fazer desenhos e ilustração), pois os indígenas deveriam fazer a ilustração do texto, utilizando essa ferramenta. Depois de finalizada, a ilustração foi anexada a cada texto coletivo, salvando-se o mesmo com nome do indígena para, no dia seguinte, ser postado no blog. (Figuras 22, 23 e 24)

Figura 22: Desenho no kolour paint feito professor indígena



Figura 23: Desenho no kolour paint feito por professor indígena

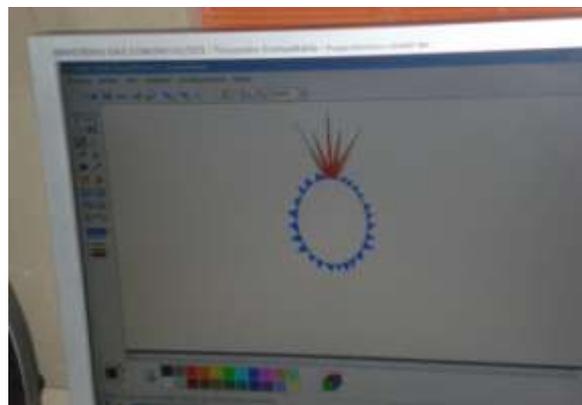


Figura 24: Professor Indígena faz pintura corporal concebida no kolour paint



O interessante é que, tão logo aprenderam a trabalhar com o *kolour paint*, tomaram a iniciativa de transferir essa aprendizagem para uma prática comum na vida deles: fazer pinturas corporais nas pessoas, utilizando produções com o *kolour point*; algumas delas podem ser vistas no Anexo G deste trabalho.

Foram postados nos blogs (Anexo D), além das histórias de vida e do nome, os textos avaliando a chegada das TIC nas aldeias. Estes textos foram ilustrados com produções com o *kolour point* conforme mostra o material do Anexo F. Conhecidas as etapas de formação desenvolvidas, por meio dos tópicos que seguem, procedo à análise dos dados nelas obtidos.

4.2 Análise dos dados da observação

Conforme descrevi no capítulo anterior (Metodologia da Pesquisa) um procedimento foi fundamental em meu desempenho como pesquisadora, bem como no de meus auxiliares de pesquisa: o da *observação*, tanto em relação à situação pré-existente quanto após a implantação e durante a implementação dos Telecentros nas aldeias.

Na interação com os sujeitos da pesquisa foram feitos registros das observações acontecidas, que constituíram “matéria prima” para o meu *diário de bordo*, acompanhados de fotografias e gravações que, uma vez transcritas, fundamentaram tal diário. A análise desse material fica mais facilmente visualizada no quadro que se segue.

Quadro 4: Temas emergentes das observações

Observações básicas registradas	Temas relacionados
A primeira reunião com docentes indígenas foi permeada por seus questionamentos, que voltaram à pauta em outras situações, tais como: Esses laboratórios estão vindo de onde? Quem está implantando nas Aldeias? Onde estão estes equipamentos? Porque ainda não chegaram às aldeias? Quando vão ser instalados? Quando nós vamos poder usar?	Expectativa dos docentes em relação à chegada das TIC
Nas aldeias onde vivem as etnias Arara e Gavião, foi discutido e decidido pela comunidade indígena que não apenas os docentes deveriam participar desse	Sentimentos de encantamento, expectativa, motivação e interesse da comunidade, de

<p>processo de chegada das TIC nas escolas de cada uma, mas também, todos os jovens que estavam interessados na questão. De certa forma, já corria entre eles a informação de que as escolas indígenas seriam beneficiadas com salas de informática, em função do Programa de Implantação dos Kits de Telecentros, pelo Ministério das Comunicações. A chegada dos Kits de Telecentros nas aldeias foi uma novidade tão grande que despertou o interesse dos mais diferentes segmentos: crianças, jovens; idosos; homens e mulheres; lideranças e FUNAI, todos queriam conhecer os equipamentos e a proposta que, com estes recursos, vinha junto. Por várias vezes aconteceram visitas aos Telecentros do cacique e das crianças, enfim, de toda a comunidade indígena. Um fato que demonstrava a satisfação e o encantamento com a possibilidade de um Telecentro funcionando dentro de sua aldeia.</p>	<p>modo geral, em relação à chegada das TIC</p>
<p>Nos diferentes encontros cuidei também de observar o domínio básico do uso da máquina: ligar, desligar, acessar internet, fazer busca e pesquisa, transmitir mensagem via e-mail: as habilidades relativas a esse domínio básico desenvolveram-se rápida e facilmente. No terceiro dia de atividade da Primeira Etapa de Formação foi possível observar que eles já apresentavam um bom desempenho, faziam suas pesquisas, entravam em seus e-mails e respondiam suas mensagens com facilidade. Somente em função de se editar textos a serem postados em blogs (Segunda Etapa de Formação), por exemplo, é que tiveram mais dificuldades, as quais eram superadas pela motivação e desejo de construir os blogs com vistas à divulgação de sua cultura, conforme manifestavam. Alguns deles demonstravam certa preocupação, pois achavam que era muita coisa para aprender em pouco tempo; procurei fazê-los entender que precisavam aprender primeiro o básico e que o restante eles aprenderiam com o tempo, na prática. Percebi que eles não tinham paciência para ler o que estava escrito nas páginas da internet; às vezes, ficavam olhando para a tela sem saber o que fazer, com vergonha de pedir ajuda. Repeti, sempre, que tivessem paciência e lessem as páginas para saberem qual seria o próximo passo a ser feito; caso tivessem dúvidas, podiam me chamar e aos monitores sem receio (são muito tímidos).</p>	<p>Habilidades e competência instrumental</p> <p>Autonomia no uso da máquina</p> <p>Emancipação (estágio inicial)</p>

<p>Além dessas situações, nas rodas de discussão dos diferentes encontros e das atividades sistemáticas de formação continuada, foram registrados sentimentos de alegria e de encantamento, interesse, reações aos eventos e temas debatidos, os quais evidenciavam forte receptividade às TIC. Enquanto a equipe se dirigia para a casa onde tomava banho e fazia seu lanche, observei que eles já estavam com seus lápis e cadernos nas mãos, alguns sentados nos bancos debaixo das árvores, outros pelos cantos a esperar o retorno da equipe para a sala de informática. Quando as máquinas eram liberadas, rapidamente, se ajeitavam em frente a elas e iam entrando em seus e-mails e orkuts sozinhos. No intervalo para o almoço era difícil convencê-los a sair do laboratório, alguns diziam não ter vontade de almoçar só para poder ficar mais tempo navegando pela internet. Quando terminaram de fazer os próprios blogs, eles vibravam de alegria; a emoção era sentida por todos, era um momento único. Anotei uma observação relativa ao principal motivo, alegado por quase todos, dessa alegria: o blog abriria as portas para eles mostrarem ao mundo que existem, que sua cultura é importante e que precisa ser respeitada.</p>	<p>Expectativa, motivação, significado e interesse em relação à chegada das TIC</p> <p>Temor, impaciência, dificuldade, falta de significado</p> <p>Autonomia e emancipação no uso da máquina e da internet</p> <p>Emoção</p> <p>Alegria</p> <p>Imersão</p>
--	---

Dos registros feitos, com base nas *observações* que permearam toda a investigação, emergiram *três ordens de temas afins entre si: sentimentos de alegria e encantamento, expectativa, motivação, significado e interesse em relação à chegada das TIC; autonomia e emancipação no uso da máquina; emoção e alegria.*

O primeiro conjunto de temas afins que mais se repetiu nesses registros *sentimentos de alegria e encantamento, expectativa, motivação, significado e interesse em relação à chegada das TIC* indica a pertinência da proposta de pesquisa, que definiu como um de seus objetivos específicos *propiciar às comunidades indígenas a incorporação das TIC ao cotidiano das aldeias da Terra Igarapé Lourdes, de modo que os artefatos tecnológicos possam agregar valor às atividades de seu dia-a-dia.* A prevalência desse tema deu destaque ao aspecto positivo do qual esta experiência se revestiu para os docentes e as comunidades indígenas, de modo geral, da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná.

Isso aponta para a importância das inovações tecnológicas no cotidiano destes povos, ainda que representem, neste momento, muito pouco, em relação ao que é demandado para fazer evoluir suas práticas e para a melhoria da sua

condição de vida. Pelo viés da cidadania, tal *expectativa, motivação, significado e interesse em relação à chegada das TIC* é coerente com as prescrições vigentes relativas ao exercício do direito de acesso à informação e ao avanço da ciência e da tecnologia.

Durante todo o processo de formação foi observado o que ficou evidente com os registros das observações, no que diz respeito ao tema relacionado *autonomia e emancipação* (o segundo *mais freqüente* de todos os temas que emergiram desses registros). Dos primeiros contatos e atividades aos momentos finais da pesquisa observou-se crescente domínio da máquina e das habilidades indispensáveis ao manuseio autônomo desse recurso, exigência que está na base da pretendida emancipação por meio da inclusão digital, ainda que não se possa falar que chegaram a um domínio suficiente para se dispensar continuidade do tipo de formação ministrado. Tal autonomia se revestiu, principalmente, de atitude de independência frente à pesquisadora e seus auxiliares no desempenho de atividades solicitadas, bem como, foi verbalizada quando se pronunciavam sobre o que esperavam para si e suas comunidades com o acesso às TIC.

E essa relação com as tecnologias gerou sentimentos de emoção e alegria tanto quando apenas respondeu à curiosidade em relação ao novo quanto ao se perceberem capazes de produzir, enviar e receber mensagens, fazer descobertas sobre a própria história, tomar consciência de si e do mundo por meio delas.

Tais observações foram complementadas e aprofundadas com a compreensão sobre os significados e sentidos atribuídos pelos indígenas às TIC, sobretudo, pelo uso das *“entrevistas não estruturadas”*, isto é, pelo conteúdo dos diálogos acontecidos em situações não formais das etapas de formação desenvolvidas, os quais desafiavam a reflexão e provocavam a manifestação dos sujeitos da pesquisa, como demonstro, a seguir.

4.3 Análise dos dados da entrevista não-estruturada

Seja por ocasião das visitas, antes e durante a implantação dos Telecentros, seja em meio às atividades práticas que os sujeitos da pesquisa desenvolviam nos laboratórios, determinadas questões eram, intencionalmente, postas nos diálogos informais que se estabeleciam com os indígenas. Com isso, eu procurava responder

à necessidade de se conhecer expectativas, percepções, sentimentos, possibilidades, atitudes, tendo em vista o alcance do objetivo específico de *interpretar e compreender os significados que o indígena atribui às TIC, bem como, o sentimento que experimenta frente ao desafio da cultura digital.*

Tendo observado, logo na chegada, a timidez e dificuldade dos docentes para se expressarem, fui obrigada a abandonar o uso do recurso da gravação e da filmagem. Os procedimentos de gravação e de filmagem não funcionaram. Então resolvi que a equipe iria apenas conversar com eles sobre determinados tópicos e fazer anotações. Daí que os extratos de falas contidos no quadro que se segue referem-se a registros feitos durante o que foi concebido originalmente como entrevistas não-estruturadas pela pesquisadora e auxiliares.

O que se obtinha nestes momentos foi registrado, assim viabilizando um conjunto de elementos (Quadro 5) os quais contribuíram para a interpretação final do estudo.

Quadro 5: Temas emergentes das entrevistas não-estruturadas

Dados registrados da entrevista não-estruturada	Temas relacionados
<p>Na primeira etapa de formação continuada, durante a discussão do programa de atividades e demonstração inicial do uso do computador, os sujeitos da pesquisa demonstraram interesse e facilidade para manuseio da máquina e uso, em termos de aprender acessar a internet. Demonstraram, também, compreensão do significado das TIC, alcance, utilidade e vantagens em relação ao modo de viver em que se encontram. Dadas as informações das quais se apropriaram, os professores indígenas interpretam que a chegada das TIC lhes dá possibilidade de mais acesso aos recursos do Ministério das Comunicações. Isso porque terão acesso a mais informações e porque, com a informatização de processos torna-se desnecessário se deslocarem até Brasília para captação de recursos. Além disso, citam vantagens para sua atuação pedagógica e para a produção de material didático na língua nativa, entre outros.</p>	<p>Habilidade e competência instrumental</p> <p>Autonomia</p> <p>Emancipação</p> <p>Percepção sobre as competências pedagógicas no uso das TIC</p>
<p>Deram destaque à possibilidade de se comunicarem com outras culturas e com os demais povos indígenas de modo a se unirem na luta pela valorização da cultura indígena, bem como, à possibilidade de terem acesso mais rápido a um maior número de informações.</p>	<p>Emancipação</p> <p>Identidade e interação Intercultural</p> <p>Acesso à informação</p>
<p>Durante as demonstrações acerca do uso do computador e discussões, manifestaram satisfação pelo fato de que</p>	<p>Autonomia</p>

<p>poderão, por meio das postagens no blog, e-mail, internet e orkut divulgar a cultura de seu povo para a sociedade não-indígena, sua historia escrita por eles mesmos e postada em sua língua materna. Percebi o desejo de ser tornarem independentes em todos os sentidos seja no econômico, político, social e educacional. O que todos esperam é poder andar com suas próprias pernas, não depender de intermediários cotidianamente, “<i>não precisar de autorização como se fosse filho pequeno (criança) pedindo para o pai</i>” como se expressou o Prof. Roberto Gavião. Ele foi um dos que proferiu desabafo indignados quando foi finalizada a leitura de um documento que seria enviado para a FUNAI, comunicando a ida dos professores Indígenas para um seminário em São Paulo.</p>	<p>Divulgação da cultura</p> <p>Percepção das TIC como ferramenta cognitiva</p> <p>Construção do conhecimento</p> <p>Emancipação</p> <p>Identidade cultural</p> <p>Pensamento criativo</p>
---	--

Nos diálogos antes referidos, aqui considerados *entrevistas não-estruturadas*, os sujeitos da pesquisa foram desafiados a se manifestarem, com a intenção de aprofundar na compreensão de suas percepções, sentimentos, atitudes.

Dos registros de tais *entrevistas* emergiram com maior frequência os seguintes conjuntos de temas: *autonomia e emancipação; acesso à informação, construção do conhecimento, percepção das TIC como ferramenta cognitiva; identidade e interação intercultural.*

Prevaleceu o tema *autonomia e emancipação*, fato indicativo de que os sujeitos da pesquisa reconheceram nas tecnologias da informação e da comunicação um instrumento capaz de contribuir para superar relações de dependência, contrariamente à condição histórica de subjugados e tutelados pela sociedade circundante.

E esta nova visão de mundo e de homem que já se anuncia é fator de humanização, pois extrapola as propriedades físicas dos materiais, equipamentos, recursos, bem como, suas características inovadoras, mediando a consciência crítica que liberta e está na base da opção por mudanças significativas na criação e recriação da cultura em que tais sujeitos se encontram imersos.

Na medida em que do conteúdo dos diálogos analisados emergiram temas como emancipação e autonomia mediados pelo acesso e interpretação crítica de informações, observei que as TIC funcionaram como ferramentas cognitivas, apontando para a viabilidade de, uma vez incorporadas ao cotidiano das aldeias,

desempenharem este papel de mediação da construção do conhecimento com eficácia, de forma mais rotineira e natural.

O acesso e a interpretação crítica de informações, evidenciados nesta busca de temas relacionados a partir da fala dos docentes indígenas, indicam que foi trabalhado o objetivo específico de *desencadear atividades em que as TIC constituam ferramentas cognitivas, através da interpretação da informação, do exercício do pensamento crítico e da construção de conhecimentos*, exigências para a humanização e emancipação destes povos.

Mas, para consolidar o ideal de humanização pela tecnologia com vistas à emancipação dessas comunidades em relação à sua condição atual, percebo que ainda são demandadas novas e seguidas oportunidades de acesso ao conhecimento e exercício do pensamento crítico no trato de informações das quais se apropriem, a fim de que autonomia e emancipação não se constituam apenas discurso.

Como terceiro conjunto de temas mais freqüentes constantes destes registros, a identidade e interação intercultural intercomplementam as evidências já mencionadas na medida em que, integrando-se criticamente ao meio em que vivem, os indígenas levam para a prática a perspectiva freiriana de cultura. Isto porque integração crítica significa interagir com o meio envolvente sem perder sua identidade, ou seja, percebo pelas evidências aqui analisadas que os sujeitos da pesquisa estão trabalhando no sentido de não se negarem a si mesmos nem se negarem à interação com o não-índio e com outras culturas.

Assim, se instaurou um diálogo entre o fazer humano, a realidade concreta e a história desses sujeitos, com momentos em que se experimentou criar e recriar sua cultura, ao mesmo tempo em que deram mostras da tomada de consciência da realidade mais ampla, agindo e desejando agir sobre esta realidade numa interação que não desconstrói suas trajetórias.

4.4 Análise dos dados da entrevista estruturada

A entrevista estruturada foi o instrumento por excelência, em termos de obtenção objetiva de dados. Isso porque foi o instrumento que mais ofereceu

“matéria prima” para se verificar o alcance dos objetivos da pesquisa. Segue o relato e análise de como foi utilizada.

Após a Primeira Etapa de Formação Continuada, pedi uma avaliação dos alunos- docentes, via e-mail, solicitando que respondessem às seguintes questões:

Questionário – avaliação

1. *Gostaria que vocês escrevessem um pequeno resumo contando a importância da capacitação, envolvendo criação do e-mail, Orkut e blog.*
2. *O que vocês esperam para a segunda etapa da capacitação em março de 2010.*

Agradeço, de coração, a cada um de vocês pela acolhida carinhosa na aldeia de vocês.

Abraços,

Profa Neide.

Enquanto, para eles, o objetivo seria o de manifestar sua reação frente à experiência que estavam vivenciando e o que esperavam na sequência das atividades, para mim, além deste conteúdo aí solicitado, neste momento do estudo estaria analisando o domínio e uso da máquina e da internet, por meio da troca de e-mails. O quadro 6, com respostas de nove docentes indígenas é que permite atingir esse objetivo (dois dos profissionais em formação não realizaram a atividade: professores Edemilson e Ronaldo).

Quadro 6: Temas emergentes das entrevistas estruturadas

Conteúdo de e-mails dos professores indígenas: avaliação da primeira etapa de formação	Temas relacionados
<p><i>Date: Wed, 21 Oct 2009 08:28:54 -0700</i> <i>From: irangaviao@yahoo.com.br</i> <i>Subject: Enc: capacitação</i> <i>To: neibp@hotmail.com</i> <i>--- Em sáb, 17/10/09, Iran Gaviao</i> <i><irangaviao@yahoo.com.br> escreveu:</i> <i>De: Iran Gaviao <irangaviao@yahoo.com.br></i> <i>Assunto: capacitação</i> <i>Para: neibp@htmail.com</i> <i>Data: Sábado, 17 de Outubro de 2009, 1:13</i></p>	

<p>1)Gostei muito da capacitação em computador, pois pela primeira vez que estamos tendo acesso a tecnologia. Eu nao tinha minimo de esperança de que um dia eu manuseasse esse instrumento misterioso de mexer. Nao tinha minimo ideia como ela funcionava. Agora atraves dessa capacitação eu aprendir como entrar no site. Foi importante aprender como entrar no site de busca para buscar informacoes. criei yahoo para min ficar ligado com as colegas que esta longe de mim. O orkut é importante na conquista dos de mais amigos,conquistar mais aliados. O blog é importante na divulgação das nossas culturas. Atraves deste podemos acabar com o preconceito e discriminação que sofremos. Podemos sugerir como queremos o nosso futuro. Tudo que aprender repassarei para os meus alunos para que eles tambem aprendam usar este instrumento. Pois eles que sao responsáveis pelo futuro. Por isso o computador é importante na formação de uma civilização mais transparente,mais justa e humanista. Me sinto no outro mundo quando estou no na internet .É um novo contato com a sociedade branca.</p> <p>2) Na proxima capacitação gostaria que reforçasse a mesma e como imprimir a atividade. Abraço e até a proxima..IRAN GAVIAO</p>	<p>Instrumentalização para uso das TIC</p> <p>Consciência da dimensão comunicacional das TIC</p> <p>Identidade cultural e diálogo intercultural</p> <p>Construção do futuro</p> <p>Compartilhamento</p> <p>Autoria</p> <p>Novos conhecimentos</p> <p>Uso pedagógico</p>
<p>Para Neide BorgesPedrosa De: Marli Arara Peme (marliarara@gmail.com) Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 22:56:13 Para: Neide BorgesPedrosa (neibp@hotmail.com) 2009/10/16 Neide BorgesPedrosa <neibp@hotmail.com></p> <p>1)Neste curso de capacitação eu aprendi a criar e-mail para busca informação,passar informação para outra pessoa que esta longe .A importancia do Orkut para mim como conhecer novos amigos .O blog para mim e como guarda os trabalhos como documentos,atividades dos alunos e para divulgar a cultura do povo arara , as historias, as danças .</p> <p>2)No proximo cursao eu quero aprender muito mais porque nesse curso não deu para aprender tudo porque é muita coisa para aprender. No proximo curso quero aprender a desenhar, pintar, e como elaborar uma prova os alunos. Marli Arara.</p>	<p>Uso pedagógico</p> <p>Leitura e escrita</p> <p>Pesquisa</p> <p>Instrumentalização para uso das TIC</p> <p>Consciência da dimensão comunicacional das TIC</p> <p>Organização</p> <p>Registro da história</p> <p>Identidade cultural e diálogo intercultural</p> <p>Acesso ao conhecimento</p> <p>Qualificação dos professores</p> <p>Resgate da autoestima</p>
<p>robertocastanheiraikolo@yahoo.com.br Para neibp@hotmail.com, jessicasonya@gmail.com</p>	

<p>De: Roberto Gaviao (robertocastanheiraikolo@yahoo.com.br)</p> <p>Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 23:04:05</p> <p>Para: neibp@hotmail.com; jessicasonya@gmail.com</p> <p>1)Durante os quatro dias que participei do curso de informática, gostei muito, porque nunca imaginava de um dia ter acesso a tecnologia dentro da própria aldeia, gostei muito da criação de e-mail e orkut e saber entrar nos sites para buscar informações através do mesmo. E também achei importante a criação do blog para que possamos divulgar nossa cultura e o nosso trabalho em sala de aula.</p> <p>O que estou aprendendo no curso pretendo repassar aos meus alunos para que assim como eu, eles possam ter conhecimento sobre o mundo da tecnologia digital. Tenho como objetivo divulgar nossa cultura para que esta seja valorizada e não mais discriminada e utilizar tudo que aprendi na capacitação com meus alunos os ajudarão a não ter vergonha da nossa cultura e assim continuar a manter nossa identidade viva.</p> <p>2)E espero que na proxima etapa do curso seja revisado tudo que estudamos além de podemos aprender também a imprimir meus trabalhos.</p>	<p>Instrumentalização para uso das TIC</p> <p>Dimensão comunicacional das TIC</p> <p>Identidade cultural e diálogo intercultural</p> <p>Acesso ao conhecimento</p>
<p>> Date: Fri, 16 Oct 2009 22:06:51 -0300</p> <p>> Subject: Re: avaliação</p> <p>> From: sebastiaoaviao@gmail.com</p> <p>> To: kekeu_fsilva@hotmail.com; neibp@hotmail.com></p> <p>> 1) essa capacitação muito importante para mim porque nunca não tínhamos ficado ligado no mundo aqui da Aldeia, essa capacitação também trouxe mais animos para nós que temos amigos longe,fazia muito tempo que a gente não se falava e acabei encontrando os meus amigos de volta pelo e-mail. Acredito que isso também vai servir muito para o nosso trabalho, para pesquisar buscar informações etc. a criação Orkut é importante para fazer amizade aproximar mais as pessoas que não conhece os índios e diminuir o preconceito. O blog por exemplo é importante para divulgar a cultura , os costumes e a tradição do nosso povo. O e-mail é para buscar informações se comunicar com os colegas , buscar mercado de trabalho fora da aldeia e assim por diante.</p> <p>> 2) espero que na segunda etapa da capacitação que a gente possa melhorar mais nossos conhecimentos e que possamos manusear os computadores com mais facilidade.</p> <p>> a implantação do laboratório é importante para nossos alunos terem conhecimento e armazenar as histórias do seu povo .</p> <p>> atentamente</p> <p>> Prof. Sebastião gaviao></p>	<p>Instrumentalização para uso das TIC</p> <p>Sentido social das TIC</p> <p>Dimensão comunicacional das TIC</p> <p>Identidade cultural e diálogo intercultural</p> <p>Acesso ao conhecimento</p> <p>Registro da história</p>

<p>> 2009/10/16 sebastião gavião <sebastiaogaviao@gmail.com>: > > ----- Forwarded message ----- > > From: Neide BorgesPedrosa <neibp@hotmail.com> > > Date: 2009/10/16 > > Subject: avaliação > > To: <u>sebastiaogaviao@gmail.com</u></p>	
<p>kapiaar@yahoo.com.br</p> <p>Para neibp@hotmail.com De: zacarias kapiaar (kapiaar@yahoo.com.br) Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 22:33:48 Para: <u>neibp@hotmail.com</u> foi muito bom este curso de capacitação informatica, todos os professores sao otimos para ensinar para nos professores indigena e muito importante os conhecimento das tecnologia agora nos podemos dizer que estamos acompanhando o desenvolvimento da globalização diretamente de nossas aldeias estamos muito alegre pelo privilejo muito obrigado querida professora Neide</p>	<p>Conexão com o mundo</p> <p>Instrumentalização para uso das TIC</p>
<p>sandra arara sandraarara@gmail.com Para Neide BorgesPedrosa De: sandra arara (sandraarara@gmail.com) Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 23:28:39 Para: Neide BorgesPedrosa (neibp@hotmail.com) 2009/10/16 Neide BorgesPedrosa <neibp@hotmail.com> 1)essa capacitação foi muito bom para mim e aprendi como criar e-mail para buscar informação e repassar e-mail. O orkut para mim é conhecer os novos amigos e também repassar os fotos para o orkut, e escrever recado para os colegas. O blog é para divulgar as historias e culturas do povo,e guarda os documentos e relatorio e trabalhos da gente .Eu 2)espero que no proximo capacitação eu quero aprender desenha e elaborar atividades do alunos .</p>	<p>Uso pedagógico</p> <p>Instrumentalização para uso das TIC nas atividades cotidianas</p> <p>Consciência da dimensão comunicacional das TIC</p> <p>Identidade cultural</p> <p>Organização de documentos</p> <p>Preservação da cultura</p> <p>Registro da história</p>
<p>Para Neide BorgesPedrosa De: amarildo gavião (amarildopiingaviao@gmail.com) Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 22:13:24 Para: Neide BorgesPedrosa (neibp@hotmail.com) Durante uma semana eu gostei muito a sua aula professora neide.Eu aprendi a importância da capacitação,como a criação do e-mail,orkut e blog ,espero que eu aprende mais outro etapa.O e -mail, orkut,eblog e muito importante para comunicar os seus amigos(as)e mandar a mensagem do outro.E também que outro</p>	<p>Instrumentalização para uso das TIC</p> <p>Informação</p> <p>Pesquisa</p> <p>Consciência da</p>

<p>(as) pessoa precisa mandar a mensagem do amigo. Nós preciso aprender a importância para divulgar a história do Gavião.</p>	<p>dimensão comunicacional das TIC</p> <p>Aprendizagem na vida</p> <p>Identidade cultural</p> <p>Registro histórico</p>
<p>2009/10/16 Neide BorgesPedrosa <neibp@hotmail.com> _Celio Nakyt Arara</p> <p>Para neibp@hotmail.com</p> <p>De: Celio Nakyt Arara (celionakytarara@yahoo.com.br)</p> <p>Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 22:50:50</p> <p>Para: neibp@hotmail.com</p> <p>Gostei muito do curso das professoras que me ensinou como fazer o e mail, orkut, blog o que vocês ensinou para nos foi muito bom vai ajudar eu na sala de aula para eu ensinar meus alunos como fazer e mail. Agora eu sei manda mensagem para os colegas. Espero que no proximo encontro nos aprendemos mais. Gostei muito mesmo do pouco que eu aprendi nesta capacitação. parabenido todos os participantes do curso professores Indigenas e não Indigenas. célio Nakyt Arara.</p>	<p>Uso pedagógico</p> <p>Preservação da cultura</p> <p>Instrumentalização para uso das TIC</p> <p>Consciência da dimensão comunicacional das TIC</p> <p>Registro da história</p>
<p>Claudiney claudineygaviao claudineygaviao@gmail.com</p> <p>Para Neide BorgesPedrosa</p> <p>De: Claudiney claudineygaviao (claudineygaviao@gmail.com)</p> <p>Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 21:30:48</p> <p>Para: Neide BorgesPedrosa (neibp@hotmail.com)</p> <p>durante o cinco dias a gente estamos aqui estudando de o curso de informatica. aprendi um pouco de importancia da capacitação, envolvendo criação do e mail, orkut e blog. e muito importante para minha comunidade e alunos (as). por isso que e muito importante pra nos ensinar melhor para nossos alunos como criar e mail, eorkut. por isso que nos professores esta praticando para ensinar melhor os alunos. para eles mada mensagem para o colgas deles. Oque que eu espero na proximo etapa de capacitação para aprende mais. eu abraço todos voces professoraum abraço</p>	<p>Informação</p> <p>Pesquisa</p> <p>Aprendizagem na vida</p> <p>Instrumentalização para uso das TIC</p>

Os conjuntos de temas afins que mais se repetiram na entrevista estruturada, realizada por meio de e-mails, foram: *instrumentalização para uso das TIC; consciência da dimensão comunicacional das TIC; identidade cultural e diálogo intercultural.*

A apropriação das TIC nas comunidades indígenas das aldeias em que desenvolvi a pesquisa antes da implantação do Telecentro restringia-se a algumas poucas mídias como TV, DVD e máquina fotográfica. A infraestrutura do Telecentro possibilitou um período de vivência do uso de novas tecnologias, desafiando o interesse de professores e jovens indígenas e indicando, pelo que pude observar, que sua efetividade carece de um processo mais amplo de amadurecimento pela prática.

A mediação ocorrida nos encontros se fundou na interação entre os conhecimentos sócio-culturais dos sujeitos da pesquisa e o conhecimento trazido com a chegada do Telecentro por meio da investigação desencadeada. Sem desprezar o conhecimento prévio, marca da identidade étnica de cada um dos docentes, foi oferecida a oportunidade de apropriação de novos conhecimentos o que possibilitou a construção de saberes conceituais, procedimentais e atitudinais, todos relacionados com o uso das TIC.

Dois objetivos específicos estão diretamente relacionados com a preocupação de instrumentalização dos indígenas para a incorporação das TIC no cotidiano das aldeias. São eles:

- a) Propiciar às comunidades indígenas a incorporação das TIC ao cotidiano das aldeias da Terra Igarapé Lourdes (Ji-Paraná/Rondônia), de modo que os artefatos tecnológicos possam agregar valor às atividades do seu dia-a-dia.*
- b) Favorecer o acesso do povo indígena às TIC do mundo globalizado, instrumentalizando-os para o uso das tecnologias.*

No uso da máquina, de seus recursos e da informação obtida por meio desse uso, foi possível visualizar o início de mudanças na *relação* entre o ambiente diferenciado de aprendizagem que ali se implantou, os sujeitos e a tecnologia.

Conforme está na base do pensamento dos diferentes autores estudados, o importante neste cenário é essa relação que acontece no processo de interação com o ambiente e com os recursos computacionais e da informação. Ficou evidente que a partir de um domínio prévio da máquina eles superaram o medo observado quando dos primeiros contatos com a mesma, superação esta reforçada pelo encantamento com as “respostas” dadas pela máquina e, sobretudo, com o envio e recebimento de e-mails.

Assim, interpreto a instrumentalização para o uso das TIC *na relação* com a consciência da sua dimensão comunicacional como fator de humanização e de emancipação. Cheguei a esta interpretação depois de constatar que, *identidade cultural e diálogo intercultural* foi o tema seguinte, em termos de freqüência, na avaliação que os sujeitos da pesquisa fizeram da primeira etapa de formação. Por que tal interpretação? Porque os sujeitos se apropriaram da máquina para uso com significado em seu cotidiano, desenvolveram habilidades necessárias para acessar a internet (portanto passaram a ter acesso à informação e ao conhecimento que a internet possibilita construir), entraram em diálogo com informações/conhecimentos/recursos que lhes permitiram se recriar e à sua cultura, mas, permanentemente, referiram-se à preocupação com a própria identidade. Ou seja, aceitam e desejam o diálogo intercultural como contingência da contemporaneidade, no contexto de um processo de integração crítica conforme analisei anteriormente (subtópico 4.3); tudo isso diz respeito ao *ser mais* freiriano (FREIRE, 1983).

O conteúdo desses primeiros e-mails permitiu, também, identificar o sentimento de confiança que experimentaram quanto à possibilidade de terem acesso ao conhecimento, apontando para uma nova visão de mundo e de si mesmo, por parte dos sujeitos da pesquisa.

O uso das tecnologias neste momento da vida deles não foi encarado apenas como preparo para uma situação futura como no caso da profissão dos mais jovens, mas, o foi com a preocupação de responder às demandas imediatas da construção de conhecimento: uns voltados para o conhecimento relacionado com o uso e manutenção da máquina, outros com a produção de seu material de trabalho.

O tema da identidade cultural está também ligado às necessidades imediatas relacionadas com a sobrevivência e preservação do povo indígena como portadores de uma história e cultura diferenciada, preocupação manifesta em quase todas as situações em que tinham oportunidade de se posicionarem.

4.5 Produções indígenas

No decorrer da primeira etapa de formação dos docentes indígenas, para conferir significado ao aprendizado de *pesquisa na internet* e *transmissão de e-*

mails, foi solicitado a eles que pesquisassem o significado de seu nome em site específico. Depois disso, deveriam redigir pequeno texto sobre si e o significado do próprio nome para ser transmitido, via e-mail, para a professora pesquisadora.

Em decorrência disso, surgiu este novo tópico onde procedo à análise do conteúdo de tais e-mails, referenciando-me pelos objetivos da pesquisa. (Tópico 4.5.1)

Já no decorrer da segunda etapa de formação dos docentes indígenas, outra atividade – a produção de um texto coletivo com o propósito de discutir a chegada das TIC nas comunidades indígenas – ofereceu também *matéria prima* para o mesmo tipo de análise (Tópico 4.5.2), de modo que essas duas produções didático-pedagógicas passaram a contribuir significativamente para o conjunto do estudo desenvolvido.

4.5.1 Atividade de pesquisa / transmissão de e-mail: história do nome

De início, tão logo foi ensinado como entrar num site de buscas e pesquisas mais a criação do e-mail, orientei os professores indígenas na pesquisa da origem de seus nomes (www.origemdosnomes.com.br), utilizando esta tarefa para conferir significado ao exercício que se pretendia desenvolver. Realizada a pesquisa, solicitei que enviassem para mim, por e-mail, a *história de vida* de cada um, a partir da explicação do significado de seus nomes. No quadro que se segue, identifico os temas que emergem de cada um destes primeiros e-mails que recebi dos sujeitos da pesquisa (todos desenvolveram esta atividade).

Quadro 7: Temas emergentes da atividade *história do nome*

Atividade de pesquisa/ transmissão de e-mail <i>história do nome</i>	Temas relacionados
<p><i>data;14 de outubro de 2009</i> <i>local;aldeia iterap .meu nome e amarildo gaviao ,eu moro no pertencia de municipio de ji,parana/ro na aldeia akova vaa.(cacoal).etambém estoutrabalhando na sala de aula para ensinar os alunos(as)de 1ª ,2ª e3ª series no disciplina de lingua materna,lingua portuguesa,matematica. geografia eciencias.queremos valorizar as nossas culturas que está com os nossos mais velhos.por ex;lingua falada,costumes, cultura tradicional.por isso que estou querendo aprender</i></p>	<p>Identidade cultural</p> <p>Registro da história</p> <p>Valorização da cultura</p> <p>Perfil do docente indígena: interessado</p>

<i>para registrar os nossos historia passado e de hoje.</i>	pela busca do conhecimento
<i>Meu nome é Célio Nakyt Arara o significado do meu nome é cabelo branco, louro, mais o significado do nome em português eu não sei. Eu tenho 28 anos nascido no dia 07 do 08 de 1981. Sou casado nome da minha esposa e Mariza Xagaropiwãu ARARA tenho 04 filhos muito queridos, tenho um filho querido por pessoas que conhecem ele. Ele se chama Romário ele é um amor de pessoa. Sou Professor trabalho há nove anos em sala de aula gosto de ensinar os alunos. Eu sou uma pessoa que tenho amizade com todo mundo que eu conheço, brinco muito gosto de cantar, tocar violão e também gosto de caçar, pescar e jogar futebol. Sou muito curioso das coisas boas, gosto muito de aprender com os outros colegas. E também passo para os meus conhecimentos para os meus colegas.</i>	Sentimento de afetividade Perfil do docente indígena: comunicativo Curiosidade Compartilhamento Colaboração
<i>inicie a minha historia .meu nome claudiney xirxirahv gavião moro na aldeia castanheira terra indigenas igarape lourdes .município de ji parana ro. 1999 comecei participar o projeto açai em porto velho a comunidade me escolheu para trabalhar na sala de aula como professor na aldeia passei quarenta cinco dias longe da minha familia.esse projeto me ajudou bastante e espessou minha lingua para falar em portuques corretamente e ate que me formando juntos meu colegas.</i>	Registro da história Perfil do docente indígena: preocupado com o domínio da língua do não-índio Expressão do pensamento Integração social e linguística
<i>Meu nome é Edemilsom Muv Gavião, sou professor da aldeia Tucumã, eu tenho 27 anos, nasci em 27 de julho de 1982. Moro na Aldeia Tucumã. Comecei trabalhar em 2002 como Educador na aldeia final da área. Também participei desde inicio do curso Projeto Açai. Eu me formei através do curso do Projeto Açai. Eu estou muito gostando meu trabalho. Eu já trabalhei em 3 escolas, em seguida esperava que acontecera vestibular indígena de Rondônia, para mim fazer tambem, mas eu não passei na prova de vestibular. Mas eu vou fazer mesmo ainda, isso é um futuro para nós indígenas de Rondônia.</i>	Perfil do docente indígena: interessado pela busca do conhecimento Projetos, sonhos
<i>Meu nome é Iran, sou naturalista indígena, da etnia gavião de rondônia. nasci na aldeia Igarapé Lourde localizada na terra indígena igarapé lourde. Tenho 29 anos, sou professor da Escola Zavidjaj xikovpípòhv situada na aldeia Ikólóéhj. comecei minha carreira de professor em ano de 1997. me</i>	Perfil do docente indígena: elevado nível de compromisso profissional

<p>formei professoratraves do projeto açai, coordenado pela SEDUC. durante 5 anos fui participando o curso de formação que acontecia 2 vezes por ano. concluímos o curso em 2004 e em 3 anos fomos enrolados pelo estado para poder receber nosso diploma. passando 3 anos, em agosto de 2007 recebemos diploma. Passamos 5 anos parados esperando o curso do ensino superior acontecer. Nada de acontecer, ninguém estava nem aí.</p> <p>Era nós que tinha que começar a discutir o principio do projeto do ensino superior para os professores indígenas. E esse projeto foi aprovado. " o projeto de licenciatura em Educação intercultural".</p> <p>Em ano de 2009 fizemos vestibular e foram aprovados 50 professores que irão fazer faculdade. Entre esses professores passei em 5º lugar.. Eu estou muito animado para fazer faculdade, para aprender mais para poder viver com mais segurança no meio da sociedade envolvente. Para ensinar os novos que virão para eles forma uma sociedade justa e de paz. esse é oo meu sonho; forma cidaddões que respeita que tem harmonia e sentimentos por outros. durante minha permanencia neste mundo estarei lutando a favor da civilização mais justa e humanista para o futuro da geração.</p>	<p>Inclusão social</p> <p>Criticidade</p> <p>Justiça social</p> <p>Motivação e interesse</p> <p>Motivação para aprender</p> <p>Emancipação</p> <p>Investimento na melhoria profissional</p>
<p>Me chamo Marli peme arara esse nome peme e nome de uma batata chado taioba que comemos assado e cozido dentro dela e amarela quem deu esse nome foi minha mae .por isso me chamo peme eu nao gostava meu nome porque eu achva feio .Mas hoje eu gosto por isso sou uma pessoa feliz .Sou casada tenho uma filha por isso sou uma pessoa muito feliz .Sou professora da minha aldeia dor aula para alunos de 2° serie 1°serie gosto muito do meu trabalho todo que eu faço e com amo .Eu nao sou uma pessoa mar gosto de brinca com meu alunos por isso que eu amo tudo que faço .Gosto de fazer macaloba e pesca tambem.</p>	<p>Perfil do docente Indígena: focada na dimensão local</p> <p>Sentimento de realização pessoal</p> <p>Afetividade</p> <p>Compromisso com o trabalho</p> <p>Amorosidade</p>
<p>Minha trajetória de vida</p> <p>Meu nome é Roberto Sorabah ,sou da etnia Gavião moro na aldeia castanheira Terra Indígena Igarapé Lourdes Municipio deJi-Paraná-RO .</p> <p>nasci no dia 24 de agosto no ano de 1976 na aldeia Igarapé Lourdes,sou professor da minha comunidade ,atuo há 13 anos na sala de aula.Comecei a minha história como educador no ano de 1997,participando do curso de capacitação de professores Indigenas promovido pelo IAMA. Após a minha participação deste curso fui indicado pela comunidade da aldeia castanheira para atuar na sala de aula .No começo da minha primeira experiencia na sala tive muita</p>	<p>Perfil do docente indígena: interessado na formação profissional de nível superior</p> <p>Liderança</p> <p>Criticidade</p> <p>Interesse pela formação</p>

<p><i>dificuldades nos planejamentos de aulas e de dialogar com os alunos. Fiquei trabalhando na sala sem formação nenhum .Até que no ano de 1998 começou a primeira etapa do projeto AÇAÍ para formar professores indígenas do estado de Rondônia ,onde participei e me formei através deste projeto. Esperamos 3 anos para receber diploma do projeto Açaí.Depois disto todos os alunos do projeto fizeram prova do vestibular , 50 alunos foram classificados e eu faço parte deste grupo ,sou futuro academico para cursar o ensino superior.</i></p>	<p>profissional</p>
<p>Minha Historia</p> <p><i>Meu nome é Ronaldo nakaxin arara o sequinificado é que minha mãe me colocava só delado e por isso que ela colocou este nome na lingua materna . E eu gosto do meu sobrenome ,moro na aldeia pajgap e sou profº dou aula para os alunos de 1ª a 2º seriés , gosto do meu trabalho e por isso que estou estudando mais para mim repassar o qeu aprendi no curso para os meus alunos.E eu moro com o meu pai e minha mãe ajudo eles na casa ,e não sou casado e gosto de fazer amizade com outras pessoas e conversar com os meus amigos .Eu fiz o projeto açaí em Porto Velho.</i></p>	<p>Compartilhamento</p> <p>Motivação e interesse para aprender</p> <p>Perfil do docente indígena: compromisso com o próprio trabalho</p>
<p><i>Meu nome é Sandra Xân Arara . E moro na aldeia iterap yamoraxu,sair da minha aldeia para participar do Projeto Açaí e agora sou professora na minha aldeia e trabalhou com os alunos de primeira e segunda série ,na sala de aula trabalhou com todas as disciplinas com os alunos e gosto de fazer jogos com os alunos para eles produzir pequenos texto e frases.</i></p> <p><i>Fora da sala de aula eu gosto de fazer artesanato como: brinco, colar, anéis e pulseira etc.Faço chicha também. Sou casada e tenho filhos.</i></p>	<p>Perfil do docente indígena: focada na dimensão local</p> <p>Autoria do aluno</p> <p>Criatividade</p> <p>Ludicidade</p>
<p><i>Eu sou Sebastião Kara`yã Péw Gavião, sou filho de Gavião com Arara. Portanto nasci e cresci na aldeia dos Arara por isso recebi o nome de Kara`yã Péw que significa costela podre. Meus parentes colocaram esse nome em mim porque quando eu era criança eu tive uma ferida na costela. Porém sou Professor, trabalho há mais de dez anos na educação. Ao decorrer do meu trabalho aprendi muito como funciona os trabalhos dos não indígenas, consegui publicar um livro de mito do meu povo, ainda estou quase concluindo um dicionário na língua karo. Com minha entrada na Universidade eu pretendo pesquisar muito mais as historias do meu povo para ser divulgado e preservado para que as pessoas que não conhecem índios possam reconhecer as nossas culturas nacionalmente ou até internacionalmente.</i></p>	<p>Perfil do docente indígena: elevado nível de compromisso profissional</p> <p>Identidade cultural</p> <p>Motivação e interesse para aprender</p> <p>Professor pesquisador</p> <p>Autoria</p>

	Diversidade Registro/ preservação/divulgação da história
<p><i>Conhecendo novo mundo da tectologia, quando comecei á primeira etapa do curso de formação para professores Indígenas; no inicio foi muito difícil mas nada quer pudesse barrar a minha vontade de aprender e conhecer meio tecnológico que gradativamente ia chegando meu conhecimento. Assim o tempo foi passando ate que um dia fui convidado para trabalhar na secretaria de educação, SEDUC Porto velho foi ai quer tive acesso as tecnologia de perto, assim fui percebendo a importância que tinha os computadores no setor de trabalho. Durante o tempo que fiquei trabalha na SEDUC fui observando muita coisas, assim aprendi como que burocracia dificulta os tramites legais das lei exemplo; dificulta o andamento dos processo das construções das escola indígena nas aldeias. Depois de alguns a minha, comunidade foi contemplado com os computadores pelo projeto tele-centro, com direito a internet. Assim nós os professores indgenas estamos se aperfeiçoando cada vez mais as tecnologias.[sou professor atualmente estou trabalha SEDUC no setor do indigenas como executor indigenista em <u>Ji-parana.RO.</u>] Zacarias Kapiar Gavião</i></p>	Perfil do docente indígena: força de vontade e empreendedorismo Motivação e interesse para aprender Interesse pela tecnologia Significado das TIC para a vida e para o trabalho Críticidade

A atividade realizada conferiu significado às atividades de pesquisa e primeira experiência no uso de e-mails por parte dos docentes indígenas. Da análise das mensagens recebidas, emergiram como conjuntos de temas afins: *sentimento de realização pessoal/profissional, compromisso/investimento na melhoria profissional, crescimento profissional como professor-pesquisador e pelo domínio das TIC, identidade cultural, registro/ preservação da história, valorização da cultura indígena; motivação e interesse para aprender.*

Em síntese, são duas ordens de temas relacionados a partir do conteúdo desses e-mails: os temas ligados à vida profissional (incluindo a questão da *motivação e interesse para aprender*, terceiro tema mais freqüente na apuração dos dados) e aqueles que se vinculam à identidade e à preservação cultural.

No primeiro caso, chama atenção o fato que os docentes foram desafiados a me passarem um e-mail com a própria história de vida a partir do significado de seu

nome. Isso foi feito, porém no relato das trajetórias pessoais preponderaram as referências à vida profissional, hoje marcada pela chegada das TIC às aldeias. Acredito que, por um lado, isso pode ter ocorrido em função da implantação e implementação de ambientes digitais na escola indígena; mas, por outro lado, foi possível observar a existência do compromisso voltado para a preocupação com o papel da escola indígena diferenciada, principalmente, porque, para eles, nela reside a possibilidade de preservar sua cultura.

No segundo caso, os temas vinculados à identidade e à preservação cultural reafirmam esse viés do compromisso observado, ou seja, o papel de uma educação indígena diferenciada.

Destaco, além disso, que essa atividade me forneceu, também, elementos para construir o perfil do docente indígena. Constatei a utilidade desta informação durante a análise dos temas emergentes, uma vez que, acontecendo bem no início da pesquisa, contribuiu para que eu conhecesse melhor o grupo com o qual iria interagir.

Sob esse ponto de vista, os temas relacionados mais freqüentes foram *elevado nível de compromisso profissional e interesse pela busca de conhecimento*, o que corrobora a primeira ordem de temas antes citada, isto é, aquela que diz respeito à vida profissional. Outros temas que se evidenciaram em termos de perfil do docente indígena foram: compromisso com o próprio trabalho, interesse na formação profissional de nível superior, preocupação com o domínio da língua do não-índio, força de vontade e empreendedorismo, personalidade comunicativa e compromisso com o que faz com foco, sobretudo, na dimensão local.

Os elementos que aí surgiram, confirmaram que os dados obtidos com este instrumento da pesquisa permitem afirmar que os docentes indígenas possuem elevado nível de compromisso com seu magistério e, mais do que isso, têm a clareza política de que tal compromisso envolve usar as TIC como recursos para construir conhecimentos que os resguardem de uma interação intercultural predatória.

Com isso quero dizer que os dados evidenciados pelo conteúdo ora analisado, articulados aos obtidos nos outros instrumentos da pesquisa, convergem para caracterizar a pesquisa desenvolvida como processo de *humanização pela tecnologia*, essência de todo movimento emancipatório.

Sinto necessidade ainda de completar o perfil obtido com dados que colhi oralmente, quais sejam: dos 11 (onze) professores 9 (nove) são homens; à época da pesquisa o grupo tinha entre 27 e 35 anos; todos possuíam formação docente em nível médio por meio do Projeto AÇAI e oito deles freqüentavam a Licenciatura em Educação Básica Intercultural, da UNIR.

4.5.2 Texto coletivo

Analisei, também, a *produção coletiva de um texto*, quando da experiência com o editor de textos. Com o tema “Inclusão Digital”, os docentes indígenas deveriam concluir uma frase que se iniciava assim:

A chegada dos computadores nas terras Indígenas Igarapé Lourdes, etnias Arara e Gavião, proporcionou...

Primeiramente, o tema foi discutido de maneira livre; depois, defini que, a cada três linhas digitadas, os professores deveriam trocar de lugar e acrescentar a sua opinião, construindo-se um texto sem escrever o que já havia sido escrito por outro. Somente depois de concluído um trecho inicial, que foi comum a todos os participantes, é que as idéias discutidas seriam trabalhadas individualmente para fechar o texto. Alguns neste momento preferiram primeiro rascunhar no caderno para depois digitá-lo no editor, ou seja, com mais cautela. De início, a dificuldade nessa atividade foi na hora corrigir uma palavra, como iniciar um parágrafo, acento, para iniciar outra linha abaixo. A dificuldade maior foi para formatar o texto, pois, isto demandava mais prática e familiaridade com a ferramenta.

Essas dificuldades, entretanto, não prejudicaram o surgimento dos elementos necessários para as análises pretendidas, conforme demonstra o quadro que se segue. Nessa atividade dois professores trabalharam juntos (Amarildo e Claudiney) e dois outros (Zacarias e Sebastião) não participaram da tarefa desenvolvida.

Quadro 8: Temas emergentes da produção de texto coletivo

Texto (introdução coletiva em negrito / complementando-a, produção individual)	Temas relacionados
<p>Trecho comum a todos os textos</p> <p><i>A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, etnias arara e gavião proporcionou para qualificar os conhecimentos dos professores indígenas</i></p>	<p>Construção e/ou acesso ao conhecimento</p>

<p>arara e gavião, através desta tecnologia estou adquirindo uma nova experiência, um novo conhecimento. Cada vez mais a gente aprende um novo conhecimento, por isso que estou participando deste curso. Porque é mais fácil aprender por meio de tecnologia as coisas que não sabemos.</p>	<p>Ferramenta cognitiva</p> <p>Aprendizagem pela experiência</p>
<p><i>Através da tecnologia podemos ouvir os acontecimentos do mundo. Também conhecer as história dos indígenas que vive em outros estados, como muitas vez agente ver no jornal muitas morte até mesmo nas universidades vimos violências. Podemos perceber que a realidade dos não indígenas são muito mais diferente. Através da tecnologia podemos monitorar os estados que mais destrói a natureza, muitas vezes quem é culpado são os índios, agora sabemos que não são só nós que destruímos a natureza. Nós que preservamos mesmo a natureza, onde existem floresta ainda é só nas Terras indígenas. E por isso queremos preservar a nossa floresta e proteger a nossa terra. Para que não aconteça destruição e desmatamento nas terras indígenas devem fazer fiscalização. (Prof. Roberto Sorabáh Gavião)</i></p>	<p>Conexão com o mundo e com a realidade circundante</p> <p>Consciência de si e do mundo</p> <p>Identidade cultural</p> <p>Cidadania</p> <p>Diversidade</p> <p>Compromisso social</p>
<p><i>A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, Etnias Arara e Gavião, proporcionou a facilitar para buscar os conhecimentos da globalização. A fazer produção de materiais para trabalhar com os alunos e comunidades para que juntos podemos conhecer outros povos e culturas diferentes. Com a cultura divulgada podemos conquistar nosso direito em cada instituições envolvente na questão indígena. Podemos chegar no conhecimento do mundo ganhando assim o respeito da sociedade branca. Pois, conhecendo que respeitamos e damos valor uns aos outros.</i></p> <p><i>Através disso podemos dar idéias como queremos o mundo. Através do computador e internet as pessoas comunica ao outro pessoas, envia o recado. Tecnologia nas aldeia vai facilitar a comunicação com outras etnias de outros estados brasileiros, trocar experiências com outros parentes, assim podemos conhecer outra realidade. A gente conhece outras pessoas só através do computador e internet.</i></p> <p><i>Mais fácil comunicar e conhecer outras pessoas através do internet. Por isso que a gente quer aprender mais ter acesso neste tecnologia, por que é muito bom ter computador na aldeia para fazer o trabalho da gente e também elabora as atividades dos alunos. (Prof. Iran Kávsona Gavião)</i></p>	<p>Conexão com o mundo e com a realidade circundante</p> <p>Identidade cultural e diálogo intercultural</p> <p>Autonomia e participação</p> <p>Consciência da dimensão comunicacional das TIC</p> <p>Instrumentalização para o uso das TIC nas atividades cotidianas</p>
<p><i>A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, etnias Arara e Gavião, proporcionou a essas comunidades novos conhecimentos através dos instrumentos que nunca tiveram na sua sociedade. Pela primeira vez estes</i></p>	<p>Construção e/ou acesso ao conhecimento</p>

<p><i>povos buscam informações do mundo através da internet assim também sendo conhecido pelo mundo. Os povos Indígenas precisam conhecer, aprender as coisas novas através do computador e internet para buscar os novos conhecimentos. Precisamos de curso para aprimorar os conhecimentos para que possamos repassar para os nossos alunos, também produzir atividades para desenvolver na sala de aula. Nos queremos ser habilitado a usar o computador para gente fazer os nosso planejamento e também elabora as atividades para os alunos. E importante também elabora pequenos projetos para nossa escola para manda um documentos pra funai seduc. A chegada da tecnologia na aldeia trouxe uma transparência de como estudar e conhecer o mundo para nós povos indígena. Este tecnologia terá um grande significado para nós pois será um grande suporte para o nosso trabalho, na preservação da nossa cultura e da nossa história. (Prof.Sandra Arara)</i></p>	<p>Ferramenta cognitiva</p>
<p><i>A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, etnias arara e gavião proporcionou importantes dos computadores para professores fazer o trabalho como planejamento. E para fazer as atividades dos alunos no computador. Não só para os professores e para as comunidades também. Isso e muito importante.</i></p> <p><i>Este computador é importante para gente pesquisar os conteúdos para ensinar nossos alunos, e também para buscar as notícias da educação. A educação não se aprende só na sala de aula faz parte da pesquisa, dos conhecimentos dos povos indígenas.</i></p> <p><i>A Educação se aprende também na prática, como por exemplo um menino pode aprender com o seu pai fora da sala de aula quando chega tem muito conhecimento. Estes instrumentos podem ser um estímulo para os alunos. Porque manuseando novo instrumento eles vão se sentindo mais avançados. Conhecendo o novo mundo. E importante aprender as coisas novas como tecnologia e internet para obter informações para mim ajudar na sala de aula. (Prof. Amarildo Piin Gavião e Prof. Claudiney Xirxirahv Gavião)</i></p>	<p>Conexão com o mundo e com a realidade circundante</p> <p>Consciência de si e do mundo</p> <p>Identidade cultural</p> <p>Cidadania</p>
<p><i>A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes etnias Arara e Gavião, proporcionou buscar o novo conhecimento como a sociedade não- Indígena como o estudo a internet. Os povos indígenas do Brasil precisam ser qualificados a ter acesso tecnologia, principalmente professores que atuam na sala de aula, para que possam ensinar os seus alunos. Por isso que nos professores Indígenas aprendem primeiro para que possam ensinar seu alunos em sala de aula. Importante que os alunos aprendem também a usar, o computador para que eles mesmo sabendo a usar o computador .Para eles aprendam escrever as histórias do seu povo no computador . E importante os alunos estudar internet para que eles ver o mundo. Através da pesquisa nossos alunos possam ter um conhecimento</i></p>	<p>Construção e/ ou acesso ao conhecimento</p> <p>Conexão com o mundo</p> <p>Instrumentalização para o uso das TIC nas atividades cotidianas</p> <p>Identidade cultural</p>

<p><i>melhor é importante que eles possam entender o que está acontecendo lá fora isso pode levar os alunos a preservar sua cultura. Fazer o aluno a valorizar mais sua cultura sua identidade como indígena de raiz. Isso para nos é um avanço que conseguimos ter acesso a internet na nossa aldeia isso significa que estamos adquirindo novos conhecimentos através da tecnologia só assim vamos gradativamente conquistando novos conhecimentos. (Prof. Celio Nakyt Arara)</i></p>	
<p><i>A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, Etnias Arara e Gavião, proporcionou, a comunidades e alunos a usar tecnologia e acompanhar os conhecimentos da globalização. Para os alunos aprender mais ter acesso na tecnologia para eles pesquisar. Para que os alunos juntos com mais velhos faça pesquisa sobre historias de outros povos para ter conhecimentos como cada povo de outras etnias, nossa minha concepção a tecnologia muito bom para conhecer outros povos que moram distantes da nossa região.</i></p> <p><i>A tecnologia é importante porque a gente recebe rápido noticia que ocorre como, por exemplo, noticia da Terra Indígena Raposa Serra do Sol que é nosso vizinho mas ainda é bem distante de nos conseguimos ter o conhecimento o que aconteceu. A tecnologia é muito importante para nós ficar informado. A gente precisa aprender para mexer a tecnologia para ensinar os alunos e comunidade. Através da chegada dos computadores nas aldeia vai facilitar na elaboração de atividades para os nossos alunos, projetos de sustentabilidades. Computadores é muito importante para o alunos ficar informado com outras informações. Por isso nós ficamos felizes porque temos computadores e internet na aldeia para trabalhar , e fazer atividades dos alunos e facilitando comunicações para outras pessoas.(Prof. Edemilson Múv Gavião)</i></p>	<p>Construção e/ ou acesso ao conhecimento</p> <p>Conexão com o mundo</p> <p>Cidadania</p> <p>Instrumentalização para o uso das TIC nas atividades cotidianas</p>
<p><i>A chegada dos computadores na Terra Indígenas Igarapé Lourdes, Etnias, Arara e Gavião proporcionou, aos professores fazer seus trabalhos e dos alunos como tirar xerox de textos. Isso facilitou na produção de materiais para trabalhar em sala de aula, também facilitou muito para os alunos, leitura e escrita, assim os alunos poderão pesquisar e coletar histórias antigas com os mais velhos da aldeia. Com a conclusão do programa inclusão digital, acreditamos que podemos mostrar a cultura para sociedade não indígena.</i></p> <p><i>Podemos ,através deste também eliminar o preconceito que nós sofremos com sociedade Brasileira . Também queremos aprender como que as pessoas faz projetos de sustentabilidades para nossa comunidade. Com a chegada dos computadores nas aldeia foi para qualificar os professores. O computadores chegada na aldeia para o professores pesquisar historia do povo. E para registrar a historia dos seu povo mais velho, para não esquecer, essa ricas historia do povo.</i></p>	<p>Instrumentalização para o uso das TIC nas atividades cotidianas</p> <p>Identidade cultural</p>

<p><i>Por isso que este computador foi muito importante para registrar as história dos nosso povo para nova geração. Nosso futuro e os nossas crianças por isso que é importante os alunos aprender a navegar na internet para eles registrar as historias de seu povo. Tudo que é do povo arara como festa ,danças ,comidas moradia ate mesmo as historias do cotidianos da sua aldeia . (Prof.Marli Peme Arara)</i></p>	
<p><i>A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, Etnias Arara e Gavião, proporcionou aos professores uma grande melhoria de trabalho e de levar os alunos a produzir materiais de seus conhecimentos com suas próprias mãos, isso motivou nossos estudantes a valorizar mais os seus estudos e ainda conhecer outras culturas e realidades diferentes.</i></p> <p><i>Para nos professores esse motivo tem um grande significado, esse significado é divulgar as nossas culturas e conquistar nosso espaço dentro da política da sociedade Brasileira. Para que as pessoas possam conhecer melhor um pouco da nossa cultura e da nossa história. Através disso possamos conquistar nosso respeito entre a sociedade envolvente.</i></p> <p><i>Por isso nós Professores queremos aprender para manusear o computador como fazer atividades dos alunos e como enviar o documentos. Através de via internet possamos divulgar as nossas atividades que estamos desenvolvendo nas nossas escolas,ou seja nas nossas aldeia. Para que outros profissionais sabendo o nossos trabalho, até outro povo indígena fora de Rondônia.</i></p> <p><i>Só assim gente pode ver os trabalhos dos colegas. Através da internet podemos conversa com os nosso colegas . Com essa conclusão não só podemos aprender manusear e fazer trabalho nas escolas, podemos ainda buscar conhecimentos com os profissionais de outros lugares para enriquecer nossos conhecimentos. Sendo assim podemos também reivindicar os nossos direitos para as autoridades e ainda diminuir o preconceitos que o mundo tem contra os povos indígenas.(Prof. Ronaldo Nakaxin Arara)</i></p>	<p>Construção e/ ou acesso ao conhecimento</p> <p>Conexão com o mundo e com a realidade circundante</p> <p>Instrumentalização para o uso das TIC nas atividades cotidianas</p> <p>Identidade cultural</p> <p>Cidadania</p>

Nos textos produzidos estes foram os três conjuntos de temas que mais se repetiram: *construção e/ ou acesso ao conhecimento, TIC como ferramentas cognitivas; conexão com o mundo e/ ou com a realidade circundante; identidade cultural.*

O tema prevalente nos textos em análise indica a pertinência de um dos objetivos específicos dessa pesquisa: *desencadear atividades em que as TIC*

constituam ferramentas cognitivas, através da interpretação da informação, do exercício do pensamento crítico e da construção de conhecimentos.

Basta reportar ao conteúdo dos textos produzidos pelos professores indígenas para constatar que, em nenhum momento aconteceu de os mesmos pedirem “programas”, “projetos”, “livros” adaptados para sua realidade ou como sugestões para seus trabalhos. Com muita naturalidade, os professores falavam da necessidade de “*estudar*”, de “*aprender*”, de “*usar o computador para aprender*”, de “*pesquisar conteúdos*”... com a intenção de “*produzir o próprio material didático*”, de “*planejar as atividades de sala de aula*”, de “*elaborar projetos para a SEDUC e para a FUNAI*”.

Os verbos utilizados nessas diferentes narrativas têm o sentido de atividade dos sujeitos, indicam novos “fazer” a partir da experiência proporcionada pela pesquisa. Da maneira como cada um se expressa fica evidente que um dado conhecimento foi mediado pelo uso das TIC; isso passa a viabilizar uma nova prática, um novo modo de ser e de agir profissionalmente. Assim é que se posicionam como sujeitos do processo, construtores do próprio conhecimento, na medida em que sempre afirmam:

“(eu) quero aprender para...”

“(eu) preciso produzir atividades que vão acontecer na sala de aula...”

“(eu) vou usar a informática para produzir material didático na língua nativa...”

Tudo isso evidencia, sobretudo, que os indígenas se colocam como sujeitos históricos de seu tempo capazes de mudar a própria vida.

Reportando às falas já descritas nas análises anteriores, ficou evidente que os docentes indígenas entendem que, para “conhecer” através dos recursos tecnológicos, é preciso ser o autor do processo que se desenrola: quem faz a pesquisa, produz o texto e discute e/ou transmite uma informação, trabalha imagens... ou seja, têm consciência de que como sujeitos deste processo não podem apenas se instrumentalizarem para o uso das TIC de forma meramente mecânica; este processo supõe agir-refletir-agir.

Isto tudo supõe desenvolver processos mentais, tomar iniciativa em termos de caminhos a seguir, aplicar conhecimentos autonomamente, elaborar e/ou reelaborá-los. Por isso, sempre falavam de si mais como “*aprendentes*” que como “*ensinantes*”.

Considero que ainda estão distantes de uma concepção do docente como responsável por liderar o repensar do projeto pedagógico da escola indígena; sob este ponto de vista específico, a maioria das atitudes e propostas do grupo limita-se, no momento, a conceber atividades que podem “ilustrar” suas aulas e enriquecer o desempenho em sala de aula quando o assunto é a prática pedagógica, isto é, quando se discute “ensinar” e “aprender”. É que a escola indígena é um projeto novo dessa sociedade e as TIC são vistas por eles como elementos importantes para sua cultura e sociedade, muito além do que trata a escola convencional. Mais do que isso, sabem que somente a incorporação das TIC no seu cotidiano, de maneira mais sistemática, poderá contribuir para a ampliação e aprofundamento, em termos do papel das TIC no ambiente de aprendizagem.

A conexão com o mundo e/ ou com a realidade circundante é o segundo tema que mais se repetiu nesses textos, seguido de perto pela *identidade cultural*.

A chegada do “novo” traz para o espaço das aldeias indígenas a possibilidade do *intercâmbio entre o local e o global*, entre outras culturas e sua própria cultura, e esse tema se torna significativo quando cruzado com o tema da *identidade cultural*; segundo Paula (2008, p. 68) não são as tradições, mas, é a diferença que ganha força nesta interação. Assumindo-se como sujeitos do processo os indígenas o fazem como sujeitos culturalmente diferenciados e querem se dar a conhecer como tal.

As análises de Paula (2008, p.63-64) confirmam procedimentos e atitudes desses sujeitos, quando a autora diz que a chegada do “novo” cria uma situação de resignificação da tradição indígena; a relação estabelecida faz com que aquilo que seria uma influência cultural permita valorizar as diferenças culturais, tornando-se fonte de sobrevivência dessa tradição e da própria sociedade indígena.

Nessa análise recorro a Sacristán (2007) quando o autor analisa o fenômeno da globalização na sua relação com a educação e aponta para o fato de que nessa interação ocorre um enfrentamento natural de busca de reafirmação de traços culturais, que conduz à superação das condições objetivas de exclusão.

Ao discutir o intercâmbio que se dá entre o cenário global e o cenário local, o autor citado considera que relações e interações aí presentes desafiam os sujeitos envolvidos nesta articulação a serem contemporâneos, mas, preservando sua tradição e cultura.

É o que a experiência da pesquisa permitiu observar, constatar e analisar nas etnias pesquisadas: a apropriação dos avanços contemporâneos ao mesmo tempo em que se preocupam em preservar sua tradição, o que leva à reafirmação de traços culturais, portanto, ao reconhecimento da diferença. Ou seja, à medida que a estas etnias foram oferecidos recursos que podem se converter em benefícios para a própria sobrevivência e preservação/resgate da identidade, todo um conjunto de acontecimentos se reveste de suas possibilidades libertadoras: os processos individuais de construção de conhecimento e os processos sociais de relações que se estabelecem e/ou restabelecem com comunidades indígenas e/ou com a sociedade envolvente.

Para aprofundar as análises feitas até aqui, recorri à abordagem da triangulação metodológica, objeto de minha discussão no próximo subtópico.

4.6 Triangulação dos temas emergentes do material analisado e discussão dos resultados

Para obter uma visão mais completa e abrangente do meu objeto de estudo, procedi ao que Cohen, Manion e Morrison (2000 apud Krüger, 2010) chamam de “triangulação metodológica”, isto é, “a utilização de dois ou mais métodos de coleta de dados” com o cruzamento dos dados neles obtidos. Assim, a triangulação observação, entrevista estruturada e entrevista não-estruturada me permitiu identificar os temas emergentes significativos para o estudo, na medida em que se constituíram “ocorrências” nesses três instrumentos básicos de pesquisa, somados aos instrumentos complementares (Produções indígenas/subtópico 4.5).

Com este material em mãos, procurei compreender o processo pelo qual os sujeitos sociais da pesquisa, por suas práticas cotidianas, de modo geral, e pela prática nas situações de formação, em particular, estavam reagindo à chegada das TIC nas aldeias, pela perspectiva de humanização pela tecnologia.

A busca de resposta para o problema que norteou a pesquisa se deu ao encaminhar o alcance dos objetivos específicos da investigação realizada:

- a) Propiciar às comunidades indígenas a incorporação das TIC ao cotidiano das aldeias da Terra Igarapé Lourdes (Ji-Paraná/Rondônia), de modo que os artefatos tecnológicos possam agregar valor às atividades do seu dia-a-dia.
- b) Favorecer o acesso do povo indígena às tecnologias e informações do mundo globalizado, instrumentalizando-os para o uso das TIC.
- c) Desencadear atividades em que as TIC constituam ferramentas cognitivas, através da interpretação da informação, do exercício do pensamento crítico e da construção de conhecimentos.
- d) Interpretar e compreender os significados que o indígena atribui às TIC, bem como, o sentimento que experimenta frente ao desafio da cultura digital.
- e) Verificar se os temas que emergem dos procedimentos/ instrumentos da pesquisa evidenciam a evolução de um processo emancipatório, que caracteriza a *humanização pela tecnologia*.

O quadro que se segue oferece uma visão, em síntese, dos temas que permitiram discutir o alcance desses objetivos. Tais temas foram agrupados por afinidade e/ou porque, embora estejam enunciados de forma diferente, tinham o mesmo sentido no contexto em que se tornaram evidentes.

Os temas identificados na *coleta inicial* da pesquisa referem-se ao conteúdo da “Atividade de pesquisa / transmissão de e-mail: história do nome” (Instrumento A), acontecida durante a Primeira Etapa de Formação Continuada no período de 13 a 17.10.2009 (subtópico 4.5.1) mais o conteúdo da Entrevista Estruturada (Instrumento B), utilizada para avaliar essa primeira etapa de formação (subtópico 4.4). Já os temas identificados na *coleta final* da pesquisa são aqueles extraídos da avaliação da Segunda Etapa de Formação Continuada, no período de 11 a 15/04/2010 (subtópico 4.5.2), por meio da produção de um texto coletivo (Instrumento C). Para completar o Quadro 9 – Visão de conjunto dos temas emergentes, na terceira coluna aparecem os temas mais presentes *ao longo de todos os momentos da coleta* e que foram obtidos por meio dos registros das

observações (Instrumento D) e dos registros (Instrumento E) de entrevistas não-estruturadas (respectivamente, subtópicos 4.2 e 4.3).

Quadro 9: Visão de conjunto dos temas emergentes

Temas que emergiram das análises (dispostos em ordem alfabética)	Identificação dos temas (momento / fonte)				
	Coleta inicial		Coleta Final	Coleta em todo o processo	
	Instrumento A	Instrumento B	Instrumento C	Instrumento D	Instrumento E
Autonomia/ autonomia no uso da máquina / autonomia no uso da internet / autonomia e participação					
Cidadania / compartilhamento / colaboração / compromisso social					
Competências pedagógicas no uso das TIC / uso pedagógico das TIC / qualificação profissional					
Conexão com o mundo e com a realidade circundante / Consciência de si e do mundo					
Construção e acesso à informação e ao conhecimento / TIC como ferramenta cognitiva / novos conhecimentos / informação / aprendizagem na vida e no trabalho / aprendizagem pela experiência					
Construção do futuro/ projetos, sonhos					
Criticidade					
Dimensão comunicacional das TIC					

Emancipação / estágio inicial de emancipação					
Expectativa, sentimentos de emoção, alegria e encantamento / significado, motivação, curiosidade e interesse da comunidade de modo geral / expectativas dos docentes em relação à chegada das TIC / sentimento de realização pessoal					
Expressão do pensamento / pensamento criativo / leitura e escrita / autoria / autoria do aluno / pesquisa					
Inclusão social / sentido social das TIC / integração social e lingüística / justiça social					
Identidade cultural / resgate, registro, divulgação e valorização da história e da cultura / preservação da cultura / interação e diálogo intercultural / diversidade					
Instrumentalização para o uso das TIC / habilidades e competências / habilidade e competência instrumental					
Liderança					
Ludicidade					
Organização / organização de documentos					
Perfil docente / formação do professor / compromisso com o trabalho/ imersão / interesse na formação profissional / investimento					

na melhoria profissional / motivação e interesse para aprender					
Sentimento de afetividade / amorosidade / autoestima / realização pessoal					
Temor, impaciência / dificuldade / falta de significado					

Dos temas que emergiram no estudo, um foi identificado em todos os instrumentos de pesquisa: *instrumentalização para o uso das TIC / habilidades e competências / habilidade e competência instrumental*; apesar disso, ele foi prevalente apenas na entrevista estruturada. Como condição *sine qua non* da inclusão digital, considero que se trata de uma situação a ser vista com naturalidade, pois, neste processo é indispensável desenvolver previamente certas habilidades e competências relativas ao domínio da máquina, sem as quais não se atinge o nível de apropriação necessária para o uso significativo para a vida do indígena e sua cultura.

O fato da repetição desse tema no conteúdo levantado em todos os instrumentos de pesquisa ser prevalente em apenas um (Instrumento B) evidencia que os indígenas não reduzem a inclusão digital à sua dimensão instrumental. Justifico essa análise pela ocorrência seguinte: em quatro dos cinco instrumentos (com prevalência em todos esses quatro instrumentos) foi significativa a emergência do conjunto de temas *identidade cultural / resgate, registro, divulgação e valorização da história e da cultura / preservação da cultura / interação e diálogo intercultural / diversidade*. Visualizo aí uma apropriação consciente, portanto, crítica das TIC, que permite superar a condição de oprimido e marginalizado indicando, especialmente, o alcance dos seguintes objetivos específicos da pesquisa:

- Propiciar às comunidades indígenas a incorporação das TIC ao cotidiano das aldeias da Terra Igarapé Lourdes (Ji-Paraná/Rondônia), de modo que os artefatos tecnológicos possam agregar valor às atividades do seu dia-a-dia.

- Favorecer o acesso do povo indígena às tecnologias e informações do mundo globalizado, instrumentalizando-os para o uso das TIC.

Entrecruzando esses dois conjuntos de temas aí analisados com os conjuntos que ficaram em terceiro lugar entre os que mais se repetiram *Autonomia; Emancipação; Construção e acesso à informação e ao conhecimento / TIC como ferramenta cognitiva / novos conhecimentos / informação / aprendizagem na vida e no trabalho / aprendizagem pela experiência*, considero existir elevado grau de coerência na situação investigada. Interpreto que os temas relacionados que emergiram do conteúdo dos diferentes instrumentos de pesquisa apontam para o fato de que a reafirmação de traços culturais se assenta na construção de sujeitos livres e autônomos que, para serem *incluídos* não precisam abdicar da diferença que lhes dá identidade. E mais: reconhecer, vivenciar e defender este posicionamento caracteriza a perspectiva emancipatória de uma educação indígena em busca de humanização pela tecnologia.

O estudo fundou-se numa premissa de *humanização pela tecnologia*. Possibilidades libertadoras estão presentes nos temas que prevaleceram e indicam que a apropriação e a incorporação das TIC ao cotidiano dos sujeitos da pesquisa pode vir a se constituir em uma forma de mediação emancipadora, buscada pela pesquisa.

Constatei que ao desafio da cultura digital posto pela experiência vivida, a partir da síntese que o Quadro 9 permitiu visualizar, as respostas dos sujeitos da pesquisa evidenciaram **indícios** de um processo emancipatório, que caracteriza a humanização pela tecnologia.

Humanizar pela tecnologia significa neste caso, também, construir uma identidade contemporânea, marcada por uma capacidade mais elaborada de se fazer e de saber-fazer, fatores que, para Vieira Pinto (2005) indicam que o homem se torna mais humanizado. Interpretando os textos produzidos pelos indígenas, constata-se este novo capítulo na vida das etnias pesquisadas: a consciência de que o uso das tecnologias na sua vida profissional e pessoal os insere de maneira cidadã no seu tempo, na sociedade circundante e, mais amplamente, no mundo.

Com essas análises é que, a seguir, fundamento as considerações finais do estudo realizado.

C **ONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo desenvolvido oferece elementos que poderão contribuir para a continuidade do processo de inclusão digital das etnias que vivem nas aldeias da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná / RO.

Partindo de concepções críticas acerca de três aspectos que constituíram o eixo de meu referencial teórico *Globalização, identidade cultural e educação; Educação e emancipação e Educação, tecnologias e inclusão*, procurei compreender o processo de inclusão digital que se desenvolveu nessas aldeias por meio da pesquisa realizada.

Isto se deu no contexto da *chegada das TIC* nessas aldeias; esse fato ganhou importância durante as análises feitas porque, na condição de novidade para aquelas comunidades, teve-se a impressão, num dado momento da pesquisa, que o foco estaria, exclusivamente, nos recursos tecnológicos e nos procedimentos relativos ao uso da máquina. Embora o comportamento da comunidade indígena, de início, tenha sido marcado pelo interesse nos artefatos tecnológicos, isso não prevaleceu.

Alguns elementos identificados sugerem um comportamento dos indígenas que tende muito mais para uma *integração crítica*, ou seja, uma inserção no mundo globalizado sem negarem a si mesmos. Não posso desconhecer as dificuldades reais de uma integração crítica de forma plena ou mais imediata, pois, além das barreiras culturais existem aquelas de ordem institucional no que diz respeito à educação escolar indígena.

Por isso reafirmo – com base nos diálogos com as lideranças e os docentes indígenas, transcritos no capítulo de análise dos dados obtidos – que, apesar dos dispositivos constitucionais vigentes se voltarem para a superação do assimilacionismo de sua cultura na sociedade brasileira, processos, condições concretas e tramitações próprias do sistema dificultam a caminhada de uma nova escola indígena.

Tais dificuldades podem ser exemplificadas com fatos ocorridos após transcorrerem, com sucesso, as atividades desenvolvidas com os docentes indígenas. Refiro-me aos blogs, produzidos com interesse e qualidade, os quais, por problemas técnicos de conexão, já se tornaram inativos. Soma-se a isso a situação deles ainda não terem atingido domínio suficiente das TIC para que se conduzam com a autonomia requerida para solucionarem seus problemas.

Fatos como estes demonstram o quanto a escola e o docente indígena carecem de oportunidade para construir a preconizada escola diferenciada, que resguarde e preserve a cultura indígena, o que pressupõe acesso ao conhecimento de forma autônoma, requerendo o apoio do diálogo intercultural.

Com isso se quer dizer que essa nova escola depende de uma ressignificação do seu saber-fazer; a implantação e implementação de ambientes digitais nas aldeias em questão constitui um passo neste sentido. A continuidade da formação acontecida está na base da ressignificação do saber-fazer pedagógico de seus profissionais e do desenvolvimento de habilidades e competências que foram desafios durante a pesquisa.

Uma situação específica me permite exemplificar o quanto este desafio surtiu efeito: o professor indígena Sebastião Kara`yã Gavião, inspirando-se na experiência vivida, já elaborou (com minha ajuda) um Projeto intitulado “*Preservação e Revalorização da Cultura do Povo Arara*” (Apêndice D), com o uso das TIC, tendo por objetivo preservar a cultura do povo Arara, ao proporcionar aos indígenas a recuperação de sua memória histórica, a reafirmação de sua identidade étnica e a valorização de sua língua e costumes, com o uso de recursos computacionais.

Com esse olhar é que participei da experiência de inclusão digital dos docentes indígenas das etnias Arara e Gavião nas aldeias da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná.

A pesquisa foi desenvolvida, norteada pela seguinte questão:

Como desenvolver a inclusão digital dos povos indígenas da Terra Igarapé Lourdes, em Ji-Paraná/Rondônia, fundando-se numa premissa de humanização pela tecnologia, que viabiliza a emancipação deles em relação à sua condição atual?

Os objetivos definidos para encaminhar a busca de resposta para o problema posto me permitem, aqui, enunciar algumas considerações em relação à

experiência de inclusão digital das etnias que vivem na Terra Igarapé Lourdes, no Município de Ji-Paraná-RO.

O alcance do objetivo geral “compreender o processo de *implantação e implementação de ambientes digitais nas aldeias da Terra Igarapé Lourdes (Ji-Paraná/Rondônia)*, como parte de um processo de inclusão digital das comunidades indígenas que ali vivem, com vistas à sua emancipação” foi desencadeado com a instalação dos Telecentros, situação concreta que viabilizou a experiência de inclusão digital das comunidades indígenas que ali vivem.

Sob o ponto de vista do primeiro objetivo específico da pesquisa “incorporação de artefatos tecnológicos às atividades do dia-a-dia dos indígenas” é possível afirmar que o projeto desenvolvido se prestou a reafirmar a importância e possibilidades de diferentes recursos tecnológicos na vida destas comunidades, mas, sobretudo a dar início a um processo de incorporação do computador e da internet pelas comunidades indígenas destas aldeias.

Assim é que, quanto ao segundo objetivo da pesquisa, a supracitada instalação dos Telecentros como ambientes digitais nas aldeias, deu oportunidade de trabalhar a formação docente e capacitação de jovens monitores, instrumentalizando-os para o uso de ferramentas contemporâneas em termos de acesso às tecnologias da informação e da comunicação próprias do mundo globalizado.

As análises que desenvolvi no quarto capítulo deste estudo evidenciam que as TIC estão sendo assumidas, e têm chance de crescer, como ferramentas cognitivas, favorecendo a interpretação da informação, o exercício do pensamento crítico e a potencial construção de conhecimentos (terceiro objetivo); neste sentido, chamou atenção o fato de que os instrumentos da pesquisa puseram em evidência a preocupação dos sujeitos envolvidos com um conjunto de temas – *identidade cultural / resgate, registro, divulgação e valorização da história e da cultura / preservação da cultura / interação e diálogo intercultural / diversidade* – que apontam para a clareza com que interagem com o novo. Ou seja, há indícios do desenvolvimento de uma apropriação crítica das ferramentas cognitivas, a elas não se subordinando, mas, a elas recorrendo em benefício da preservação de sua cultura.

O mais, importante, talvez, do processo ocorrido, vincula-se a essa constatação de que, em momento algum, os envolvidos no projeto demonstraram que estariam se afastando de seus valores, crenças e modo de ser por se aproximarem da inovação tecnológica. Pelo contrário, foram capazes de perceber que os avanços científicos e tecnológicos chegam ao cotidiano das aldeias e às suas escolas na condição de ferramentas que, longe de os afastarem de sua cultura, podem ser apropriadas e se constituírem um meio eficaz e efetivo de preservação desta cultura.

Mas, aqui cabe outra consideração: não foi fácil trabalhar tal percepção já que a pretendida inclusão digital do docente indígena é um processo complexo, no qual estão presentes atributos singulares próprios de uma cultura que privilegia uma tradição oral e um legado fortemente articulado com determinados valores e crenças.

A convivência com as comunidades indígenas onde se deu a pesquisa permitiu observar que enquanto tais atributos são, por um lado, fatores de preservação da identidade desses povos, por outro lado, podem constituir obstáculos para se identificar o que neles existe de “desconexão” dos seus princípios culturais e, por consequência, dificultar sua superação.

Ficou evidente que, mesmo assim, uma mudança se desenvolve em direção à importância atribuída a essa oportunidade de acesso às tecnologias e informações do mundo globalizado. Isso porque suas falas e comportamentos demonstram que reconhecem o fato de que essa interação fortalece os laços entre seus pares e com outros grupos étnicos e, assim, unidos, podem se fortalecer na luta por seus interesses e sobrevivência.

Um projeto dessa natureza indica que o significado da inclusão digital para essas etnias articula-se diretamente com sua preocupação de sobrevivência como povos portadores e com direito a uma cultura diferenciada ainda que motivados a se apropriarem dos avanços que a tecnologia e a globalização pode lhes proporcionar.

A motivação, as expectativas e o interesse demonstrados pelos sujeitos da pesquisa indicam, também, que é necessário investir na inclusão das instituições educativas das comunidades indígenas, pois, o acesso às TIC diz respeito ao direito de conhecer, de ser e de conviver do povo indígena.

Neste sentido, é preciso alertar que o uso das TIC pelas comunidades indígenas, como dimensão de um processo mais amplo de inclusão, não pode se atrelar ao modismo tecnológico. Norteando-se por uma visão crítica de homem e de mundo, na prática, precisa se fundar nos direitos fundamentais da pessoa: direito de acesso aos bens produzidos pela humanidade, direito de ser, de vivenciar sua identidade, bem como, de reconstruí-la em função da própria consciência e da própria opção.

Em conseqüência, considero que à reflexão que se procedeu por meio do estudo realizado é preciso dar continuidade ao processo de inclusão buscado, com uma avaliação objetiva das necessidades e dos anseios dessas etnias na reelaboração do projeto pedagógico de suas escolas, a ser realizada pelos próprios sujeitos que se pretende incluídos.

Para que as mudanças e necessidades identificadas reflitam escolhas desses sujeitos recomendo que eles participem, desde o início dessa ação, uma vez que eles têm direito à participação desde a elaboração da pesquisa em que se fará a avaliação aí referida, em coerência com as possibilidades libertadoras de uma humanização e emancipação pelo uso das TIC, desde o processo de avaliação referido, poderão ser proporcionadas formas de interação que podem estabelecer uma participação mais ativa e interpretativa por parte dos sujeitos em comunhão com o conjunto da sociedade mais ampla em que estão inseridos: a comunicação, a troca de dados, de informações e de experiências que caracterizam a interatividade propiciada aos utilizadores pelas TIC que lhes permitem estabelecer o diálogo tornar-se-á catalisadora de um processo de surgimento da nova educação indígena já proclamada institucionalmente.

REFERÊNCIAS

ADDOR, F. **A pesquisa-ação na cadeia produtiva da pesca em Macaé: uma análise do percurso metodológico.** Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção. COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

AFONSO, C. A. **Desenvolvimento humano e a apropriação das TICs em Pesquisa sobre o uso das TICs no Brasil 2005.** São Paulo: CETIC, 2006.

ALMEIDA, F. J. de. **Computador, escola e vida: aprendizagens e tecnologias dirigidas ao conhecimento.** São Paulo: Cubzac, 2007.

_____. **Paulo Freire.** São Paulo: Publifolha, 2009 a. (Folha Explica; v 81).

ALMEIDA, M. E. B. de. **Inclusão digital do professor: formação e prática pedagógica.** São Paulo: Editora Articulação, 2004.

_____. **Proinfo: Informática e formação de professores/ Secretaria de Educação à Distância.** Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2000.192 p. (Série Estudos de Educação a Distância, ISSN 1516-2079; v.13).

APPLE, M. W. **Ideologia e Currículo.** Tradução Vinicius Figueira. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BANIWA, G. dos S. L. Desafios para a execução de uma política pública municipal de educação escolar indígena: dois anos de experiência em São Gabriel da Cachoeira – AM In LOPES DA SILVA, Aracy; FERREIRA, Mariana K. L.(orgs.) **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola.** São Paulo: Global Editora, 2001.

BRASIL. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei No. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 23 dez. 1996. Ano CXXXIV, n. 248.

_____. Ministério da Educação. Universidade Federal de Rondônia- UNIR. Campus de Ji-Paraná. **Projeto pedagógico do curso de licenciatura em educação básica intercultural.** 2008.

_____. Resolução CEB/CNE Nº 3, de 10 de novembro de 1999. Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências. Câmara de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil,** Brasília, DF, 13 abr. 1999.

BURBULES, N. C. e TORRES, C. A. (org.). **Globalização e educação**. São Paulo: Artmed, 2004.

CÂMARA, M. A. **Telecentros como instrumento de inclusão digital: perspectiva comparada em Minas Gerais**. 2005. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Ciência da Informação da UFMG, Belo Horizonte.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade**. Trad. Luís Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

CARTA de Porto Alegre. **Por um compromisso com a inclusão digital no Brasil**. Porto Alegre, 12 jun. 2006. Disponível em: http://oficina.inclusaodigital.gov.br/files/carta_porto_alegre.pdf. Acesso em: 20 jan. 2009.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CIM, S. **O processo migratório de ocupação no Estado de Rondônia: visão histórica**. Primeira Versão, Porto Velho: Edufro, ano II, Nº 104, v. VII, jun. 2003

CIMI - Conselho Indigenista Missionário. **Panewa Especial**. Porto Velho: Gráfica Book, 2002.

DAMÁSIO, M. J. **As Tecnologias da informação e da comunicação e processo educativo**. Lisboa: Ed. Veja, 2007.

EDJALES, A. E. B. M. et.al. **O fim da floresta?** GTA. Grupo de Trabalho Amazônico/ Regional Rondônia. Porto Velho, 2008.

FRANCO, M. G. **A apropriação das tecnologias da informação e da comunicação por jovens e adultos não alfabetizados: um direito humano a ser garantido**. Diretrizes da UNESCO. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientador: Prof Dr Fernando José de Almeida. 2009

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2006.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3ª ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação e mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lillian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (Coleção Educação e Comunicação, v.1).

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. (Coleção O Mundo Hoje, v.21).

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GONÇALVES, B. H. **O uso do computador, a alfabetização e a pós-alfabetização: o que dizem educandos (as) do MOVA**. São Paulo: UFSCAR, 2007.

GOUVEIA, Graziela R. T. (Org) **Geoatlas ambiental**. Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia- SEDAM, 2002.

GRUPIONNI, L. D. B.(Org.) **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000**. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 23/jul/2007.

JONASSEN, D. H. **Computadores, ferramentas cognitivas: desenvolver o pensamento crítico nas escolas**. Portugal: Porto Editora, 2000.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. **Pesquisas em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAHER, T. de J. M. A formação de professores indígenas: uma discussão introdutória In GRUPIONNI, L. D. B. **Formação de professores indígenas**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006,p. 11-37.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 10ª ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MORAN, J.M., MASETTO, M. T, BEHRENS, M.A.**Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 13. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

MORIN, A. **Pesquisa-ação integral e sistêmica**: uma antropologia renovada. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

NEVES, J. G. **Alfabetização, bilinguismo e interculturalidade**: tematizando a prática pedagógica com docentes indígenas Arara-Karo e Gavião-Ikolen. IX Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. ABRAPEE. São Paulo. 2009a. Disponível em: <http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos> Acesso 23/09/2009.

_____. **Cultura escrita em contextos indígenas**. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo. 2009b.

PAULA, J. M. de. **KARO e IKÓLÓÉHJ**: escola e seus modos de vida. Dissertação (Mestrado em Geografia). Porto Velho, Universidade Federal de Rondônia. Orientador: Prof Dr Nilson Santos, 2008.

PINTO, A. V. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 2v. 1328p.

SACRISTÁN, G. A. **Educação que ainda é possível**: ensaios sobre uma cultura para a educação. Artmed, 2007.

_____. **O Currículo**: uma reflexão sobre a prática. Tradução Ernani da F. Rosa. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed. 2000.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. **Relatório do Projeto Açaí nas aldeias – Terra Indígena Igarapé Lourdes**. Porto Velho: PEEI/SEDUC, jul. 2004. (Disponível em CD Rom).

_____. **Decreto de Criação Nº 5705, de 21 de outubro de 1992**, da Escola Estadual de Ensino Fundamental ItérapYamoraty.

_____. **Decreto de Criação Nº 8494, de 29 de setembro de 1998**, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Pay'gap.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

VALENTE, J. A. A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos In JOLY, Maria Cristina R. A. **A tecnologia no ensino**: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

APÊNDICES

Apêndice A – Diário de Bordo

Cheguei a tempo da reunião que foi realizada no auditório da Secretaria Municipal de Educação – SEMED em Ji-Paraná- RO com os objetivos de realizar um balanço e avaliar a implementação do PITA/2008 nos Municípios do Território Central, definir estratégias de ação para 2009 e fazer a entrega dos Laboratórios dos Telecentros.

O público-alvo era constituído pelos Prefeitos de vários Municípios e seus Secretariados, Representações de entidades (inclusive da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR), Técnicos de Instituições Estaduais e Federais e Lideranças Indígenas.

Quando cheguei, a conversa tomou outro rumo em relação aos Telecentros; a Prefeitura estava conduzindo o evento de entrega dos laboratórios, como conquista política. Explicaram, então, que a Prefeitura foi somente intermediária, aceitando o Kit Telecentro no município, comunicando que se tratava de equipamento destinado a um projeto de doutorado de uma Professora do Campus da UNIR.

Terminada a Reunião, fiquei sabendo que estava acontecendo uma capacitação de Professores Indígenas em um órgão perto de Ji-Paraná. Fui tentar providenciar um carro junto à Secretaria Estadual de Educação Rondônia – SEDUC para que pudesse ir lá encontrá-los.

Com muita dificuldade de agendamento, o carro foi liberado para o outro dia, pela manhã.

Levantei cedo e aguardei este carro para ir ao encontro dos Professores Indígenas, pois o Curso aconteceria no Centro de Treinamento da EMATER-CENTRER. Este órgão fica entre Ji-Paraná e Ouro Preto do Oeste, mais ou menos a 20 km do município.

Chegando lá fiquei muito feliz porque estavam praticamente quase todos os professores indígenas das duas etnias Arara e Gavião, com os quais iria trabalhar. Conversei com o Professor que estava ministrando o curso e ele me disse que eu poderia realizar uma reunião rápida com eles no horário do intervalo para almoço.

E assim aconteceu. Reunimos num auditório bem amplo e bem instalado no CENTRER e conversamos, esclarecendo que haviam chegado os computadores e que, finalmente, um sonho de quase um ano atrás estava prestes a ser realizado.

Surgiram diversas perguntas como:

- Esses laboratórios estão vindo de onde?
- Quem está implantando nas Aldeias? (A Prefeitura e a FUNAI nos informaram que é mais uma conquista política da Prefeitura).
- Onde estão estes equipamentos?
- Porque ainda não chegaram às aldeias?
- Quando vão ser instalados?
- Quando nós vamos poder usar?

Felizmente um dos Professores Josias Gavião, filho do Cacique Catarino Gavião, me ajudou a confirmar que este era um projeto do doutorado e que já havíamos conversado sobre isso há mais ou menos um ano atrás; eliminaram-se os motivos de dúvidas para eles.

Depois do esclarecido aproveitamos para pegar a carta-declaração de que estavam de acordo com a implantação das salas de tele-centros nas escolas das aldeias indígenas, para participarem do projeto de doutorado “Comunidade Indígena: Inclusão Digital e Identidade Cultural” proposto por mim e orientado pela Professora Maria Elizabeth de Almeida, da PUC-SP, do Programa Educação: Currículo. Todos os dezessete professores assinaram este documento coletivo.

Retornamos a Ji-Paraná e aproveitando o carro da SEDUC fui à busca dos equipamentos. Passei na Prefeitura Municipal e fui informada que havia parte dos

equipamentos no almoxarifado. Fomos até lá e encontramos somente o guarda; ele nos informou que ali estavam umas cadeiras e mesas, mas não sabia de onde vieram e nem onde deveriam ser entregues. Pedi para verificar, mas não tinha nenhuma etiqueta de patrimônio de algum órgão. Voltei à Prefeitura e ninguém sabia informar nada.

Procurei o Secretário da Fazenda que é nosso Professor Colaborador na UNIR; ele é quem nos falou que tinha alguns equipamentos na Fundação Nacional do Índio – FUNAI. Chegando lá procurei pelo Sr. Vicente, Presidente da FUNAI e ele confirmou que havia recebido alguns equipamentos e estavam em outro lugar, ou seja, na “Funaizinha” (Detalhe importante: até então o Presidente da FUNAI também não sabia de nada do projeto dos Tele-centros e estava achando também que era projeto político da Prefeitura). Constatei a chegada dos mesmos, ficando tranqüila que já contava com os laboratórios para o estudo. Questionei sobre a montagem e fui informada de que, naquele momento, seria impossível fazer a montagem porque estava no final do ano e o pessoal estava entrando de férias. Diante da situação exposta combinamos que a instalação dar-se-ia, então, no início de fevereiro de 2009. Agradei e retornei a Minas Gerais.

De início, tive a pretensão de trabalhar apenas a relação específica entre a formação do docente indígena e o uso das TIC na escola das etnias Arara e Gavião, já caracterizadas no capítulo anterior.

No entanto, dois fatores condicionaram certa mudança de rumo em relação aos objetivos inicialmente postos no projeto da pesquisa:

- Em primeiro lugar, a cultura indígena da decisão coletiva nestas aldeias influenciou a redefinição dos sujeitos sociais da pesquisa. Acontece que nas quatro aldeias onde vivem as etnias Arara e Gavião foi discutido e decidido pela comunidade indígena que não apenas os docentes deveriam participar desse processo de chegada das TIC nas escolas de cada uma, mas também, jovens que estavam interessados na questão. De certa forma, já corria entre eles a informação de que as escolas indígenas seriam beneficiadas com salas de informática, em função do Programa de Implantação dos Kits de Tele-centros, pelo Ministério das Comunicações.
- Em segundo lugar, a chegada dos Kits de Tele-centros nas aldeias foi uma novidade tão grande que despertou o interesse dos mais diferentes segmentos: crianças, jovens; idosos; homens e mulheres; lideranças e FUNAI, todos queriam conhecer os equipamentos e a proposta que, com estes recursos, vinha junto.

Esta discussão se deu no bojo do encontro antes relatado, em dezembro de 2008; após uma primeira apresentação do que estava por acontecer com a implantação das atividades relativas à pesquisa, que se teve a sensibilidade de ouvir os indígenas e discutir com eles a proposta de estudo. E assim aconteceu na reunião, já referida, no CENTRER.

Naquele evento, a comunidade indígena aproveitou para se esclarecer a respeito do Projeto, dos equipamentos e de sua participação.

Surgiram diversas perguntas como:

- Esses laboratórios estão vindo de onde?
- Quem está implantando nas Aldeias?
- A Prefeitura e a FUNAI nos informou que é mais uma conquista política da Prefeitura.
- Onde estão estes equipamentos?
- Porque ainda não chegaram às aldeias?
- Quando vão ser instalados?
- Quando nós vamos poder usar?

Na ocasião, tive a sensibilidade de ouvir os indígenas e discutir com eles a proposta da pesquisa. Surgiu, então, uma contraproposta que tinham a fazer, em termos do uso dos computadores como mais uma ferramenta pedagógica no ensino-aprendizagem: além dos docentes, a comunidade reivindicou que um grupo de jovens, muito motivados e interessados no uso de computadores e da internet, também a representasse nas atividades que estavam por iniciar.

A consciência do diálogo intercultural, hoje tão debatido, mas difícil de ser concretizado, manifestou-se neste momento. Com isto quero dizer que tenho clareza de que o propósito de uma interculturalidade emancipatória deveria começar pela atitude de acolher o desejo que a comunidade manifestava o que me levou à redefinição dos sujeitos sociais da pesquisa e do curso do processo.

Repensei, a partir daí, o seguinte: de início, o que estava previsto era uma experiência focada na inclusão digital, via espaço restrito da instituição escolar, em decorrência de estudos anteriores voltados para o currículo de formação inicial do docente indígena e de um trabalho de formação continuada para o docente indígena.

Em consequência do posicionamento da comunidade indígena, passei a trabalhar com a idéia de participação de jovens indicados pela comunidade, com o objetivo de atender suas expectativas de conhecer e usar a informática, mas também, de prepará-los para dar o suporte necessário ao docente indígena quando do uso pedagógico dos recursos computacionais.

Esta (re) opção, não só respondeu às expectativas e ao desejo da comunidade indígena, como também, veio ao encontro de uma necessidade do projeto. Isto porque uma vez implantado o Tele-centro tinha-se necessidade de prover sua manutenção, que vai desde o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas com a montagem dos equipamentos até as que são relacionadas com cuidados e ações preventivas para o seu funcionamento regular.

Tudo isso condicionou a inserção de jovens no projeto; eles se tornaram monitores do Tele-centro, inclusive colaborando com os docentes no planejamento, confecção e desenvolvimento de atividades na sala de informática.

Em fevereiro de 2009, retornei, para uma segunda ida a campo. Cheguei no domingo, à noite, e na segunda, pela manhã, dei continuidade às providências para os serviços de montagem que estavam todos por fazer.

Com o Manual de Recomendações para montagem de um Tele-Centro, do Ministério das Comunicações – MC, fiz contato com o Sr. Vicente, Presidente da Funai, pois o MC exige que as portas e vitrês tenham grades de proteção, tomadas para computadores e ar condicionado.

Uma das dificuldades do momento foi trazida pela duplicação da Ponte do Rio Machado; fechava-se a BR364, usando-se somente uma pista da estrada, demorando, aproximadamente, quarenta minutos para atravessá-la.

Sr. Vicente acompanhou a equipe até as aldeias, para definir, com os professores indígenas, o layout das salas, fazer a medição das grades de proteção e verificar quantas tomadas seria preciso. Chovia muito; fomos primeiro à escola Zavidjaj Xikombipóh, Aldeia Ikólóehj da etnia Gavião.

Os professores que estavam ali escolheram a sala que era para instalar o Tele-Centro de comum acordo e foram tiradas as medidas das grades. Enquanto isso era feito, moradores da comunidade começavam a chegar com muita curiosidade para saber o que estava acontecendo. Ficavam felizes em saber que em breve estariam conectados digitalmente.

Dando continuidade ao planejado, fomos para a aldeia l`Târap Iamaratxi, Aldeia l`Târap, da etnia Arara, e fomos recebidos com a mesma empolgação, pois já estavam esperando desde a reunião que havíamos feito em dezembro. Agimos da mesma forma que na aldeia Gavião: solicitamos a presença dos professores e diante do projeto de montagem solicitamos a escolha da melhor sala de comum acordo com eles e moradores da comunidade.

Um detalhe me chamou atenção: a sala era bem menor, com três vitrôs, uma porta e somente os cinco ventiladores eram como da outra. Ficou decidida a organização do espaço, fizemos as medições e fomos embora.

Andamos cerca de quinze km e... ficamos atolados, novamente! Escurecia e estávamos no meio da selva. O Sr. Vicente teve que voltar à aldeia e buscar socorro. Veio um pequeno caminhão, que, também, atolou. Retornaram à aldeia para buscar trator de esteira para fazer o duplo serviço: desatolar caminhão e caminhonete. Enfim saímos do atoleiro e chegamos de volta à cidade todos sujos de barro, por volta das 23hs!

Com a relação de tudo que era para ser feito em mãos, fomos atrás de soluções. Segundo o Sr. Vicente, Presidente da FUNAI, a SEMED, na pessoa do Sr. Vanderlei – Secretário Municipal de Educação arcaria com o feitiço das grades, compra da fiação para tomadas, eletricitista e compra dos aparelhos de ar condicionado, sendo um para cada escola; a FUNAI, com o pedreiro para fixação das grades. A SEDUC entraria somente com a caminhonete e o motorista, apesar das escolas indígenas estarem sob sua responsabilidade.

A partir dessas ações, dispuseram-se a fazer a cotação, dentro dos critérios legais e as compras.

Pela manhã, liguei para a FUNAI, perguntando se poderia providenciar uma caminhonete para procurar com quem estavam as notas fiscais e retornar ao almoxarifado da Prefeitura para conferir os equipamentos. Concluímos que era realmente do Tele-centro das escolas indígenas através da Nota Fiscal de Nº 472966, da Positivo Informática S/A, emitida em 13/11/2008. Retornei à FUNAI e, conversando com o Sr. Vicente, fiquei sabendo que ele não queria mais esta responsabilidade com o Projeto e que iria “passar a bola para frente”. Questionado de que forma isto aconteceria, explicou que iria, imediatamente, mandar entregar o que pertencia a cada escola, pois, afinal, na aldeia esses materiais e equipamentos correm menos risco de serem roubados do que na sede do município, já que, lá, a qualquer movimento estranho, os índios estão sempre alertas. Concordei com ele e fomos providenciar as entregas para o dia seguinte.

Madrugamos, levantando às 5h30min e carregamos os computadores nas caminhonetes; mesas e cadeiras, no caminhão. Quando chegamos nas aldeias Gavião e Arara ficaram todos eufóricos e não sabiam nem o que fazer primeiro. Tinham que remanejar as carteiras e cadeiras para as outras salas para darem espaço para montagem da nova sala de informática. Fizeram vários questionamentos novamente sobre a instalação, funcionamento, etc. Foi feita uma verdadeira maratona para descarregar, trocar móveis de salas, adequarem em outras e mais a curiosidade em poder abrir as caixas e verificar o que estava dentro. Mas era exigência do MC que ninguém poderia abrir nada sem a presença do técnico. Mas, mesmo assim, tiramos os plásticos das cadeiras das mesas e colocamos um computador (mesmo dentro das caixas) um em cada mesa, ficou legal, já dava uma impressão de sala de informática.

Antes de sair das aldeias fizemos uma reunião com os professores indígenas e algumas pessoas da comunidade que estavam presentes e alertei, novamente, que não deveriam abrir nada e, sim, preservar e cuidar do que era deles, até que a sala fosse devidamente adaptada para, em seguida, o técnico ser acionado e fazer a instalação dos equipamentos. Comentei, também, que a Prefeitura me pediu um prazo de uns vinte dias para providenciar a cotação de materiais e as grades. Todos aceitaram estas instruções, mas, com certa angústia de não poderem nem ver o que estava ali dentro daquelas caixas; confesso que até eu mesmo fiquei curiosa também. Terminamos, já era noite; enfrentamos as estradas esburacadas, muita chuva, atoleiros, pontes caindo, mas, tudo era encarado como algo que “vale a pena”, pela inclusão digital daquelas comunidades isoladas, carentes e tão distantes.

Qual o ponto alto desta etapa do projeto? A curiosidade, o interesse e a motivação do conjunto de cada comunidade foi fator significativo para as relações que estavam se estabelecendo; informalmente, determinados conhecimentos

indispensáveis para os passos seguintes do projeto foram sendo veiculados. Crianças, jovens, professores e lideranças perguntavam o tempo todo, queriam ver e saber uma série de coisas. Aproveitou-se este “clima” para se reiterar objetivos, cuidados, metodologia do projeto. Também foram sendo feitos acordos e cronogramas para a seqüência das atividades.

Em março de 2009, houve mais uma visita às aldeias, a terceira. Levantei cedo e, sem carro para transporte, fiz contato telefônico com o Sr. Vicente, Presidente da FUNAI para verificar se havia chegado de viagem da Bolívia, pois, ele havia me ligado, no dia 02, e pediu para que eu atrasasse a minha viagem em uma semana.

Quando fiz contato telefônico com o Sr. Vicente para verificar como estava a implantação dos Tele-centros nas aldeias indígenas, fui informada que as grades estavam encomendadas e as instalações elétricas por fazer (coisa rápida, segundo eles!). Comecei a entrar em pânico. Procurei contatar com o Secretário Municipal de Educação, Sr. Vanderlei, mostrando a ele que, apesar das escolas serem estaduais, o Secretário Municipal de Educação foi eleito vereador com quase 95% dos votos indígenas, tendo, portanto, um compromisso político com os indígenas.

O Sr. Vanderlei me informou que ele havia encomendado as grades de proteção, só que a serralheria estava com o serviço atrasado; quanto às tomadas para os computadores e a instalação dos aparelhos de ar condicionado, ele me disse que iria liberar um carro para fazer uma listagem novamente do que seria preciso comprar de materiais elétricos. Ficou combinado, com o Sr. Vanderlei, a ida nas aldeias, no dia seguinte, pela manhã.

Aproveitei o restante do dia para fazer uma visita para a Sra Sineide, na Secretária Estadual de Educação – SEDUC. Fui recebida por ela e questionei sobre a implantação dos Projetos de Tele-centros das Escolas Indígenas; ela respondeu que não sabia desses Projetos, mas que era para eu fazer um relatório para ela sobre o que estava acontecendo nas escolas estaduais indígenas e não colaborou com quase nada, a não ser de vez em quando com a caminhonete e o motorista. Mesmo assim, ficava ligando, querendo saber onde estava, se ia demorar, o que estava fazendo... se o motorista estava comendo, porque eles não tinham dinheiro para diária dele e pedindo que voltássemos o mais rápido possível porque a caminhonete era muito importante e fazia muito falta para eles!

Conforme combinado com a SEMED, a caminhonete me buscou no hotel, por volta das 7h, já com o eletricitista e fomos para as aldeias. Primeiro fomos à Aldeia Arara e, quando o eletricitista terminou sua verificação para a aquisição dos materiais, ele me informou que estava horrorizado com a situação, porque a fiação era todinha muito mal feita e que, provavelmente, não teria sido feita por profissionais. Questionei a Professora indígena Marli que nos acompanhava e ela confirmou que era isso mesmo, ou seja, ela relatou que os profissionais que fizeram a construção da escola eram aprendizes.

Em seguida fomos a caminho da aldeia Gavião, sendo recebidos pelos professores indígenas; lá, também, acontecia o mesmo problema em relação à fiação. Agradecemos pela visita aos professores e retornamos a Ji-Paraná.

Na viagem pude refletir sobre as observações feitas nestas escolas. Sem experiência em construção, tenho uma série de inquietações e muitas dúvidas sobre esse descaso com a edificação dessas escolas indígenas.

Esta ida a campo prestou-se, apenas, como se viu, para a resolução de problemas de ordem prática, relacionados com a infra-estrutura física e a instalação de equipamentos. Certas dificuldades de ordem burocrática e das condições de infra-estrutura impediam imprimir mais agilidade ao trabalho. No entanto, estas situações foram contribuindo para maior aproximação com as comunidades indígenas, reforçando-se a interação pesquisador/pesquisados nas trocas preliminares à implantação do projeto.

Aproveitou-se, então, para abrir, cada vez mais, espaço para a participação do indígena na organização e no processo decisório em torno destas questões de ordem

prática; a cada dificuldade relacionada com compra, contratação de técnicos para instalação de equipamentos, veículos para transporte, etc a cultura burocrática de Estado ia sendo discutida, as soluções negociadas. Em contrapartida, “conteúdos” próprios da construção de conhecimentos pretendida com o projeto em implantação, iam sendo, informalmente, trabalhados ora respondendo aos questionamentos postos pelos indígenas ora, intencional, porém, informalmente provocados pela pesquisadora, de modo a garantir o eixo principal de toda a ação: a inclusão digital e não apenas uma conquista de recursos, materiais e equipamentos para a aldeia.

Na quarta ida a campo já se contou com a participação de duas bolsistas e um técnico em informática, que tem, também, a condição de orientador pedagógico da Secretaria Municipal de Educação de Ji-Paraná. Além deles o técnico da Embratel responsável pela montagem da antena GESAC- Governo Eletrônico- Serviço de Atendimento ao Cidadão. Este foi o primeiro contato das bolsistas com a cultura, a língua e os costumes dessas aldeias; como já estavam orientadas, nessa ida a campo, já se iniciaram os registros das observações, tanto escritas quanto através de fotografias e filmagens.

Decidimos dividir a nossa equipe, em duas: enquanto Neide, a bolsista Raquel, o motorista e o índio Painho foram até as aldeias Iteráp e Paigáp para avisar e trazer os professores para participarem da capacitação, os demais trabalharam na montagem da antena e revisão dos computadores do Tele-centro.

Saí para a aldeia Ykolén com a equipe, por volta de meio dia; a viagem foi uma nova aventura, com várias situações dificultando o acesso até as aldeias. Estradas ruins, pontes caídas (tivemos até que baldear da caminhonete para o caminhão dos indígenas; falamos, pelo rádio, com eles e marcamos a hora para esperarem por nós, na primeira ponte caída). Mas, nada disso tirava o nosso ânimo da viagem, nem a oportunidade de deslumbramento com paisagens maravilhosas em que se encontrava ao nosso redor.

Depois de, mais ou menos, umas duas horas de “aventura, pura adrenalina”; chegamos e encontramos com os professores indígenas a nossa espera, olhando- nos ansiosos.

Foi fundamental a visita desta equipe ao posto de saúde e a discussão da realidade com as enfermeiras que ali atuam. Este equipamento social é mantido pela FUNAI. Trabalham na comunidade indígena, sobretudo, com a prevenção de doenças.

Uma delas relatou que é muito elevado o índice de natalidade, pois as mulheres não usam nenhum método contraceptivo. Quando o medicamento é distribuído pelas enfermeiras, as mulheres não o valorizam e teve até casos em que deixavam para as crianças brincarem nos terreiros. As enfermeiras se preocupam com este fato porque os índios têm contato com as mulheres brancas (alguns mantêm relacionamentos fora do casamento), às vezes, sem nenhuma prevenção trazendo para dentro de suas casas doenças venéreas, entre outras. Na concepção deles, as mulheres não precisam usar métodos contraceptivos (nem mesmo os homens), demonstrando que a falta de informação é muito grande e que esta cultura ainda é muito forte entre as comunidades indígenas.

As enfermeiras que acompanham a população indígena estão sempre orientando a população nas atitudes e medidas preventivas. No posto de enfermagem é possível obter recursos mínimos para o atendimento da população; no caso de doenças mais graves, os indígenas são levados a hospitais da cidade mais próxima cidade.

As profissionais de saúde ficam na aldeia durante vinte dias e retornam para suas casas no vigésimo primeiro dia; durante esse tempo ficam numa casa de apoio da FUNAI. Cada uma traz o próprio alimento para a sua manutenção durante esses dias que ficam na aldeia. Para se protegerem de animais peçonhentos, elas armam suas barracas dentro de casa, pois já teve caso de répteis entrarem na casa de apoio.

Consideram que trabalhar em meio à selva amazônica é muito árduo e dá muito medo, pois, estão excluídas do mundo nesse espaço de tempo. A ansiedade para chegar o dia de retornar para casa é grande. O contato é tão grande com os indígenas que algumas das enfermeiras já falam a língua da aldeia, o que é muito importante para seu trabalho e, ao mesmo tempo difícil, pois, a língua dessas aldeias é uma das mais difíceis da região norte do Brasil. Levam seu próprio alimento para o período em que ficam na aldeia e manifestam grande ansiedade por retornarem às suas casas na “cidade”. Esta situação é compreendida, dadas as circunstâncias em que passam a viver, as condições de trabalho e de vida às quais são submetidas.

Sobre a atuação destas enfermeiras, registra-se a reciprocidade do que se denomina, neste trabalho, de diálogo intercultural emancipatório. Algumas delas, já dominam a língua da aldeia, favorecendo o desempenho do trabalho que realizam.

Por um lado, sob o ponto de vista da relação que estabelecem com o indígena, vivenciam um comportamento inclusivo, pleno de significado quanto à reciprocidade, própria de um diálogo autêntico. Por outro lado, emancipatório, na medida em que a comunicação entre as enfermeiras e os indígenas torna possível maior entendimento e efetividade do papel de tais agentes de saúde ali nas aldeias, instrumentalizando os indígenas com informações e recursos que contribuem para evitar e superar doenças com autonomia.

Todos da equipe de pesquisa foram, também, orientados a visitar as casas da comunidade e a estabelecer interação com as rotinas das famílias; um primeiro olhar sobre a realidade haveria de fornecer elementos para se desmistificar e desconstruir a visão romanceada que uma cultura urbana acrítica passa das condições concretas de vida na selva amazônica.

Viram, por exemplo, que as antigas ocas, hoje servem para armazenar alimentos, guardar ferramentas, artesanatos... e que a moradia atual é constituída por casas de alvenaria. Toda a aldeia possui rede elétrica, mas, não é generalizado o uso da água encanada. As duas aldeias possuem placa de energia solar, mas ainda usam o rio, diariamente, para lavar utensílios, roupas e tomar banho, apesar de existir poço artesiano.

Na aldeia da etnia Gavião os povos são mais arredios, quando em contato com não-índios; demoram mais a se abrirem para novos contatos. A liderança e o desempenho de atividades sociais, tais como na área de educação e saúde, constituem privilégio do sexo masculino, enquanto que as apenas fazem artesanato e cuidam dos filhos, o que não acontece na etnia Arara. Estes últimos são mais receptivos e mais dóceis e a questão de gênero não acontece como na etnia gavião: as mulheres participam da vida da aldeia em condição de igualdade, inclusive profissionalmente.

Constataram, também, que os índios que trabalham na área de educação e saúde, com vínculo e, portanto, com salário do Governo, têm em suas casas bens de consumo como geladeira, TV, DVD, móveis; os que não têm emprego vivem do artesanato, caça e pesca. O artesanato é insistentemente exibido e enaltecido por eles, visando motivar a compra pelos visitantes. A prática do “escambo” prevalece entre os que não têm emprego: os produtos artesanais são, comumente, trocados por roupas e sapatos usados ali mesmo na aldeia.

Um grande número de participantes era composto por professores de escolas indígenas, pertencentes às aldeias que compareceram a este encontro. Interpretamos ser este o motivo da quarta alternativa mais freqüente durante a discussão acerca da importância e do significado da tecnologia digital para as comunidades indígenas: deram destaque à produção e adequação de material didático para a escola indígena na língua nativa.

Constatou-se tratar de um grupo muito heterogêneo; daí, a necessidade de se trabalhar com alguns conceitos introdutórios, com a exemplificação da influência que a informática exerce na vida das sociedades de modo geral, ou seja, da dependência

que passou a existir, hoje, nas mais diferentes áreas da vida contemporânea a esta ferramenta tecnológica.

Com uma linguagem simples, foi feita uma rápida demonstração, seguida de exploração tipo “mão na massa” pelos indígenas; buscou-se desafiar a motivação dos participantes da reunião: como usar aquela ferramenta, como ligar e desligar o computador, como entrar num site de buscas e pesquisas, como trocar e-mail com os amigos, o que são blogs, qual a importância dos blogs para conhecer outras etnias.

Foram colocados na lousa alguns sites conhecidos (como, por exemplo: www.funai.com.br; www.g1.com.br), solicitando a participação de alguns deles e auxiliando-os nesta primeira experiência de se conectarem à internet e de se usar os navegadores. Liberados para o acesso a maioria das escolhas recaiu em sites para ouvir música, para o Projeto Açai (Capacitação para os indígenas de nível médio), futebol.

Na etnia Gavião (aldeia Ykolén) predomina a participação masculina no projeto, já que a maioria é composta de docentes indígenas, área em que não tem uma só mulher atuando. Isto reflete o que acontece com a mulher indígena nas diferentes circunstâncias nesta etnia; são consideradas apenas como reprodutoras, ajudam na renda familiar com o trabalho artesanal, criam filhos e saem pela roça em busca de alimentos. Os homens têm direito de ter várias mulheres, desde que sejam capazes de sustentá-las e aos filhos. Eles chamaram a atenção do grupo para este fato, ao falarem de si quando da entrevista, procurando demonstrar que o homem não índio costuma não assumir os filhos que tem.

Nas aldeias Iteráp e Paigáp (Etnia Arara), quase a metade dos docentes é composta de mulheres e elas se relacionam com os visitantes de maneira natural; como são comunidades próximas e com vários outros aspectos similares, trabalhou-se com a hipótese que determinadas situações possam estar vinculadas às lideranças de cada uma.

Tudo muito calmo; ao nosso redor crianças correndo por toda a aldeia. As crianças andam descalças pelos terreiros, seminuas ou, às vezes, mesmo nus; a taxa de natalidade é muito grande nas aldeias que visitamos. Para a bolsista Raquel tudo era novidade, pois era sua primeira ida às aldeias; ficou encantada com a cultura, língua, seus costumes diferentes.

Na comunidade indígena tem casas feitas de alvenaria e algumas de pau a pique; existem as ocas de antigamente, porém são utilizadas para fim de armazenamento de suas ferramentas, alimentos, artesanatos entre outros objetos e pertences.

Toda aldeia possui rede elétrica, mas nem todas têm água, apesar de ter poço artesiano. Ainda existe a cultura das índias se deslocarem para um rio mais próximo para buscar água para o seu consumo. De acordo com o entendimento dos homens, isso faz parte dos serviços domésticos. Elas lavam roupas na beira do rio e tomam banho também no próprio rio da aldeia. Em suas casas, os índios que têm emprego na área da educação ou da saúde possuem televisores e geladeiras novos, camas, vídeo games, DVD, tanquinho de lavar roupas, etc. Infelizmente, os índios que não têm emprego, vivem uma vida humilde, possuindo em suas casas algumas cadeiras velhas e redes; eles não possuem móveis, somente casas para se protegerem das chuvas, vivendo do artesanato, caça e pesca.

Enquanto os professores indígenas terminavam de preparar para voltarmos para a aldeia Ykolén, onde aconteceria a capacitação, observávamos tudo: os indígenas que se encontravam dentro de suas casas abrigando do sol, algumas índias no rio lavando suas roupas com as crianças nadando em volta. A equipe aproveitava e conversava com as indígenas; elas mostravam seus trabalhos em artesanatos, produzidos ali mesmo em suas casas. A riqueza das peças que produziam, utilizando matéria-prima extraída da natureza como, por exemplo, os anéis de coco, brincos, cocar com penas de pássaros (araras, gaviões), cestas de palha, flechas, entre tantos outros objetos.

Os indígenas desempregados têm como tradição praticar o “escambo”, ou seja, a troca, a comercialização de seus artesanatos por mercadorias como roupas e sapatos usados, bijuterias, ali mesmo, na aldeia; só algumas vezes acontecia vendas em dinheiro.

Por volta das 17 h, estavam todos prontos para irmos embora para a aldeia Ykolén; era possível observar a simplicidade de cada indígena, os traços da cultura que cada um carrega, a forma que nos olhavam, a liberdade de expressão daquelas crianças que brincavam livremente, enfim, cada detalhe era tudo novidade.

Na volta, o que me chamou a atenção foi que esperávamos a ida somente dos professores indígenas, mas isso não aconteceu: foram todos os professores e seus familiares também.

O sol, quando retornávamos para a aldeia Ykolén, nos castigava, mas nem parecia incomodar os professores indígenas ou as crianças; todos riam, conversavam em sua língua e nos observavam com atenção.

Novamente aconteceram alguns imprevistos; tivemos que trocar do caminhão para a caminhonete, porque as pontes ainda estavam sendo arrumadas. As máquinas da prefeitura estavam no local. Foi preciso atravessar a ponte a pé com as demais pessoas, enquanto o motorista nos aguardava no outro lado. Todos subiram na caminhonete e seguimos adiante em direção à aldeia Ykolén. Percorremos vários quilômetros e todos já estavam cansados; um calor de, aproximadamente, 38º castigava a todos que estavam ali em cima do caminhão.

A expectativa e a empolgação eram muito grandes com a instalação da antena de satélite GESAC, que iria receber o sinal para conectar a internet werilles.

Ao chegarmos à aldeia depois dessa maratona, tivemos uma surpresa desagradável que nos causou um grande constrangimento. O técnico da Embratel nos informou que nenhum dos computadores recebia o sinal do GESAC e era preciso contactar com o técnico da Positivo para ele verificar o que estava acontecendo. Com isso, tivemos que adiar a capacitação, o que nos causou grande transtorno, pois, já era quase noite e aquele pessoal todo ali, ficou triste e decepcionado com a situação.

Nossa equipe teve que preparar o jantar com as nossas compras de supermercado, pois, os indígenas que vieram juntamente com suas famílias haviam trazido pouca comida e os indígenas da aldeia Ykolén não haviam preparado nada para recebê-los. Além disso, as aldeias têm o costume de não gostarem de receber outra comunidade indígena, existindo ainda certa resistência por causa de sua cultura. Após estes transtornos, todos foram procurar casas ou redes para se abrigarem aquela noite na aldeia Ykolén.

Enquanto fazíamos o jantar, muitos ficaram bravos, deixando-nos até com receio, pois estávamos em terra que não era nossa, e uma cultura que não nos pertence. De repente, de uma aglomeração do lado de fora da casa de apoio da FUNAI, ouvimos os indígenas, com suas famílias, dizendo que o jantar estava demorando e estavam todos cansados e com fome, causando-nos uma grande aflição, pois o jantar ainda estava por sair. As enfermeiras que estavam lá, vendo aquela confusão, nos ajudaram a agilizar e tudo foi resolvido. Esse dia serviu para fazermos um pequeno diagnóstico prévio das condições em que eles vivem e do que eles acham que precisa ser melhorado para seu povo indígena.

Pela manhã reunimos os docentes indígenas na sala onde está alocado o telecentro (sala de informática); com eles alimentados e mais calmos, pudemos conversar com o grupo de professores, inclusive com a participação do Cacique Catarino, que nos auxiliava com a mediação do dialeto (na língua deles Tupi Mondé) porque ainda existem pessoas na comunidade que não falam o português.

Trocamos várias idéias acerca do que esperam da sala de informática. Fizemos alguns questionamentos a eles e perguntamos qual era a importância da inclusão digital para a aldeia indígena e como esse instrumento poderia beneficiá-los. As respostas foram variadas, alguns disseram que seria bom, pois assim poderiam ter mais acesso aos recursos ofertados pelo Ministério das Comunicações, entre outros

órgãos que oferecem benefícios aos povos indígenas. Relataram ainda que a informática facilitará muito, pois, não precisariam ir pessoalmente a Brasília, ou mesmo outras cidades, como Ji-Paraná, para captarem recursos para construir seu próprio material didático (produzirem e adequarem seu próprio currículo às suas necessidades) na língua nativa.

Todos estavam visivelmente empolgados com essa nova ferramenta para poderem utilizá-la em sala de aula e ter mais acesso ao mundo globalizado e, assim, proporcionar maior contato com outras etnias. Alguns docentes indígenas já possuíam conhecimento básico em computadores, outros nem, ao menos, tinham conhecimento da existência dessa ferramenta tecnológica.

Com essa entrevista formal, oral e coletiva, pudemos verificar que estávamos diante de um grupo totalmente heterogêneo e não poderíamos falar em informática sem dizer seus principais conceitos e funções que ela exerce sobre a nossa vida. Utilizamos uma linguagem simples e acessível; de forma bem sintetizada, enfatizando alguns pontos importantes.

Entre eles, como usar aquela ferramenta, como ligar e desligar o computador, como trocar e-mail com os amigos, como entrar em site de buscas, de pesquisas e criarem blogs para eles manterem contatos com outras etnias. Utilizamos alguns recursos, como o data show, para iniciar a nossa palestra, dando uma visão mais ampla sobre o conteúdo que estávamos trabalhando. Deixamos que cada professor indígena utilizasse um computador para ter um contato mais próximo de tal ferramenta e fomos os auxiliando a conectar a internet e utilizar os navegadores. Escrevemos na lousa alguns sites conhecidos, para facilitar suas navegações. Como por exemplo: www.funai.com.br; www.g1.com.br, dentre outros.

De repente deparamos com uma situação inusitada que nos deixou desconcertadas; um dos índios entrou em um site pornográfico. Pedimos para que ele mudasse a página que estava navegando naquele momento.

Alguns já procuram sobre “O PROJETO DO AÇAÍ”, (Projeto que capacitou os indígenas no ensino médio) uns queriam ouvir sua músicas preferidas, outros procuravam imagens aleatórias e achavam bonitas e interessantes e queriam, também, saber sobre o futebol...

Um detalhe interessante é o número de docentes indígenas homens que é predominante na etnia Gavião, onde não tem nenhuma professora mulher. O domínio masculino é muito forte, pois, as mulheres da etnia Gavião são vistas pelos homens como seres reprodutores, com sua importância restringindo-se a criar os filhos e sair para a roça, em busca de alimentos.

Levam uma vida de muita pobreza, o que nos deixou chocados ao saber que existe, também entre as comunidades indígenas, as pessoas que dominam, detendo poder pelo dinheiro e aquelas que não têm acesso a nenhuma facilidade. As mulheres fabricam artesanatos para ajudar na renda de casa e o comercializam dentro da própria aldeia ou na cidade mais próxima que se encontra a etnia, através do escambo.

Falamos sobre isso até mesmo com certo receio, pois ao conhecer o cacique da aldeia, pudemos perceber o desinteresse dele com a comunidade indígena, e o poder que exerce sobre os demais indígenas, um homem inteligente já aculturado, vive em meio ao branco para conseguir os recursos necessários para sua aldeia, o mesmo possui duas casas sendo uma na aldeia e outra na cidade e mantém duas esposas uma mulher indígena e outra mulher branca, possui uma caminhonete nova para sua particular locomoção. Uma cultura que nos impressiona quando estamos frente a frente com ela, mas que para eles é normal. Segundo o cacique o índio pode ter o tanto de esposas que quiserem desde que dê conta de tratar delas e de seus filhos e já a mulher indígena não podem ter mais que um esposo. Outro detalhe interessante relatado pelo cacique é que o índio tem responsabilidade com suas esposas e filhos coisa que o homem branco não tem, pois arruma várias mulheres e

filhos e vai abandonando todas e por isso que eles não aceitam que suas mulheres indígenas casam com brancos.

Já nas aldeias Iteráp e Paigáp é diferente porque, praticamente metade de docentes indígenas é de homens e a outra metade de mulheres. Tão próximos e já há uma mudança de cultura enorme; as mulheres se relacionam com os visitantes normalmente, o que não acontece na Ykolén. Ficamos em dúvida se isto aconteceria por causa das lideranças.

Terminamos nossa entrevista formal com os indígenas perto das vinte e uma horas e já não se ouvia mais nada a não ser barulhos de insetos no meio da selva. Fomos para a casa de Apoio da FUNAI, armamos nossa barraca e fomos dormir também, porque no outro dia teríamos que retornar à cidade já que infelizmente não havia dado certo a nossa capacitação teríamos que aguardar o técnico da Positivo.

Ao amanhecer nossa equipe reuniu-se com os professores indígenas, para esclarecermos algumas dúvidas. Nessa reunião ficou decidido que retornaríamos a aldeia para a continuação da capacitação em agosto, após a realização do Congresso Nacional de Educação e Tecnologias Digitais, realizado em 04 e 05 de junho de 2009.

Foi previsto, também, que, nas férias de julho, os docentes indígenas fariam uma capacitação pedagógica fora da aldeia. Ao encerrar a reunião, entregamos a chave do laboratório para o indígena responsável pelo mesmo e retornamos para Ji-Paraná.

Nós nos deslocamos para a aldeia Iteráp, da etnia Arara, cuja sala de informática já contava com os computadores e faltava instalar a antena GESAC. No segundo dia de trabalho, a internet wireless acabou por funcionar com sucesso e para felicidade do grupo local, quando isto aconteceu.

Até este momento todas as atividades visavam a implantação das salas de informática, deixando-as em condição de funcionamento pleno e a comunidade sensibilizada para seu uso e descobertas. Daí em diante, a equipe se voltou exclusivamente, para o desenvolvimento de atividades com o subgrupo docente, e o subgrupo de monitores--jovens das comunidades--, para, então, desenvolver com os seus componentes uma série de situações de aprendizagem sistemática do uso dos recursos tecnológicos disponibilizados nestes ambientes.

Apêndice B – Relatório elaborado com a participação da colaboradora e de estagiários da pesquisa

Relatório da Primeira Etapa de Formação

Primeiro dia: 12 de Outubro de 2009.

Na equipe do projeto estavam presentes as acadêmicas: Jéssica Sônia Medeiros (colaboradora) e Raquel Furtunato da Silva (bolsista), ambas, estudantes do 5º período do curso Pedagogia da UNIR, e, também, o acadêmico Endrio Afonso de Araújo, estudante do 4º período do curso de Sistema de Informação da ULBRA (Universidade Luterana do Brasil – Campus/Ji-Paraná). Além deles, os professores: Neide Borges Pedrosa (idealizadora e coordenadora do Projeto), Renata da Silva Luz (colaboradora) e José Rosivaldo da Silva (Professor do SENAI).

Saímos de Ji-Paraná atrasados, pois o motorista da Secretaria Municipal de Educação, Josias de Siqueira, encarregado de nos levar até a Aldeia I'terap, (Arara) não compareceu por motivos pessoais e tivemos que contar com a colaboração de Fábio, irmão da professora e colaboradora Renata para nos levar.

A viagem foi tranqüila, mas o que nos preocupava era o horário já avançado, pois os professores das aldeias tinham sido informados que chegaríamos bem cedinho. Quando chegamos fomos recebidos pelo Professor Indígena Sebastião Gavião, que nos comunicou que os demais professores indígenas da Aldeia Ikólóéhj ainda não haviam chegado para os cursos. Como era inviável começar o curso sem estarem todos os presentes, enviamos para Aldeia Ikólóéhj o Fabio, na função de motorista juntamente com dois jovens indígenas da Aldeia I'terap buscar os professores indígenas que não estavam presentes. Enquanto isso, ficamos na Aldeia limpando o laboratório de informática, onde faríamos a capacitação, e a sala de aula onde o professor Rosivaldo daria o curso de montagem e desmontagem dos computadores.

Depois de tudo limpo, foi à vez do professor Rosivaldo, juntamente com seu assistente Endrio, conectar os computadores na internet. Os computadores estavam com problema de conexão e ficava cada vez mais tarde. Começamos a nos preocupar com a demora do Fabio em retornar com os professores que tinha ido buscar na outra aldeia, procuramos saber se alguém tinha algum veículo pra que pudéssemos ir atrás saber o que havia acontecido, mas o único que poderia nos levar não estava na aldeia, era o cacique com seu caminhão. Enquanto esperávamos, fizemos uma pequena entrevista no laboratório sobre o curso de formação de educadores com alguns dos professores que estavam presentes da etnia Arara.

A professora Neide começou perguntando sobre os significados dos nomes indígenas e de como eles trabalhavam este tema em sala de aula com seus alunos. Marli, professora indígena, respondeu que trabalhou com este tema em suas aulas, mas que teve dificuldades, pois muitos não gostam do significado de seus nomes. O nome deles é escolhido de acordo com algum “acontecimento” que acontece com a criança quando nasce ou ainda é pequena como podemos citar de um dos professores indígenas:

Eu sou Sebastião Kara`yã Gavião, sou filho de Gavião com Arara. Portanto nasci e cresci na aldeia dos Arara por isso recebi o nome de Kara`yã Péw que significa “costela podre”. Meus parentes colocaram esse nome em mim porque quando eu era criança eu tive uma ferida na costela. Porém sou professor, trabalho há mais de dez anos na educação. Ao decorrer do meu trabalho aprendi muito como funciona os trabalhos dos não indígenas, consegui publicar um livro de mito

do meu povo, ainda estou quase concluindo um dicionário na língua karo. Com minha entrada na Universidade eu pretendo pesquisar muito mais as histórias do meu povo para ser divulgado e preservado para eu as pessoas que ao conhecem índios possam reconhecer as nossas culturas nacionalmente ou até internacionalmente. (Prof. Indígena Sebastião Kara`yã Gavião – outubro/2009)

A segunda pergunta foi sobre o que eles achavam da implantação da sala de informática na aldeia e da formação de professores indígenas para o uso das TIC. Sandra, assim como os demais professores indígenas presentes, trocaram olhar ares meio tímidos entre si, e responderam que a implantação da sala e o curso, seriam muito importantes para ajudá-los a se comunicar com as demais pessoas além de poderem aprender mais sobre outras culturas.

A Profª Neide propôs a eles fazerem algumas pesquisas sobre o significado dos seus nomes para que possam trabalhar este tema com seus alunos no intuito da valorização da identidade indígena. Marli, contou que não sabia usar o computador, e a professora Renata falou da importância da utilização correta deste recurso tecnológico para o benefício da comunidade, dando ênfase também, na importância de se trabalhar com o significado de seus nomes em sala de aula, para que os alunos entendam a importância de se valorizar a identidade indígena e depois foi ensinar-lá a utilizar em um dos computadores, enquanto a professora Neide orientava o professor indígena Sebastião em outro.

As professoras Neide e Renata, os ensinaram a acessar o site WWW.origemdosnomes.com.br e os orientaram em como pesquisar o significado de seus nomes. Sebastião (Karayà) procurou o seu, mas não encontrou então a professora Neide propôs a ele procurar pelo sobrenome e este também não teve resultado; ao procurar por seu nome Sebastião, achou o significado que era “sagrado”. Os professores indígenas Dora e Sebastião, ficaram encantados quando viram que o significado do nome Dora era dádiva de Deus; Sebastião comentou que esse significado era ainda mais bonito que o do seu nome e pesquisou também o de sua esposa Erondi, que significa andorinha.

As três mulheres indígenas, Professora Marli, Dora e Luciana, começaram a conversar em sua língua materna, Luciana pediu que vissem o significado de seu nome, e ao saber que significava Luz sorriu timidamente. Luciana é uma índia vaidosa: chegou toda arrumada com seus lindos cabelos pretos, lisos e longos, destacando-se os brincos de penas vermelhas, feitos por ela mesma. Vestia uma saia jeans e uma blusa colada, suas unhas das mãos e dos pés estavam bem pintadas; observei que os índios da aldeia ficavam encantados quando ela passava. Mesmo com toda essa vaidade, percebi que ela tinha certa vergonha em falar sobre o significado de seu nome indígena Pompeu, depois soube que o nome Pompeu na língua indígena significa “ferida na cabeça”, foi assim que entendi o porquê dela ter vergonha de falar sobre seu nome indígena, sendo tão vaidosa deve achar que não lhe combina este nome.

Ainda pairava no ar a preocupação sobre o sumiço do Fábio que não chegava com os professores indígenas da outra aldeia, a professora Neide conseguiu um carro como o cacique e foi atrás deles. Após uma hora todos chegaram, e o Fábio explicou que a demora se deu porque teve que ir buscar um por um em suas casas (nas aldeias Paigáp, Castanheira e Ikólóéhj) e uma ficavam distante da outra.

Com a chegada dos professores indígenas da Aldeia Ikólóéhj, demos continuidade sobre as perguntas sobre a importância de aprender a utilizar as novas tecnologias e de como eles poderiam usar as TIC como recurso pedagógico. Antes de responder eles se olharam como se buscassem as palavras certas, até que um começou a responder que para ele, aprender a utilizar os instrumentos tecnológicos vai facilitar o contato com os demais povos indígenas e assim poderão se unir na luta

da valorização da cultura indígena, além de que esses recursos os possibilitariam ter um acesso mais rápido ao maior número de informações, auxiliando na elaboração de seus trabalhos pedagógicos em sala de aula.

Outro dos professores indígenas, respondeu que saber usar a internet é importante para ele ter acesso rápido ao conhecimento de todo o mundo e também para saber sobre os outros povos indígenas, contribuindo também no planejamento de suas aulas.

A professora indígena Marli, voltou para a aula e começou a participar da roda de discussão, falando sobre seus objetivos e de como achava importante usar o computador em suas práticas escolares. Algumas vezes ela parava, falava em sua língua materna, depois voltava a falar em português, em seguida finalizou dizendo que pretende ensinar seus alunos a fazer desenhos, textos e ensinar através de jogos virtuais pedagógicos.

Depois desta roda de discussão, a professora Neide falou sobre a praticidade da internet em resolver os problemas com rapidez e os comunicou do cronograma das atividades do curso e que as aulas serão totalmente voltadas ao uso das TIC e da internet:

- Conhecimento da ferramenta (Computador – mouse, estabilizador, CPU, teclado, monitor).
- Como fazer pesquisa na internet através dos sites de busca de outros povos indígenas.
- Como fazer pastas para salvar (guardar) documentos.
- Descarregar fotos no computador, baixar músicas, salvar documentos em mídias móveis.
- Desenhar no Paint.
- Pesquisa da história do nome.
- Criação e troca de e-mail dos cursistas.
- Criação do Blog.
- Criação do Orkut.

Muito animados alguns aprendiam com mais facilidade enquanto outros demonstravam um pouco mais de dificuldades, estes, por vezes eram auxiliados pelos colegas que os ajudavam em sua língua materna.

Demos um intervalo para a janta as 18h30minh, na cozinha as mulheres indígenas haviam preparado arroz com salsicha, macarrão com sardinha e feijão com charque, tudo acompanhado por suco de abacaxi, tudo muito gostoso e caprichado, em fila cada um servia seu prato e iam para a área comer junto com os demais. Retornamos as 20h00minh, os professores indígenas já se encontravam todos em seus lugares e demos continuidade ao trabalho.

A escolha do curso da aldeia I'terap não foi aleatória, ficamos sabendo que a aldeia Ikólóéhj estava sem luz, esta era mais uma das dificuldades encontradas pelo povo Gavião, que por isto não tinham acesso à internet.

Em outra sala o professor Rosivaldo do Senai, ministrava juntamente com o acadêmico Endrio, um curso técnico de montagem e manutenção de computadores, para alunos monitores indígenas, que tinha como objetivo habilitarem-se a ajudar os professores na manutenção dos computadores, aprender como estas máquinas, funcionam e dar suporte ao planejamento dos docentes indígenas no uso da sala de informática e talvez ainda propiciar oportunidade no mercado de trabalho para esses alunos monitores.

Observamos que nas aulas a presença dos homens era maior que das mulheres. Enquanto os professores indígenas aprendiam a navegar pela internet, as crianças da aldeia curiosas olhavam pelas janelas amontoadas tentando ver o que estavam acontecendo, alguns dos pequenos acabavam entrando no laboratório, ansiosos em descobrir este mundo novo das tecnologias.

Conseguimos finalizar as 22h00minh, todos já estavam cansados, mesmo assim alguns tentavam resistir ao sono e queria permanecer mais tempo. Enquanto a aldeia se recolhia nós nos ajeitávamos para dormir. Guardamos nossas coisas em uma casa de apoio da FUNAI, onde fazíamos nossos lanches e tomávamos banho, mas dormíamos no laboratório. Na primeira noite choveu depois de um dia quente e longo, o barulho da chuva embalou o sono da equipe cansada, mas satisfeitos com os resultados do primeiro dia.

Segundo dia: 13 de Outubro de 2009.

Ao acordarmos pela manhã, vimos que, da janela, estávamos sendo observados; a aldeia já estava acordada há algum tempo. Enquanto nos preparávamos para dar início a aula, os professores indígenas aguardavam do lado de fora ansiosos, de banho tomado e bem arrumados, com seus cadernos e lápis nas mãos.

Demos um intervalo para que pudéssemos lanchar e descansar um pouco. Após o intervalo as professoras Renata e Neide foram criar com eles os e-mails enquanto as bolsistas Raquel e Jéssica anotavam em relatórios o que acontecia durante as aulas e auxiliava os professores ao mesmo tempo.

Primeiramente tentamos fazer os e-mails deles no hotmail; cada um escolheu seus endereços e senhas, mas infelizmente não deu certo, porque o site não aceitou os vários acessos pela mesma conexão ao mesmo tempo. Tivemos então a idéia de fazer os e-mails em duas contas diferentes, a do yahoo e a do google. Esta alternativa deu certo e, animados, eles conversavam em sua língua materna e riam muito, mas, quando preciso, se concentravam para aprender tudo que pudessem o mais rápido e, quando tinham dúvidas, lançavam seus olhares para nós ou simplesmente nos chamavam. Como no primeiro dia muitos não levaram cadernos os orientamos a trazê-los para anotar as informações.

Ao fazer os endereços de e-mail, alguns descobriram, quando tentaram fazê-lo com seus nomes, que não estava disponível. Cada um recebia uma orientação individual, mas observamos que, por várias vezes, eles ajudavam os colegas que estavam com mais dificuldades também.

Depois que todos fizeram seus e-mails os orientamos trocar mensagens entre eles para aprenderem a se comunicar via internet. Quando eles recebiam alguma mensagem ficavam maravilhados, encantados, ainda não estavam bem familiarizados com os mecanismos do e-mail, mas já percebíamos um grande avanço.

Fizemos uma pausa para o almoço, que repetiu o mesmo cardápio do dia anterior; os professores da aldeia almoçavam em suas casas e os demais, de outras aldeias, almoçavam na cozinha da escola indígena juntamente conosco.

Ao retornarmos do almoço, tivemos problema em acessar a internet por que a conexão estava muito lenta; isto atrasou um pouco nosso trabalho neste dia, os professores indígenas ficavam impacientes e alguns saíam da sala de informática. Ao estabilizar a internet, continuamos com as trocas de e-mails, eles enviavam e respondiam as mensagens dos colegas. Alguns dos professores indígenas estavam sem caderno e a professora Marli foi à sala da secretaria e providenciou caderno para cada um, assim ninguém ficaria sem poder anotar as informações.

Um dos professores indígenas da aldeia ikólóéhj, o Zacarias, questionou a professora Neide sobre o porquê dela não ter ido à aldeia deles para ensinar sobre como fazer os e-mails, orkuts e blogs, enquanto outro perguntava sobre o vestibular. A ânsia que eles tinham em saber o máximo de informações possíveis era visível, pois esperaram demais por esta oportunidade que estão tendo agora.

Ao perceber que eles estavam com dificuldades em abrir a janela de navegação sozinha, coloquei um deles para tentar sem minha ajuda, no começo ele ficou meio sem jeito como se não soubesse o que fazer, mas pegou o mouse e fez o

percurso correto para procurar o navegador, mesmo não conseguindo achá-lo ele demonstrou já ter conservado um pouco do que tinha aprendido.

Desta maneira, resolvi fazer com cada um dos que eu orientava a mesma coisa, fechava todas as janelas de navegação para que cada um procurasse sozinho o ícone de navegação, observei que além da dificuldade deles ainda tinha o fator da conexão super lenta que dificultava mais o processo de aprendizagem e os deixavam impacientes.

Mesmo enfrentado estes problemas eles se mostravam esforçados e dispostos a aprender, demonstrando até certo avanço em reconhecer alguns comandos do computador.

A professora Neide passou pediu que cada um escrevesse um e-mail para ela contando sobre a história de vida deles; estes textos seriam usados nos os blogs, constituindo umas das atividades importantes do curso.

Terceiro dia: 14 de Outubro de 2009.

Logo pela manhã verificamos que a internet não estava funcionando, então aproveitamos para levá-los a dar uma volta pela aldeia e tirar algumas fotos pra postar nos orkuts e nos blogs. Nós nos dividimos em grupos e entregamos máquinas fotográficas para eles tirarem fotos. Um dos professores indígenas, o Sebastião, já possuía uma máquina fotográfica e desde o início do curso não perdia uma oportunidade para fazer seus registros fotográficos.

Ao passear pela aldeia, registramos alguns momentos do dia-a-dia deles, fomos à casa do pajé, e de outro professor indígena o Célio, que nos mostrou seus arcos e flechas e de como os utilizava em suas caçadas. Muitas crianças nos seguiam em nosso passeio e também queriam ser fotografadas, amontoadas umas nas outras, não queriam perder a oportunidade de participar dos momentos fotográficos e se maravilhavam ao se verem registradas nas máquinas fotográficas digitais.

Encontramos em nosso passeio dois macaquinhos de estimação dos indígenas; foi inevitável, tiramos foto com eles. Os outros grupos, espalhados pela aldeia, tiravam suas fotos no rio, na ponte e de seus colegas. Enquanto isso, o professor Rosivaldo e o seu assistente Endrio tentavam conectar os computadores na sala de informática.

Paramos com o passeio para registro das fotos na hora do almoço. Um técnico da Positivo foi solicitado para dar suporte na sala de informática e o motorista foi buscá-lo para ajudar a arrumar as máquinas, mas, ao retornarmos para a sala, os computadores ainda apresentavam problemas de conexão. Apenas um dos computadores conseguira conexão, era a máquina em que estava o professor indígena Sebastião; os demais, já impacientes conversavam aborrecidos em sua língua materna, saindo e entrando no laboratório várias vezes para saber se já estava tudo funcionando. O que mais tínhamos era a evasão deles, pois, têm uma cultura de tempo diferente da nossa, são ansiosos em relação à questão de tempo.

Ao conseguirmos conectar as demais máquinas à internet, observamos que eles já apresentavam um bom desempenho; faziam suas pesquisas, entravam em seus e-mails e respondiam suas mensagens com mais facilidade que antes. O professor indígena Sebastião até recebeu uma mensagem, via e-mail, de uma amiga-- a professora Josélia-- que enviou a ele duas fotos antigas de seu padraço, chamado Kaipu.

Neste dia, eles ficaram de enviar suas histórias de vida para o e-mail da professora Neide, mas muitos ainda não haviam feito isto.

Na parte da noite, a equipe do projeto se reuniu com os professores indígenas para delimitar o que seria feito nas aulas. Como ainda não havia chegado todos, porque estavam assistindo ao jogo de futebol do Brasil, fizemos uma roda de conversa e um dos professores indígenas, o Célio, que havia levado um violão, tocou e cantou enquanto os demais chegavam para a aula.

Depois deste momento de entretenimento, nos avisaram que alguns dos indígenas não compareceriam porque tinham ido visitar uns parentes; então, começamos a reunião apenas com os que estavam presentes. Falamos a respeito do significado de seus nomes e sobre a importância deles fazerem a atividade de contar suas histórias para serem postadas no blog.

Enquanto alguns terminavam de escrever, nós ensinávamos os outros a fazerem seus orkuts, postar fotos, enviar mensagens e adicionar amigos à rede do orkut. Alguns deles demonstravam certa preocupação, pois achavam que era muita coisa pra aprender em pouco tempo; procuramos fazê-los entender que precisavam aprender primeiro o básico e que o restante eles aprenderiam com o tempo, na prática.

Ficamos toda a aula os auxiliando o grupo a fazer os orkuts e postar suas fotos, enquanto registrávamos em nossos relatórios os momentos das aulas.

Durante a aula o professor indígena Sebastião nos contou que escreveu um e-mail para a professora Josélia e que a mesma o respondeu e já havia lhe passado algumas tarefas para fazer.

Percebemos que eles não tinham paciência para ler o que estava escrito nas páginas da internet; às vezes, ficavam olhando para a tela sem saber o que fazer, com vergonha de nos pedir ajuda. Repetíamos, sempre, que tivessem paciência e lessem as páginas para saberem qual seria o próximo passo a ser feito; caso tivessem dúvidas, podiam nos chamar sem receio (são muito tímidos).

Terminada a aula, eles se recolheram para dormir e nós fizemos o mesmo; o dia tinha sido agitado e a aula ultrapassou as onze horas da noite. Quando estavam na sala de informática, parecia que estavam realizando um sonho e nada fazia saírem lá de dentro, pois tudo era novidade, tanto para eles docentes quanto comunidade toda.

Por várias vezes recebemos visitas do cacique, das crianças, enfim, de toda a comunidade indígena. Era a prova de satisfação com a sala de informática funcionando dentro de sua aldeia.

Quarto dia: 15 de Outubro de 2009.

Como todos os dias, acordávamos com eles a nos espreitar (observar) pelas janelas da sala de informática. Velavam nosso sono na expectativa de levantarmos logo. Mesmo sabendo que iríamos iniciar a aula na sala de informática apenas às oito da manhã, logo às seis e meia, já estavam prontos. Enquanto nos dirigíamos para a casa onde tomávamos banho e fazíamos nosso lanche, observei que eles já estavam com seus lápis e cadernos nas mãos nos seguindo com os olhos, alguns sentados nos bancos em baixo das árvores, outros pelos cantos a esperar nosso retorno à sala de informática.

A vontade de aprender era tão grande que, quando liberávamos as máquinas, rapidamente, se ajeitavam em frente elas e iam entrando em seus e-mails e orkuts. A maioria dos professores indígenas ainda não havia enviado suas histórias para o e-mail da professora Neide, uns porque tiveram problemas no envio e outros porque não tinham feito mesmo; mas a professora enfatizou a importância deles fazerem esta etapa pra poderem fazer seus blogs e, eles, então, escreveram e enviaram.

Quando confirmamos que todos haviam feito as atividades, eles foram explorar seus orkuts, colocando mais fotos e enviando recados aos colegas.

O professor indígena Zacarias Gavião perguntou se tinha como fazer um e-mail da comunidade e explicou que precisavam de um e-mail coletivo para facilitar a comunicação da aldeia; explicamos a ele que isto era possível e que ele mesmo poderia fazer este e-mail do mesmo jeito que fizera o seu individual. \ele fez um e colocou o endereço e a senha em um mural para todos da aldeia terem acesso ao e-mail coletivo.

No intervalo para o almoço foi difícil convencê-los a sair do laboratório, alguns diziam não ter vontade de almoçar só para poder ficar mais tempo navegando pela internet. O cardápio do almoço fora o mesmo de sempre, mas neste dia a equipe almoçou na casa da professora indígena Marli. Ao chegarmos, percebemos a simplicidade com que ela e sua família vivem, assim como os demais indígenas da aldeia. Seu marido pegou algumas cadeiras, mas ainda assim alguns tiveram que sentar no chão para almoçar; percebemos que eles não esperavam tanta gente pro almoço, faltavam pratos na mesa, pois eles estão acostumados a viver apenas com aquilo que necessitam. A professora Renata deu os pratos que ela havia levado pra aldeia e pudemos almoçar; apenas o marido da Marli não almoçou conosco porque foi tomar banho de rio.

Depois do almoço fomos conhecer o rio; algumas crianças nadavam e pulavam de cima de um barranco. O dia estava quente; parte da equipe não resistiu e entrou na água. Somente as professoras Neide e Renata não quiseram entrar na água e foram para a sala de informática continuar a verificar as próximas atividades.

Ao retornarmos para a sala de informática, os professores indígenas estavam divididos em dois grupos, os da aldeia Iterap e os da aldeia Ikólóéhj. Cada grupo estava escrevendo as histórias das festas que tinha em suas aldeias, enquanto alguns ficavam responsáveis em fazer os e-mails coletivos. O professor indígena Zacarias teve uma ótima idéia quando falou dos e-mails coletivos, pois a comunidade pode estar informada a todo o momento do que esta acontecendo com a vida deles.

Enquanto faziam seus e-mails e escreviam as suas histórias, eles conversavam em sua língua materna decidindo como fariam as atividades, brincavam e ajudavam uns aos outros, riam dos seus próprios erros. Tentavam caprichar na elaboração das atividades e demonstravam sede em absorver o máximo de informações possíveis, porque o tempo estava acabando e já era o penúltimo dia para o término do curso.

Enquanto estávamos orientando os alunos, as professoras Neide e Renata prepararam uma homenagem para eles, pois, era dia dos professores. Mostrou um vídeo já postado no site do Youtube, que mostrava as fotos de todos nos vários momentos do curso e lhes falou que agora o mundo inteiro poderia vê-los pelo site. Todos, muito emocionados, se abraçaram e deram parabéns uns aos outros.

Após a homenagem, passamos a ensiná-los a fazerem os blogs, que era a última etapa da capacitação. Juntos, eles escolheram os modelos de blog que mais lhes agradaram; um dos grupos escolheu o modelo de cor verde e disseram que verde era a cor que os representava, pois esta era a cor da floresta e da natureza da qual eles faziam parte.

Quando terminaram de fazer os blogs eles vibravam de alegria; a emoção era sentida por todos, era um momento único porque abria as portas para eles mostrarem ao mundo que existem, que sua cultura é importante e precisa ser respeitada.

Passamos então para a parte da postagem das histórias de vida deles; alguns comentavam que era difícil aprender tudo em uma semana. Esta era uma preocupação geral; tentávamos convencê-los que isto era questão de tempo e de prática, porém, eles diziam entender, mas, que a ansiedade era grande porque esta era uma conquista esperada há muito tempo.

Neste dia a aldeia estava sem água porque o indígena responsável por ligar as bombas de água foi para a cidade pela manhã e só retornou à noite deixando a aldeia por todo o dia sem água.

Quinto dia: 16 de Outubro de 2009.

No último dia acordamos com eles nos observando, como de costume, pelas janelas da sala de informática. Fizemos uma limpeza na sala e levamos nossas coisas para a outra sala onde estavam acontecendo as aulas do curso técnico de montagem e manutenção; isto porque o professor Rosivaldo teria que usar o laboratório para dar sua última aula na sala de informática, demonstrando para eles algumas situações, de caráter conclusivo, do curso.

As professoras Neide e Renata foram convidadas a participar da caça às queixadas (porcos do mato) que seriam assados para a festa de sábado; antes do grupo sair para caça aconteceu uma reunião, às pressas, na sala de informática. Eles decidiam sobre a organização das apresentações que seriam feitas no sábado com a chegada da imprensa que viria à aldeia divulgar o Projeto.

Conversavam em sua língua materna e nós da equipe tentávamos adivinhar o que falavam, em vão, pois a língua Tupi Mude que eles falam, é uma das linguagens indígenas mais difíceis de entender.

O professor indígena Sebastião falou do problema que estavam tendo com o gás que tinha acabado e que outro não havia sido liberado pela secretaria do município para fazer a comida dos professores das outras aldeias e da equipe do projeto. Ele disse que junto com a comunidade da aldeia precisavam tomar alguma atitude para que isso não ocorresse mais e que se sentia muito triste pela situação. Decidiram que os professores das outras aldeias e a equipe do projeto poderiam almoçar nas casas das famílias da comunidade; falou também de como era importante a capacitação e que estávamos proporcionando a eles a realização de um sonho e que isso tinha que continuar.

Depois de decidirem juntos os preparativos da apresentação do dia seguinte, um grupo juntamente com as professoras Neide e Renata, saiu para pegar as queixadas no mato. Enquanto isso o restante da equipe ficou na sala de informática, tirando algumas dúvidas dos professores indígenas.

Após algumas horas as professoras Neide e Renata retornaram para a aldeia com o grupo trazendo dez queixadas (porcos do mato). Na hora do almoço fomos todos para a casa da Professora indígena Marli que nos convidou para comermos peixe frito; depois as professoras Renata e Neide foram à cidade saber sobre o problema da falta de gás e também para confirmar a presença da imprensa no sábado.

O restante da equipe aproveitou pra se refrescar no rio, assim que retornaram para a aldeia as professoras Neide e Renata foram até o rio, mas só a professora Renata entrou na água.

Enquanto isso na sala de informática o professor Rosivaldo dava a última aula do curso técnico de montagem e manutenção de computadores. Terminada a aula nós voltamos à sala de informática para finalizar o curso de formação de professores indígenas.

A professora Neide enviou a eles, por e-mail, um questionário sobre a importância da criação dos e-mails, orkuts e blogs e também sobre o que esperam para a próxima etapa do curso formação de professores em Março de 2010.

Enquanto os professores respondiam ao questionário, as crianças da aldeia ficavam do lado de fora olhando pela janela o que acontecia na sala de informática. Pegaram cadeiras e sentaram do lado umas das outras como se estivessem vendo um filme. Era lindo ver aqueles rostinhos curiosos a observar seus professores aprendendo as novas tecnologias para ensiná-los depois. Aproveitei pra tirar algumas fotos deste momento único, essas crianças, estavam ali a observar o seu futuro sendo mudado mesmo sem saber.

Depois de tirar as fotos das crianças voltei para sala de informática e fui conversar com alguns professores indígenas, enquanto respondiam ao questionário. Perguntei a eles com que finalidade os e-mails, orkuts e blogs seriam trabalhados em suas práticas escolares. Alguns responderam que toda comunidade precisa aprender a utilizar as novas tecnologias para ter mais acesso às informações e que isso será

importante para divulgar a cultura deles para o mundo; usar os recursos tecnológicos poderia ajudá-los nisso. Com o e-mail, eles poderiam armazenar documentos, planos de aula e receber os trabalhos dos alunos mesmo estando longe e que com o orkut e blogs, poderiam registrar suas histórias e também divulgar seus trabalhos pedagógicos. Desta maneira, mostrando à sociedade não indígena que eles têm valor e que precisam ser respeitados.

Um dos professores comentou sobre o preconceito que sofrem quando vão para a cidade. As pessoas os tratam diferente, olham como se eles fossem de outro mundo e que por isso muitos jovens indígenas sentem vergonha de dizer que são índios, negando suas origens. Desta maneira, ele pensa em fazer um trabalho em cima da valorização da cultura indígena e vê nos instrumentos tecnológicos um meio de manter a identidade indígena viva para que os futuros “curumins” não tenham vergonha de serem índios.

Vários dos jovens monitores índios me chamaram para fora da sala de informática, queriam tirar fotos para guardar de recordação dos dias que passamos juntos; penso que esta seja uma forma de agradecimento pelo curso técnico que foi oferecido a eles através do Senai.

Depois que todos responderam ao questionário e foram se recolher, a equipe foi ver as queixadas que estavam assando para o dia seguinte; tiramos algumas fotos pra registrar e fomos dormir para acordar cedo, pois a imprensa chegaria pela manhã na aldeia juntamente com alguns visitantes na UNIR – Campus de Ji-Paraná, do SENAI, Ceron, e da Eletronorte.

Sexto dia: 17 de Outubro de 2009.

Acordamos mais cedo, arrumamos nossas coisas para ir embora e limpamos a sala de informática e a sala de aula onde estavam nossas coisas. O restante da aldeia se preparava para receber os visitantes; os indígenas mais velhos e os jovens se pintavam com urucum, colocavam seus cocares, flechas nas mãos, algumas mulheres vestiram suas saias de palhas, brincos de penas e pinturas no corpo. Os pequeninhos imitando os mais velhos tentavam se pintar também. Assim que tomamos banho fomos para o banco onde alguns dos índios estavam fazendo as pinturas nos braços para fazer também, queríamos nos sentir como um deles.

Enquanto estava sendo pintada nos braços a imprensa chegou juntamente com os demais convidados, tiraram fotos da pintura que um deles fazia em mim, nessa hora percebi que ele ficava incomodado e parava de pintar, eu o perguntei por que parava de pintar quando chegava um grupo de pessoas olhando e ele respondeu que não gostava de aglomeração de pessoas em volta dele enquanto pintava. Assim que terminou de me pintar eu o agradei e ele levantou e saiu, depois fui em direção a casa do pajé onde os que faziam a apresentação de canto e dança se preparava, um deles pintou meu rosto com urucum e fomos para o meio da aldeia onde eles se apresentariam.

Todos se concentraram no meio da aldeia, os indígenas fizeram as apresentações e junto com eles dançamos de braços dados ao som do canto indígena que os mesmos cantavam em coro, depois os monitores indígenas receberam os certificados do curso técnico de montagem e manutenção de computadores oferecido pelo Senai. Fizemos algumas homenagens a eles e depois recebemos a homenagem deles e ganhamos de presentes colares e pulseiras de cocos feitas por eles e tiramos fotos com eles para registrar esse momento histórico. Depois eles convidaram a todos para conhecer o rio, fomos todos para lá, alguns dos convidados entraram na água e nadaram junto com as crianças enquanto os outros ficaram apenas olhando em volta.

Fomos almoçar e depois nos despedimos para ir embora, era difícil segurar as lágrimas na hora de ir embora, infelizmente não pude me despedir de todos, mas aprendi coisas valiosas com eles, só quem conhece a realidade deles conseguem vê-los com outro olhar, sem preconceito. As pessoas só têm preconceito com aquilo que

não conhecem, e através do curso de formação de professores oportunizada a esses povos pelo Projeto de Inclusão Digital, eles poderão mostrar ao mundo seus costumes, sua cultura e o seu valor e quando todos os conhecerem, saberão que ser índio é ser humano na mais pura naturalidade.

Relatório da Segunda Etapa de Capacitação

Numa Segunda Etapa de Formação dos indígenas, acontecida em abril de 2010, discutiu-se, com os grupos que participaram da primeira etapa, o tema da formação do docente indígena na sua interface com o uso das TIC como ferramenta pedagógica.

Essa segunda etapa de formação teve início no dia 11/04 e seu término no dia 15/04, ocorrendo durante o período da manhã, tarde e noite, com uma carga horária de 60 horas. Novamente, transcreve-se o relatório, elaborado por membros da equipe, a seguir.

Primeiro dia: 11 de Abril de 2010

Partimos do perímetro urbano de Ji- Paraná rumo as terras Indígenas Igarapé Lourdes nos dia 11/04 as 9: 30 da manha. A caminho da aldeia já deparamos com um problema, a cabeceira da ponte que dá acesso a mesma estava parte dela interditada, pois, com o período prolongado de chuvas acabou abrindo uma cratera e já havia alguns dias que estava assim, mas não houve contrapartida nem do município e nem do estado para solucionar o problema, mas isso não foi impedimento para chegarmos até a aldeia.

Já na aldeia nos foi confirmado outro problema mais complexo, exigindo uma pequena mudança no roteiro de trabalho, no entanto esse problema não dependia apenas dos indígenas para ser solucionado haja vista que foram vitimas de tal. A problemática foi que professores Indígenas não tiveram acesso ao laboratório de informática depois de concluída a 1ª etapa, ocorrida no final de 2009, e vários foram os motivos; a falta de eletricidade- corte da energia pela CERON na Aldeia Ikólóehj-etnia Gavião e ausência do sinal da Intenert, e falta de manutenção dos computadores na Aldeia l'Târap etnia Arara.

Como se vê, apesar de motivados, existia uma série de dificuldades, relativas ao contexto; diante disso, os próprios professores manifestaram desejosos e necessitados de uma recapitulação prévia do que já havia visto na etapa passada.

De certa forma, os indígenas estavam sensibilizados para incorporar a informática a suas práticas escolares, de modo que os artefatos tecnológicos pudessem agregar valor às atividades de formação das novas gerações pelas quais são responsáveis.

A formação tem por objetivo motivar e instrumentalizar docentes indígenas para o uso do computador como ferramenta auxiliar da prática pedagógica escolar.

Foi feita uma socialização junto aos indígenas, deixando-os opinarem a respeito do que seria visto nesta recapitulação dos conhecimentos prévios.

Segundo dia: 12 de Abril de 2010

No dia seguinte foi elaborado pelas professoras (Neide e Renata) um novo roteiro de trabalho flexível a ser realizado durante a semana de curso de formação e de maneira que pudesse contemplar a recapitulação e acrescentando a esses novos conhecimentos e experiências, permanecendo os mesmo objetivos antes definido, sendo este também socializados e sujeitos as modificações que fizesse pertinente no decorrer do formação.

As atividades definidas para a segunda etapa, com ênfase na recapitulação, foram:

- E-mail, Orkut, MSN e Blog das Aldeias.

- Pesquisa no Google; O que é Netiqueta; Conceito de Ética.
- Correio eletrônico. E-mail; Como anexar arquivo e enviá-los como anexo.
- Orkut, Blog (pessoal); construção e postagem/ alimentação do mesmo, como utilizá-lo e para que serve.
- OpenOffice Writer(Editor de texto); o que é, Pra que serve, Como explorar as ferramentas que dispõem na confecção de histórias coletivas e em quadrinhos.
- Impressão; como imprimir, (modo econômico) o que imprimir, quantas folhas e impressão.
- Kolour Paint; criação e ilustração de desenhos - das histórias coletivas.
- Concurso dos desenhos (escolha para ser estampada na camiseta).
- Construção do Plano de Aula e sua aplicação no laboratório com seus alunos – utilização do computador como uma ferramenta pedagógica.

Esses foram os pontos planejados que serviu de base para o desenvolvimento de atividades paralelas, ora implícito no roteiro de trabalho, ora sugerido pelos próprios educadores indígenas no decorrer do curso, sendo este um roteiro que pudesse favorecer na construção de uma intercambio maior entre os dois povos utilizando a tecnologia de informação e comunicação e a divulgação, conscientização do uso correto desta ferramenta que ora se apresenta como recursos didático-pedagógicos, agregando valores na prática e saberes escolares de uma educação diferenciada.

Como primeira atividade de recapitulação foi desenvolvida pesquisa sendo que, tendo como temática o conceito de ética e Netiqueta; essa pesquisa e sua possível interpretação teve como objetivo mostrá-los como devemos utilizar o recursos pesquisa(Internet) de forma coerente, pedagógica e saudável para cada etnia, concomitantemente a professora Neide trabalhou o conceito de ética na Internet, enfatizando a questão dos sites que devem ser evitados de ser acessado, utilizar o computador não apenas para acessar paginas de relacionamentos, ou seja para explorar o computador não é necessário utilizá-lo com internet, o mesmo dispõem de variados software muito mais educacionais, sem precisar do acesso a rede de computadores.

Todas as pesquisas deveriam seguir um cronograma criterioso, pois deveriam ser lidas pelos indígenas e socializadas de acordo com sua interpretação. Para que os professores indígenas pudessem acompanhar passo a passo para realizar pesquisa, acesso a Internet, como selecionar, copiar, arquivar documento, imagens e outros a professora Neide fez as respectivas simulações, utilizando o retroprojeter que automaticamente projetava de forma que todos pudessem ver e acompanhar. Foi interessante neste momento e noutros vê-los estrategicamente anotando todos os passos dessa simulação em seus cadernos, um forma de deixar registrado para não esquecerem e se esquecerem estaria ali no caderno de registro.

Percebemos que alguns principalmente as duas únicas professoras: Marli (Arara) e Sandra (Arara) apresentavam certo medo do computador, ora por receio de danificá-lo, ora por não fazer algo por medo de fazer errado. Depois de nossas explicações como uma estratégia de deixá-los mais natural, foi conversar com os educadores sobre o erro e o computador que só aprendemos depois de varias tentativas não importando se vai errar, ou não, sendo assim com o computador não é diferente, pois ele é uma ferramenta feita justamente para suportar todos as nossas tentativas e ele não danifica tão facilmente.

Paralelo as atividades trabalhamos a questão da autoconfiança, autoestima, o autoconceito, enquanto percepção que cada pessoa tem do seu próprio valor, ou seja, em termos práticos, a auto-estima se revela como a disposição que temos para nos ver como pessoas merecedoras de respeito e capazes de enfrentar os desafios básicos. [...] deste modo se faz necessário criar elos saudáveis, favorecendo na construção e fortalecendo a identidade e na coragem de enfrentar os desafios.

Com as TIC os indígenas têm a possibilidade de expandir suas relações que cada vez mais se torna significativa para a divulgação e afirmação de sua identidade cultural como sujeitos criativos e ativos no mundo, críticos e cidadão capazes de transformação dos espaços onde a dialogicidade com o outro se faça presente.

Terceiro dia: 13 de Abril de 2010.

Percebemos que, a partir do segundo dia apresentavam mais seguros de si e ia aos poucos se familiarizando com o objeto (computador) e o nervosismo e o medo que antes apresentara como obstáculo agora com menos freqüência. Na segunda pesquisa deixamos que cada um escolhesse seu tema, a acabou que todos pesquisaram sobre a tragédia ocorrida no Rio de Janeiro-deslizamento de terra no Morro do Bumbá, no início de abril 2010. Foi algo escolhido unânime para pesquisa, pois, de fato este acontecimento chamou a atenção e queriam saber mais a respeito.

Realizada a leitura, em seguida à socialização das interpretações que cada um fez a partir dessa pesquisa, notamos a preocupação dos professores indígenas em relação ao meio ambiente, alguns disseram “*o não-indio não sabe tratar bem a natureza por isso que esta acontecendo essas tragédias*”. Haja vista os indígenas mantêm uma relação de simbiose com a natureza algo como sagrado, indestrutível. Nascendo uma consciência ímpar de meio ambiente e sustentabilidade, pois vai além de meros conceitos; nem por isso os indígenas deixam de discutir entre si o que pode vir a ocorrer em torno da aldeia, preocupados com o futuro e o meio ambiente.

Já no final das interpretações presenciamos o seguinte comentário: “temos que mostrar para nossos alunos (indígenas) o que pode acontecer aqui na aldeia e com os nossos parentes”... ou seja, a TICs vem proporcionar conhecimentos em relação aos vários problemas que são colocados e sugestão como evitar eminentemente fatos negativos.

Foi através dessas interpretações e sua socialização, favorecendo um diálogo, deixando- os falar e defenderem seus pontos de vista, dando voz, que objetivos, antes já definidos por nós, foram, aos poucos sendo, de fato, concretizados. Feitas suas colocações e não perdesse seu ponto de vista e sua experiência de vida que lhes é peculiar. Acompanhando os fatos que mesmo não familiar possa ser discutido com os seus alunos de forma a impedir que tais fatos façam parte de seu cotidiano.

A experiência no editor de textos se deu através da sugestão da professora Neide com tema a Inclusão Digital (texto coletivo), onde os professores teriam que concluir a frase que se iniciava assim : A chegada dos computadores nas terras Indígenas Igarapé Lourdes etnias Arara e Gavião proporcionou..... Sendo estipulado que a cada 3 linhas digitadas os professores iam fazendo um rodízio de lugares(trocas) e acrescentava a sua opinião na medida que o texto era finalizado não permitido escrever o que já havia sido escrito por outro. Alguns neste momento preferiram primeiro rascunhar no caderno para depois digitá-lo no editor, ou seja, com mais cautela e sendo mais viável. De início a dificuldade nessa atividade foi na hora corrigir uma palavra, como iniciar um parágrafo, acento, para iniciar outra linha abaixo, a mais árdua foi a hora da formatação do texto pois essa necessitava por parte do indígenas mais prática e familiaridade com a ferramenta.

Mas mesmo com essas e outras dificuldades neste contexto os escritos foi de uma oralidade riquíssima, peculiar que não poderíamos de forma alguma alterá-lo, pois é uma característica da sua identidade cultural carregadas de valores simbólicos e significados que vai além das quatro paredes do laboratório de informática, da sala de aula. Ficamos gratificados que os objetivos estavam sendo alcançados, de forma muito ágil e para além de nossas insignificantes expectativas, percebendo o quanto o outro nos favorece, pois houve uma troca de saberes e muito diálogo, resultando no enriquecimento das culturas.

Em alguns dos textos coletivos, foi relatado o seguinte:

A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, etnias arara e gavião, proporcionou para qualificar os conhecimentos dos professores indígenas arara e gavião, através desta tecnologia estou adquirindo uma nova experiência, um novo conhecimento. Cada vez mais a gente aprende um novo conhecimento, por isso que estou participando deste curso. Porque é mais fácil aprender por meio de tecnologia as coisas que não sabemos.

Através da tecnologia podemos ouvir os acontecimentos do mundo. Também conhecer a história dos indígenas que vive em outros estados, como muitas vezes agente ver no jornal muitas morte até mesmo nas universidades vimos violências. Podemos perceber que a realidade dos não indígenas são muito mais diferente. Através da tecnologia podemos monitorar os estados que mais destrói a natureza, muitas vezes quem é culpado são os índios, agora sabemos que não são só nós que destruímos a natureza. Nós que preservamos mesmo a natureza ,onde existem floresta ainda é só nas Terras indígenas. E por isso queremos preservar a nossa floresta e proteger a nossa terra. Para que não aconteça destruição e desmatamento nas terras indígenas devem fazer fiscalização. (Roberto Sorabáh Gavião)

...busca de conhecimentos da globalização. A fazer produção de materiais para trabalhar com os alunos e comunidades para que juntos podemos conhecer outros povos e culturas diferentes. Com a cultura divulgada podemos conquistar nosso direito em cada instituições envolvente na questão indígena. Podemos chegar no conhecimento do mundo ganhando assim o respeito da sociedade branca. Pois , conhecendo que respeitamos e damos valor uns aos outros . (Iran Kávsona gavião)

.... novos conhecimentos através dos instrumentos que nunca tiveram na sua sociedade. Pela primeira vez estes povos buscam informações do mundo através da internet assim também sendo conhecido pelo mundo. Os povos Indígenas precisam conhecer, aprender as coisas novas através do computador e internet para buscar os novos conhecimentos. Precisamos de curso para aprimorar os conhecimentos para que possamos repassar para os nossos alunos,também produzir atividades para desenvolver na sala de aula. Nos queremos ser habilitado a usar o computador para gente fazer os nosso planejamento e também elabora as atividades para os alunos. E importante também elabora pequenos projetos para nossa escola para manda um documentos pra funai seduc.

A chegada da tecnologia na aldeia trouxe uma transparência de como estudar e conhecer o mundo para nós povos indígena. Este tecnologia terá um grande significado para nós pois seráum grande suporte para o nosso trabalho, na preservação da nossa cultura e da nossa história. (Sandra Arara)

De certa forma, os indígenas têm a convicção de que concluída essa etapa eles possam mostrar através das postagens no blog, e-mail, internet e orkut divulgar a cultura de seu povo para a sociedade não- indígena, sua historia escrita por eles mesmos e postada em sua língua materna, como realização percebemos o desejos de ser tornarem independentes em todos os sentidos seja no econômico- político-social e educacional. O que todos esperam é poder andar com suas próprias pernas, não depender de intermediadores, cotidianamente, “não precisar de autorização como se fosse filho pequeno (criança) pedindo para o pai” fala de Roberto Gavião. Ele foi um dos que proferiu desabaços indignados quando foi finalizada a leitura de um documento que seria enviado para a FUNAI, comunicando a ida dos professores Indígenas para o seminário em São Paulo.

É notável o fato de que, através dessa inclusão do acesso a tecnologia de informação e comunicação, está sendo proporcionado embasamento na ressignificação de vários conceitos das várias formas de ver, ler e interpretar o mundo, as relações e culturas. Estão se mostrando mais seguros, críticos e se sentindo como sujeitos cidadão fazedores e perpetuadores de seus costumes na afirmação de sua identidade cultural.

Concluída essa etapa da construção do texto coletivo, nós apresentamos o colour Paint (programa fazer desenhos e ilustração), pois os indígenas deveriam fazer a ilustração do texto utilizando essa ferramenta. Foi feito outor simulado de como

utilizar as ferramentas que ele dispõem para fazer as ilustrações. De início, pensamos que iriam sair coisas mais simples; de fato, nós os subestimamos, nesta primeira vez em que se exploraria este recurso ilustrativo, mas, foi surpreendente: com apenas poucas orientações nossas foram aprimorando, familiarizando, explorando todos os recursos.

Depois de finalizada, a ilustração foi anexada a cada texto coletivo e salvo com nome do indígena para, no dia seguinte, ser postado no blog.

Percebemos que a cada nova atividade eles estavam mais independentes no uso de certas ferramentas que já lhes eram familiares.

Quarto dia: 14 de Abril de 2010.

Tivemos algumas dificuldades na construção do blog, pois exige um pouco mais de dedicação, é mais burocrático e mais árduo. A cada nova atividade o grau de dificuldade oscilava. Porém muito vantajoso, pois, muitas coisas já não eram tão estranhas e facilitou para a postagem do texto coletivo e do individual, das historinhas em quadrinhos do Dia do Índio e dos cartões do Dia das Mães no blog. Os textos foram traduzidos da língua materna para portuguesa e, a partir disso, é que analisamos um pouco de sua linguagem escrita; essas postagens, anexando o texto que ele havia editado no Word, favoreceu uma familiaridade com o processo de salvar, anexar e postar, tanto que os indígenas estavam mais independentes de nós, embora alguns apresentassem grandes dificuldades ao abrir uma página sobre outra, sem precisar fechá-la.

Em relação à escrita (digitada) dos professores indígenas, nos líamos sem alterar o conteúdo e nem colocar como norma a nossa língua portuguesa. Enquanto orientadores do curso de formação, fomos cautelosos em relação a isso; no entanto, orientávamos o limite da formatação do texto, tamanho e seleção da fonte, cor, e o uso combinado das teclas para selecionar, negritar, sublinhar frases. Os indígenas apresentam uma forma que lhes é peculiar de ler e escrever a língua portuguesa, e isso os diferencia dos outros sendo mais que essencial a preservação da língua materna. O uso das TIC exige uma reflexão acerca de sua contribuição de forma racional eles falam a língua portuguesa e entendemos perfeitamente o que querem dizer, por isso não achamos justo e isso não nos dá o direito de sobrepor o que escrevemos e falamos gramaticalmente como certo e único, também não cabendo aqui comparações e nem sua subestimação de nossa parte. A oralidade e escrita na língua materna é essencial para o povo indígena, em termos de preservação da própria cultura, cabendo somente o respeito e consideração de nossa parte.

Quinto dia: 15 de Abril de 2010.

Este dia foi destinado ao planejamento e desenvolvimento das aulas. Para a construção do plano de aula ficou decidido, dada a proposta de formação de três grupos; cada grupo ficaria responsável pela elaboração de um plano de aula de acordo com a série e turma que lecionava na aldeia e responsável também por trazer seus alunos até o laboratório de informática para o desenvolvimento da mesma.

Em relação aos critérios para elaboração do plano não tiveram maiores dificuldades, nem na digitação e nem na impressão. Neste dia já estavam bem autônomos, seguros.

Foram elaborados planos para as turmas da 2ª série, 3ª série e 6ª e 7ª série. No momento de elaboração os grupos (educadores indígenas) discutiam entre si sobre o que iriam fazer e como iam fazer; durante este momento de reflexão-ação, nós os deixamos livres para escolher o tema e pesquisar na internet, pois, já dominavam suficientemente a ferramenta para buscar sugestão sem precisar de nossa interferência.

De certa forma exigiu uma maior reflexão acerca do uso do computador como mais um recurso pedagógico para a prática, proporcionando desta forma uma interação entre os educadores indígenas sobre o seu uso e o processo de ensino-aprendizagem; trocaram idéias, socializando-as, a partir de suas experiências em sala de aula. Os educadores perceberam o quanto foram importantes as atividades desenvolvidas no laboratório. Partiram do que já tinham domínio, como pesquisa, desenhos paint, construção de história, ou seja, passando agora para orientadores de seus alunos.

Antes de iniciar a aplicação do plano de aula os professores se apresentavam e falavam sobre o planejamento, o porquê da escolha do tema e os seus objetivos. E, em seguida, os alunos já de posse dos computadores deram início à aplicação do plano de aula. Eles iam fazendo o mesmo processo que antes foi feito pela professora Neide: a simulação de como fazer a pesquisa, digitar o que iriam pesquisar, depois lerem a notícia, suas interpretações e socialização com o restante da turma.

O coordenador do grupo que estava aplicando o plano era responsável pela simulação e os outros educadores faziam as orientações nas mesas com os alunos e essas orientações e simulações se davam na língua materna.

Percebíamos que os alunos eram atentos as explicações e curiosos diante daquilo que se mostrava como uma ferramenta a ser explorada por inteiro.

Alguns professores de início estavam meio inseguros e apreensivos particularmente a educadora Sandra (arara), Claudinei (Gavião) e o Iran (Gavião).

Conforme os mesmos iam conversando, trocando idéias entre si pedindo ajuda aos outros grupos socializando as dificuldades na hora da aplicação do plano foram aos pouco dando espaço para si mesmo ocorrendo de forma naturalmente.

Compartilhamos o que os educadores demonstravam quando o seu aluno conseguia a partir de sua instrução, a satisfação estava no olhar e no sorriso dos próprios educadores, refletindo nosso sentimento, também, de satisfação quando conseguíamos atingir os objetivos propostos.

O planejamento e seu desenvolvimento se apresentaram como um desafio e mostrou para os próprios professores indígenas que nada é impossível de aprender e ensinar com as TIC.

De fato, essa segunda etapa trouxe mais autonomia, segurança e uma aproximação; a socialização e troca de saberes entre os povos diferentes etnicamente é de suma importância e o significado, imensurável. Mostrando o quanto é importante a inclusão, mas acontecendo de maneira em que se respeita, se afirma e se valoriza a etnia, a língua materna e a cultura dos povos indígenas. Se acontecer de forma contrária a isso, não será inclusão; será, sim, uma negação da cultura, da diversidade, da língua, da dança, dos valores simbólicos, enfim, da identidade cultural da etnia.

Foi através dessa formação, que ouvimos, mesmo sem precisarem proferir palavras, o que de fato eles esperavam e desejavam: a importância de respeitar a forma de repassar os seus conhecimentos para os seus alunos nas aldeias e o significado disso para a própria comunidade indígena.

Apêndice C – Questionário de avaliação (Instrumento de avaliação encaminhado, por e-mail, pela pesquisadora para os indígenas)

QUESTIONÁRIO – AVALIAÇÃO

1. Gostaria que vocês escrevessem um pequeno resumo contando a importância da capacitação, envolvendo criação do e-mail, Orkut e blog.
2. O que vocês esperam para a segunda etapa da capacitação em março de 2010.

Agradeço de coração a cada um de vocês pela acolhida carinhosa na aldeia de vocês.

Abraços,
Profa Neide.

Apêndice D – Projeto Pós-Pesquisa

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA - UNIR
CAMPUS DE JI-PARANÁ
Departamento DE Ciências Humanas e Sociais- DCHS

**Preservação e Revalorização da Cultura do Povo Arara:
uma Experiência na Amazônia Legal
Projeto de Extensão Universitária**

Prof Neide Borges Pedrosa, Msc

DCHS- Depto de Ciências Humanas e Sociais
Campus de Ji- Paraná UNIR

Aluno Sebastião Kara'yã Gavião

Curso Educação Básica Intercultural- UNIR
Prof da Escola Estadual de Educação Fundamental
Itârap - Etnia Arara

Ji-Paraná/Rondônia
Novembro/2010

1-Justificativa

Nossa participação no Projeto “**Comunidade Indígena: inclusão digital e identidade cultural**”, desenvolvido e coordenado pela Prof Neide Borges Pedrosa da UNIR- Universidade Federal de Rondônia nos levou a reconhecer que a inclusão digital tem sido uma marca contemporânea.

Sem buscá-la como simples modismo, a inclusão digital justifica-se pela necessidade de se considerar seu papel no que diz respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana nesta sociedade contemporânea. Com isto se quer dizer que promover a inclusão digital é tarefa voltada para a efetividade do direito de acesso aos bens produzidos pela humanidade, direito de ser, direito de vivenciar sua identidade, bem como, de reconstruí-la, sempre em função da própria consciência e da própria opção.

Inspirando-se nestes direitos, ao favorecer o uso das TIC pelos povos indígenas estaremos contribuindo para promover a cidadania dos indígenas, colocando-os em contato com outras aldeias num processo importante de partilha de informações por meio da internet, que possibilite arregimentar forças na luta por suas causas, numa ação emancipatória, cidadã e inclusiva.

Todo este processo aponta para a revalorização dos povos indígenas e de sua cultura na sociedade brasileira, constituindo-se momento significativo para a preservação de sua identidade em diálogo com as condições e inovações da contemporaneidade.

Além disso, o conhecimento produzido e sistematizado no contexto das ações e atividades de um processo dessa natureza torna-se matéria-prima e condiciona diretrizes para a elaboração da proposta pedagógica curricular de uma educação escolar indígena, articulada com seu tempo e espaço,mas, que nem por isso perde sua identidade.

2-Objetivos

2.1.Objetivo Geral

Preservar a cultura do Povo Arara, proporcionando aos indígenas e sua comunidade a recuperação de sua memória histórica, a reafirmação de sua identidade étnica e a valorização de sua língua e costumes.

2.2.Objetivos específicos

Registrar a elementos da cultura do Povo Arara, através de cantos, danças tradicionais, história de vida, produção de bebidas, rituais de pajelança, confecção de artesanatos e instrumentos musicais.

- Fazer o registro de tais atividades por meio do uso das tecnologias como: filmadora, máquinas fotográficas digitais, gravadores, celulares e outros.
- Recorrer ao uso de computadores e da internet para produzir e divulgar os resultados da pesquisa, documentando e socializando o conhecimento construído.

3-Metodologia

Docentes e jovens indígenas da etnia Arara, da Terra Igarapé Lourdes do Município de Ji-Paraná RO, participaram do Projeto “**Comunidade Indígena: inclusão digital e identidade cultural**”, desenvolvido e coordenado pela Prof Neide Borges Pedrosa da UNIR- Universidade Federal de Rondônia, no período compreendido entre 2008-2010.

Foi implantado um Laboratório do Kit Telecentro, política pública do Ministério das Comunicações, com o objetivo de propiciar à comunidade indígena a incorporação das TIC ao seu cotidiano de modo que os artefatos tecnológicos possam agregar valor às atividades do seu dia-a-dia, em especial, à prática pedagógica da escola indígena.

A partir daí, procedeu-se à capacitação dos docentes indígenas no “uso do computador e da internet como ferramenta pedagógica”, pela Prof Neide e dos jovens da comunidade na “montagem e manutenção de computadores”, sob a responsabilidade de professor do SENAI.

O Professor indígena Sebastião Kara`yã Gavião, motivado pela experiência vivenciada, decidiu dar continuidade à proposta pela qual passa a se responsabilizar, com uma postura voltada para a preservação da identidade de seu povo.

No relato da pesquisa conduzida pela Prof Neide Borges Pedrosa, ele reconhece a oportunidade de ter acesso a informações, valoriza a relação com a sociedade envolvente, não se rejeita enquanto sujeito diferenciado desta realidade com a qual passa a conviver, ao nela se inserir. Mas, também, não se dispõe a abdicar de sua própria história:

*“... sou professor, trabalho há mais de dez anos na educação. Ao decorrer do meu trabalho aprendi muito como funciona os trabalhos dos não indígenas, consegui publicar um livro de mito do meu povo, ainda estou quase concluindo um dicionário na língua karo. Com minha entrada na Universidade eu pretendo pesquisar muito mais as histórias do meu povo para ser divulgado e preservado para eu as pessoas que não conhecem índios possam reconhecer as nossas culturas nacionalmente ou até internacionalmente.”
(Prof. Indígena Sebastião Kara`yã Gavião – outubro/2009)*

Esta posição do professor revela que sua inserção no meio não- indígena envolveu assimilar o valor da pesquisa na construção do conhecimento, o significado da Universidade, de um livro e de um dicionário; porém, ele se mantém, com clareza, fiel às suas origens e tomando todos estes recursos como algo a serviço de si e do seu povo. Em nenhum momento pode-se pensar que Sebastião viveu um processo acríptico de busca de inserção, à custa da negação de sua história pessoal.

O projeto ora proposto será desenvolvido por meio dos seguintes procedimentos/ instrumentos de pesquisa:

- Gravação e filmagem de narrativas, de eventos na comunidade e de trabalho cotidiano artesanal, tais como: cantos, danças tradicionais, história de vida, produção de bebidas, rituais de pajelança, confecção de artesanatos e instrumentos musicais.
- Rodas de conversa com os idosos da comunidade indígena.
- Documentação fotográfica.

- Pesquisa na internet.
- Publicação com atualização periódica no blog da etnia.

4-Recursos básicos

4.1.Humanos: Prof Neide Borges Pedrosa (Professora Assistente da UNIR); Professor indígena Sebastião Kara`yã Gavião (Aluno/UNIR Bolsista); jovens indígenas monitores.

4.2.Técnicos e Equipamentos:

- Infra- estrutura do Kit Telecentro da Aldeia Ytaráp com internet banda larga wireless.
- máquina fotográfica digital; filmadora; gravador; laptop.(A serem providos mediante doações para o projeto)

Apêndice E – Ofício que justifica ser desnecessária autorização da FUNAI para a pesquisa

Ji-Paraná, 13 de julho de 2011.

Da: Profa Neide Pedrosa

Para: Profa Dra

Assunto: Defesa doutoramento

Prezada Profa

Ao cumprimentá-la, solicitamos de Vossa Senhoria especial atenção no sentido de considerar o que segue abaixo para a viabilização da defesa de minha Tese de Doutorado no que diz respeito à autorização para desenvolvimento de estudos e pesquisas em Terras Indígenas.

Tendo por tema “Comunidade de formação e prática pedagógica indígena: inclusão digital e identidade cultural” realizei uma investigação no contexto das aldeias indígenas das etnias Arara e Gavião, que vivem na Terra Igarapé Lourdes do Município de Ji-Paraná, em Rondônia. Inspirada nos ideais de uma escola diferenciada, a pesquisa referenciou-se pela valorização plena das culturas dos povos indígenas, afirmação e manutenção de sua diversidade étnica, enfocando a inclusão digital numa perspectiva emancipatória, por meio da qual se respeita a diversidade em contraposição à adaptação a um modelo dado e imposto às comunidades indígenas.

Considerando os dispositivos da Lei 9394/2011 - Diretrizes e Bases da Educação Nacional no que tange à educação dos povos indígenas, o referido texto prevê e orienta no art. 78 como devem ser desenvolvidos os programas de ensino e pesquisa no âmbito da educação escolar.

“Art. 78 - O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisa, para oferta de educação escolar bilíngüe e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II- garantir aos índios, suas comunidades e povos o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.”

Assim, observamos que a legislação preconiza que os processos de estudos e pesquisas devem se constituir em objeto de planejamento compartilhado com as comunidades indígenas, conforme podemos observar no art 79, especialmente no parágrafo primeiro apresentado em destaque:

“Art. 79 - A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§1º Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§2º Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

I - fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

- II - manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;
- III - desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;
- IV - elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.”

Dessa forma, compreendemos que a tarefa da Universidade é o compromisso com a produção de saberes em comum acordo com as comunidades indígenas. Aqui na UNIR, e especificamente no Campus de Ji-Paraná, foi implantado, desde 2009, o Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural destinado à formação de docentes indígenas, cujo eixo principal é a articulação ensino e pesquisa.

Vale acrescentar que há dois trabalhos recentes elaborados dentro da temática da educação escolar indígena que percorreram caminhos semelhantes ao nosso, a saber:

- A) Tese de doutoramento da Profa Aparecida, defendida em 2008 na USP;
- B) Tese de doutoramento da Profa Josélia Gomes Neves “Cultura escrita em contextos indígenas” defendida em 2009 na UNESP – Campus de Araraquara.

Deste modo, entendemos que as exigências legais foram consideradas, daí a pertinência da conclusão de mais esta etapa do trabalho, a defesa da Tese.

Atenciosamente

ANEXOS

Anexo A – E-mails criados pelos indígenas

	e-mail	Etnia	Nome
1.	amarildopiingaviao@gmail.com	Gavião	Prof. Amarildo
2.	celionakytara@yahoo.com.br	Arara	Prof. Celio
3.	claudineygavião@gmail.com	Gavião	Prof. Claudiney
4.	edemilsonmuvqaviao@yahoo.com.br	Gavião	Prof. Edemilson
5.	irangaviao@yahoo.com.br	Gavião	Prof. Iran
6.	kapaia@yahoo.com.br	Gavião	Prof. Zacarias
7.	sebastiaogaviao@gmail.com	Arara	Prof. Sebastião
8.	marliarara@gmail.com	Arara	Profa Marli
9.	robertocastanheiraikolo@yahoo.com.br	Gavião	Prof. Roberto
10.	ronaldokaxin@yahoo.com.br	Arara	Prof. Ronaldo
11.	sandraarara@gmail.com	Arara	Profa Sandra

Anexo B – História de vida

(Conteúdo de pesquisas na internet encaminhadas para a pesquisadora, por e-mail, pelos indígenas)

terra indigena igarape lourdes

data;14 de outubro de 2009

local;aldeia iterap .meu nome e amarildo gaviao ,eu moro no pertencia de municipio de ji,parana/ro na aldeia akova vaa.(cacoal).etambém estoutrabalhando na sala de aula para ensinar os alunos(as)de 1ª ,2ª e3ª series no disciplina de lingua materna,lingua portuguesa,matematica. geografia eciencias.queremos valorizar as nossas culturas que está com os nossos mais velhos.por ex;lingua falada,costumes, cultura tradicional.por isso que estou querendo aprender para registrar os nossos historia passado e de hoje.

Meu nome é Célio Nakyt Arara o significado do meu nome é cabelo branco, louro, mais o significado do nome em português eu não sei. Eu tenho 28 anos nascido no dia 07 do 08 de 1981. Sou casado nome da minha esposa e Mariza Xagaropiwãu ARARA tenho 04 filhos muito queridos, tenho um filho querido por pessoas que conhecem ele. Ele se chama Romário ele é um amor de pessoa. Sou Professor trabalho há nove anos em sala de aula gosto de ensinar os alunos. Eu sou uma pessoa que tenho amizade com todo mundo que eu conheço, brinco muito gosto de cantar, tocar violão e também gosto de caçar, pescar e jogar futebol. Sou muito curioso das coisas boas, gosto muito de aprender com os outros colegas. E também passo para os meus conhecimentos para os meus colegas.

inicie a minha historia .meu nome claudiney xixirahv gaviao

moro na aldeia castanheira terra indigenas igarape lourdes .municipio de ji parana ro. 1999 comecei participar o projeto açai em porto velho a comunidade me escolheu para trabalhar na sala de aula como professor na aldeia passei quarenta cinco dias longe da minha familia.esse projeto me ajudou bastante e espreessou minha lingua para falar em portuques corretamente e ate que me formando juntos meu colegas.

Meu nome é Edemilsom Muv Gavião, sou professor da aldeia Tucumã, eu tenho 27 anos, nasci em 27 de julho de 1982. Moro na Aldeia Tucumã. Comecei trabalhar em 2002 como Educador na aldeia final da área. Também participei desde inicio do curso Projeto Açai. Eu me formei atraves do curso do Projeto Açai. Eu estou muito gostando meu trabalho. Eu já trabalhei em 3 escolas, em seguida esperava que acontecera vestibular indigena de Rondônia, para mim fazer tambem, mas eu não passei na prova de vestibular. Mas eu vou fazer mesmo ainda, isso é um fulturo para nós indigenas de Rondônia.

Meu nome é Iran, sou naturalista indigena, da etnia gavião de rondônia. nasci na aldeia Igarapé Lourde localizada na terra indigena igarapé lourde. Tenho 29 anos, sou

professor da Escola Zavidjaj xikovpípòhv situada na aldeia Ikólóéhj. comecei minha carreira de professor em ano de 1997. me formei professor através do projeto açai, coordenado pela SEDUC. durante 5 anos fui participando o curso de formação que acontecia 2 vezes por ano. concluímos o curso em 2004 e em 3 anos fomos enrolados pelo estado para poder receber nosso diploma. passando 3 anos, em agosto de 2007 recebemos diploma. Passamos 5 anos parados esperando o curso do ensino superior acontecer. Nada de acontecer, ninguém estava nem ai. Era nós que tinha que começar a discutir o principio do projeto do ensino superior para os professores indigenas. E esse projeto foi aprovado. " o projeto de licenciatura em Educação intercultural".

Em ano de 2009 fizemos vestibular e foram aprovados 50 professores que irão fazer faculdade. Entre esses professores passei em 5º lugar.. Eu estou muito animado para fazer faculdade, para aprender mais para poder viver com mais segurança no meio da sociedade envolvente.

Para ensinar os novos que virão para eles forma uma sociedade justa e de paz. esse é o meu sonho; forma cidadãos que respeita que tem harmonia e sentimentos por outros. durante minha permanencia neste mundo estarei lutando a favor da civilização mais justa e humanista para o futuro da geração.

Me chamo Marli peme arara esse nome peme e nome de uma batata chado taioba que comemos assado e cozido dentro dela e amarela quem deu esse nome foi minha mae .por isso me chamo peme eu nao gostava meu nome porque eu achva feio .Mas hoje eu gosto por isso sou uma pessoa feliz .Sou casada tenho uma filha por isso sou uma pessoa muito feliz .Sou professora da minha aldeia dor aula para alunos de 2º serie 1ºserie gosto muito do meu trabalho todo que eu faço e com amo .Eu nao sou uma pessoa mar gosto de brinca com meu alunos por isso que eu amo tudo que faço .Gosto de fazer macaloba e pesca tambem.

Minha trajetória de vida

Meu nome é Roberto Sorabah ,sou da etnia Gavião moro na aldeia castanheira Terra Indígena Igarapé Lourdes Municipio de Ji-Paraná-RO . nasci no dia 24 de agosto no ano de 1976 na aldeia Igarapé Lourdes,sou professor da minha comunidade ,atuo há 13 anos na sala de aula.Comecei a minha história como educador no ano de 1997,participando do curso de capacitação de professores Indigenas promovido pelo IAMA.

Após a minha participação deste curso fui indicado pela comunidade da aldeia castanheira para atuar na sala de aula .No começo da minha primeira experiencia na sala tive muita dificuldades nos planejamentos de aulas e de dialogar com os alunos.Fiquei trabalhando na sala sem formação nenhum .Até que no ano de 1998 começou a primeira etapa do projeto AÇAÍ para formar professores indigenas do estado de Rondônia ,onde participei e me formei através deste projeto. Esperamos 3 anos para receber diploma do projeto Açai.Depois disto todos os alunos do projeto fizeram prova do vestibular , 50 alunos foram classificados e eu faço parte deste grupo ,sou futuro academico para cursar o ensino superior.

Minha Historia

Meu nome é Ronaldo nakaxin arara o sequinificado é que minha mãe me colocava só delado e por isso que ela colocou este nome na lingua materna . E eu gosto do meu

sobrenome ,moro na aldeia pajgap e sou profº dou aula para os alunos de 1ª 2ª séries , gosto do meu trabalho e por isso que estou estudando mais para mim repassar o que aprendi no curso para os meus alunos.E eu moro com o meu pai e minha mãe ajudo eles na casa ,e não sou casado e gosto de fazer amizade com outras pessoas e conversar com os meus amigos .Eu fiz o projeto açai em Porto Velho.

Meu nome é Sandra Xân Arara .

E moro na aldeia iterap yamoraxu,sair da minha aldeia para participar do Projeto Açai e agora sou professora na minha aldeia e trabalhou com os alunos de primeira e segunda

série ,na sala de aula trabalhou com todas as disciplinas com os alunos e gosto de fazer

jogos com os alunos para eles produzir pequenos texto e frases.

Fora da sala de aula eu gosto de fazer artesanato como: brinco, colar, aneis e pulseira etc.

Faço chicha também.

Sou casada e tenho filhos.

Eu sou Sebastião Kara`yã Péw Gavião, sou filho de Gavião com Arara. Portanto nasci e cresci na aldeia dos Arara por isso recebi o nome de Kara`yã Péw que significa costela podre. Meus parentes colocaram esse nome em mim porque quando eu era criança eu tive uma ferida na costela. Porém sou Professor, trabalho há mais de dez anos na educação. Ao decorrer do meu trabalho aprendi muito como funciona os trabalhos dos não indígenas, consegui publicar um livro de mito do meu povo, ainda estou quase concluindo um dicionário na língua karo. Com minha entrada na Universidade eu pretendo pesquisar muito mais as historias do meu povo para ser divulgado e preservado para que as pessoas que não conhecem índios possam reconhecer as nossas culturas nacionalmente ou até internacionalmente.

Conhecendo novo mundo da tectologia, quando comecei á primeira etapa do curso de formação para professores Indígenas; no inicio foi muito difícil mas nada que pudesse barrar a minha vontade de aprender e conhecer meio tecnológico que gradativamente ia chegando meu conhecimento. Assim o tempo foi passando ate que um dia fui convidado para trabalhar na secretaria de educação, SEDUC Porto velho foi ai que tive acesso as tecnologia de perto, assim fui percebendo a importância que tinha os computadores no setor de trabalho. Durante o tempo que fiquei trabalha na SEDUC fui observando muita coisas, assim aprendi como que burocracia dificulta os tramites legais das lei exemplo; dificulta o andamento dos processo das construções das escola indígena nas aldeias. Depois de alguns a minha, comunidade foi contemplado com os computadores pelo projeto tele-centro, com direito a internet. Assim nós os professores indgenas estamos se aperfeiçoando cada vez mais as tecnologias.[sou professor atualmente estou trabalha SEDUC no setor do indigenas como executor indigenista em [Ji-parana.RO.](#)] Zacarias Kapiar Gavião

Anexo C – Avaliação: uso da informática
(Conteúdo de avaliações das atividades encaminhadas para a
pesquisadora, por e-mail, pelos indígenas)

Date: Wed, 21 Oct 2009 08:28:54 -0700

From: irangaviao@yahoo.com.br

Subject: Enc: capacitação

To: neibp@hotmail.com

--- Em **sáb, 17/10/09, Iran Gaviao <irangaviao@yahoo.com.br>** escreveu:

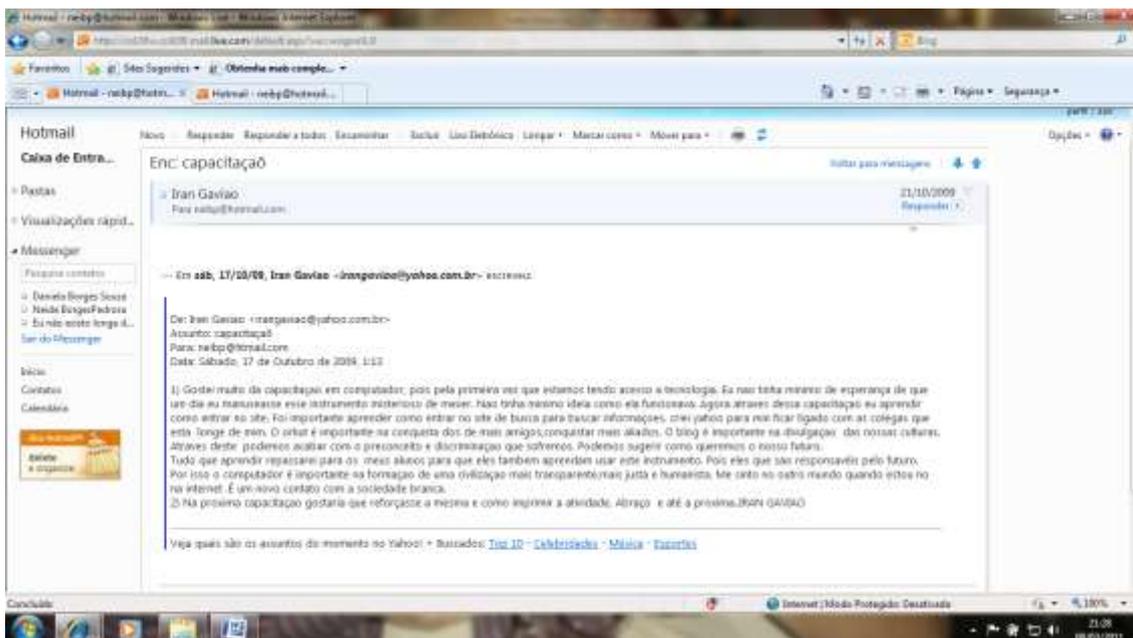
De: Iran Gaviao <irangaviao@yahoo.com.br>

Assunto: capacitação

Para: neibp@hotmail.com

Data: Sábado, 17 de Outubro de 2009, 1:13

- 1) Gostei muito da capacitação em computador, pois pela primeira vez que estamos tendo acesso a tecnologia. Eu nao tinha minimo de esperança de que um dia eu manuseasse esse instrumento misterioso de mexer. Nao tinha minimo ideia como ela funcionava. Agora atraves dessa capacitação eu aprendir como entrar no site. Foi importante aprender como entrar no site de busca para buscar informacoes. criei yahoo para min ficar ligado com as colegas que esta longe de mim. O orkut é importante na conquista dos de mais amigos,conquistar mais aliados. O blog é importante na divulgação das nossas culturas. Atraves deste podemos acabar com o preconceito e discriminação que sofremos. Podemos sugerir como queremos o nosso futuro. Tudo que aprender repassarei para os meus alunos para que eles tambem aprendam usar este instrumento. Pois eles que sao responsavéis pelo futuro. Por isso o computador é importante na formação de uma civilização mais transparente,mais justa e humanista. Me sinto no outro mundo quando estou no na internet .É um novo contato com a sociedade branca.
- 2) Na proxima capacitação gostaria que reforçasse a mesma e como imprimir a atividade. Abraço e até a proxima..IRAN GAVIAO



> Date: Fri, 16 Oct 2009 22:06:51 -0300
> Subject: Re: avaliação
> From: sebastiaogaviao@gmail.com
> To: kekeu_fsilva@hotmail.com; neibp@hotmail.com>

> 1) essa capacitação muito importante para mim porque nunca não
> tínhamos ficado ligado no mundo aqui da Aldeia, essa capacitação
> também trouxe mais animos para nós que temos amigos longe, fazia muito
> tempo que a gente não se falava e acabei encontrando os meus amigos de
> volta pelo e-mail. Acredito que isso também vai servir muito para o
> nosso trabalho, para pesquisar buscar informações etc. a criação orkut
> é importante para fazer amizade aproximar mais as pessoas que não
> conhece os índios e diminuir o preconceito. O blog por exemplo é
> importante para divulgar a cultura , os costumes e a tradição do nosso
> povo. O e-mail é para buscar informações se comunicar com os colegas
> , buscar mercado de trabalho fora da aldeia e assim por diante.
> 2) espero que na segunda etapa da capacitação que a gente possa
> melhorar mais nossos conhecimentos e que possamos manusear os
> computadores com mais facilidade.
> a implantação do laboratório é importante para nossos alunos terem
> conhecimento e armazenar as histórias do seu povo .

> atentamente

> Prof. Sebastião gavião>

> 2009/10/16 sebastião gavião <sebastiaogaviao@gmail.com>:

> > ----- Forwarded message -----

> > From: Neide BorgesPedrosa <neibp@hotmail.com>

> > Date: 2009/10/16

> > Subject: avaliação

> > To: sebastiaogaviao@gmail.com

_kapiaar@yahoo.com.br

kapiaar@yahoo.com.br

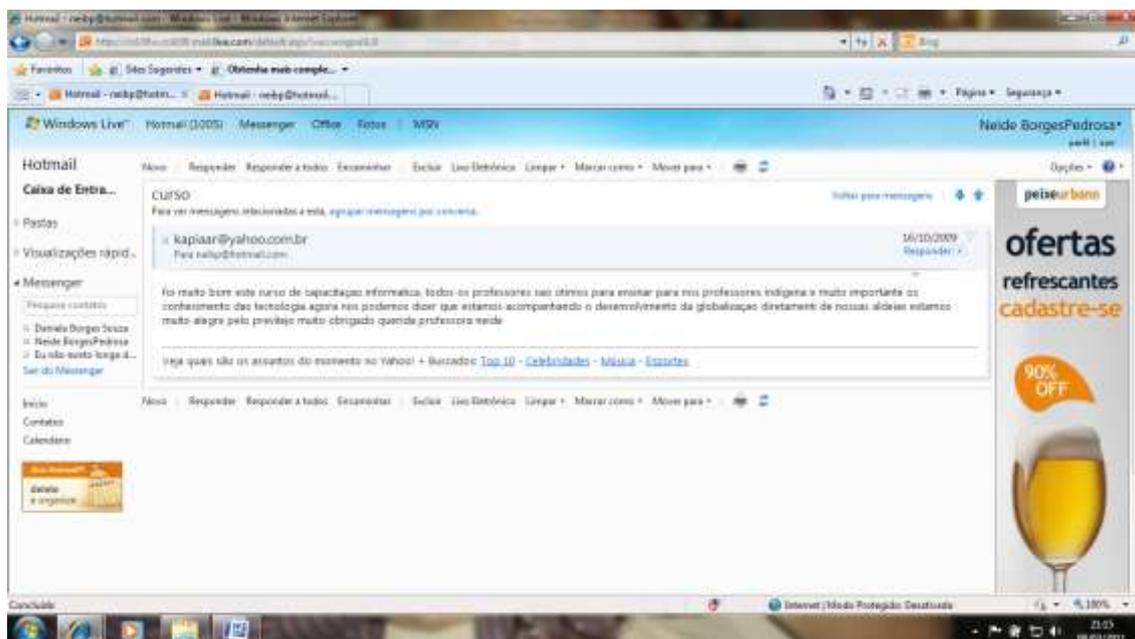
Para neibp@hotmail.com

De: **zacarias kapiaar** (kapiaar@yahoo.com.br)

Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 22:33:48

Para: neibp@hotmail.com

foi muito bom este curso de capacitação informatica, todos os professores sao otimos para ensinar para nos professores indigena e muito importante os conhecimento das tecnologia agora nos podemos dizer que estamos acompanhando o desenvolvimento da globalização diretamente de nossas aldeias estamos muito alegre pelo privilejo muito obrigado querida professora neide



sandra arara

sandra arara

sandraarara@gmail.com

Para Neide BorgesPedrosa

De: **sandra arara** (sandraarara@gmail.com)

Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 23:28:39

Para: Neide BorgesPedrosa (neibp@hotmail.com)

2009/10/16 Neide BorgesPedrosa <neibp@hotmail.com>

essa capacitação foi muito bom para mim e aprendi como criar e-mail para buscar informação e repassar e-mail.

O orkut para mim é conhecer os novos amigos e também repassar os fotos para o orkut, e escrever recado para os colegas.

O blog é para divulgar as historias e culturas do povo,e guarda os documentos e relatorio e trabalhos da gente .Eu espero que no proximo capacitação eu quero aprender desenha e elaborar atividades do alunos .

amarildo gaviao

amarildo gaviao

amarildopiingaviao@gmail.com

Para Neide BorgesPedrosa

De: **amarildo gaviao** (amarildopiingaviao@gmail.com)

Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 22:13:24

Para: Neide BorgesPedrosa (neibp@hotmail.com)

Durante uma semana eu gostei muito a sua aula professora neide.Eu aprendi a importância da capacitação,como a criação do e-mail,orkut e blog ,espero que eu aprende mais outro etapa.O e -mail, orkut,eblog e muito importante para comunicar os seus amigos(as)e mandar a mensagem do outro.E também que outro (as) pessoa precisa mandar a mensagem do amigo.Nós preciso aprender a importância para divulgar a historia do Gavião.

2009/10/16 Neide BorgesPedrosa <neibp@hotmail.com>

Celio Nakyt Arara

Celio Nakyt Arara
celionakytarara@yahoo.com.br

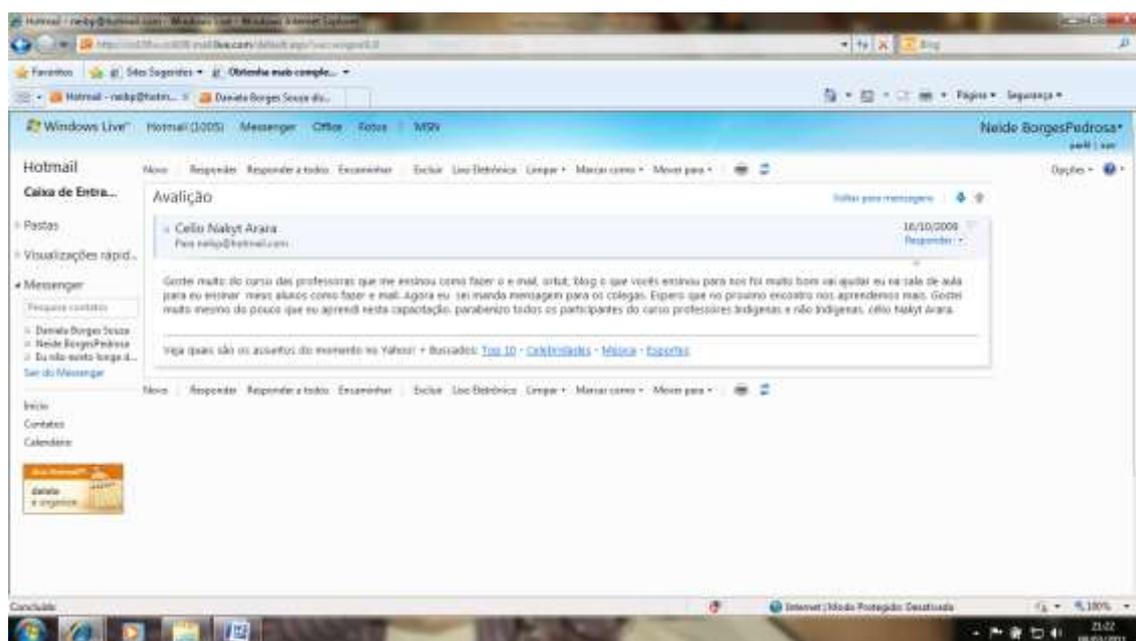
Para neibp@hotmail.com

De: **Celio Nakyt Arara** (celionakytarara@yahoo.com.br)

Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 22:50:50

Para: neibp@hotmail.com

Gostei muito do curso das professoras que me ensinou como fazer o e mail, orkut, blog o que vocês ensinou para nos foi muito bom vai ajudar eu na sala de aula para eu ensinar meus alunos como fazer e mail. Agora eu sei manda mensagem para os colegas. Espero que no proximo encontro nos aprendemos mais. Gostei muito mesmo do pouco que eu aprendi nesta capacitação. parabenido todos os participantes do curso professores Indigenas e não Indigenas. célio Nakyt Arara.



Marli Arara Peme



Marli Arara Peme

marliarara@gmail.com

Para Neide BorgesPedrosa

De: **Marli Arara Peme** (marliarara@gmail.com)

Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 22:56:13

Para: Neide BorgesPedrosa (neibp@hotmail.com)

2009/10/16 Neide BorgesPedrosa <neibp@hotmail.com>

Neste curso de capacitação eu aprendi a criar e-mail para busca informação, passar informação para outra pessoa que esta longe .A importancia do Orkut para mim como conhecer novos amigos .O blog para mim e como guarda os trabalhos como documentos,atividades dos alunos e para divulgar a cultura do povo arara , as historias, as danças .

No proximo cursao eu quero aprender muito mais porque nesse curso não deu para aprender tudo porque é muita coisa para aprender. No proximo curso quero aprender a desenhar, pintar, e como elaborar uma prova os alunos.

Marli Arara.

Roberto Gaviao



Roberto Gaviao

robertocastanheiraikolo@yahoo.com.br

Para neibp@hotmail.com, jessicasonya@gmail.com

De: **Roberto Gaviao** (robertocastanheiraikolo@yahoo.com.br)

Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 23:04:05

Para: neibp@hotmail.com; jessicasonya@gmail.com

Durante os quatro dias que participei do curso de informática, gostei muito, porque nunca imaginava de um dia ter acesso a tecnologia dentro da própria aldeia, gostei muito da criação de e-mail e orkut e saber entrar nos sites para buscar informações através do mesmo. E também achei importante a criação do blog para que possamos divulgar nossa cultura e o nosso trabalho em sala de aula.

O que estou aprendendo no curso pretendo repassar aos meus alunos para que assim como eu, eles possam ter conhecimento sobre o mundo da tecnologia digital. Tenho como objetivo divulgar nossa cultura para que esta seja valorizada e não mais discriminada e utilizar tudo que aprendi na capacitação com meus alunos os ajudarão a não ter vergonha da nossa cultura e assim continuar a manter nossa identidade viva.

E espero que na próxima etapa do curso seja revisado tudo que estudamos além de podemos aprender também a imprimir meus trabalhos.

Claudiney claudineygaviao



Claudiney claudineygaviao
claudineygaviao@gmail.com

Para Neide BorgesPedrosa

De: **Claudiney claudineygaviao** (claudineygaviao@gmail.com)

Enviada: sexta-feira, 16 de outubro de 2009 21:30:48

Para: Neide BorgesPedrosa (neibp@hotmail.com)

durante o cinco dias a gente estamos aqui estudando de o curso de informatica. aprendi um pouco de importancia da capacitação, envolvendo criação do e mail, orkut e blog. e muito importante para minha comunidade e alunos (as). por isso que e muito importante pra nos ensinar melhor para nossos alunos como criar e mail,eokut.por isso que nos professores esta praticando para ensinar melhor os alunos.para eles mada mensagem para o colgas deles. Oque que eu espero na proximo etapa de capacitação para aprende mais.eu abraço todos voces professoraum abraço



Figura 3 - Blog Edemilson Gavião Fonte: <http://muvgavião.zip.net/>

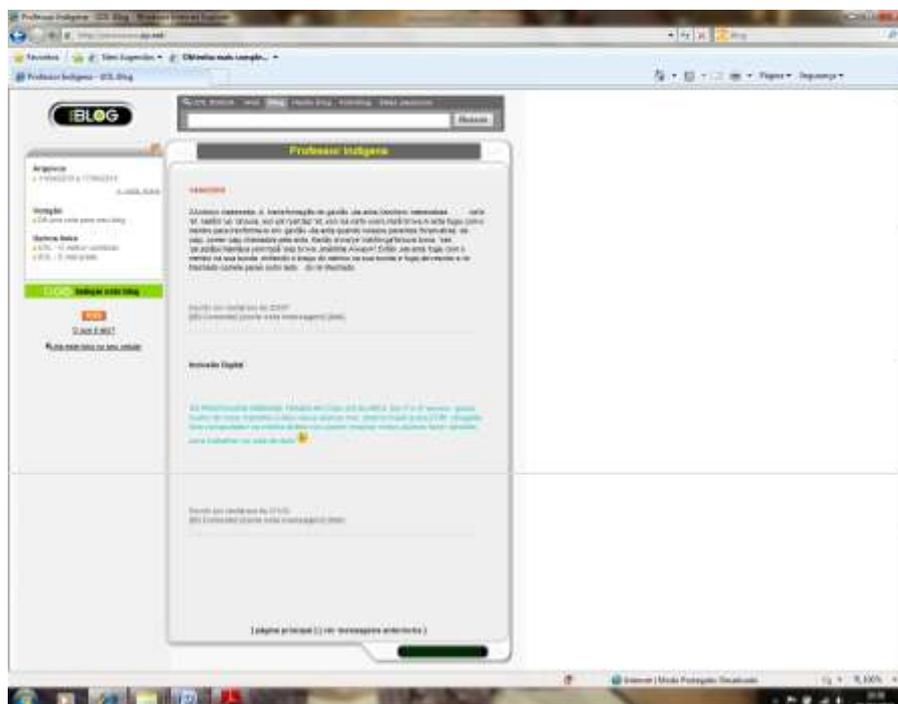


Figura 4 - Blog Marli Arara Fonte: <http://pemearara.zip.net/>



Figura 5 - Blog Roberto Sorabah Gavião Fonte: <http://sorabahgaviao.zip>



Figura 6 - Blog Ronaldo Arara Fonte: <http://ronaldoarara.blogspot.com>

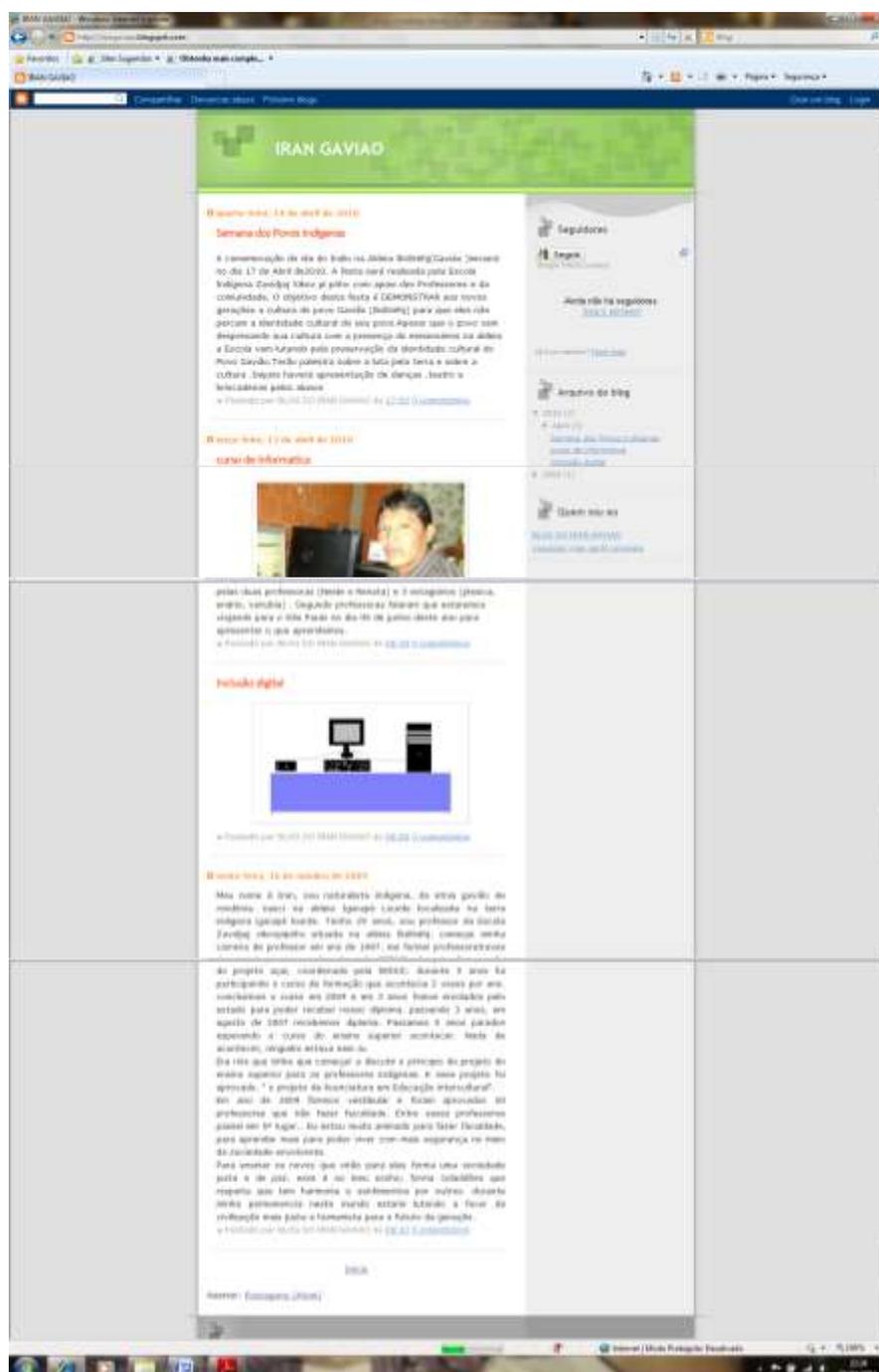


Figura 7 - Blog Iran Gavião Fonte: <http://irangavião.zip.net>



Figura 8 - Blog Sandra Arara Fonte: <http://sandrarara.blogspot.com>

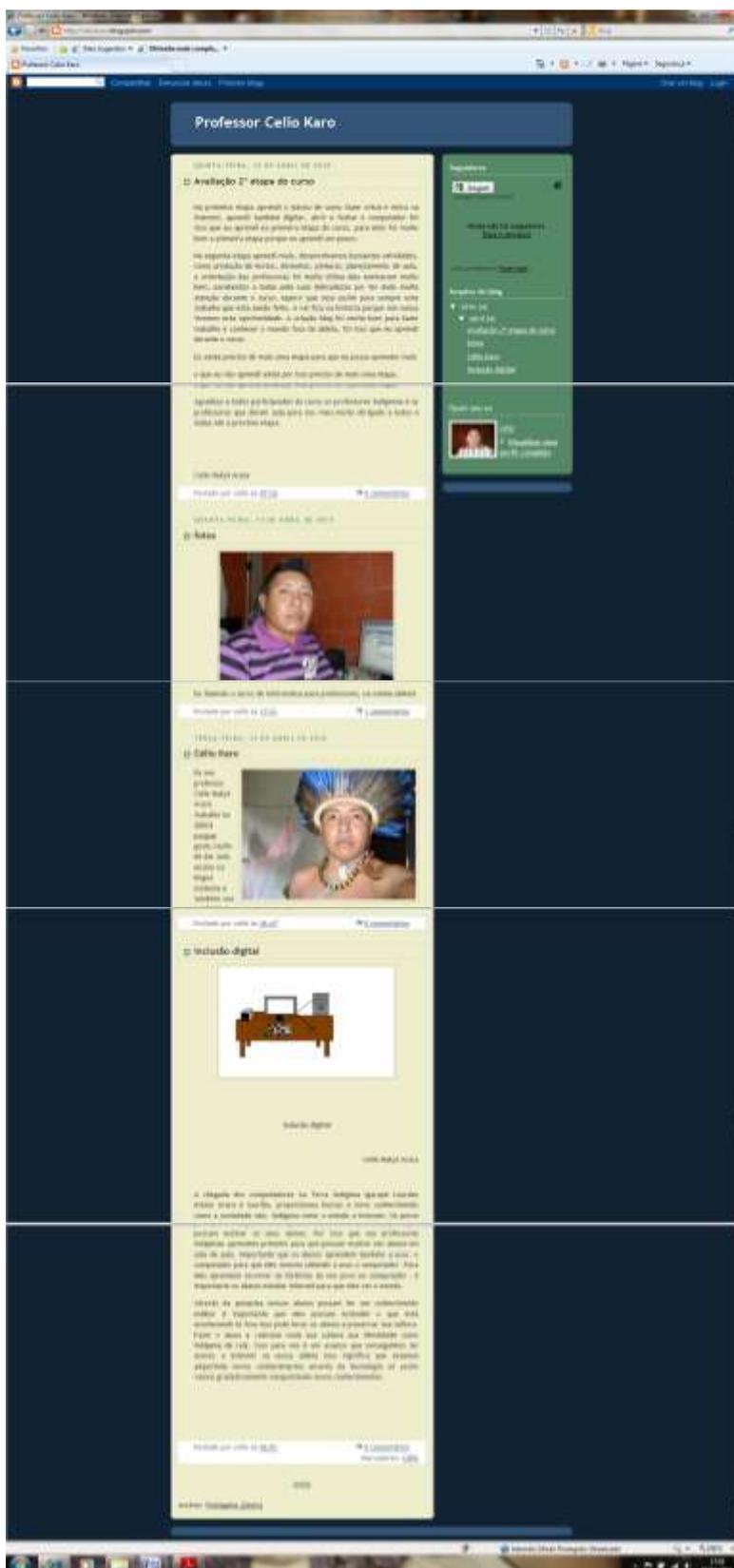


Figura 9 - Blog Célio Arara Fonte: <http://celioarara.blogspot.com>

Facebook page for 'povo arara kare' with a green header. The page content is organized into several sections:

- Header:** 'povo arara kare' in white text on a green background.
- Post 1:**
 - Title:** 'quarta-feira, 6 de outubro de 2010' and 'Festa do Inuani (Wenay)'
 - Image:** A photograph of a person in traditional indigenous attire.
 - Caption:** 'Festa do Inuani (Wenay)'
 - Image:** A photograph of a person in traditional indigenous attire.
 - Caption:** 'Festa do Inuani (Wenay)'
 - Image:** A photograph of a group of people in traditional indigenous attire.
 - Caption:** 'Festa do Inuani (Wenay)'
 - Text:**

A festa do Inuani é parte do processo de apropriação, assim como o processo de apropriação do território.

É através deste processo que os povos indígenas conseguem manter a identidade e a cultura, assim como o processo de apropriação do território.

Esta festa acontece anualmente em 06 de outubro no município de Povoado São João do Rio Negro, no município de São João do Rio Negro, no município de São João do Rio Negro.

Os povos indígenas são muito importantes para o desenvolvimento do município e para a cultura do município.
 - Image:** A photograph of a group of people in traditional indigenous attire.
 - Caption:** 'Festa do Inuani (Wenay)'
 - Image:** A photograph of a person in traditional indigenous attire.
 - Caption:** 'Festa do Inuani (Wenay)'
- Post 2:**
 - Title:** 'quinta-feira, 24 de junho de 2010' and 'Surgimento da Luta "Wai-Li"'
 - Text:**

Wai-Li é uma luta indígena que surgiu em 1978, no município de São João do Rio Negro, no município de São João do Rio Negro.

Esta luta é muito importante para o desenvolvimento do município e para a cultura do município.

Os povos indígenas são muito importantes para o desenvolvimento do município e para a cultura do município.
- Post 3:**
 - Title:** 'domingo, 28 de abril de 2010' and 'Manifestação dos povos indígenas do Brasil'
 - Image:** A photograph of a group of people in traditional indigenous attire.
 - Caption:** 'Manifestação dos povos indígenas do Brasil'
 - Image:** A photograph of a group of people in traditional indigenous attire.
 - Caption:** 'Manifestação dos povos indígenas do Brasil'
- Right Sidebar:**
 - Seguidores:** Shows a list of followers.
 - Arquivo de links:** Shows a list of links.
 - Quem são os:** Shows a list of people.



Figura 10 - Blog Sebastião Arara Fonte: <http://povoarara.blogspot.com>

Anexo E – Produção artística dos indígenas em kolour paint



Amarildo Pin Gavião



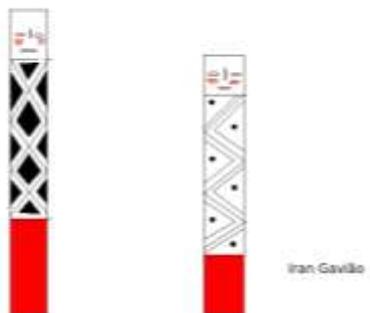
Licenciatura em Educação básica intercultural

claudiney gavião

Celio Nakyt Arara



Iran Gavião



Iran Gavião



Roberto S. Gavião

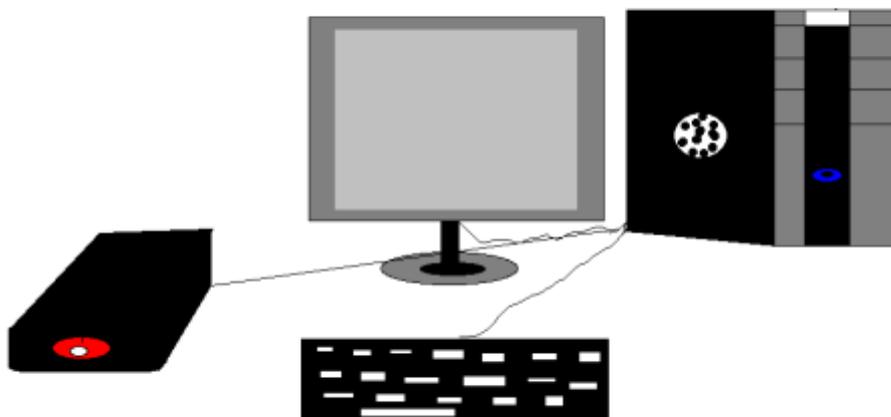


Sandra Arara



Edemilson Gavião

Anexo F – Produção de Texto Coletivo (Explorando-se conteúdo das discussões da pesquisa)



Inclusão digital

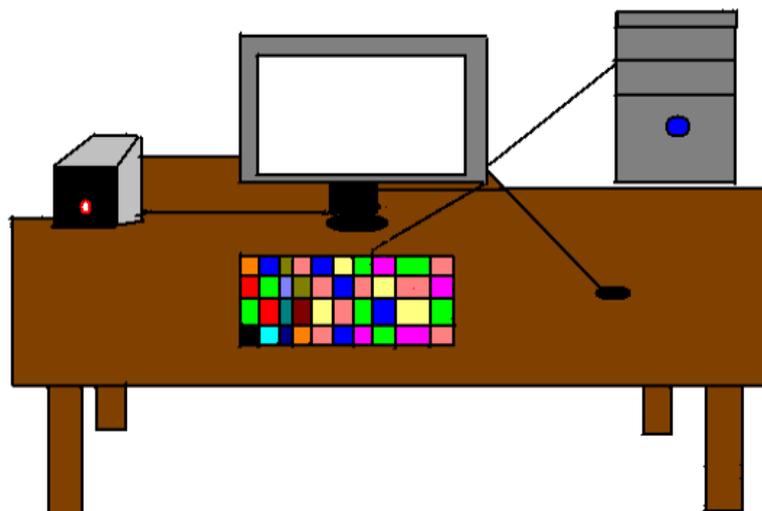
Amarildo Piin Gavião

Claudiney Xirxirahv Gavião

A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, etnias arara e gavião proporcionou importantes dos computadores para professores fazer o trabalho como planejamento. E para fazer as atividades dos alunos no computador. Não só para os professores e para as comunidades também. Isso é muito importante.

Este computador é importante para gente pesquisar os conteúdos para ensinar nossos alunos, e também para buscar as notícias da educação. A educação não se aprende só na sala de aula faz parte da pesquisa, dos conhecimentos dos povos indígenas.

A Educação se aprende também na prática, como por exemplo um menino pode aprender com o seu pai fora da sala de aula quando chega tem muito conhecimento. Estes instrumentos podem ser um estímulo para os alunos. Porque manuseando novo instrumento eles vão se sentindo mais avançados. Conhecendo o novo mundo. E importante aprender as coisas novas como tecnologia e internet para obter informações para mim ajudar na sala de aula.

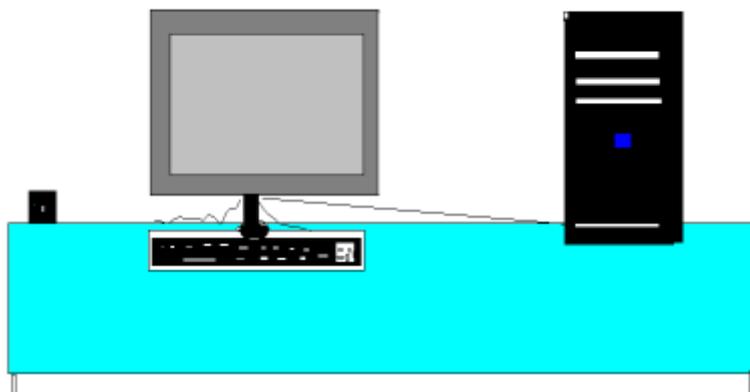


Inclusão digital

Celio Nakyt Arara

A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes etnias Arara e Gavião, proporcionou buscar o novo conhecimento como a sociedade não- Indígena como o estudo a internet. Os povos indígenas do Brasil precisam ser qualificados a ter acesso tecnologia, principalmente professores que atuam na sala de aula, para que possam ensinar os seus alunos. Por isso que nos professores Indígenas aprendem primeiro para que possam ensinar seu alunos em sala de aula. Importante que os alunos aprendem também a usar, o computador para que eles mesmo sabendo a usar o computador .Para eles aprendam escrever as histórias do seu povo no computador . E importante os alunos estudar internet para que eles ver o mundo.

Através da pesquisa nossos alunos possam ter um conhecimento melhor é importante que eles possam entender o que está acontecendo lá fora isso pode levar os alunos a preservar sua cultura. Fazer o aluno a valorizar mais sua cultura sua identidade como indígena de raiz. Isso para nos é um avanço que conseguimos ter acesso a internet na nossa aldeia isso significa que estamos adquirindo novos conhecimentos através da tecnologia só assim vamos gradativamente conquistando novos conhecimentos.



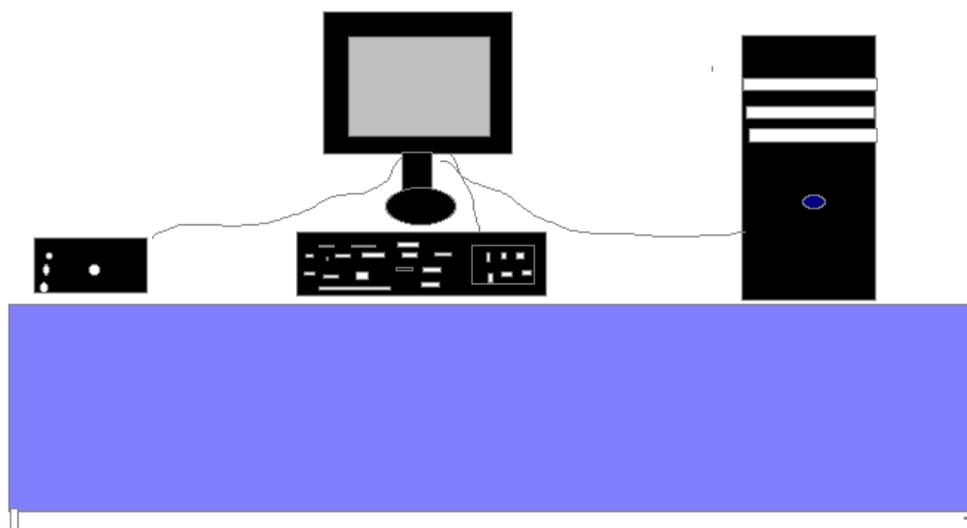
Inclusão digital

Edemilson Múv Gavião

A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, Etnias Arara e Gavião, proporcionou, a comunidades e alunos a usar tecnologia e acompanhar os conhecimentos da globalização. Para os alunos aprender mais ter acesso na tecnologia para eles pesquisar. Para que os alunos juntos com mais velhos faça pesquisa sobre histórias de outros povos para ter conhecimentos como cada povo de outras etnias, nossa minha concepção a tecnologia muito bom para conhecer outros povos que moram distantes da nossa região.

A tecnologia é importante porque a gente recebe rápido notícia que ocorre como por exemplo notícia da Terra Indígena Raposa Serra do Sol que é nosso vizinho mas ainda é bem distante de nos

conseguimos ter o conhecimento o que aconteceu. A tecnologia é muito importante para nós ficar informado. A gente precisa aprender para mexer a tecnologia para ensinar os alunos e comunidade. Através da chegada dos computadores nas aldeia vai facilitar na elaboração de atividades para os nossos alunos, projetos de sustentabilidades. Computadores é muito importante para o alunos ficar informado com outras informações. Por isso nós ficamos felizes porque temos computadores e internet na aldeia para trabalhar, e fazer atividades dos alunos e facilitando comunicações para outras pessoas.



Inclusão digital

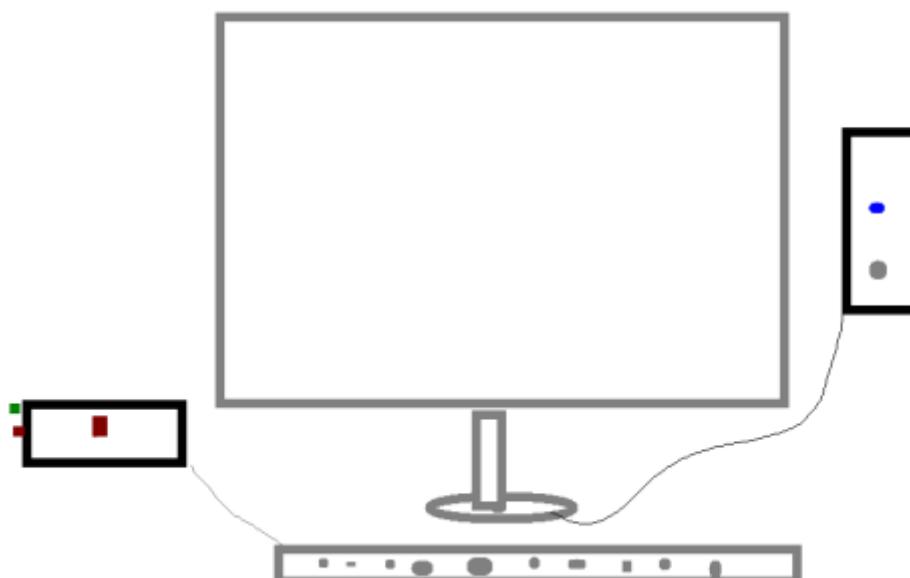
Iran Kávsona gavião

A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, Etnias Arara e Gavião, proporcionou a facilitar para buscar os conhecimentos da globalização. A fazer produção de materiais para trabalhar com os alunos e comunidades para que juntos podemos conhecer outros povos e culturas diferentes. Com a cultura divulgada podemos conquistar nosso direito em cada instituições envolvente na questão indígena. Podemos chegar no conhecimento do mundo ganhando assim o respeito da sociedade branca. Pois , conhecendo que respeitamos e damos valor uns aos outros.

Através disso podemos dar idéias como queremos o mundo. Através do computador e internet as pessoas comunica ao outro pessoas ,envia o recado. Tecnologia nas aldeia vai facilitar a comunicação com outras etnias de outros estados brasileiros,trocar experiências com outros parentes,assim podemos conhecer outra realidade. A gente conhece outras pessoas só através do computador e internet.

Mais fácil comunicar e conhecer outras pessoas através do internet. Por isso que a gente quer aprender mais ter acesso neste tecnologia , por que é muito bom ter computador na aldeia para fazer o trabalho da gente e também elabora as atividades dos alunos.

#808080



Inclusão digital

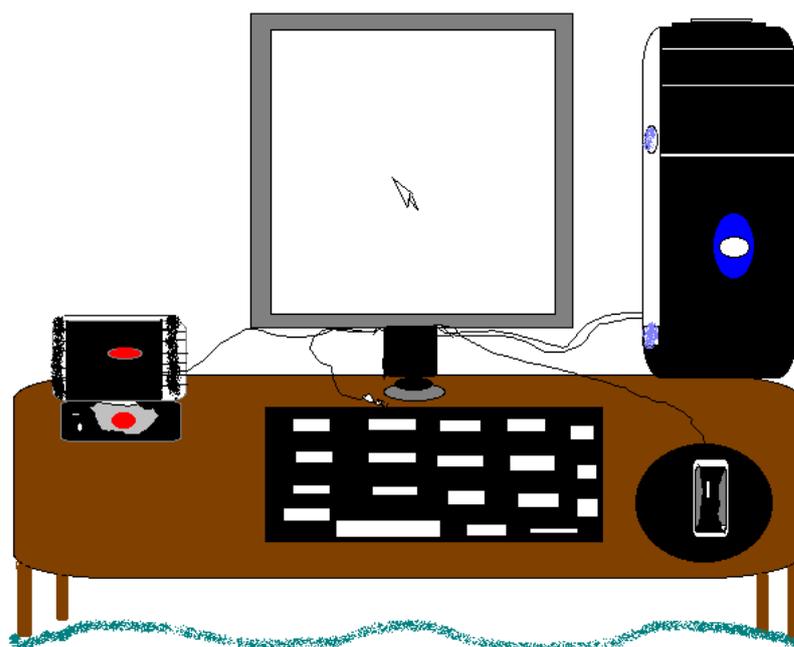
Marli Peme Arara

A chegada dos computadores na Terra Indígenas Igarapé Lourdes, Etnias, Arara e Gavião proporcionou, aos professores fazer seus trabalhos e dos alunos como tirar xerox de textos.

Isso facilitou na produção de materiais para trabalhar em sala de aula, também facilitou muito para os alunos, leitura e escrita, assim os alunos poderão pesquisar e coletar histórias antigas com os mais velhos da aldeia. Com a conclusão do programa inclusão digital, acreditamos que podemos mostrar a cultura para sociedade não indígena.

Podemos ,através deste também eliminar o preconceito que nós sofremos com sociedade Brasileira . Também queremos aprender como que as pessoas faz projetos de sustentabilidades para nossa comunidade. Com a chegada dos computadores nas aldeia foi para qualificar os professores. O computadores chegada na aldeia para o professores pesquisar historia do povo. E para registrar a historia dos seu povo mais velho, para não esquecer,essa ricas historia do povo.

Por isso que este computador foi muito importante para registrar as história dos nosso povo para nova geração. Nosso futuro e os nossas crianças por isso que é importante os alunos aprender a navegar na internet para eles registrar as historias de seu povo. Tudo que é do povo arara como festa ,danças ,comidas moradia ate mesmo as historias do cotidianos da sua aldeia .



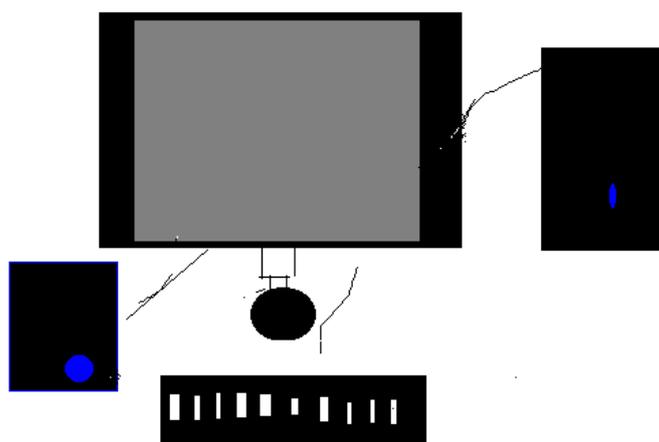
Inclusão digital

Roberto Sorabáh Gavião

A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, etnias arara e gavião, proporcionou para qualificar os conhecimentos dos professores indígenas arara e gavião, através desta tecnologia estou adquirindo uma nova experiência, um novo conhecimento. Cada vez mais a gente aprende um novo conhecimento, por isso que estou participando deste curso. Porque é mais fácil aprender por meio de tecnologia as coisas que não sabemos.

Através da tecnologia podemos ouvir os acontecimentos do mundo. Também conhecer as histórias dos indígenas que vive em outros estados, como muitas vezes agente ver no jornal muitas mortes até mesmo nas universidades vimos violências. Podemos perceber que a realidade dos não indígenas são muito mais diferente. Através da tecnologia podemos monitorar os estados que mais destrói a natureza, muitas vezes quem é culpado são os índios, agora sabemos que não são só nós que destruímos a natureza.

Nós que preservamos mesmo a natureza, onde existem floresta ainda é só nas Terras indígenas. E por isso queremos preservar a nossa floresta e proteger a nossa terra. Para que não aconteça destruição e desmatamento nas terras indígenas devem fazer fiscalização.



Inclusão digital

Ronaldo Nakaxin Arara

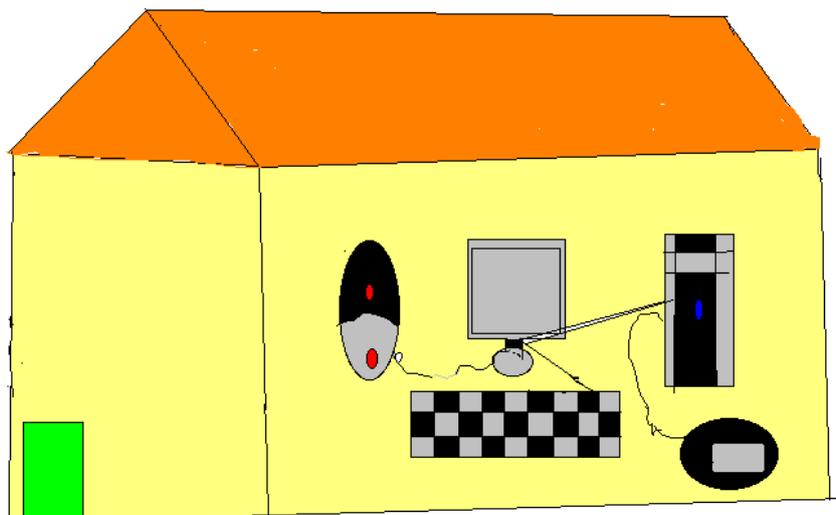
A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, Etnias Arara e Gavião, proporcionou aos professores uma grande melhoria de trabalho e de levar os alunos a produzir materiais de seus conhecimentos com suas próprias mãos, isso motivou nossos estudantes a valorizar mais os seus estudos e ainda conhecer outras culturas e realidades diferentes.

Para nos professores esse motivo tem um grande significado, esse significado é divulgar as nossas culturas e conquistar nosso espaço dentro da política da sociedade Brasileira. Para que as pessoas possam conhecer melhor um pouco da nossa cultura e da nossa história. Através disso possamos conquistar nosso respeito entre a sociedade envolvente.

Por isso nós Professores queremos aprender para manusear o computador como fazer atividades dos alunos e como enviar o documentos. Através de via internet possamos divulgar as nossas atividades que estamos desenvolvendo nas nossas escolas, ou seja nas nossas aldeia. Para que outros profissionais sabendo o nossos trabalho, até outro povo indígena fora de Rondônia.

Só assim gente pode ver os trabalhos dos colegas. Através da internet podemos conversa com os nosso colegas . Com essa conclusão não só podemos aprender manusear e fazer trabalho nas escolas, podemos ainda buscar conhecimentos com os profissionais de outros lugares para enriquecer nossos conhecimentos. Sendo assim podemos também reivindicar os nossos direitos para as autoridades e ainda diminuir o preconceitos que o mundo tem contra os povos indígenas.

Inclusão digital



Sandra Arara

A chegada dos computadores na Terra Indígena Igarapé Lourdes, etnias Arara e Gavião, proporcionou a essas comunidades à buscar novos conhecimentos através dos instrumentos que nunca tiveram na sua sociedade. Pela primeira vez estes povos buscam informações do mundo através da internet assim também sendo conhecido pelo mundo. Os povos Indígenas precisam conhecer, aprender as coisas novas através do computador e internet para buscar os novos conhecimentos. Precisamos de curso para aprimorar os conhecimentos para que possamos repassar para os nossos alunos, também produzir atividades para desenvolver na sala de aula. Nos queremos ser habilitado a usar o computador para gente fazer os nosso planejamento e também elabora as atividades para os alunos. E importante também elabora pequenos projetos para nossa escola para manda um documentos pra funai seduc.

A chegada da tecnologia na aldeia trouxe uma transparência de como estudar e conhecer o mundo para nós povos indígena. Este tecnologia terá um grande significado para nós pois será um grande suporte para o nosso trabalho, na preservação da nossa cultura e da nossa história.

Anexo G – Declaração dos indígenas de adesão ao projeto

1ª Reunião Com Professores Indígenas Arara e Gavião Sobre o Aceite da Implantação das Salas de Telecentros nas Aldeias Indígenas.

Ji - Paraná, 13 de dezembro de 2008

Declaração

Declaramos, para os devidos fins, que nós, professores indígenas Arara e Gavião, concordamos em participar do projeto: Currículo, Inclusão Digital e identidade Cultural proposto pela professora Neide Borges Pedrosa, orientanda da professora Dra Maria Elizabeth de Almeida, da Pontifícia Universidade Católica PUC-SP, do Programa Educação: Currículo.

Emane Nakaniy Arara

Mari Rome Arara

Soni Gavião

Angela Arara

Amaraldo Riim Gavião

Christina Gavião

Celso Alapil Gavião

Egimilson Gavião

Valente Sorakih Gavião

Sandra Arara

Israel Ricima Gavião

Amaldo Fabi Gavião

Benedito T.K. Arara

Ronald NAKAXAXING Arara

Odio Na. M. Arara

José Salato Gavião
Gavião e Gavião

Anexo H – Autorização de direitos e divulgação

Autorização

Ji-Paraná, 04 de maio de 2011.

Declaramos, para os devidos fins, que eu professor(a) indígena Arara ou Gavião, concordo em participar, autorizando os direitos e a divulgação das fotos, filmagens e relatos obtidos no projeto "Comunidade de Formação e Prática Pedagógica Indígena: Inclusão Digital e Identidade Cultural", proposto pela Professora Neide Borges Pedrosa, da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR/ Campus de Ji-Paraná sob orientação da Profa Dra Maria Elizabeth de Almeida, da Pontifícia Universidade Católica PUC/SP do Programa Educação: Currículo.

NOME	CPF
Marli Borne Arara	605.729.302-81
Iran Káshena Cotara	641.310.342-87
Roberto S. Gavião	119062122-87
Sandra Arara	734.551.722-53
Luciana Arara	004.097.982-28
Sebastião Gavião	649.683.702-44
Renata dos Santos Luz de Oliveira	630.958.152-04
Lilias Pkyt Arara	720.957.502-25
Edermuben mir Gavião	527.418.262-34
Jessica Sônia Mochelinos	832.282.172-72
José Roroldes do Sulbo	421.362.962-72

